

**KARIN GABRIEL SILVA MORENO DE SOUZA**

**Jovens de Cidades Pequenas no interior paulista: práticas  
espaciais e tempo livre.**

Presidente Prudente – SP

2020

**KARIN GABRIEL SILVA MORENO DE SOUZA**

**Jovens de Cidades Pequenas no interior paulista: práticas  
espaciais e tempo livre.**

**Orientador: Dr. Nécio Turra Neto**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT-UNESP, para obtenção do título de Mestre em Geografia. Área de Concentração: Produção do Espaço Urbano.

Presidente Prudente – SP

2020

S729j Souza, Karin Gabriel Silva Moreno de  
Jovens de cidades pequenas no interior paulista: práticas espaciais e tempo livre. / Karin Gabriel Silva Moreno de Souza. -- Presidente Prudente, 2020  
275 p. : il., tabs., fotos, mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente  
Orientador: Nécio Turra Neto

1. Juventudes. 2. Práticas Espaciais. 3. Tempo Livre. 4. Cidades Pequenas. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: Jovens de Cidades Pequenas no interior paulista: práticas espaciais e tempo livre.

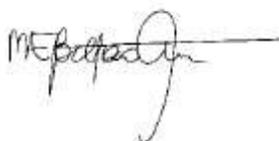
AUTOR: KARIN GABRIEL SILVA MORENO DE SOUZA

ORIENTADOR: NECIO TURRA NETO

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em GEOGRAFIA, área: Produção do Espaço Geográfico pela Comissão Examinadora:



Prof. Dr. NECIO TURRA NETO  
Departamento de Geografia / Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente



Profa. Dra. MARIA ENCARNAÇÃO BELTRÃO SPOSITO  
Departamento de Geografia / Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente



Prof. Dr. ÉLVIS CHRISTIAN MADUREIRA RAMOS  
Departamento de Geografia Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – Campus Pantanal

Presidente Prudente, 03 de abril de 2020

**Dedicatória**

À Deus, causa primeira de todas as coisas, seu fôlego de vida em mim me foi sustento e me deu energia para desenvolver os estudos.

A minha família e aos meus pais, Maria de Lourdes e Osvaldo Moreno.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a minha mãe, Maria de Lourdes Silva e ao meu pai Osvaldo Moreno de Souza, pelo apoio incondicional e as minhas irmãs, Pedagoga Stefanye Silva Souza e Dr.<sup>a</sup> Letícia Silva Souza (Integrante da O.A.B – PR, advogada e integrante do TJ - PR), que estiveram sempre presentes me apoiando e me dando forças, conselhos, impulsos, para que eu continuasse nos estudos durante essa etapa da minha vida. Sempre me senti seguro para continuar.

Um agradecimento especial, aos meus amigos e colegas que sempre torceram por mim e me apoiaram no decorrer dos estudos e em outras jornadas da vida. Agradeço fraternalmente aos amigos professores, Eunice Moreno de Souza e Agenor Leal, pelos conselhos e incentivos.

Obrigado também, a toda minha família pelo apoio, em especial às minhas tias, Edna Moreno, Valdira Moreno, Tereza Cristina Silva e agradeço ao apoio incondicional de minha madrinha Valdeci Moreno de Souza. Obrigado pelo apoio, agradeço ao meu primo, Rui Alves, Auditor Financeiro e membro da FECAP - Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado, e agradeço pelas boas sugestões e pelos bons conselhos, ao meu padrinho Roberto Alves.

Agradeço ao meu orientador Dr. Nécio Turra Neto por ter me ajudado e me guiado no decorrer destes estudos, meu trabalho foi precedido de outro predestinado, o qual representou o pesquisador, buscador e preparador.

Agradeço também aos membros da banca examinadora que foram importantes para o desenvolvimento dos estudos, Dr. Benhur Pinós da Costa, Dr. Élvis Christian Madureira Ramos e Dr.<sup>a</sup> Maria Encarnação Beltrão Sposito.

Obrigado também, ao Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais – GASPERR, pela oportunidade de participar de atividades, que colaboraram na construção do conhecimento acadêmico, em seguida agradeço aos membros do grupo, que colaboraram na organização e no desenvolvimento de atividades acadêmicas.

Agradeço a todas as pessoas entrevistadas durante a pesquisa, por dedicar a nós minutos que tenho certeza que são preciosos em seus cotidianos. Agradeço também aos diversos jovens e aos grupos juvenis que foi possível acompanhar durante o desenvolvimento

da pesquisa, e também agradeço a população de Pompeia/SP e de Oriente/SP, que colaboraram e apoiaram o desenvolvimento da pesquisa.

Obrigado à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Presidente Prudente (SP), pelas experiências vivenciadas. Agradeço também ao Departamento de Geografia da mesma instituição, muito obrigado a esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes. Agradeço a todos os professores do curso de Mestrado Acadêmico em Geografia, por me proporcionarem o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional e intelectual, por tanto que se dedicaram a mim, não somente por terem me transmitido o conhecimento necessário, mas por terem me feito aprender e a buscar cada vez mais, novos conhecimentos.

Agradeço a todos os funcionários, amigos e colegas do Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT-Unesp (Faculdade de Ciências e Tecnologia), pelo apoio acadêmico.

Sou muito grato também às adversidades que apareceram durante a jornada de pesquisa, pois elas me ensinaram a tolerância, a simpatia, o auto-controle, a perseverança e outras qualidades que, sem essas adversidades, eu jamais conheceria.

Agradeço ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), que durante o curso de Mestrado Acadêmico em Geografia, apoiou as minhas pesquisas e estudos realizados.

Agradeço a Deus, e ao grande mestre Jesus Cristo. Enfim, muito obrigado a todos que me apoiaram em mais esta jornada.

*A juventude não assimila apenas os frutos da cultura de seus pais, mas também levanta novas culturas, que não chegam às pessoas de gerações anteriores.*

***(Konstantin Stanislávski; 1924)***

## RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar as práticas espaciais e as apropriações da cidade, nos momentos do lazer e entretenimento, das juventudes de diferentes gerações em cidades pequenas do interior paulista, mais especificamente em Pompeia e Oriente, na região administrativa de Marília. Dentre as muitas características que demarcam as cidades de pequeno porte está a falta de inovações no lazer e entretenimento da população em geral e dos jovens em particular, o que faz com que o tempo livre seja vivido como um tempo de ausência, de falta do que fazer. Buscamos analisar os espaços públicos e privados acessados pelos jovens locais nos momentos de lazer, as formas de sociabilidade juvenil no cotidiano das cidades pequenas, bem como as práticas juvenis alternativas e marginais às ofertas públicas e privadas. Para tanto, estudamos a história urbana dessas cidades pequenas, a partir da memória das diferentes gerações, explorando como se realizavam as práticas de sociabilidade juvenil no passado, seus tempos e espaços, para acompanharmos as transformações e permanências, as especificidades das cidades pequenas no que tange às suas interações espaciais, seus ritmos de vida e seus conteúdos em termos de espaços de encontro e sociabilidade juvenil no presente. Como parte dos procedimentos metodológicos deste estudo, realizamos entrevistas com diferentes sujeitos e de diferentes gerações, também desenvolvemos trabalhos de campo com observação participante. Entre os resultados dessa pesquisa, são expostas as diferenças das práticas espaciais das juventudes do passado perante as práticas das juventudes do presente, também identificamos a centralidade da Praça Matriz nas pequenas cidades. Realizamos também a identificação e o mapeamento dos principais espaços utilizados pelas juventudes nessas cidades pequenas em diferentes décadas, além de descrever os usos sobre esses espaços. Durante este estudo revelamos a existência de segmentações na frequência de grupos juvenis em espaços públicos das pequenas cidades, a partir de questões de renda, faixa etária e identidade, assim também demonstramos como ocorre a intensificação do movimento pendular no tempo livre entre as juventudes de pequenas cidades nas últimas décadas. A proximidade destas cidades com a cidade média de Marília certamente nos leva a considerar também as relações interurbanas nas práticas de lazer no tempo livre dos jovens locais. Compreendemos que o conjunto destas práticas de sociabilidade está também envolvido na produção do espaço e da vida social das cidades pequenas.

**Palavras-chave:** Juventudes. Práticas Espaciais. Tempo Livre. Cidades Pequenas. Pompeia. Oriente.

## **ABSTRACT**

This study aims to analyze the spatial practices and appropriations of the city, in the moments of leisure and entertainment, of youths of different generations in small towns in the interior of São Paulo, more specifically in Pompeia and Oriente, in the administrative region of Marília. Among the many characteristics that mark small cities is the lack of innovations in leisure and entertainment of the population in general and young people in particular, which makes free time lived as a time of absence, lack of what do. We seek to analyze the public and private spaces accessed by local young people during leisure time, the forms of youth sociability in the daily life of small towns, as well as the alternative and marginal youth practices to public and private offerings. To this end, we study the urban history of these small cities, from the memory of different generations, exploring how the practices of youth sociability in the past, their times and spaces were performed, to follow the transformations and permanences, the specificities of small cities in what regarding their spatial interactions, their life rhythms and their contents in terms of meeting spaces and youthful sociability in the present. As part of the methodological procedures of this study, we conducted interviews with different subjects and from different generations, we also developed fieldwork with participant observation. Among the results of this research, it is exposed the differences of the spatial practices of the youths of the past against the practices of the youths of the present, we also identify the centrality of Praça Matriz in small cities. We also identify and map the main spaces used by youths in these small cities in different decades, and describe the uses of these spaces. During this study we revealed the existence of segmentation of the frequency of youth groups in public spaces of small cities, based on income, age and identity issues, as well as demonstrating how the free time commuting among youths occurs of small towns in recent decades. The proximity of these cities to the average city of Marília certainly leads us to consider also the long distance relationships in the leisure time practices of the young locals. We understand that all these sociability practices are also involved in the production of space and social life in small towns.

**Keywords:** Youth. Spatial Practices. Free time. Small towns. Pompeia. Oriente.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Praça central na cidade de Pompeia (SP) e Praça central na cidade de Oriente (SP).	23
<b>Figura 2</b> - Acervo Histórico do Jornal A Época.	32
<b>Figura 3</b> – Exemplo de conteúdo elaborado previamente para a realização de entrevistas.	36
<b>Figura 4</b> - Projeto Ferroviário.	51
<b>Figura 5</b> - Fotografia da Cidade de Pompeia.	62
<b>Figura 6</b> - Fotografia da Cidade de Oriente.	73
<b>Figura 7</b> – Praça no centro da cidade de Pompeia, no início da história do município.	106
<b>Figura 8</b> - Praça Central de Pompeia em diferentes tempos.	122
<b>Figura 9</b> - Carnavais em Pompeia durante a década de 80.	127
<b>Figura 10</b> – Praça da Cerejeira em Pompeia/SP.	130
<b>Figura 11</b> – Rodoviária Central de Pompeia/SP.	141
<b>Figura 12</b> – Praça da Amizade em Pompeia.	142
<b>Figura 13</b> - Praça Central de Oriente em diferentes tempos.	148
<b>Figura 14</b> - Carnaval nos anos 80 em Oriente.	154
<b>Figura 15</b> - Carnaval nos anos 90 em Oriente.	160
<b>Figura 16</b> - Jovens em momentos de lazer - Oriente/SP.	162
<b>Figura 17</b> – Área Central da cidade na época do Natal - Pompeia/SP.	167
<b>Figura 18</b> – Imagens da Pista de Skate Pública em Pompeia/SP (2017).	170
<b>Figura 19</b> – Prática do Street em Pompeia/SP (2018).	171
<b>Figura 20</b> – Baile Festa na “Recrê” em Pompeia/SP, no ano de 2018.	177
<b>Figura 21</b> – Sociedade Recreativa de Pompeia – SP.	178
<b>Figura 22</b> – Imagem da Praça Central em Pompeia.	179
<b>Figura 23</b> – Principal Praça do Bairro J.K em Pompeia/SP (2018).	182
<b>Figura 24</b> – Praça durante a Copa do Mundo em Pompeia.	185
<b>Figura 25</b> – Festa do Peão de Boiadeiro em Pompeia.	188
<b>Figura 26</b> – Campeonatos de som automotivo em Pompeia.	190
<b>Figura 27</b> – Estação Ferroviária em Pompeia.	191
<b>Figura 28</b> – Espaço Público localizado no Jd. das Esmeraldas em Pompeia.	192
<b>Figura 29</b> – Festa do Peão de Boiadeiro de Oriente.	199
<b>Figura 30</b> – Festa de Carnaval em Oriente/SP (2006).	201
<b>Figura 31</b> – Tênis Clube em Oriente - (O.T.C).	202
<b>Figura 32</b> – Estação Ferroviária – Oriente.	205
<b>Figura 33</b> – Ginásio Municipal – Oriente.	206
<b>Figura 34</b> – Imagem da Praça Matriz Central – Oriente/SP (2018).	207
<b>Figura 35</b> – Praça Localizada na Rua Júlio Prestes – Oriente/SP.	208
<b>Figura 36</b> – Academia ao Ar Livre em Oriente.	210
<b>Figura 37</b> – Praças Centrais no período noturno nas cidades analisadas.	225
<b>Figura 38</b> – Imagem de Baile durante o final do século XX – Pompeia.	233
<b>Figura 39</b> – Imagem de Festa Típica durante o final do século XX – Oriente.	234

<b>Figura 40</b> – Festas de Rodeio nas cidades analisadas.	238
<b>Figura 41</b> – Cavalgadas na cidade de Pompeia.	245
<b>Figura 42</b> – Cavalgadas na cidade de Oriente.	246

#### **LISTA DE MAPAS**

<b>Mapa 1</b> – Municípios da Região Administrativa de Marília (SP).	22
<b>Mapa 2</b> - Densidade Populacional dos Municípios – Estado de S.P. (2018).	41
<b>Mapa 3</b> - Localização de Marília.	53
<b>Mapa 4</b> - Rede Urbana no Estado de São Paulo.	58
<b>Mapa 5</b> - Município de Pompeia e Distritos.	63
<b>Mapa 6</b> - Área central da Cidade de Pompeia/SP.	67
<b>Mapa 7</b> - Localização de Oriente/SP.	71
<b>Mapa 8</b> - Área central da Cidade de Oriente/SP.	76
<b>Mapa 9</b> - Área entorno da Praça Central em Oriente e Pompeia (2018).	102
<b>Mapa 10</b> – Principais pontos de encontro da juventude durante a década de 80 em Pompeia (SP).	134
<b>Mapa 11</b> – Principais pontos de encontro da juventude durante a década de 90 em Pompeia (SP).	143
<b>Mapa 12</b> – Principais pontos de encontro da juventude durante a década de 80 em Oriente (SP).	156
<b>Mapa 13</b> – Principais pontos de encontro da juventude durante a década de 90 em Oriente (SP).	163
<b>Mapa 14</b> – Principais pontos de encontro da juventude em Pompeia/SP (2000 - 2020).	194
<b>Mapa 15</b> – Principais pontos de encontro da juventude em Oriente/SP (2000 – 2020).	212
<b>Mapa 16</b> – Localização da Praça Central Matriz – Oriente.	236
<b>Mapa 17</b> – Localização da Praça Central Matriz – Pompeia.	237

#### **LISTA DE TABELAS E QUADROS.**

<b>Tabela 1</b> - Regiões Administrativas [P.I.B].	55
<b>Quadro 1</b> - Décadas das juventudes estudadas na pesquisa.	111

#### **LISTA DE GRÁFICOS**

<b>Gráfico 1</b> – Números de Quantidade Populacional em Pompeia – SP de 1970 a 2010.	69
<b>Gráfico 2</b> – Números de Quantidade Populacional em Oriente – SP de 1970 a 2010.	74

## **LISTA DE SIGLAS**

**GA**SPERR - Grupo de Pesquisa sobre Produção do Espaço e Redefinições Regionais.  
**IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.  
**FCT-UNESP** - Faculdade de Ciências e Tecnologia (Universidade Estadual Paulista).  
**FATEC** - Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo.  
**E.U.A** - Estados Unidos da América.  
**IPEA** - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.  
**PAC** - Programa de Aceleração do Crescimento.  
**REGIC** - Regiões de Influência das Cidades.  
**PAM**- Parque Aquático Municipal de Marília.  
**UNIMAR** - Universidade de Marília.  
**UNESP – F.F.C** - Universidade Estadual Paulista (Faculdade de Filosofia e Ciências).  
**UFRJ** – Universidade Federal do Rio de Janeiro.  
**SNJ** - Secretaria Nacional de Juventude.  
**UNIVEM** - Centro Universitário Eurípides de Marília.  
**ECA** - Estatuto da Criança e do Adolescente.  
**ANAC** - Agência Nacional de Aviação Civil.  
**ONU** - Organização das Nações Unidas.  
**SEADE** - Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados.  
**P.I.B** – Produto Interno Bruto.  
**CNPq** - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.  
**SEADS** - Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social.  
**EJA** - Educação de Jovens e Adultos.  
**IDH** - Índice de Desenvolvimento Humano.  
**LGBT's** - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.  
**LIRAA** - Levantamento Rápido de Índices de Infestação pelo Aedes aegypti.  
**ALL** - América Latina Logística S.A.  
**J.K** - Juscelino Kubitschek.  
**FSNT** - Fundação Nishimura.  
**IBEU** - Índice de Bem-Estar Urbano.  
**O.T.C** - Oriente Tênis Club.  
**SESI** - Serviço Social da Indústria.  
**IDHM** - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal.

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b>	14
<b>1. A metodologia e os caminhos teóricos.</b>	26
1.1. Referencial teórico e conceitual.	26
1.2. Pesquisa documental e trabalho de campo.	31
1.3. Os procedimentos de entrevistas e análises de pesquisa.	33
<b>2. As cidades pequenas, a rede urbana e a questão do lugar: a construção do objeto de estudo e seu quadro teórico conceitual.</b>	40
2.1. As cidades pequenas.	40
2.2. A formação da rede urbana da Alta Paulista: a polarização de Marília e as cidades pequenas da sua região.	49
2.3. Pompeia.	60
2.4. Oriente.	70
2.5. Potencialidades do conceito de lugar para abordar o contexto sócio-político, cultural e espacial das cidades pequenas.	78
<b>3. Espaços públicos e sociabilidade nas cidades pequenas.</b>	81
3.1. Espaços públicos e sociabilidade.	81
3.2. O papel da Praça Central nas cidades pequenas.	101
3.3. As diferentes gerações de jovens e as formas de sociabilidade em cidades pequenas.	107
3.4. Os espaços públicos e os principais espaços da vida pública, como espaços para as práticas espaciais dos jovens em Pompeia nas décadas de 1980 e 1990.	120
3.5. Os espaços públicos e os principais espaços da vida pública, como espaços para as práticas espaciais dos jovens em Oriente nas décadas de 1980 e 1990.	146
3.6. Os espaços públicos e os principais espaços da vida pública, como espaços para as práticas espaciais dos jovens em Pompeia durante o período de 2000 a 2020.	166
3.7. Os espaços públicos e os principais espaços da vida pública, como espaços para as práticas espaciais dos jovens em Oriente durante o período de 2000 a 2020.	197
<b>4. Juventudes como experiência que envolve sociabilidade e demanda espaço: identidades e estilos culturais juvenis.</b>	215
4.1. Identidades culturais juvenis e as potencialidades do conceito de território para abordar as relações entre sociabilidade juvenil e espaço.	215
4.2. A vivência dos jovens em cidades pequenas, as formas de lazer noturno e as festas típicas.	231
4.3. A juventude rural e a convivência com o urbano.	240
<b>Considerações finais</b>	249
<b>REFERÊNCIAS</b>	257
<b>APÊNDICES</b>	269

## INTRODUÇÃO

Estudar as práticas espaciais dos jovens nos conduz a busca da relação que estes estabelecem com a cidade em que vivem, com o mundo a partir dela e com seu tempo histórico. Quando articulamos este tema ao cotidiano de cidades pequenas, identificamos aí possibilidades de explorar uma dimensão da urbanização brasileira ainda não totalmente explorada pela ciência geográfica – aquela da difusão de culturas juvenis e de diversas outras referências culturais urbanas, a partir das metrópoles e sua territorialização em cidades que estão no outro extremo da rede urbana.

Esta proposta se situa numa linha de continuidade em relação às questões apontadas por Turra Neto (2008) em sua tese de doutorado. Inspirado em Giddens (1991), Turra Neto (2008) afirmou que, a experiência juvenil de cidades médias, articulada em torno de culturas juvenis transterritoriais, pode ser lida como uma experiência desencaixada, visto que as referências são de culturas urbanas metropolitanas, enquanto a rede de sociabilidade precisa se realizar no espaço-tempo concreto de cidades do interior, com densidade urbana bastante diferente. Para o autor, estaríamos diante de uma experiência urbana desencaixada da experiência de cidade. Próximo a este sentido, também Carrano (2001) afirma que os jovens dos mais diversos contextos urbanos têm na metrópole suas principais referências. Portanto, os modos como as práticas espaciais do tempo livre se realizam no contexto das cidades pequenas, nos seus espaços públicos, nas suas margens e/ou naqueles estabelecimentos privados que são referência de encontro e diversão, podem revelar tanto as tendências das suas conexões globais, quanto o acontecer da vida local.

Uma das hipóteses que aventamos é a de que as práticas de diversão nas cidades pequenas não são tão mediadas pelo consumo, visto que a oferta em termos de mercado da vida noturna não possui grande desenvolvimento, como nas cidades médias e grandes. Temos que, nas pequenas cidades, o uso das praças ainda é importante. Nesses espaços públicos, as práticas espaciais da geração atual têm se dado mais em continuidade do que em ruptura em relação às práticas das gerações anteriores. Contudo, devemos também averiguar o quanto as práticas de ócio entre os jovens estão perpassadas pelo consumo, para que possamos distinguir se nas cidades pequenas do interior paulista, as formas de consumo apenas contemplam uma

parte do lazer, ou se nelas está se consolidando um novo modo de lazer, como já ocorre nas cidades médias e grandes<sup>1</sup>.

A centralidade que a praça principal das cidades pequenas ainda exerce sobre a vida social, dada a exiguidade da oferta, segundo Corneli (2013), faz com que ela constantemente recepcione diferentes indivíduos de distintas classes sociais, num encontro em que grande parte dos presentes se conhecem ou se reconhecem, a despeito das diferenças que os separam. Isto pode ser uma evidência de que as praças das cidades pequenas e, talvez, o espaço público num sentido mais amplo, possuem sentidos que permaneceram com o tempo entre as diferentes gerações – o que pode ser qualitativamente diferente de espaços públicos das áreas centrais das cidades médias e grandes, cujos sentidos remetem à degradação, popularização e abandono, ao passo que outros centros de encontro, lazer e ócio surgem em substituição, como demonstraram os trabalhos de Turra Neto (2008, 2015).

O espaço público é observado como aquele que, dentro da cidade, possibilita uso comum e posse coletiva, planejado através das ações do poder público. Espaço público pode ser definido como local da atividade política ou, pelo menos, da possibilidade da ação política na contemporaneidade, ligado à uma concepção de cidadania e de seu espaço principal de exercício. O espaço público é construído pelas ações exercidas pelos sujeitos. Serpa (2004) refere-se ao conceito de espaço público como sendo o espaço constituído pela ação política. Analisando a cidade como local de encontros e relações, o espaço público possui papel determinante. É nele que se desenvolvem atividades coletivas, com convívio e trocas entre os grupos variados, que compõem a heterogênea sociedade urbana. Analisando os diferentes espaços públicos, notamos que existe uma diversidade prática e não somente conceitual, sobre a delimitação desses lugares, podendo existir variações acerca da vivência e da acessibilidade nesses espaços. Nos espaços públicos encontram-se diferentes sujeitos, de diferentes estilos e de distintas classes sociais, possibilitando a presença da diversidade.

Os espaços públicos constituem ou deveriam constituir uma fonte de forte representação social e cultural, pois trata-se de um espaço simbólico onde se opõem e se respondem aos discursos, na sua maioria contraditórios, dos agentes políticos, sociais, religiosos e culturais que constituem uma sociedade (NARCISO, 2009, p.269).

---

<sup>1</sup> Para desenvolvermos este diálogo, contamos com diversos estudos realizados no campo da Antropologia Urbana que nos dão acesso às práticas de diversão noturna na metrópole paulista, bem como com os trabalhos já concluídos no âmbito do GASPERR (Grupo de Pesquisa sobre Produção do Espaço e Redefinições Regionais), sobre diversão noturna em cidades médias.

Segundo Ramos (2009), os espaços públicos funcionam em condições não-hegemônicas. Um espaço público pode ser avaliado analisando a ideia de heterotopia, de inspiração foucaultiana, pois se relaciona às manifestações de interesses que não podem ser qualificados como políticos e nem se orientam somente por relações de troca. Dessa maneira, o que estaria em jogo em um espaço heterotópico é o saciamento de um interesse, de um desejo ou de uma necessidade de determinados atores, através da reorganização constante do espaço e das interações sociais, ainda que outros sejam prejudicados por esses novos arranjos informais.

De acordo com Ramos (2009), no caso do espaço público, a civilidade é o modelo de interação. Espera-se de cada cidadão o comportamento cordial e moral quando encontra os seus pares. A partir do cumprimento das normas de conduta, o espaço público deveria ganhar estabilidade e limitar os conflitos. As formas e equipamentos de tal espaço supostamente qualificariam e estimulariam a civilidade. Contudo, como argumenta Gomes (2012), numa sociedade com enormes desigualdades socioespaciais, a exclusão perpassa também o espaço público, de modo que compromete este ideal atribuído a ele.

As interações sociais em um espaço heterotópico, segundo Ramos (2009), revelam as territorialidades que definiriam o modo pelo qual os sujeitos interagem e dialogam, através de estratégias para influenciar a organização espacial e a forma de ser e estar dos outros sujeitos em interação.

Em nossos estudos também buscamos realizar análises sobre as diferentes interpretações do espaço público, sobre as características desses espaços concretos e o papel que eles exercem como locais de encontro e interação dos jovens de cidades pequenas em diferentes gerações, buscando compreender as permanências e mudanças de sentidos e de usos, a partir de suas práticas espaciais no tempo livre, bem como as diferentes territorializações que ali se realizam, suas tensões, diálogos e conflitos.

Citando Foucault, Ramos (2009) argumenta que o espaço heterotópico é onde ocorrem também situações autoritárias, uma vez que a forte presença dos grupos dominantes reprimiria mais fortemente as manifestações informais. Destaca que os espaços públicos são locais onde ocorre interação dos atores, combinada com as formas e os significados relativos ao espaço, que permitem a definição do ambiente e seus efeitos variam de caso a caso.

De acordo com Carrano (2001), os jovens que fazem da rua um lugar de encontro e sociabilidade expressam a possibilidade de recuperação do seu sentido público e educativo, numa implícita condenação ao recolhimento às sociabilidades exclusivistas dos espaços privados e particulares. É por isto que estes sujeitos podem ser considerados os protagonistas

dos novos usos que reafirmam o sentido público da cidade, colocando em questão as teorias que advogam sobre o fim do espaço público.

Ao analisarmos as diferentes gerações nas cidades pequenas, observamos não apenas as permanências e mudanças em relação aos usos do espaço público, mas também acompanhamos o processo de diversificação cultural ao longo do tempo em cidades que, com o passar dos anos, foram atingidas, em maior ou menor grau, pelas mudanças decorrentes do seu reposicionamento na rede de relações urbanas, ampliação das conexões com um mundo de referências culturais compartilhadas, de expansão do seu espaço intraurbano e pelas mudanças na própria sociedade local. Assim, essa pesquisa estuda aspectos de geografia urbana, cultural e histórica, evidenciando as transformações das cidades pequenas, a partir das experiências das pessoas que vivenciaram estas transformações, analisando como a sociedade e a cidade se transformou.

O mundo globalizado se torna cada vez mais presente no lugar, interferindo nas relações e nas práticas espaciais dos habitantes das cidades. Mas como se trata de cidades pequenas, temos como outra hipótese a de que, com ritmos de transformação mais lentos, as práticas espaciais que ali se realizam tendem a se reproduzir mais em continuidade do que em mudança, em relação às gerações anteriores, pois o campo de possibilidades de encontros e interações não mudou na mesma intensidade que nas cidades médias e grandes. Destaca-se que no decorrer do estudo também buscamos demonstrar as modificações nas práticas espaciais.

Em ambas as cidades que são analisadas, abordamos as mudanças que ocorreram e descrevemos as relações socioespaciais que estão contextualizadas no momento presente de globalização da sociedade. Dessa forma, buscamos investigar as antigas e também as novas práticas espaciais entre os jovens locais no tempo livre. Consideramos a possibilidade de abordar questões como consumo de álcool e de substâncias ilícitas, bem como relações de trânsitos entre as cidades próximas e das cidades estudadas com a zona rural, na conformação de tempos, espaços e práticas de diversão plurais, complexas e multiconectadas em diversas direções.

De acordo com Turra Neto (2008), é possível identificar que, ao longo das gerações, houve um aumento do consumo de álcool entre os jovens. Este fator não era presente na vida social dos jovens e na sociabilidade durante até pelo menos os anos de 1990, quando este aspecto passou a ser observado e introduzido nas análises do tempo livre juvenil.

De acordo com Feixa (2010), analisar a consciência geracional possibilita, em primeiro lugar, analisar a historicidade e, em segundo, o vínculo com a dimensão da experiência. Um

aspecto que diz respeito à habilidade de situar-se num quadro histórico, com base na consciência de que existe um passado e um futuro, que se expande para além de sua própria experiência, que relaciona a própria vida com as gerações anteriores e com as gerações que virão. O autor enfatiza que o tempo vivido por gerações de sujeitos e reunido em histórias, memórias e experiências que, como jovens, testemunharam, conecta-os no tempo histórico e social. Destaca-se que, nas áreas demográfica, econômica e cultural, a geração mais jovem atua como um barômetro das novas tendências do seu tempo.

Vale explicitar, também, que partimos de uma análise pautada na existência de distintas classes sociais, pretendendo analisar as diferenças de lazer entre elas. A Geografia como ciência tem o papel de analisar, de forma crítica, os processos contemporâneos de transformação urbana.

Os usos cotidianos dos espaços públicos e a existência de centros de disputa prática entre jovens de diferentes classes sociais necessitam de diversas análises, pois os meios de comunicação demonstram a rebeldia com que os jovens, muitas vezes, ocupam as ruas, sem explicitar os privilégios e as opressões que entram no jogo das práticas juvenis no tempo livre, nem relacionar o fenômeno ao local do seu acontecer – uma vez que a juventude que ganha destaque na mídia (tanto de forma positiva, quanto negativa) é, sobretudo, a juventude metropolitana – contribuindo para a formação de uma imagem estereotipada que se difunde como modelo – com o qual os jovens diferentemente localizados também precisam lidar.

De acordo com Dayrell (2003), para construir uma noção de juventude, é necessário observar a diversidade, não a considerar presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que impulsiona contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos nos diferentes contextos sociais, nos quais estão inseridos. Assim, falar em jovens de cidades pequenas nos remete a um contexto socioespacial específico que faz com que a juventude seja experimentada ali de forma singular.

Nesse sentido, nosso olhar sobre as juventudes locais busca reconhecer a especificidade desta experiência, sem deixar de considerar que mesmo na cidade pequena, a pluralidade se impõe, uma vez que a experiência de juventude localmente vivida não está dissociada de uma posição na estrutura das classes sociais, além de se interrelacionar com outras dimensões, como cor, gênero, situação de moradia (se rural ou urbana) etc. Segundo Silva (2012), é necessário levar em consideração a interseccionalidade, buscando desvelar as estruturas de poder que oprimem em diferentes intensidades os diferentes sujeitos. Também, apesar de não ser tão ampla a diversidade entre os jovens nas cidades pequenas, nelas também é possível

identificar jovens ligados a diferentes estilos, sejam esses *country*, despojado, eclético, metaleiro, urbano ou esportista, que agem como atores no espaço urbano.

Além disso, os usos das praças e parques de lazer, os estabelecimentos privados e as margens da cidade, que podem receber práticas também mais marginais nos contextos urbanos estudados, serão compreendidos como espaços de copresença negociada, portanto, inevitavelmente espaços de relações de poder em que a diversidade dos agrupamentos juvenis negocia sua presença. Temos como pressuposto que os estilos e classes sociais, muitas vezes, impulsionam competições entre os jovens, negociações pelos poucos espaços disponíveis na cidade, mas também formação de territórios alternativos ou marginalizados. Em todo caso, a coexistência da diversidade, seu encontro nos mesmos e poucos espaços não se dá sem tensões e conflitos. De acordo com Costa (2008), as práticas de ocupação de espaços e suas intencionalidades revelam a tensão entre ocupação pendular e ocupação contínua, na disputa pela constituição do espaço social, levando em consideração a territorialidade estabelecida nos espaços públicos, pelos diferentes grupos sociais.

Segundo Barcellos (1995), o cotidiano e as práticas se associam não apenas ao território, mas também ao lugar, sendo estas categorias espaciais de fundamental relevância em estudos geográficos, pois território e cotidiano são conceitos-chaves numa busca da compreensão do lugar e da natureza da sociabilidade contemporânea. De acordo com Haesbaert (2004), o território pode ser entendido como espaço dominado ou apropriado. Manifesta sentidos de caráter multi-dimensional que só podem ser devidamente apreendidos dentro de uma concepção de múltiplas participações, possibilitando atividades de diversos grupos sociais.

Segundo Haesbaert (2004), pensar multiterritorialmente é a única perspectiva para compreender a sociedade, buscando exercer a ciência, de modo que ela seja reconhecadora das diferenças existentes entre os mais diversos grupos de pessoas, que atuam de forma cultural e política, e que estão inseridos na sociedade atual.

Por outro lado, também não podemos deixar de considerar que, via de regra, os jovens experimentam as cidades pequenas como um lugar do qual é necessário sair, em direção às cidades maiores, almejando encontrar novas experiências, oportunidades e diversidades, tão logo atinjam certa idade que, muitas vezes, coincide com a conclusão do Ensino Médio.

De acordo com Carrano (2001), a referência para os jovens das cidades pequenas são as metrópoles, pois observam nelas possibilidades de interagir com diferentes meios de vivência, novos espaços e oportunidades de ascensão social e econômica, destaca-se também o grande grupo de jovens que se muda para as cidades maiores em busca de vagas de emprego.

A pesquisa também não pode se furtar a encarar o debate em torno das cidades pequenas, termo comumente utilizado para se referenciar a núcleos urbanos que abrigam menos de cinquenta mil habitantes. A maioria das cidades no Brasil são pequenas. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o país possui cerca de 4.000 cidades nessa classificação.

O olhar para as pequenas cidades não está isolado do restante da rede urbana. Ao contrário, procura-se compreender as dinâmicas destas localidades em interação, em movimento, consoante a apreensão de uma realidade que considere os demais centros urbanos e fluxos humanos existentes entre eles (ENDLICH, 2006, p. 29).

Em nossos estudos, fica explícito o papel das cidades pequenas, em meio a rede urbana brasileira. Algumas se tornaram cidades dormitório, outras acabaram tendo algum papel industrial ou de comércio e, quando possuem algum potencial de recursos naturais, ou mesmo algum patrimônio histórico, acabam desempenhando a função de cidade turística. No entanto, de acordo com Miyazaki (2007), a maioria das cidades pequenas do interior paulista possui funções mínimas. Destaca-se mais a função de moradia e dormitório, onde um número significativo de seus habitantes vai às cidades médias relativamente próximas trabalhar ou exercer outras atividades cotidianas, em movimentos populacionais pendulares. Além disso, “a discussão sobre as relações cidade-campo e sobre cidades pequenas é extremamente pertinente num país de grande diversidade regional e que passa por intenso processo de desenvolvimento urbano” (ENDLICH, 2006, p. 29).

Os pequenos municípios paulistas possuem relações muito próximas com o mundo rural, onde notamos também a presença da cultura denominada popularmente "caipira ou sertaneja". Esse tipo de cultura se insere no modo de viver, desde a forma de se expressar, por parte dos moradores, até mesmo o modo de se vestir, agir, dialogar e de exercer o lazer. É preciso averiguar o quanto essa cultura se contagiou, modificando-se perante a inserção dos aspectos urbanos da globalização atual, inclusive por uma cultura rural globalizada, capitaneada pelo *country* e pela figura do *cowboy* norte americano – elementos paradigmáticos da cultura de massa.

Rural e urbano eram outrora diferenciados pelo modo de produção, a cidade mantinha uma produção mecanizada, enquanto o rural refletia em sua forma o trabalho braçal não mecanizado, abrigando uma população dispersa em contradição à concentração populacional da cidade (TEODOSIO; SILVA, 2005, p.17).

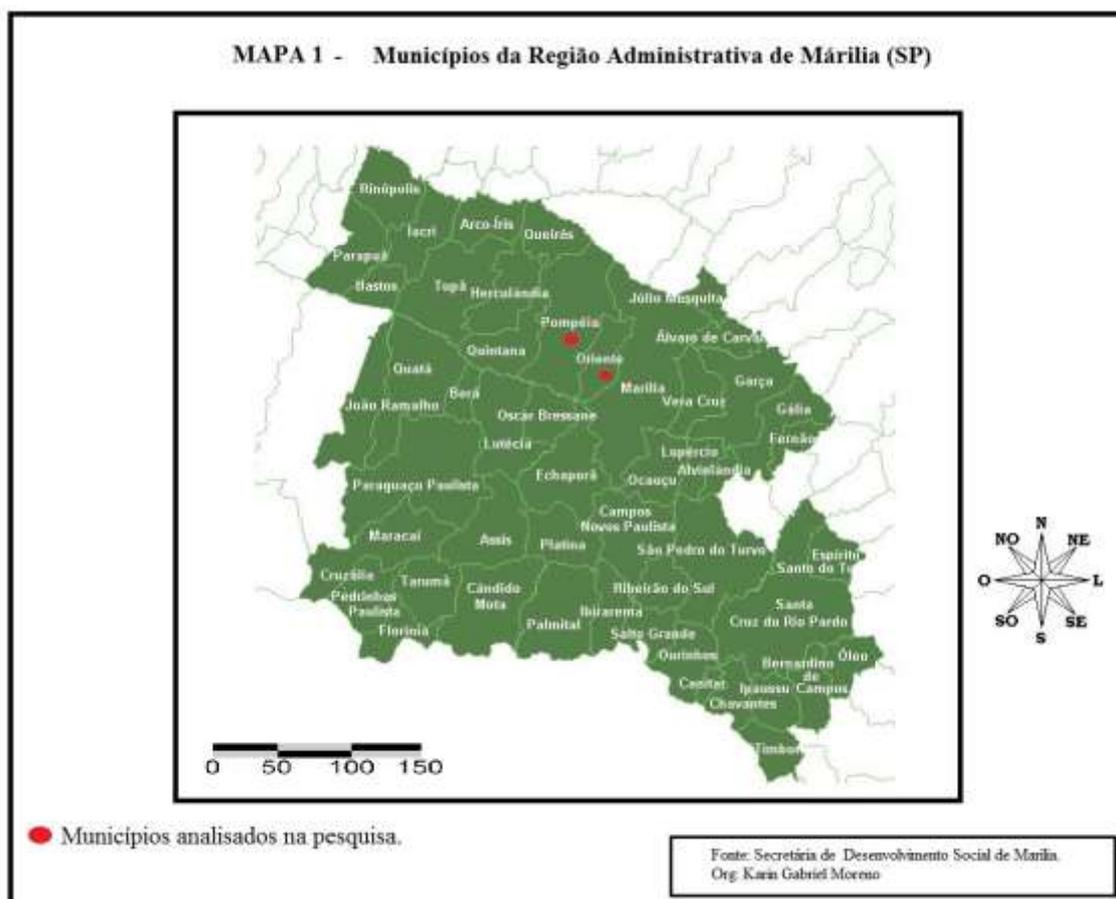
Contudo, o rural e o urbano, no contexto das cidades pequenas, podem se misturar. Em nossas análises, buscamos investigar o quanto as cidades pequenas ainda são centros da vida rural, dos jovens do campo, observando se estes compõem grupos que se misturam aos jovens urbanos, ou que se distinguem em meio aos outros grupos da cidade.

Empiricamente, a proposta de pesquisa está ancorada num estudo comparativo entre duas cidades pequenas, Pompeia e Oriente, ambas situadas na Região Administrativa de Marília-SP. O espaço urbano monocêntrico e pouco complexo destas duas cidades faz com que a Praça Central da Matriz tenha ainda relevância como local de encontro. Este aspecto pode ser constatado em uma rápida observação. As cidades de Pompeia e Oriente possuem movimentações notáveis de jovens, durante as noites de fim de semana, nas suas praças centrais. Nesses espaços públicos, os jovens se encontram com seus pares, escutam músicas através de aparelhos celulares, ou ao redor dos carros estacionados em torno das praças, onde formam pequenos grupos. Os gêneros musicais são os mais diversos. Ao mesmo tempo, uma parcela dos jovens fica no interior das praças, conversando, consumindo algum refrigerante ou cerveja. Contudo, mesmo estas interações sociais aos finais de semana acontecendo em espaços públicos, elas não comportam todos os jovens locais. Existem jovens que frequentam bares e lanchonetes locais, e também jovens que participam da vida noturna de Marília. Há também aqueles que buscam práticas alternativas à aquelas das camadas médias, de gosto médio e adeptas dos referenciais da cultura de massa, além daqueles que são simplesmente excluídos destas práticas no espaço público – ainda que ali possam vir a ganhar certa visibilidade na cidade pequena.

Os cidadãos excluídos, são aqueles que não obtiveram a mesma quantidade de recursos ou facilidades perante as classes mais abastadas. Assim, o espaço público, longe de ser um terreno ou lugar de celebração da isonomia da cidadania, se torna, o lugar de exclusão, onde determinados grupos são expostos e vistos como não cidadãos ou como subcidadãos (GOMES, 2012, p.33).

As cidades de Pompeia e Oriente são geograficamente próximas, localizadas à curta distância uma da outra, como demonstra o Mapa 1.

Mapa 1 – Municípios da Região Administrativa de Marília (SP)



Fonte: Secretaria de Desenvolvimento Social de Marília. Org: Karin Gabriel Moreno; 2018.

Ambas localizadas na região Administrativa de Marília, possuem histórias comuns a diversos outros municípios do interior paulista, possuindo também suas singularidades como as relações entre cidade e campo extremamente interligadas.

Segundo as informações encontradas no arquivo histórico da Câmara Municipal, a cidade de Pompeia foi fundada em 17 de setembro de 1928. Possui, segundo dados do IBGE de 2010, um total de 19.963 pessoas. Nos últimos anos, especificamente em 2015, a cidade de Pompeia atingiu 0.816 no Índice do Desenvolvimento Humano, ocupando a 87ª posição no ranking dos mais de 5.500 municípios de todo o Brasil. Esse índice mostra uma elevação no patamar do Município que, em 1991, na primeira avaliação, obteve nota de 0.55 e, em 2000, uma nota de 0.719. O resultado é bastante expressivo, haja vista que Pompeia conseguiu uma das melhores avaliações de toda Alta Paulista.

A cidade de Oriente foi fundada em 1944. De acordo com os dados do IBGE, de 2010, a população é de 6.097 habitantes. Esta cidade pequena ainda mantém relações campo – cidade

muito próximas. Dessa forma, aspectos do campo são observados em meio ao cotidiano da cidade de Oriente. Nesse sentido, observamos o quanto certos costumes rurais ainda permanecem nas cidades estudadas.

O rural pode ser compreendido como um espaço incorporado, incorporador ao/do processo geral de urbanização integrado ao urbano, mas guardando algumas especificidades [...] que são “oferecidas”, “descobertas”, “exploradas” como atrações locais [...] (RUA, 2002, p. 35).

Nas praças das pequenas cidades estudadas encontramos a presença de jovens que residem em áreas rurais, e que frequentam área urbana nos momentos de tempo livre. O lazer dos jovens aos finais de semana, relacionado aos espaços públicos nas cidades está situado primordialmente no entorno das suas praças centrais, reconhecidas também como “Praça da Matriz” (Figura 1). Todavia, ainda existem outros espaços públicos, que buscamos reconhecer no desenvolvimento de nossos estudos.

**Figura 1** – Praça central na cidade de Pompeia (SP) e Praça central na cidade de Oriente (SP):



Fonte: Acervo do Pesquisador [2017].

As praças centrais das pequenas cidades estudadas, são espaços onde reúnem-se sujeitos de diferentes idades e que são habitantes de distintos bairros, possibilitando o encontro entre diversos grupos, sendo espaços de centralidade para a vida social. A praça central de Oriente fica localizada na Rua Mário Reis, já a praça central de Pompeia, fica localizada na Rua João da Costa Viêira e suas estruturas são vinculadas à Praça Jesus Maria.

A modernização no campo gerou difusão de tecnologias e modificou as relações de trabalho, impulsionando mudanças também sobre as áreas urbanas próximas. Segundo Wanderley (2001), em determinados locais e setores, as transformações foram acentuadas, em

outros, ainda persistem técnicas mais arcaicas. Um marco da história de Oriente foi a criação da Usina Açucareira Paredão. O grande número de empregados e a ativação da economia proporcionaram no passado o desenvolvimento do comércio e a ampliação das construções urbanas.

Esse aspecto da ruralidade nas cidades pequenas revela também a existência de rugosidades do passado, presentes na atualidade, materializadas na própria paisagem e acionadas nos usos e práticas cotidianas dos sujeitos.

Nesse sentido, o espaço se constitui como testemunho, refletindo um tempo antigo de um modo de produção, mais rural, existente na memória do espaço construído, das edificações fixadas na paisagem criada. Dessa maneira, há no espaço uma dimensão de forma, durável, que não se desfaz, perante a modificação dos diversos processos. Algumas transformações se adaptam às formas pré-existentes, ainda que surjam novas formas para se inserir em meio àquilo que já existe. Trata-se de “rugosidades”, que são formas espaciais do passado, edificadas em momentos distintos do modelo de produção, possuindo atributos socioculturais próprios (SANTOS e SILVEIRA, 2001). E são estas rugosidades que se colocam hoje como o meio e a condição para as práticas juvenis no tempo livre destas cidades.

A Geografia deve trabalhar com uma noção de espaço que nele veja ao mesmo tempo uma forma e um conteúdo, que considere os sistemas técnicos e as redes como uma união entre tempo e matéria, entre estabilidade e história (SANTOS e SILVEIRA, 2001, p. 184). Desse modo, superaremos as dualidades que são, também, direta ou indiretamente, as matrizes da maior parte das ambiguidades do discurso e do método da Geografia. É preciso observar os níveis de presença dos sistemas técnicos em meio as práticas espaciais cotidianas nessas pequenas cidades e como esses aspectos se modificaram ao longo do tempo.

A prática espacial consiste em uma projeção “sobre o terreno” de todos os aspectos, elementos e momentos da prática social (LEFEBVRE, 1991; p.14). Sendo assim, as práticas espaciais exercidas em meio as cidades pequenas possuem propriamente características espaciais e temporais próprias. O modo como ocorrem pode influenciar novos usos sobre os espaços públicos, ou os grupos de jovens podem exercer relações de sociabilidade seguindo aquilo que já fizeram outras gerações. Observaremos as permanências e mudanças nas práticas espaciais, entendidas como práticas sociais, “[...] em que a espacialidade (a organização espacial, a territorialidade, a “lugaridade”) é um componente nítido e de expressão ou dos objetivos a serem alcançados” (SOUZA; 2013; p.241).

Buscamos contribuir com a compreensão sobre a sociabilidade dos jovens, visando um melhor entendimento sobre as práticas espaciais, utilizando da ciência geográfica em

comunhão com a história oral. A partir dos estudos dessa pesquisa, pode-se notar o compromisso desse trabalho no que se refere a elaboração das formas de investigação e análises dos espaços públicos, gerando a possibilidade dos leitores conhecerem perspectivas de análise das praças nos espaços urbanos das pequenas cidades.

O conteúdo desta pesquisa pode oferecer aos gestores públicos, informações sobre os anseios da população jovem e, ao mesmo tempo, explicitar a necessidade de o poder público investir na criação de espaços propositivos. Ao analisarmos as informações levantadas pela pesquisa, podemos verificar a autenticidade e importância dos estudos sobre juventudes, com o propósito de colaborar na compreensão das formas de sociabilidade juvenil. Tendo em vista contribuir com a compreensão da dinâmica que ocorre nos espaços públicos dessas pequenas cidades, e com possíveis formas de superação das problemáticas das juventudes diagnosticadas em nossos estudos, explicitamos que este estudo pode contribuir como referência para a implementação de projetos e políticas públicas, mediante a formalização de parcerias entre as esferas de governo municipal, estadual e federal, com a participação de jovens e de outros grupos, como organizações não governamentais e as demais lideranças políticas locais.

Para o desenvolvimento dos argumentos que apresentamos neste estudo, a dissertação foi dividida em quatro grandes capítulos que possuem sub-capítulos. O primeiro capítulo é composto pela apresentação dos procedimentos metodológicos e das relações práticas com a teoria. O segundo capítulo aborda a conceitualização de cidades pequenas, a rede urbana e a questão do lugar, observando a construção do objeto de estudo e seu quadro teórico conceitual. Já no terceiro capítulo são debatidas questões entorno da relevância dos espaços públicos e da sociabilidade nas cidades pequenas, destacando as questões singulares de Oriente e Pompeia. Em seguida, no quarto capítulo, apresentamos questões relacionadas as juventudes como uma experiência, que envolve sociabilidade e demanda espaço.

Em síntese, analisamos o espaço urbano destas cidades pequenas, com poucas opções de lazer, para além daquelas criadas pelos próprios jovens nos espaços públicos, o que faz com que todos confluam para os mesmos locais, possibilitando a ocorrência de tensões ou até mesmo de conflitos. Devido a essas questões, nossa pesquisa buscou analisar as práticas espaciais de diferentes gerações, para evidenciar as passagens do tempo nestas cidades, analisando quando sua posição na rede urbana era diferente da atual, quando menores eram as conexões, para salientar as especificidades do momento presente, em que as referências globais chegam a todos os lugares e as redes de sociabilidade tramadas em torno destas referências devem se realizar no espaço-tempo concreto das cidades pequenas.

## **1. A metodologia e os caminhos teóricos.**

### **1.1. Referencial teórico e conceitual.**

Os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa propõem a análise das práticas espaciais de grupos sociais no interior da sociedade capitalista. Em função disso, a pesquisa parte do reconhecimento de que uma das dimensões centrais da diferenciação social está pautado na luta de classes e, portanto, na conflitualidade presente nas relações sociais. Nesse sentido, buscamos primar pela perspectiva crítica.

O referencial teórico desta pesquisa está pautado nos estudos sobre juventude e cidade. A partir de uma perspectiva etnográfica<sup>2</sup>, buscamos analisar as práticas espaciais juvenis em cidades pequenas, envolvendo saberes da Antropologia Urbana, da Sociologia e, principalmente, da Geografia, a partir de referenciais como Serpa (2004), Dayrell (2003), Turra Neto (2015), Souza (2013), Feixa (2006) e Giddens (1991).

A juventude, mais que um grupo etário, é entendida aqui como um conjunto diversificado de sujeitos e agrupamentos, cuja composição articula idade, classe social, raça, gênero, contexto socioespacial e estilos culturais.

Os espaços públicos frequentados pelos jovens são vistos como aqueles que, dentro da cidade, possibilitam o uso comum e coletivo. Os jovens também são produtores desses espaços, por meio da ocupação que fazem e das suas formas de uso segundo os agrupamentos em que instituem sua presença na cidade e se destacam em meio à sociedade local. Assim, as juventudes são diversas e participam da produção do espaço urbano, ao negociarem formas de uso dos espaços públicos (CARRANO, 2001).

Segundo Abramo (2008), os estudos sobre os jovens devem levar em consideração que o período da juventude corresponde uma fase da vida em que se completa o desenvolvimento físico do indivíduo, quando acontecem uma série de mudanças psicológicas e sociais.

A juventude é vista neste trabalho como categoria socialmente destacada, levando em consideração os aspectos da pós-modernidade, analisando as diferentes identidades culturais. Como explica Hall (2002) o processo de globalização emerge como provocador de uma

---

<sup>2</sup> A pesquisa teve observação sistemática que buscou interação com os grupos estudados, baseando-se em uma perspectiva etnográfica e que possibilitou descrever e relatar o cotidiano juvenil, essas interações foram importantes para te dar acesso às práticas juvenis contemporâneas. Esse procedimento foi fundamental para a construção do roteiro das entrevistas com os jovens da geração atual. As entrevistas são destacadas como o centro do trabalho, o eixo estruturador da pesquisa empírica.

sobreposição das identidades nacionais por outras mais particularistas, de identificação cultural dos diferentes sujeitos.

O objeto de estudo envolve diferentes temporalidades, pois neste estudo investigamos as relações das juventudes de diferentes tempos com as cidades, para acompanhar as transformações nas cidades e na vida social de Pompeia e Oriente, como exemplos de cidades pequenas.

Partimos de um estudo geracional, que visa analisar as modificações entre as formas de sociabilidade juvenil de diferentes gerações de jovens, buscando estabelecer uma caracterização da importância dos espaços públicos no cotidiano das juventudes em diferentes tempos, para demonstrar a hipótese da maior permanência de práticas juvenis em comparação com as mudanças. As gerações anteriores foram acessadas nesta pesquisa pela História Oral e suas práticas, seus espaços e tempos de sociabilidade no tempo livre foram reconstruídos pela memória.

A demarcação de onde começa e onde termina uma geração é bastante variável, diante da diversidade de influências que recebem as juventudes, levando em consideração a juventude estendida. Contudo, a delimitação aqui foi realizada tomando como parâmetro as diferentes décadas finais do século XX e início do século XXI. Certamente, esta delimitação pode não expressar adequadamente rupturas geracionais, mas essa foi a forma que encontramos de reconstituir a passagem de tempo e as mudanças nos espaços, nas práticas e na sociabilidade.

Para dar conta da geração atual, utilizamos a observação participante, como procedimento fundamental de pesquisa de campo, buscando realizar uma descrição densa, tal como entendida por Geertz (1978), das práticas espaciais dos jovens. Por esta estratégia, realizamos uma interação face a face com os jovens nos seus tempos e espaços de encontro e sociabilidade aos finais de semana e registramos as conversas informais, os depoimentos e os acontecimentos que presenciamos no momento da pesquisa. Também entrevistamos jovens de gerações atuais, para compreender as práticas juvenis da atualidade.

Conforme foram desenvolvidas as entrevistas, as respostas das pessoas abriram diferentes caminhos para a pesquisa, apontando para um amplo leque de possibilidades interpretativas, não a única ou mais verdadeira, acerca das informações produzidas.

No que se refere à observação participante, segundo Turra Neto (2011), trata-se de uma metodologia que requer um envolvimento do pesquisador com o grupo a ser estudado. O modelo de interação do pesquisador no campo é o modelo dialógico, o pesquisador não tem, sobre o outro, aquele que é estudado, uma posição privilegiada na produção de um dado

conhecimento, ambos possuem paridade em suas relações, compartilham das mesmas condições humanas, da sociedade atual globalizada. Aquilo que será tomado como dado a ser analisado na pesquisa surge justamente desta relação. De acordo com Foote-Whyte (1980), é preciso uma abertura para o outro, de modo a superarmos nossos próprios preconceitos e estereótipos – que tendem a cair por terra.

Nos trabalhos de campo, exercemos a perspectiva do encontro, buscando ampla aproximação com os sujeitos estudados, observando as práticas dos jovens nas praças das cidades. De acordo com Deleuze e Guattari (1992), o encontro entre pesquisador e sujeitos estudados é extremamente necessário, o encontro ocorre nos trabalhos de campo e a partir dos encontros é que ocorre a construção da pesquisa, a partir das trocas de experiência entre pesquisador e sujeitos estudados. A pesquisa qualitativa numa perspectiva sociológica, compreende que as respostas não são objetivas e o propósito não é contabilizar quantidades como resultado, mas sim conseguir examinar profundamente o comportamento de determinado grupo estudado.

... definimos observação participante como um processo pelo qual mantém-se a presença do observador numa situação social com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador está em relação face-a-face com os observados e, ao participar da vida deles, no seu cenário natural, colhe dados. Assim, o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto. (SCHUARTZ & SCHUARTZ, apud CICOUREL, 1980, p. 89)

De acordo com Becker (1994), o pesquisador observador tem que manter olhar cuidadoso para o devido objeto de estudo, pois até mesmo a presença do observador pode refletir nas respostas dos grupos estudados, a pesquisa qualitativa busca um viés de abordagem mais aproximada dos sujeitos, afim de explicitar questões que, muitas vezes, estão ocultas e necessitam serem desvendadas entorno do objeto de estudo.

Durante a observação participante, foram acompanhados em ambas as cidades grupos de skatistas, grupos de esportistas, grupos de jovens religiosos, grupos de garotos e garotas que frequentam os bailes noturnos, além de outros grupos juvenis. Destaca-se que, durante o período de pesquisa, especificamente durante cotidiano, o pesquisador esteve presente nas praças e demais espaços públicos evidenciados neste estudo. É preciso dizer que o pesquisador permanecia sentado em bancos, observando o cotidiano e movimento nos espaços, em diferentes períodos do dia (matutino/vespertino/noturno), e também acompanhou os grupos

de jovens pelas cidades, interagindo com as juventudes e observando as relações sociais, bem como as práticas espaciais.

Aproximamo-nos dos grupos que se destacavam nos espaços públicos de ambas as cidades, devido a constante participação e presença nestes espaços. Os grupos que foram acessados mais facilmente foram os jovens skatistas, os jovens de grupos religiosos, os jovens esportistas e os jovens nos bailes e festas. Com maior dificuldade, também foram acessados grupos de jovens rurais, que raramente estavam presentes no cotidiano urbano, compareciam mais quando estavam vinculados aos momentos escolares ou em momentos de festas típicas e tradicionais.

Nesses contatos iniciais, apresentamos nossa pesquisa e propusemos a possibilidade de acompanhar os grupos, observando as práticas e participando da convivência. Assim acompanhamos os grupos em diferentes períodos, durante semanas, frequentando juntamente com os jovens, os espaços, destacam-se quadras de esporte, praças, ruas, clubes e uma pista de skate. Através dos celulares, conectávamo-nos com alguns grupos e mantivemos acesso as informações, quando os jovens combinavam de se encontrar, e com quais finalidades, assim participando ativamente com os jovens do cotidiano nas pequenas cidades. Os eventos e “roles”<sup>3</sup> entre os jovens, também foram frequentados, de forma que tivemos acesso aos ritmos e os estilos que embalam as juventudes na atualidade.

O diário de campo foi utilizado como registro daquilo que foi realizado e observado à campo, utilizando as informações do diário de campo para realizar análises e para desenvolver a dissertação, e também para estruturar e expor os resultados de pesquisa.

Trata-se de uma metodologia que requer um envolvimento do pesquisador com o grupo a ser estudado, sendo composta por procedimentos que não oferecem um conjunto de regras fixas, assim torna-se evidente que o modelo de interação do pesquisador no campo é o modelo dialógico.

É necessário evidenciar alguns detalhes dos trabalhos de campo, por diversas vezes o pesquisador esteve presente junto aos grupos juvenis nas praças centrais das cidades estudadas. Durante os trabalhos de campo que ocorreram no cotidiano da cidade de Oriente, o pesquisador notou a ausência de movimentos dinâmicos na praça central, assim junto a alguns grupos de jovens, passou a frequentar também a praça da Rua Júlio Prestes, onde os grupos de jovens também frequentam uma sorveteria nas proximidades. Nos fins de tarde, geralmente os grupos de jovens frequentam o campo da fazenda para praticar esportes.

---

<sup>3</sup> Roles: Encontro de jovens, em festas, praças ou bares. Ou mesmo o fato de passear, dar uma volta, andar por ruas e ocupar espaços, com determinados objetivos, geralmente em grupos de amigos.

Observando o movimento na cidade de Pompeia, e também exercendo a observação participante, durante o cotidiano foi possível estar junto aos jovens nos períodos noturnos na praça central da cidade, geralmente após o final das missas, os jovens reúnem-se na praça, também, foi possível acompanhar alguns grupos de jovens em bailes na Sociedade Recreativa de Pompeia, onde os jovens permanecem até a madrugada, aspecto que é relatado nesse trabalho e evidenciado pelas entrevistas.

O pesquisador realizou diversos procedimentos entorno da observação participante, primeiramente o pesquisador realizou observações individuais a campo, em um segundo momento passou a interagir coletivamente com os grupos que se encontravam nos espaços públicos da cidade, através do contato com esses grupos o pesquisador passou a se comunicar também com outros grupos juvenis que nem sempre estavam presente nos espaços públicos, ampliando as possibilidades de contato com os(as) jovens.

No emprego desta metodologia de pesquisa, procuramos explorar as possibilidades do que Marcus (2001) denomina de pesquisa multi-situada, visto que nos ajudou a praticar a mobilidade necessária para capturar um objeto de estudo também móvel e complexo. Pois o objeto de estudo não tem uma localização específica, mas acontece em diferentes lugares, e seus acontecimentos localizados podem ser comparados, dando à pesquisa que possui perspectiva etnográfica a possibilidade de um olhar para além de um único caso específico, permitindo acompanhar a mobilidade dos sujeitos sociais. A pesquisa multi-situada é projetada em torno de correntes, caminhos, padrões, conjunções, ou justaposições de locais em que os conjuntos de fatores possibilitam ao pesquisador levar em conta múltiplos aspectos de diferentes dimensões, como fatores sociais, econômicos e/ou culturais, buscando analisar as diferentes formas de presença dos diversos sujeitos ou grupos de jovens, que exercem suas práticas de sociabilidade, com uma lógica de associação explícita ou conexão entre os espaços. Destacamos que nesta pesquisa, a ideia de Marcus (2001) de pesquisa multi-situada não teve por objetivo acompanhar um único grupo, mas variados grupos juvenis de diferentes estilos, que foram identificados durante o estudo. A interação com os diferentes grupos ocorreu de maneira distinta conforme o grau de disponibilidade ou afinidade que ocorria a partir das interações entre pesquisador e grupos estudados. Destaca-se que as potencialidades e limitações para as interações entre pesquisador e estudados recebem influências dos diferentes estilos, objetivos, e faixa etária dos sujeitos envolvidos na relação de pesquisa.

Uma questão pertinente aos procedimentos nas descrições detalhadas, etnográficas e densas, é a relevância da ideia do “estar lá”, pois a presença do pesquisador nos espaços investigados, possibilita a partir das experiências de imersão, produzir aquilo que Geertz

(1978) designou como conhecimento, ou saber local. Segundo Geertz (1978), essa concepção não deve ser dissociada do “escrever”, a partir de um duplo posicionamento, é preciso destacar que a produção do conhecimento sobre o outro coloca em questão os dilemas éticos e morais.

Também aplicamos enquetes com questões de âmbito socioeconômico, que demonstram questões culturais, para levantamento de perfis dos sujeitos que estudamos em campo. Foram utilizados os *softwares Microsoft Excel e QGIS*, para a construção e exposição de dados, tabelas, gráficos, mapas e informações gerais. Destaca-se que as enquetes foram aplicadas à todas as pessoas que foram entrevistadas durante o desenvolvimento deste estudo.

As análises dos referenciais teóricos também compõem os procedimentos de pesquisa, e são indispensáveis para a compreensão de teorias científicas. Segundo Deleuze e Guattari (1992), a análise dos conceitos tem extrema importância na evolução das descobertas científicas, bem como os trabalhos de campo também possuem essa fundamental relevância. Portanto, as atividades de estudar os conceitos e de realizar pesquisas à campo são essenciais, uma vez que coloca o pesquisador em contato com o objeto de estudo e o faz refletir e pensar sobre o próprio objeto de estudo.

Dessa maneira, destacamos que os procedimentos adotados neste estudo tratam-se de um conjunto de estratégias que permitem verificar, confirmar dados e informações, além de também poder fornecer novas perspectivas sobre o fenômeno estudado.

## **1.2. Pesquisa documental e trabalho de campo.**

Durante o desenvolvimento deste estudo, nos dedicamos a pensar as metodologias da pesquisa, buscando verificar quais as melhores maneiras de encontrar informações que respondam à problemática construída.

Na pesquisa documental, fomos em busca de fontes que possibilitaram nos dar acesso às gerações anteriores e ao modo como exerciam seus encontros nos momentos de tempo livre no passado, observando notícias de jornais antigos. Observamos também, quais são as diretrizes políticas dos municípios em relação a participação dos jovens nas cidades, analisando os programas sociais e o conjunto de políticas públicas que atingem os jovens nessas cidades. Neste sentido, os questionamentos que direcionaram os nossos estudos foram: a) conhecer as práticas espaciais dos jovens de diferentes gerações, em seu tempo livre, como forma de conhecer as transformações pelas quais as cidades pequenas passaram ao longo do tempo; b) analisar os espaços públicos nas cidades de Pompeia e Oriente, buscando

compreender seu papel nas práticas de sociabilidade juvenil contemporâneas, seus usos atuais; c) conhecer a oferta de lazer e entretenimento nas cidades pequenas estudadas e seu papel nas experiências contemporâneas dos jovens locais.

No decorrer dos estudos, foram analisadas constantemente diversas edições dos jornais e meios de comunicação de Pompeia e de Oriente, como rádios e jornais impressos. Foram analisados os meios de comunicação digitais mais divulgados, como os diversos sites locais e jornais digitais locais, acessamos com maior frequência e com destaque o site Estounanet, que acompanha cotidianamente os eventos juvenis.

Destacamos os principais locais acessados para a pesquisa documental, a) Biblioteca Municipal de Oriente; b) Biblioteca Municipal Monteiro Lobato - Pompeia; c) Museu Histórico Shunji Nishimiura; d) Biblioteca da FCT-UNESP; e) Biblioteca Municipal de Marília.

Acessamos antigos jornais das cidades, além de acompanhar os meios de comunicação atuais e observarmos as notícias divulgadas nos sites das prefeituras das cidades estudadas, durante o período de pesquisa. É preciso destacar que durante o desenvolvimento dos estudos, também acompanhamos as notícias divulgadas na Rádio Milenium, que é uma importante rádio de Pompeia e região, acompanhando de forma constante os acontecimentos. É necessário destacar que acessamos diversas vezes o acervo histórico de jornais antigos do Jornal A Época de Pompeia (Figura 2).

**Figura 2-** Acervo Histórico do Jornal A Época:



(Fonte: Biblioteca Municipal de Pompeia-2017)

Um das atividades iniciais desse estudo foi o levantamento bibliográfico, pelo qual realizamos a busca de publicações e trabalhos, livros, teses e dissertações, que possam contribuir com o desenvolvimento da pesquisa. Compõe também esta etapa, o levantamento de dados secundários, nos institutos e órgãos oficiais.

Nas bibliotecas municipais de ambas as cidades, encontramos dois importantes livros que colaboraram imensamente no desenvolvimento desta pesquisa: a) O livro denominado História de Oriente, do autor Antonio Monteiro Lobato; b) O livro denominado Reminiscências, da autora Claudia Gagliardi.

Durante os trabalhos de campo e através de documentos históricos, levantamos informações sobre os principais espaços acessados pelas juventudes em diferentes décadas nas cidades estudadas. Posteriormente, foram desenvolvidos produtos cartográficos demonstrando onde estão localizados os principais pontos de encontro das juventudes em diferentes tempos, destaca-se que para a exposição cartográfica foram utilizadas bases cartográficas de 2017 do *Google Earth* e customizadas através dos *Softwares IrfanView e QGIS*, com os mapas atuais das áreas urbanas das cidades estudadas. Assim, foi possível comparar quais eram os espaços frequentados pelas juventudes no passado e quais são os espaços frequentados pelas juventudes atualmente.

Entende-se assim que todos os procedimentos realizados acerca do nosso desenvolvimento científico visa contribuir de maneira ampla nos estudos, estimulando a modificação nos parâmetros de análise, analisando através de uma perspectiva que observe as desigualdades sociais e as dificuldades dos jovens, analisando as mudanças de hábitos das juventudes no que se refere as práticas espaciais, e ao convívio social dessas pessoas que necessitam viver, e não somente sobreviver em meio ao atual contexto da sociedade em que residimos.

### **1.3. Os procedimentos de entrevistas e análises de pesquisa.**

Outro dos procedimentos adotados em nossos estudos foi a entrevista, quando pretendemos dialogar de forma mais controlada com os jovens da geração atual nas cidades e quando fomos em busca dos jovens de gerações anteriores, trabalhamos a partir das entrevistas, registrando informações por meio de gravações, para que pudéssemos descobrir quais são eram e quais são as principais práticas espaciais que realizam, suas visões da cidade

e dos outros jovens, bem como as relações sociais e espaciais que estabelecem em seu tempo livre.

De acordo com Boni (2005), o pesquisador deve levar em conta que, no momento da entrevista, ele estará convivendo com diversos sentimentos, questões particulares, envolvendo afetos pessoais, também relacionados às fragilidades, por isso, é necessário o máximo de respeito, gerando confiança como forma de possibilidade do diálogo.

Segundo Meihy (1996), é importante que a intenção da história oral deixe claro como pretende tratar as fontes orais, se pretende abordar as entrevistas meramente como técnica, ou como método, e aqui neste trabalho abordamos a história oral como método, não somente como um simples procedimento, mas também como algo que pode orientar e direcionar caminhos a serem investigados.

A história oral para nossa pesquisa foi desenvolvida segundo alternativas que privilegiaram os depoimentos como atenção central dos estudos. Focalizamos as entrevistas como ponto central das análises. Para valorizar metodologicamente as entrevistas, exercemos práticas que centram grande atenção, desde o estabelecimento da organização de entrevista, nos critérios de realização das entrevistas, em seu processamento, na passagem do oral para o escrito e nos resultados.

Como parte importante do emprego das entrevistas em história oral, é preciso fazer uma reflexão sobre memória. Segundo Meihy (1996), a memória está sujeita às soluções de criatividade, não se limita somente aos exames das verdades. Também é necessário distinguir a memória individual da que é conhecida como grupal (coletiva). A memória pessoal é biológica e cultural, enquanto a grupal é essencialmente cultural e transcendente, por abrigar concepções coletivas.

Quando a memória é convocada para projetos que tratam de aspectos da localização de indivíduos na sociedade, seus enquadramentos são concebidos como filtros que conduzem a narrativa das experiências (MEIHY, 1996; p.56).

O procedimento de estudar a memória social é sempre amplo e compreende a memória coletiva, que é relativa a grupos menores, que constroem a memória a partir de relações coletivas e de vivências que se encontram sobre as mesmas influências temporais.

De acordo com Tedesco (2001), a descrição da memória entre os sujeitos entrevistados contribui na construção dos depoimentos orais de forma significativa, possibilitando adquirir maiores informações para compor a pesquisa qualitativa. As entrevistas envolvem história de vida, não só pela insuficiência de fontes históricas escritas,

mas para enriquecer as temáticas em questão, provocar outras perspectivas de análise, novas relações entre pesquisador e entrevistado.

Segundo Hobsbawm (2011), a memória não é somente uma fonte de gravação, mas também de seleção, a qual sofre alterações com a sucessão de tempos, assim, os fatores de oralidade e de subjetividade estão próximos. É preciso sempre o pesquisador levar em consideração as possibilidades da relatividade e verificar profundamente as informações, para assim possibilitar a construção de uma pesquisa que realmente explique os fatos.

Destaca-se que é necessário observar a importância das falas que descrevem a memória, levando em consideração a seletividade da memória, considerando fatores como o esquecimento, os enquadramentos particulares, a representatividade e sua potencialidade na contribuição para os objetivos da pesquisa.

Estudando a memória local, foi possível observar as formas de construção de identidades pessoais e também sociais, analisando como estão conectadas à memória, tanto no plano individual dos sujeitos, quanto no coletivo, desse modo permitindo que cada geração estabeleça vínculos com as gerações anteriores. Segundo Karnal (2004), a composição de identidades sociais sempre aparece entrelaçada à memória, pois o plano coletivo possibilita que as gerações mais jovens recebam influências das gerações do passado.

Na modernidade do mundo globalizado, novos problemas têm atingido a estabilidade do conceito de identidade, dando origem a duas alternativas possíveis, ou a multiplicidade de identidades ou a negociação de identidades. As entrevistas nessa pesquisa buscaram evidenciar as questões culturais entre os jovens e também observar as formas de identidade. Nessa pesquisa compreende-se que a multiplicidade de identidades implica negociações permanentes, requalificações dos pressupostos originais e reafirmação dos polos identitários, exigindo escolhas, sempre com opções criteriosas.

As entrevistas juntamente com as enquetes que são parte fundamental da pesquisa, são desenvolvidas possibilitando preencher informações sobre renda e escolaridade das pessoas entrevistadas, complementando informações necessárias sobre os sujeitos estudados, assim realizando o preenchimento de lacunas sobre as informações adquiridas acerca do foco central do estudo.

Trabalhamos com uma perspectiva de entrevista aberta, possibilitando amplo diálogo entre pesquisador e as pessoas que são entrevistadas, dando margem para conversações para além do esperado, ultrapassando os limites do roteiro previamente estabelecido. Destacamos,

que para iniciar as entrevistas foi sempre empregado um roteiro básico<sup>4</sup> (Figura 3), mas que a entrevista não se limitou a este roteiro, extrapolando os limites, adquirindo diferentes possibilidades de informações. É o que se chama de entrevista semiestruturada (COLOGNESE e MELO, 1998).

**Figura 3** – Exemplo de conteúdo elaborado previamente para a realização de entrevistas:

**ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PESSOAS DAS GERAÇÕES QUE  
VIVÊCIARAM SUAS JUVENTUDES NOS ANOS DE 1980 e 1990.**  
\*Roteiro base, as entrevistas não se limitam somente ao roteiro.

**1 – HISTÓRIA DA FAMÍLIA E DA INFÂNCIA**

a) Seus pais nasceram em Pompéia? Na Região? No campo ou na cidade?

b) Onde você nasceu? Onde passou sua infância?

c) Para quem passou a infância na cidade: pedir uma descrição da cidade naquele período e das brincadeiras das crianças nos espaços públicos.

**2 – A JUVENTUDE.**

a) O que tinha na cidade para fazer nos momentos de lazer e diversão? cinema, espaços de diversão e encontro, movimento de pessoas e carros... qual era o principal ponto de encontro da cidade?

b) Onde você costumava ir? O que acontecia por lá, que músicas tocavam? O que as pessoas faziam lá? Quando comparecia nas festas? Que tipos de festas eram?

c) No seu grupo de amigos, quais eram as músicas e os filmes predominantes?

d) O seu grupo de amigos tinha alguma diferença em relação a outros grupos de jovens da cidade? quais? Como era a relação com os demais grupos?

e) Onde comprava roupas? De onde vinham as referências de moda? O que era “estar na moda” no período?

f) A vida social era feita, sobretudo, em que contexto: familiar, grupo de amigos, da escola, igreja?

**3 – OS DIAS ATUAIS.**

a) Hoje você costuma freqüentar “a noite”? Onde vai? Fazer o que? Com quem?

b) Costuma freqüentar algum grupo de amigos, associação, reuniões partidárias... enfim, como é sua vida pública atualmente?

**Fonte:** Acervo do Pesquisador; Organizado por Karin Gabriel Moreno; Presidente Prudente (SP) – 2017.

Entre os procedimentos importantes a serem adotados na preparação de entrevistas para a análise, o primeiro deles diz respeito à transcrição. As entrevistas devem ser transcritas, logo depois de encerradas, para que a memória do próprio pesquisador possa atuar também nos comentários do discurso não verbal e preencher possíveis lacunas quando a gravação não estiver totalmente audível. Após ser transcrita, a entrevista necessita passar pela conferência de fidedignidade, é necessário ouvir a gravação tendo o texto transcrito em mãos,

<sup>4</sup> Maiores informações sobre roteiros básicos e sobre outros documentos relacionados as entrevistas, são encontradas em “anexos” neste trabalho.

acompanhando e conferindo cada frase, mudanças de entonação, interjeições e possíveis interrupções que acontecem durante os momentos das gravações. Destaca-se que todas as entrevistas dessa pesquisa, bem como suas transcrições, foram realizadas pelo pesquisador.

Segundo Goldenberg (1997), para realizar uma entrevista bem-sucedida, é necessário criar uma atmosfera amistosa, assim buscando estabelecer relações de confiança, buscando também não discordar de maneira excessiva perante as opiniões dos(as) entrevistado(as), mantendo-se desse modo em posições neutras.

De acordo com os estudos de Goldenberg (1997), os procedimentos de entrevistas nas pesquisas qualitativas possuem duas vantagens consideradas fundamentais: a) possibilita ao pesquisador coletar informações de pessoas que não sabem escrever; b) facilita a aquisição de informações, pois as pessoas têm maior paciência e motivação para falar do que para escrever.

As entrevistas são apresentadas no decorrer dos capítulos, da forma como foram transcritas, com poucas modificações através de correções ortográficas, mas buscando transmitir as informações próximas da realidade como foram ditas.

Nas entrevistas são avaliadas questões como a história da família das pessoas entrevistadas, também onde nasceram os pais, se vivenciaram suas vidas no campo ou na cidade, como foi a infância da pessoa. Pedimos na entrevista, para a pessoa descrever como era a cidade no período de infância. Abordamos questões sobre a juventude, o que tinha na cidade para fazer nos momentos de lazer e diversão, se existia cinema, espaços de diversão e encontro, movimento de pessoas e carros, qual era o principal ponto de encontro da cidade na época, e perguntamos se a pessoa possui ainda referências de pontos de encontro na cidade nos dias atuais.

Mesmo utilizando o gravador de áudio, sempre elaboramos relatórios logo após a realização das entrevistas, de modo a não deixar que nada passasse sem a devida atenção necessária, pois existem diferentes aspectos que são relevantes a serem analisados nas entrevistas.

Após a realização de entrevistas, ocorreu a transcrição e o processo de tratamento das entrevistas, quando separamos por temas os conteúdos que aparecem nas falas das pessoas entrevistadas, possibilitando articular as entrevistas e os conteúdos, destacando os temas e tipos de assuntos que mais se repetem nas diferentes entrevistas. Assim, passamos a identificar questões importantes e reveladoras sobre as cidades estudadas.

Foram entrevistadas de Maio de 2017 até o mês de Setembro de 2019, o total de 22 pessoas de diferentes idades e gerações, diferentes sexos, gêneros, de distintos estilos e de

diferentes origens, que são moradores de diferentes bairros nas cidades de Pompeia e Oriente. Na apresentação dos resultados da pesquisa, utilizamos nomes fictícios, resguardando a identidade e as informações sobre os entrevistados no acervo de documentos do pesquisador.

Conforme tornaram-se muito repetitivas as entrevistas, notamos uma proporção de saturação de informações, assim partimos para as análises das informações, contextualizando com os dados levantados em pesquisas documentais. Todas as pessoas entrevistadas responderam enquetes sobre renda familiar e grau de escolaridade, nos momentos que antecediam o início das entrevistas, que eram realizadas com local, horário e data marcada, geralmente em alguma praça, em alguma biblioteca ou na casa do próprio(a) entrevistado(a).

As pessoas das gerações anteriores foram acessadas por meio dos jovens de gerações atuais, após acessarmos os jovens nos espaços públicos e desenvolvermos contato e convivência, esses próprios jovens passaram a indicar familiares, vizinhos e conhecidos que foram jovens nas décadas passadas, assim conseguimos criar contato com diversas pessoas de diferentes bairros da cidade.

Examinamos nas entrevistas, como eram os grupos de amigos das pessoas entrevistadas, se tinham alguma diferença em relação a outros grupos de jovens da cidade, ou de outras cidades, e quais eram essas diferenças. Analisamos como era a relação com os demais grupos, onde compravam roupas, de onde vinham as referências de moda, o que era “estar na moda” no período, examinamos a vida social e como era feita, sobretudo, em que contexto, se era familiar, ou somente de grupo de amigos, da escola, igreja.

Também avaliamos questões sobre os dias atuais, se a pessoa costuma frequentar “a noite” da cidade, onde vai e o que costuma fazer. Analisamos se as pessoas costumam frequentar algum grupo de amigos, associação, reuniões partidárias, enfim, como é a vida pública atualmente. Examinamos na entrevista se a pessoa ouve música, se vê televisão, se vai ao cinema, se aluga filmes para ver em casa. E questionamos quais músicas, e/ou programas de TV e/ou filmes embalam hoje os seus finais de semana.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, a identificação pessoal das pessoas entrevistadas é mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificar. Explicamos aos entrevistados, que mesmo não tendo benefícios diretos em participar, mesmo não tendo ganhos monetários, indiretamente as pessoas vão estar contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico, bem como realizando uma contribuição para o registro de história das cidades. Explicamos também que este trabalho se torna patrimônio da história das cidades pequenas analisadas, pois é um trabalho que demonstra informações históricas, expõe informações

inéditas sobre a juventude nas primeiras décadas do século XXI e possibilita a todas as pessoas que realizarem a leitura, conhecer informações importantes sobre as cidades estudadas.

Para que todas as informações, no momento da entrevista, fossem devidamente produzidas, fez-se necessário um plano estratégico, o qual realizamos previamente, uma espécie de “pré-teste” funcionando como uma metodologia eficaz. Para tanto, realizamos a entrevista primeiramente com uma única pessoa, no intento de detectar o posicionamento crítico desse entrevistado sobre os pontos abordados, haja vista que ocorreram sugestões de melhoria e, posteriormente, estruturamos a metodologia de entrevista, partimos então para entrevistas com diferentes sujeitos de diferentes classes sociais.

. Nas entrevistas o discurso das pessoas entrevistadas também pode ocorrer de modo espontâneo, possibilitando o fluxo natural de diversas ideias. Assim, a investigação consegue acessar informações profundas da realidade e da memória. Esta maneira de realização das entrevistas permite ao pesquisador conhecer informações de diferentes entrevistados e facilita a comparação sistemática dos dados e das informações transmitidas e compartilhadas entre diferentes sujeitos, possibilitando ao pesquisador verificar as informações, do mesmo modo que as entrevistas revelam informações que passam a nortear os caminhos da pesquisa. As informações que surgem nas entrevistas, também sugerem quais questões o pesquisador deve verificar, perseguir e observar no decorrer da pesquisa, indicando também quais questões o pesquisador deve examinar durante os trabalhos de campo.

Em síntese, as entrevistas entram na pesquisa como estratégia tanto de acesso à memória da geração anterior, quanto para conhecer as práticas espaciais na perspectiva dos jovens do presente. Com isto, desenvolvemos nosso estudo de acordo com os objetivos apresentados e trazemos relevantes contribuições ao debate sobre juventudes de diferentes gerações e também sobre metodologias de pesquisa em Geografia.

## **2. As cidades pequenas, a rede urbana e a questão do lugar: a construção do objeto de estudo e seu quadro teórico conceitual.**

### **2.1. As cidades pequenas.**

As pessoas que passaram a infância e juventude em cidades pequenas do interior de São Paulo, durante as décadas de 1980, 90 e também durante o início dos anos 2000, certamente cresceram brincando nas ruas, em praças ou quintais com terra ou gramíneas e presença de árvores e bambus.

Existe na história de grande parte das pessoas que cresceram nas pequenas cidades do interior paulista, nostálgicas lembranças de uma infância em que presenciaram passeios em sorveterias, feiras e praças locais, que envolviam irmãos, primos e pessoas de fora da família, como por exemplo, vizinhos e amigos de escola e/ou da igreja. Contextos estes predominantes nas interações sociais e constituição de redes de sociabilidade – família, vizinhança, escola e igreja.

As relações sociais nas pequenas cidades são marcadas pelas características da personalidade. Segundo Silva (2000), o grau de proximidade entre as pessoas, as relações dos sujeitos com a vizinhança, fazem com que todos aparentemente se conheçam. Assim, as relações de proximidade caracterizam a vida social em pequenas cidades do interior paulista.

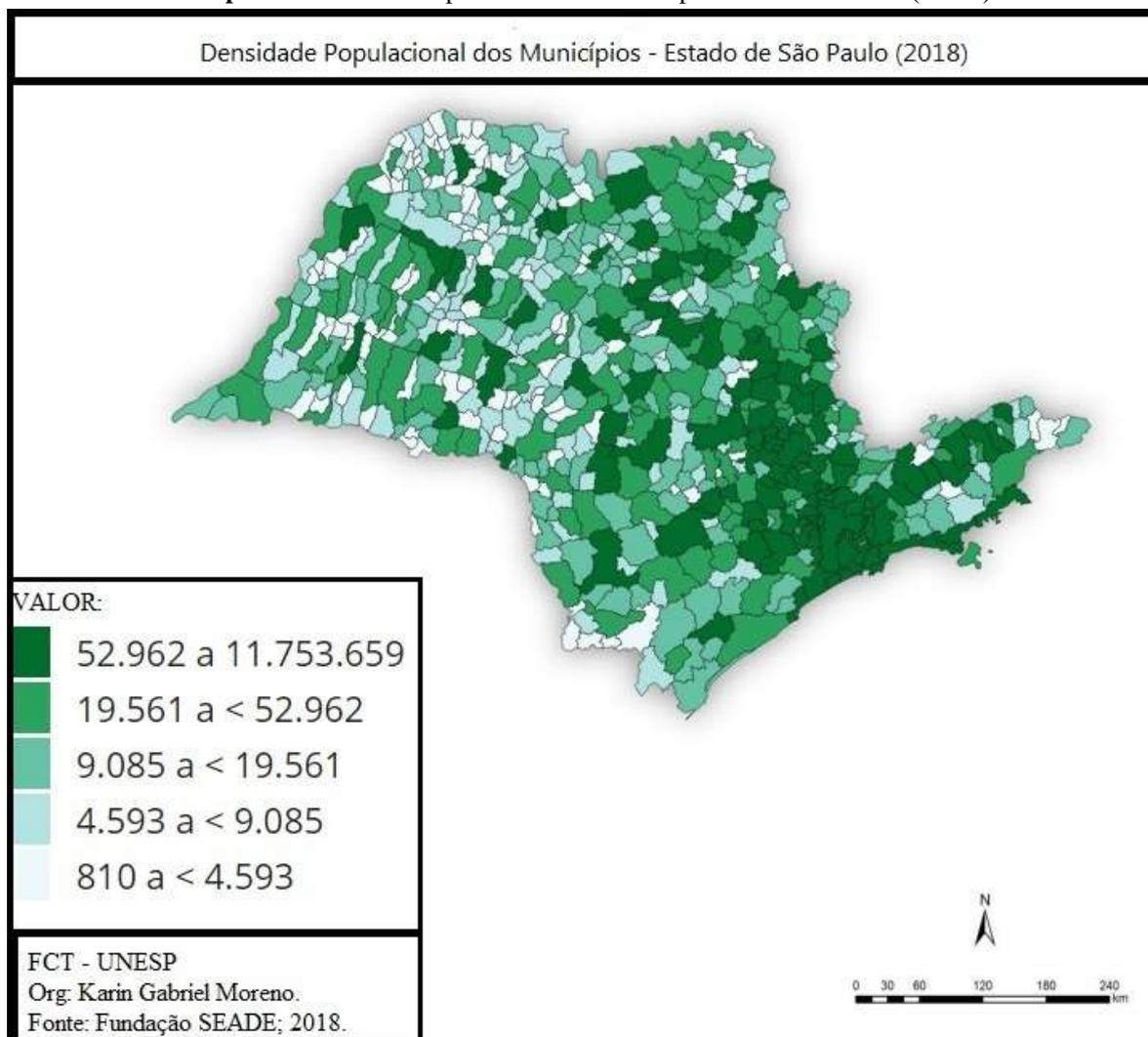
Nesta parte do trabalho, são expostas questões relevantes sobre as definições de cidades pequenas, a partir das perspectivas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que atua como órgão responsável por classificar as cidades brasileiras, a partir de diversos critérios, incluindo os aspectos demográficos, urbanísticos e jurídicos, que são observados através das referências bibliográficas estudadas durante o desenvolvimento dessa pesquisa.

São denominadas como cidades pequenas, na perspectiva demográfica, as cidades que abrigam números menores de cinquenta mil habitantes. Estas correspondem a uma grande diversidade no Brasil, pois existem mais de quatro mil cidades pelo país nessa classificação, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

O Estado de São Paulo possui 645 municípios. Segundo os dados da Fundação SEADE, existem no estado 505 (quinhentos e cinco) municípios que possuem menos de 50.000 habitantes e que são considerados como cidades pequenas. O Mapa 2 demonstra a

densidade populacional dos municípios no Estado de São Paulo, revelando a proporção de cidades pequenas no interior paulista.

**Mapa 2** - Densidade Populacional dos Municípios – Estado de S.P. (2018):



(Organização: Karin Gabriel Moreno, FCT-UNESP/2018 – Fonte: SEADE).

Observando o mapa, é possível verificar que quanto mais distante da capital do estado (São Paulo), maior é a densidade de cidades pequenas no interior. Também, observa-se que as regiões mais próximas da capital do estado possuem maior densidade de cidades médias e grandes. É notória esta concentração no eixo que se estende da baixada santista até Ribeirão Preto e também em todo o Vale do Paraíba. Enquanto nas porções ao sul da capital e a oeste, até a divisa com Mato Grosso do Sul, predominam as cidades com menos de 50.000 habitantes, com grande proliferação de cidades muito pequenas, com menos de 5.000 habitantes.

O desenvolvimento da produção do espaço urbano nas pequenas cidades acompanha, em muitos casos, o surgimento de novas funções não centrais e ligadas as produções nos espaços rurais ou ao desenvolvimento industrial regional.

As cidades pequenas possuem como característica marcante as relações cidade-campo. Na maioria dos casos, são cidades sujeitas a polarização de outras cidades maiores, presentes na rede urbana. Assim, algumas pequenas cidades podem servir apenas de “dormitórios”, para diversos trabalhadores e estudantes, a partir do movimento pendular que cotidianamente realizam para a cidade maior, quando esta é relativamente próxima.

Ainda que a dimensão demográfica seja relevante para definir o que seria uma cidade pequena, não deve ser designada como o único fator que possibilita sua identificação. É necessário observar questões históricas e também examinar as relações entre forma, conteúdo e função nessas cidades pequenas (SOARES; MELO, 2009).

Para a ONU (Organização das Nações Unidas), as cidades surgem a partir dos processos de urbanização e aglomeração populacional. Segundo o documento “Estado das Cidades da América Latina e Caribe”, relatório produzido e publicado pelo Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (ONU-HABITAT), as pequenas cidades possuem pouca dinâmica econômica e, geralmente, não desempenham uma centralidade em uma microrregião.

Nesse sentido, é necessário observar o contexto regional e a rede urbana em que estão inseridas, bem como suas relações com o campo, levando em consideração as particularidades da produção do espaço urbano nas microescalas, pois, segundo Melo e Soares (2009, p. 36):

[...] as pequenas cidades no Brasil, entendidas enquanto espacialidades que compõem a totalidade do espaço brasileiro, na condição de partes integrantes e interagentes, são marcadas pela diversidade. Tal característica pode ser entendida a partir do contexto regional em que estão inseridas, pelos processos promotores de sua gênese, bem como no conjunto de sua formação espacial.

Segundo Capel (2009), no passado as cidades pequenas eram centros de serviços e comércio, tendo como função primordial contemplar as demandas do campo. Contudo, a modernização da agricultura, a melhoria nos sistemas de transporte e comunicação, acompanhado do êxodo rural e do aprofundamento do processo de globalização, o significado das pequenas cidades mudou.

A partir de meados dos anos 1970, observa-se uma redefinição muito grande do ponto de vista da estruturação e desestruturação urbana, pois com o êxodo rural e concentração fundiária, principalmente nas regiões Sul e Sudeste, e

reestruturação produtiva, as cidades médias passam a receber muitos migrantes da área rural e as pequenas localidades perdem a população não só rural como urbana (FERREIRA e PANTALEÃO, 2009, p. 37-38).

Os efeitos da modernização contemporânea impulsionaram o aumento nos fluxos de pessoas, de automóveis, de mercadorias e de informações, permitindo a concentração de uma série de comércios e serviços, antes dispersos, em cidades médias, implicando também em efeitos sociais nas pequenas cidades, de modo que, inclusive o mercado de trabalho das cidades pequenas encolheu. Assim, criou-se um contexto em que os habitantes das cidades pequenas, geralmente, buscam centros maiores para realizarem compras e diversas relações de consumo, lazer, bem como em busca de serviços de saúde e educação mais especializados e de educação no ensino superior.

De acordo com Santos (1982), as pequenas cidades são consideradas “cidades locais”, a partir do critério do número de população e através das funções.

Entre as cidades locais, é preciso diferenciar as pseudocidades das cidades locais que dispõem de uma atividade polarizante, denominadas como cidades de subsistência. As pseudocidades são inteiramente dependentes das atividades de produção primária, como as cidades do norte de Minas Gerais, ou as grandes aldeias, e mesmo de atividades não primárias, como algumas cidades industriais ou cidades religiosas, universitárias, balneárias, de montanha (serranas), etc. Já as cidades de subsistência são aglomerados populacionais com uma dimensão mínima, que deixam de servir às necessidades da atividade primária para servir às necessidades inadiáveis da população com verdadeiras especializações do espaço e que apresentam um crescimento auto-sustentado e um domínio territorial, respondendo às necessidades vitais mínimas, reais ou criadas de toda uma população, função esta que implica em uma vida de relações (SANTOS, 1982, p.70).

Assim, consideramos que entre as “cidades locais”, estão também aquelas localizadas em regiões que passaram pelo processo de modernização ou que apresentam significativas transformações espaciais em função dos avanços tecnológicos.

As cidades de Oriente e Pompeia apresentam uma trajetória histórica marcada pelo processo de modernização em função dos avanços tecnológicos. A indústria multinacional Jacto S/A e outras empresas, que realizam produção mecânica ou tecnológica, estão instaladas na região e em ambas as cidades. A FATEC (Faculdades de Tecnologia do Estado de São Paulo), unidade de Pompeia é pioneira em curso de tecnologia voltado ao agronegócio e atende alunos de ambas as cidades. A cidade de Pompeia é considerada pelo Observatório das Metrôpoles – UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), como o primeiro município da América Latina a formar uma turma para o curso tecnológico de “Big Data no Agronegócio”.

O mercado absorve os jovens formados neste curso rapidamente, pois a sociedade está passando por um processo amplo de digitalização do campo.

A dinâmica interna das cidades pequenas envolve diferentes conteúdos sociais, econômicos, ideológicos e políticos, que estão presentes na composição do processo de transformação do espaço urbano.

O fenômeno da cidade local encontra-se ligado às transformações do modelo de consumo do mundo, sob o impacto da modernização tecnológica, da mesma forma que as metrópoles são o resultado dos novos modelos de produção (SANTOS, 1993, p. 72).

As pequenas cidades recebem influências que são transmitidas através do processo de globalização. Influências culturais, políticas e ideológicas, que impactam nas práticas dos sujeitos e também nas práticas dos agentes que atuam na produção do espaço urbano em escala local, como por exemplo, imobiliárias, prefeituras e construtoras locais, de forma que também nestas cidades é possível encontrar formas urbanas produzidas a partir de um repertório comum.

É necessário também observar as cidades pequenas a partir da dimensão temporal, levando em consideração o contexto histórico no qual as cidades estão inseridas, pois assim será possível verificar a existência das diversidades políticas, culturais e sociais específicas dos pequenos núcleos urbanos.

A cidade pequena possui, portanto, uma materialidade no seu plano espacial, enquanto forma no processo de urbanização e uma imaterialidade que pode estar relacionada aos seus fluxos informacionais que traduzem sentidos econômicos, políticos, culturais, etc. (JURADO DA SILVA, SPOSITO, 2007, p.8).

Dessa forma, a partir dos fluxos informacionais, as cidades pequenas também participam dos movimentos da sociedade, que refletem sobre o lugar de vivência dos cidadãos que convivem e transitam pelos pequenos núcleos urbanos.

Nas pequenas cidades, existe uma efetiva composição hierárquica entre diferentes áreas, numa configuração espacial marcada pela relação centro – periferia, em que o centro é não apenas o centro comercial, mas também local de moradia dos habitantes de maiores rendimentos e onde a periferia nem sempre pode estar associada à segregação, visto que as pequenas distâncias internas não promovem uma separação social.

Segundo Maricato (1997), os bairros denominados como periferias se definem pela condição de dependência do centro. Na dimensão social as periferias são definidas também

pelo conteúdo que é caracterizado pela presença de imóveis de famílias de baixa renda e com a falta de infraestrutura ou de elementos urbanos, já o centro é caracterizado por monopolizar o poder comercial e elevado grau de infraestrutura, com diversos recursos econômicos, culturais e políticos.

Em cidades pequenas, as perspectivas de centralidade são diferentes daquelas das cidades médias e grandes, quando se trata por exemplo dos serviços bancários ou serviços de assistência técnica de aparelhos tecnológicos, são instalados geralmente em um único centro em meio a malha urbana, constituindo-se em uma forma monocêntrica. Nas cidades de Pompeia e Oriente, as agências bancárias, serviços financeiros e principais escritórios de contabilidade estão localizados no único centro em ambos os municípios.

Segundo Ferreira (2006), nas pequenas cidades, o imaginário social da população diante do urbano estabelece a estigmatização das áreas de conjuntos habitacionais e de bairros com grande número de casas com alvenaria precária, pois são vistos como periferias pela população local. O imaginário social da população estabelece como áreas periféricas os bairros com grande número de famílias de baixa renda, mas esses bairros não necessariamente estão nas margens do perímetro urbano. Dessa forma, as áreas reconhecidas popularmente como periferias nas pequenas cidades, nem sempre estão na fronteira que separa a área urbana da área rural no território do município.

Também não podemos perder de vista que, nos extremos territoriais das pequenas e médias cidades, encontramos nessas áreas diversos bairros nobres, com a presença de casas típicas de famílias abastadas, bairros com ampla infraestrutura urbana, com praças, academias ao ar livre, com a presença de iluminação de qualidade, bairros que proporcionam elevada qualidade de vida aos moradores. Mas, nas áreas extremas das pequenas cidades, também encontramos bairros em que existem casas que não possuem acesso ao saneamento básico, bairros com baixa infraestrutura, sem a presença de mobiliário urbano de uso coletivo e sem a presença de praças. Dessa forma, destacamos que não é o fato de um bairro estar localizado nos extremos do perímetro urbano, que o caracteriza como periferia. Sendo assim, os bairros considerados periferias em pequenas cidades são definidos assim a partir de questões sociais e não somente a partir de questões relacionadas a simetria espacial em meio ao urbano. Segundo Sposito (1998), a definição de “periferias” ocorre a partir das análises entorno das questões de “Forma e Conteúdo”.

As áreas reconhecidas popularmente como periferias nas pequenas cidades não são observadas assim devido as questões geométricas do espaço urbano, mas sim devido a estigmatização social sobre o conteúdo desses bairros considerados periféricos. Segundo

Maricato (1997), os bairros com pouca infraestrutura, sem a presença de drenagem pluvial, ou com pavimentação de baixa qualidade são observados pelas populações a partir da estigmatização social e assim passam a ser segregados em meio a seletividade espacial existente nas cidades, passam a perder apreço e os lotes urbanos nesses bairros são desvalorizados perante o mercado imobiliário.

Segundo Bernardelli (2004), ocorre também a segregação social dos habitantes de bairros denominados como periféricos e a exclusão social dos jovens que vivem nesses bairros que estão relacionados a estigmatização social, os habitantes conseqüentemente são excluídos em meio ao conjunto da sociedade, sendo este um processo contemporâneo de produção do espaço nas cidades.

Morando em bairros segregados, a criança, o jovem e o adulto também, evidentemente, passam a se relacionar somente com pessoas da mesma classe social, cada vez mais com seus pares, não porque saíam à rua, mas porque frequentam as mesmas escolas e locais de classe (D'INCAO, 1994, p. 98).

Dessa maneira, em meio as pequenas cidades, os habitantes desses bairros estigmatizados passam a compartilhar práticas em comum e também acessam perspectivas culturais em comum. A segregação social também existe nas pequenas cidades, os sujeitos que residem em bairros reconhecidos como periferias, são afetados pela estigmatização social, os sujeitos conseqüentemente são excluídos em meio ao conjunto da sociedade, essa exclusão nas pequenas cidades é reforçada pela pessoalidade<sup>5</sup> e pelas marcas<sup>6</sup> que cada sujeito possui, implicando em limitações na frequência dos sujeitos excluídos sobre determinados espaços privados ou mesmo públicos em algumas ocasiões, pois esses sujeitos são socialmente segregados de alguns grupos e muitas vezes são marginalizados.

As desigualdades sociais impulsionam o surgimento da discriminação, as diferenças de poder aquisitivo influenciam na separação de grupos, fazendo com que sujeitos economicamente mais abastados ocupem moradias ou bairros distintos daqueles que vivem em condições de pobreza.

Mesmo que exista em alguns bairros e distritos a presença de determinadas modalidades de comércio, como pequenos mercados ou padarias, farmácias, pequenas empresas e alguns tipos de lojas, durante o cotidiano nas pequenas cidades, para solucionar questões práticas, os moradores precisam ir até a área central.

---

<sup>5</sup> Ver conceito de pessoalidade em Silva (2000).

<sup>6</sup> Ver conceito de “marcas” em Caniello (2003).

A centralidade está relacionada a troca de bens e serviços e a coordenação de outras atividades que não estão localizadas necessariamente no centro (como a gestão administrativa, financeira e política), nos remete mais especificamente à ideia de necessidade de expansão de meios de consumo individual, considerando-se que a principal base espacial do consumo está expressa no centro, e nas novas formas espaciais de manifestação da centralidade (SPOSITO, 1998, p.36).

Segundo Lefebvre (2008, p. 90), “não existe cidade, nem realidade urbana, sem um centro”. Os centros possuem fundamental relevância na composição da forma urbana, nas pequenas cidades existe ampla presença da monocentralidade, situação construída a partir da existência de um único centro que polariza toda a cidade.

A relação entre centro e centralidade apresenta-se de maneira dialética, assim não há centro sem centralidade, como não há centralidade sem centro (SPOSITO, 1998). Segundo Whitacker (2003), o centro é fundamental na estruturação urbana, que é desenvolvida a partir do processo de produção do espaço urbano nas cidades contemporâneas. Nos casos de Pompeia e Oriente, ambas possuem apenas um único centro e também apenas uma praça matriz central, constituindo historicamente aspectos de monocentralidade.

As pequenas cidades possuem diferentes origens, com particularidades e contextualizações próprias, contudo, podemos destacar que grande parte das pequenas cidades possui parte significativa da população inserida em atividades relacionadas à transformação e circulação de produtos agrícolas e mercadorias diversas, envolvendo também a prestação de serviços públicos. As economias de pequenas cidades, geralmente, baseiam-se em atividades agrárias e também no comércio local e nas indústrias locais ou próximas.

As pequenas cidades brasileiras constituem um universo muito variado quando se considera um conjunto de características associadas aos núcleos urbanos e às suas hinterlândias. Estas características são gerais mas se efetivam de modo específico e se combinam gerando diferentes arranjos. São vistas como essenciais, mas não exclusivas, para gerar tipos regionais de pequenas cidades. Estas características são as seguintes: a) matriz cultural da área; b) antiguidade do povoamento da área; c) estrutura agrária da hinterlândia; d) densidade demográfica da hinterlândia; e) relações com o mercado; f) nível de renda da área e acessibilidade (CORRÊA, 2011, p 5).

Segundo Corrêa (2011), a industrialização no campo afetou também a paisagem das pequenas cidades. Ocorreu no processo histórico das pequenas cidades brasileira a reestruturação dos comércios locais, envolvendo os comércios atacadistas e varejistas, pois os tradicionais varejistas locais foram substituídos com o passar dos anos por novos modelos de

comercialização dos produtos. As cidades pequenas são marcadas por relações cidade-campo aglutinadas, sendo espaços de reprodução dos costumes e hábitos tradicionais rurais.

De acordo com Corrêa (2011, p. 8), existem cinco tipos de pequenas cidades:

I) cidades pequenas como lugares centrais, que constituem na “cidade do campo”, um lugar central; II) os centros especializados, que constituem núcleos de povoamento que desenvolvem atividades específicas; III) os reservatórios de força-de-trabalho, com concentração de “peões” e trabalhadores em geral, como em áreas integradas ao complexo agroindustrial, constituem pobres e tristes núcleos de povoamento, mais agrários do que urbanos; IV) os pequenos centros urbanos que vivem de recursos externos, lugares onde as relações com o campo estão longe de lembrar o que fora no passado, com a presença de hinterlândias esvaziadas, em dimensões econômicas e demográficas, sem condições de desenvolver atividades especializadas, esses centros vivem de recursos externos; e V) os subúrbios-dormitório, que constituem em muitos casos, o resultado da absorção de um antigo lugar central por uma cidade em crescimento e expansão territorial, com evolução demográfica, estas pequenas cidades localizam-se a uma distância próxima que viabiliza migrações pendulares daqueles que ali vivem mas trabalham na cidade maior que, por sua vez, polariza diferentes núcleos urbanos em meio ao contexto regional.

Segundo Fresca (1990), é preciso levar em consideração a formação socioespacial no contexto regional das pequenas cidades, evidenciando a posição que as pequenas cidades ocupam em meio a rede urbana, pois as populações em pequenas cidades, cotidianamente, recorrem às cidades médias e grandes, seja para trabalhar, exercendo movimento pendular, ou para acessarem serviços de saúde, educação, serviços comerciais e serviços em geral. As características espaciais e sociais nas pequenas cidades são impulsionadas pelo fator de densidade demográfica, associado ao nível de renda, que garante um nível mínimo de consumo, assim possibilitando a manutenção das atividades públicas e privadas, influenciando o setor econômico local, impulsionando instabilidade ou estabilidade aos estabelecimentos comerciais locais e também às empresas de prestação de serviços diversos.

Assim, podemos dizer que as pequenas cidades são compreendidas a partir da consideração do contexto histórico e do contexto espacial, observando-os como um conjunto dialético, pois o contexto histórico possui singularidades que são construídas sobre influência do contexto espacial, assim também o contexto espacial recebe influências dos fatores históricos, possibilitando o desenvolvimento de papéis e funções do município em meio ao espaço regional e da rede urbana.

Para concluir essa parte dos estudos, destaca-se que observamos durante a pesquisa que as cidades pequenas possuem ritmos de transformações mais lentos, sendo cidades onde as transformações no espaço urbano ocorrem de modo delongado e as práticas espaciais dos

sujeitos tendem a ser reproduzidas mais em continuidade do que em mudança em relação às gerações anteriores, pois o campo de possibilidades de encontros e interações não mudou na mesma intensidade que nas cidades médias e grandes.

## **2.2. A formação da rede urbana da Alta Paulista: a polarização de Marília e as cidades pequenas da sua região.**

A influência que Marília exerce como cidade média na região polariza Pompeia e Oriente, além das outras pequenas cidades, cujos habitantes recorrem à ela para acessar comércios e serviços diversos, como consultórios médicos, serviços de saúde, lojas especializadas, consumos específicos, indústrias, hiper e supermercados, agências bancárias específicas, serviços de entidades internacionais ou serviços públicos específicos concentrados nesta cidade média, que ocupa função importante no contexto regional. Segundo os dados do IBGE de 2016, a Região Administrativa de Marília é formada por 51 municípios.

A influência desta cidade média estende-se também às práticas espaciais dos jovens das pequenas cidades, que frequentam Marília buscando lazer e diversão como bares, casas de shows noturnos, redes internacionais de fast food, cinemas e restaurantes específicos. Como foi também constatado na tese de Ramos (2017), revelando a presença de juventudes das pequenas cidades nos momentos de lazer na cidade de Marília.

Segundo Sposito (2001), ao mesmo tempo em que a cidade média demonstra vínculos com as demais cidades da região, através da centralidade econômica e política que exerce na rede urbana, ela se apresenta também como um espaço atrativo para populações do entorno. Para um entendimento do que sejam cidades médias, compreendemos que as classificações demográficas são insuficientes.

As classificações baseadas meramente em limites demográficos não são suficientes, necessitando de um cruzamento com dados de outra natureza, cobrindo, por exemplo, aspectos como posição regional e na rede urbana, estrutura econômica, relações funcionais externas, alcance da influência polarizadora, características socioeconômicas e demográficas da área de influência e, até, organização e dinâmicas morfológicas internas das cidades. (AMORIM FILHO; RIGOTTI; CAMPOS, 2007, p. 22)

Segundo Whitacker (2003), as diversas interações constantes da cidade média com o espaço regional ao entorno demonstram a fundamental relevância das aglomerações de

hierarquia superior na rede urbana. As cidades médias são definidas assim a partir do seu papel, atendendo as demandas comerciais e sociais em dimensão regional, a partir da centralidade que exercem sobre populações, empresas e de grupos sociais diversos, como por exemplo os grupos de jovens. As cidades médias apresentam infraestruturas em níveis superiores e organização espacial mais complexa.

O crescimento econômico nas cidades médias ocorre também a partir da concentração das diferentes atividades comerciais e de serviços, que estão relacionados ao mercado consumidor regional e local, favorecendo mais recentemente também a instalação de empresas internacionais que atuam no setor de vendas, ampliando as possibilidades de consumo, como shopping centers, hipermercados, redes nacionais, regional e franquias, assim como a instalação de estruturas relacionadas aos setores de saúde, educação, cultura e lazer.

Segundo Gomes (2016), a concentração das atividades econômicas pelo território surge a partir das “condições gerais de produção” presentes nas cidades médias, como aeroportos, ferrovias, rodovias, infraestruturas específicas, circuitos amplos de fibras óticas, equipamentos e serviços diversos, possibilitando amplo desenvolvimento para as atividades produtivas.

De acordo com Marx (1996), o desenvolvimento do capitalismo em áreas urbanas ocorre a partir das transformações nas condições gerais do processo de produção, ou seja, nos meios de comunicação, nos serviços e transportes.

A construção de ferrovias no interior paulista durante o século XX, impulsionou a expansão da cultura do café para o oeste e também fundou e integrou cidades, possibilitando o destaque de específicos polos urbanos no interior.

A formação da rede urbana na região da Alta Paulista está vinculada aos caminhos que foram primeiramente percorridos por tropeiros e, posteriormente, utilizados como rotas para implantação de estradas ferroviárias.

[...] quando as estradas de ferro até então desconectadas na maior parte do país, são interligadas, constroem-se estradas de rodagem, pondo em contato as diversas regiões entre elas e com a região principal do país, empreende-se um ousado programa de investimentos em infra-estrutura (SANTOS, 1993, p. 35).

A construção de estradas de ferro ligando Pompeia a Marília impulsionou conseqüentemente a ampliação nas relações entre os municípios, bem como envolvendo Oriente, por estar dentro da rota de conexão. Em toda essa região havia produtores de café.

Os projetos ferroviários (Figura 4) implantados na região da Alta Paulista possibilitaram o escoamento de produtos do interior para a capital do estado, de onde partiam para o Porto de Santos.

Ao mesmo tempo que os projetos ferroviários eram desenvolvidos, surgiam pontos de paradas no decorrer do andamento das obras. Conseqüentemente, esses pontos de paradas acabaram sendo utilizados para a construção de moradias para os trabalhadores, impulsionando a formação e o crescimento de núcleos urbanos.

Figura 4 - Projeto Ferroviário:



(Organização: Karin Gabriel Moreno, FCT-UNESP/2018).

O projeto ferroviário que conecta Marília e as cidades de Oriente e Pompeia também foi utilizado posteriormente como orientação para a implementações de rodovias na região, como por exemplo, a Rodovia SP-294, que conecta a Região Administrativa de Marília às outras regiões administrativas do interior paulista.

De acordo com Corrêa (2004), a rede urbana caracteriza-se por um conjunto de centros urbanos funcionalmente articulados entre si. A rede urbana pode ser observada como um produto social, historicamente contextualizado. Segundo Santos (1993), as redes servem para garantir a circulação de pessoas, mercadorias, informação material e também informação imaterial. Segundo Corrêa (2007), a rede urbana possui centros que polarizam a economia regional, a partir da convergência dos fluxos, estabelecendo um conjunto articulado. A partir das conexões entre os municípios ocorre a expansão comercial nas áreas urbanas. Cidades pequenas tendem a ser dependentes das cidades médias e metrópoles.

A rede urbana entendida como um conjunto de centros funcionalmente articulados, constitui-se em um reflexo social, resultado de complexos e mutáveis processos engendrados por diversos agentes sociais. Desta complexidade emerge uma variedade de tipos de redes urbanas, variadas de acordo com combinações de características, como o tamanho dos centros, a densidade deles no espaço regional, as funções que desempenham, a natureza, intensidade, periodicidade e alcance espacial das interações e a forma de rede [...]. (CORRÊA, 1999, p. 48).

Segundo Corrêa (1994, p. 21), “a centralidade de um núcleo, está ligada ao grau de relevância do local, e a importância de suas funções centrais, quanto maior o número de comércios, maior a sua região de influência, maior concentração dos movimentos da população que é atendida pela área central”.

A cidade de Marília (Mapa 3) é um importante polo industrial do interior de São Paulo, conhecida como a capital do alimento, devido ao grande número de indústrias do ramo alimentício instaladas no município. Fica distante da capital do estado em 443 km por rodovias. Segundo o IBGE, localiza-se a uma latitude de 22°12'50" sul e a uma longitude de 49°56'45" oeste, estando a uma altitude de 675 metros. A quantidade de população é de 232.938 habitantes, segundo os dados do IBGE de 2014. É classificada como a 13ª maior cidade do interior paulista em número de habitantes.

Mapa 3 - Localização de Marília:



(Organização: Karin Gabriel Moreno, FCT-UNESP/2017).

A cidade de Marília foi fundada em 1923, inicialmente, a economia da cidade era baseada no cultivo de café. A emancipação da cidade de Marília ocorreu somente em 4 de Abril de 1929. Destaca-se que, na década de 70, houve um novo ciclo industrial na região com a instalação de novas indústrias. Segundo Lara (1991), com a posterior instalação de vários cursos universitários em Marília, a cidade passou a atrair vários jovens, o que ajudou no desenvolvimento do comércio do município.

É preciso destacar que um dos maiores bancos privados do Brasil, o Bradesco, teve sua origem na cidade de Marília, assim como foi a primeira cidade do Brasil a ter um caixa eletrônico. Segundo as informações disponibilizadas online pela Prefeitura Municipal de Marília, atualmente, esse caixa eletrônico está em exposição no Museu Municipal “Hélio Antônio Scarabotollo”. Também se destaca que a TAM Linhas Aéreas, eleita em 2006, como a melhor companhia de transporte aéreo regional do mundo, também teve sua origem em Marília. A empresa chamava-se “Táxi Aéreo Marília” e surgiu em 1961. Já durante o ano de 2017, a empresa passou a se chamar LATAM Airlines Brasil e se tornou uma companhia aérea sediada em São Paulo. Segundo os dados da Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC), a LATAM foi considerada em 2018 como a maior empresa do segmento no Brasil.

Segundo Lara (1991), na década de 1940, o município de Marília já era considerado importante polo de desenvolvimento regional e já apresentava variedade de comércios e serviços bem estruturados, impulsionando a distribuição regional de produtos. Após a década de 70, com o surgimento de novas empresas na cidade, ampliou-se ainda mais a relevância regional, empresas passaram a exportar produtos para o exterior, eram transportados alimentos diretamente de Marília para os Estados Unidos e também para o Canadá, para a Argentina, para o Chile e para o Uruguai. De acordo com Melazzo (2012), grandes redes de supermercados, como Walmart e Makro, instalaram-se na cidade mais recentemente.

A Região Administrativa de Marília é uma das dezesseis do estado de São Paulo e caracteriza-se por ser uma região definida por questões geográficas, históricas, sociais e financeiras relacionadas ao desenvolvimento rural e industrial.

A distribuição do PIB – Produto Interno Bruto (Tabela 1), demonstra a relevância da região de Marília como importante para a geração de emprego e renda no Estado de São Paulo.

**Tabela 1 - Regiões Administrativas [P.I.B]:**

Participação no PIB estadual, Produto Interno Bruto e taxas de crescimento Estado de São Paulo e Regiões – 2014-2º trimestre de 2017				
Regiões	PIB			Participação no PIB estadual em 2014 (%)
	2º trimestre 2017 (em bilhões de R\$)	Taxas de crescimento (%)		
		Últimos quatro trimestres / quatro trimestres imediatamente anteriores	Trimestre / trimestre imediatamente anterior (com ajuste sazonal)	
<b>Estado de São Paulo</b>	<b>995,1</b>	<b>-1,7</b>	<b>0,7</b>	<b>100,0</b>
RM de São Paulo	531,2	-1,9	1,2	55,6
RA de Campinas	172,5	-1,4	1,4	17,1
RA de São José dos Campos	53,1	-1,4	1,0	5,0
RA de Sorocaba	50,1	-2,7	-0,7	4,7
RA de Santos	29,9	0,6	-2,6	2,7
RA de Ribeirão Preto	26,7	0,4	-1,9	2,5
RA de São José do Rio Preto	23,6	0,2	0,9	2,3
RA de Bauru	19,2	-1,9	-0,5	1,9
RA Central	17,7	-2,3	0,3	1,7
RA de Marília	15,6	1,7	0,6	1,4
RA de Presidente Prudente	11,8	-3,2	-1,5	1,1
RA de Araçatuba	11,0	-4,3	-0,3	1,1
RA de Franca	10,9	-1,4	-2,8	1,1
RA de Barretos	7,2	-1,0	1,5	0,7
RA de Itapeva	7,6	-7,5	-4,2	0,5
RA de Registro	6,8	3,3	-1,1	0,5

Fonte: Fundação Seade.

(Fonte: SEADE /Produto Interno Bruto das Regiões Administrativas – 2017).

A Tabela 1 demonstra a distribuição do Produto Interno Bruto segundo regiões administrativas do Estado de São Paulo, evidenciando o desenvolvimento econômico da Região de Marília que tem sua base centrada na agricultura, no setor de indústrias e também na pecuária. De acordo com a tabela, pode-se observar que nos últimos anos ocorreu a evolução da taxa de crescimento econômico da Região Administrativa de Marília. Segundo os dados do IBGE de 2016, a região é responsável por 7% da produção agropecuária do interior paulista. A criação de gado de leite faz a região ser uma das principais fornecedoras de Leite Tipo B no Estado de São Paulo. As atividades industriais que mais se destacam na região, tanto pelo valor agregado como pela geração de empregos, são a fabricação de alimentos e bebidas e a produção de máquinas agrícolas.

As extensões do processo de reestruturação da rede urbana no Estado de São Paulo requalificam a hierarquia urbana e impulsionam as relações interurbanas. A concentração de novos investimentos, tanto públicos, quanto privados na cidade de Marília, apostando na sua

posição de centralidade regional, fez dela também um importante mercado de trabalho. A cidade de Marília oferece vagas de emprego a muitos trabalhadores da região, que realizam o movimento pendular em massa, indo até ela trabalhar no período matutino e retornando para suas cidades de moradia somente no período noturno, utilizando-se de automóveis particulares ou transportes coletivos. Os trabalhos de campo dessa pesquisa e também as entrevistas revelaram que cotidianamente, trabalhadores e também consumidores de cidades vizinhas frequentam à cidade média.

O papel da proximidade continua a ter importância, mas as distâncias a partir das quais os consumidores estão dispostos a se deslocar ampliaram-se, porque o tempo para esses deslocamentos tem diminuído, já que melhoraram as formas de transportes, inclusive, com o aumento do número de veículos próprios, bem como a frequência das viagens propiciadas pelo sistema de transporte coletivo. Esses fluxos definem-se, assim, no âmbito da região e marcam e são marcados pela existência de um espaço de continuidade territorial, cuja configuração é a de uma área (JURADO DA SILVA, SPOSITO 2007, p. 32).

Segundo Ramos (2017), em Marília, o circuito juvenil noturno no período dos anos 80 já era diversificado, destaca-se que era um circuito já espalhado por alguns eixos viários da cidade, como Avenida Rio Branco, Avenida das Esmeraldas e Praça São Bento. Já nos anos 90, destaca-se que o transporte coletivo dentro da cidade, tornou-se um instrumento que possibilitava construir novas trajetórias em meio as práticas de lazer na cidade.

Tanto os bailes, como os outros circuitos de lazer juvenil em Marília, atraíam os jovens das cidades pequenas ao entorno. As entrevistas desse estudo destacam que os jovens frequentavam o cinema em Marília, demonstrando a importância desta cidade também no que se refere à oferta de cultura e lazer<sup>7</sup>.

Durante a década de 90, ocorreu a ampliação da frequência dos jovens das pequenas cidades nos momentos de lazer em Marília, devido ao desenvolvimento das modalidades de transporte. É preciso destacar que após os anos 2000, amplia-se ainda mais a participação das juventudes de cidades pequenas nos momentos de lazer em Marília, sobretudo, na primeira década do século XXI, em baladas, bares e shows.

---

<sup>7</sup> O trabalho com História Oral nesta pesquisa tomou como ponto de partida a década de 1980, a partir da qual acessamos os pais e, em alguns casos, avós dos jovens da geração 2000 e atual. Portanto, não podemos afirmar que Marília exerceu polarização desde sempre no que se refere à oferta de atividades ligadas ao tempo livre, mas que a partir da década de 80, esse aspecto é corriqueiro. As entrevistas revelam que certos grupos de jovens saem das pequenas cidades ao entorno e frequentam a noite de Marília. Vão em bares, ou em shows e boates, buscando diversão e também entrar em contato com distintos grupos juvenis.

Segundo Alonso (2006), ocorre durante o século XXI a ampliação das formas de consumo, modificando a intensidade e o conteúdo das práticas de lazer juvenis. De acordo com Góes (2016), ocorre após os anos 2000, ampla difusão das formas de consumo entre os sujeitos nas cidades médias do interior paulista, os comércios tratam o consumidor fantasiosamente como livre para escolher num mercado com amplas possibilidades de diversificação e variedades, que parecem infinitas, produzidas com base no pensamento liberal. Contudo, ocorrem relações diretas entre consumo e alienação.

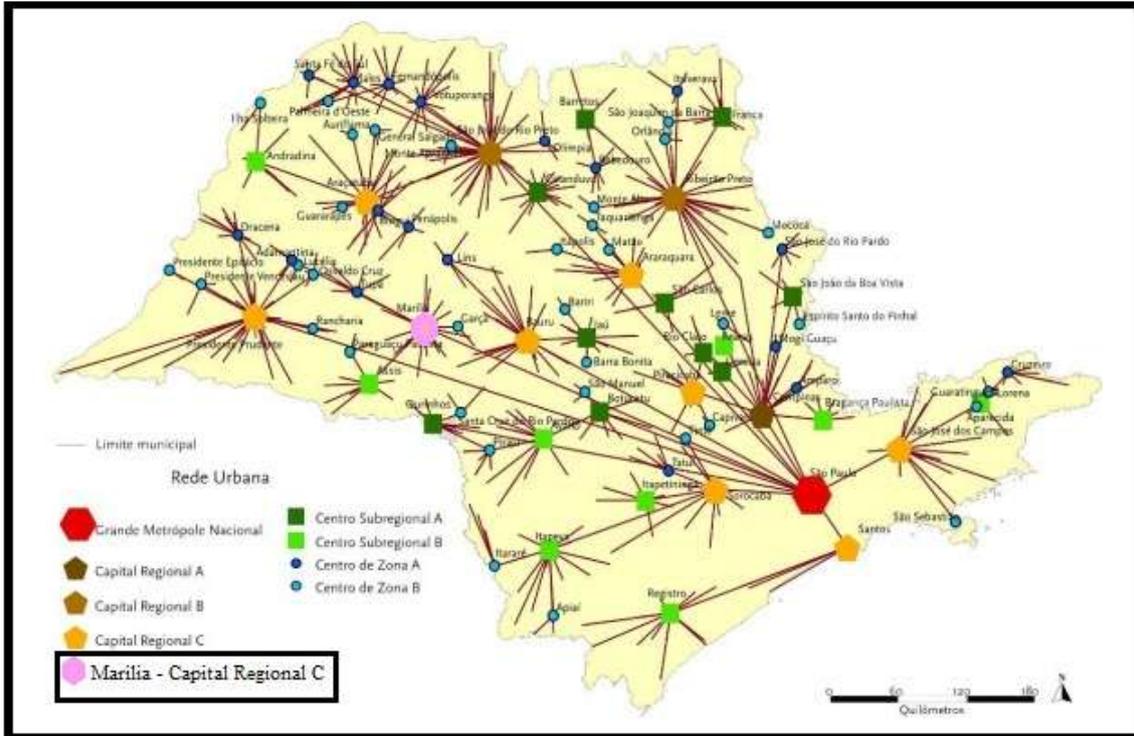
Segundo Góes (2016), a cidade de Marília possui vários equipamentos voltados ao lazer e a cultura. Destaca-se as praças e o Bosque Municipal Rangel Pietraróia. A cidade possui diversificação de consumo durante a vida noturna, com amplas possibilidades de acesso as ofertas de gastronomia. Ocorrem também eventos de perfil universitário. A cidade participa de eventos culturais estaduais como o Mapa Cultural Paulista, Virada Paulista e outras iniciativas. Na parte esportiva, possui espaços diferenciados como o PAM (Parque Aquático Municipal), academias ao ar livre, pista de aerodelismo, estádios municipais, ginásios municipais e também conta com clubes sociais e várias chácaras particulares de recreação.

A cidade de Marília é também onde estão localizadas importantes universidades públicas e privadas que atraem jovens estudantes de diferentes regiões do país, como por exemplo, a Unimar (Universidade de Marília), a Unesp – F.F.C (Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Filosofia e Ciências) e a Univem (Centro Universitário Eurípides de Marília).

Os fluxos de frequências e migrações de jovens dos pequenos municípios, para médias e grandes cidades é um fato comum no interior paulista, objetivando melhorar seu padrão de vida, seja diante das perspectivas de consumo ou mesmo das perspectivas de lazer. As entrevistas deste estudo que são apresentadas nos próximos capítulos, demonstram que as juventudes que frequentam ou migram para as cidades médias acabam criando projetos para suas vidas e diversas expectativas, afim de usufruir das possibilidades e ofertas que compõe o contexto das cidades médias.

A rede urbana no interior paulista (Mapa 4) é formada a partir de uma dinâmica territorial de conexões. No território paulista ocorre organização a partir de uma coesão territorial, a composição da rede urbana é estabelecida sobre uma estruturação hierarquizada.

**Mapa 4 - Rede Urbana no Estado de São Paulo:**



(Fonte: Influências e Polarização sobre a rede urbana / Pesquisa Região de Influência das Cidades, IBGE, 2007.)

A denominação de Capital Regional surgiu a partir de um nível da hierarquia urbana estabelecido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as influências das cidades médias sobre a rede urbana são expostas na pesquisa do projeto (REGIC) - Regiões de Influência das Cidades.

Segundo o IBGE, as capitais regionais se relacionam com o estrato superior da rede urbana, possuem nível de gestão propriamente inferior ao das metrópoles, estabelecem influências de âmbito predominantemente regional. A categorização de Capital Regional C surgiu para definir algumas cidades médias que são destino para diferentes conjuntos de atividades, relacionando-se com grande número de municípios, possuem grande diferenciação de porte quando comparadas as metrópoles nacionais, pois possuem dimensões menores. São consideradas cidades médias que possuem especializações de serviços e são fundamentais polos de desenvolvimento regional. São compostas pelo padrão de localização regionalizado. Exercem influências numa determinada região, sobre pequenas e médias cidades. As Capitais Regionais C são aquelas que polarizam cotidianamente diferentes municípios, possuem uma população de até 250 mil habitantes e com a média de 162 relacionamentos.

As juventudes das pequenas cidades passam a frequentar mais a cidade média, por diversas questões, como renda, falta de equipamentos de cultura e lazer, falta de diversidades nas ofertas de consumo dos pequenos municípios, entre outros fatores.

A pesquisa mostrou que alguns jovens de Pompeia e Oriente frequentam através do transporte coletivo a cidade de Marília, outros vão de carro ou motocicleta, em busca de ofertas de lazer e diversão, nos períodos diurnos e também durante a vida noturna.

As juventudes nas pequenas cidades vão construindo, ao longo do tempo, no imaginário, a idealização de viver novas experiências e oportunidades mais atraentes nas cidades médias. É importante considerar que os jovens experimentam as cidades pequenas, muitas vezes, como um lugar do qual é necessário sair, buscando mudar-se para cidades maiores, almejando encontrar novas experiências, oportunidades e diversidades. Desse modo, a cidade média compõe o escopo das experiências das juventudes que residem nas pequenas cidades ao entorno, sendo componente da prática que podemos denominar como “escape”, momento em que os jovens fazem um esforço para escapar do tédio do cotidiano e da falta de ofertas de lazer e consumo das pequenas cidades, assim frequentando as cidades médias e grandes.

O “escape” é realizado principalmente nos momentos de tempo livre, quando os jovens de pequenas cidades buscam encontrar nas cidades maiores das proximidades, amplas possibilidades de diversão, objetivando também conhecer novas pessoas, e vivenciar diversas experiências em um lugar onde sejam considerados anônimos ou desconhecidos, pois na cidade pequena “todo mundo conhece todo mundo”, assim, escapar dos olhares conhecidos é desfrutar de maior liberdade.

É preciso destacar que a prática de sair momentaneamente da cidade, ou permanentemente, realizada pelos jovens que são naturais das cidades pequenas do interior, compõe a identidade desses sujeitos, pois a identidade também é constituída a partir das práticas e tendências que fazem parte das experiências vividas pelos indivíduos.

O conceito de “escape”<sup>8</sup> parte do entendimento das práticas espaciais que se estendem à microterritorialidades. Os jovens nas pequenas cidades buscam escapar dos ritmos mais lentos do cotidiano próprio de municípios como Oriente e Pompeia e, assim, frequentam a cidade de Marília, que possui maiores fluxos de pessoas e informações, objetivando buscar novas vivências, diferentes experiências e também ampliar as possibilidades de consumo.

---

<sup>8</sup> Durante o decorrer da pesquisa, algumas expressões utilizadas entre os jovens que participaram da pesquisa, foram relevantes para entendermos suas práticas. Por exemplo, a palavra "escape", era uma expressão que carregava um tipo de espacialidade para os momentos de tempo livre, utilizada pelos jovens também para seus momentos de lazer. Segundo Ramos (2017), podemos inserir na pesquisa de estrutura científica a identificação dessas expressões como conceitos êmicos, sendo este um exercício de adaptação da teoria à realidade. Assim, os colaboradores deste estudo não apenas compartilhavam informações, mas ajudavam a encontrar nas suas realidades cotidianas as características de práticas espaciais, possibilitando a ampliação do entendimento de uma base conceitual.

Assim, podemos concluir que o fluxo de informações e mercadorias existente na cidade de Marília atrai e movimentam o cotidiano das pessoas de toda a região, inclusive dos jovens, pois subsiste na cidade média maior intensidade de movimento nas praças e espaços públicos, a disposição de mais ampla oferta de lazer e consumo, que também contempla a diversidade das práticas juvenis, tornando a cidade média um importante centro de encontro entre diferentes grupos juvenis e também para os jovens de Oriente e Pompeia, principalmente para aqueles que possuem recursos suficientes para viver sua experiência de juventude para além do que sua pequena cidade oferece como campo de possibilidades.

### **2.3. Pompeia**

A cidade de Pompeia foi fundada em 17 de Setembro de 1928, segundo os dados encontrados no Censo do IBGE, registrados em 2010, a cidade possui cerca de 1.449 habitantes na área rural e 18.514 na área urbana, totalizando uma população de 19.963 pessoas.

A região onde localiza-se Pompeia, foi primordialmente habitada pelos índios Coroados. Segundo Gagliardi (1996), os primeiros desbravadores chegaram na região durante o ano de 1852, quando o Governo Imperial concedeu posse primária de parte das terras localizadas nas bacias dos rios Peixe e Feio a João Antonio de Moraes, Francisco Rodrigues de Campos e Francisco de Paula Moraes.

De acordo com Gagliardi (1996), em 1919, o Sr. Júlio da Costa Barros e diversos habitantes da cidade de Cravinhos, conhecida também na época como Região da Mogiana, dirigiram-se à região de Pompeia, que naquela época era toda coberta de matas virgens.

Os primeiros a adquirirem terras rurais no território que hoje pertence a Pompeia foram os Irmãos Lélío e Marcelo Pizza, terras que foram destinadas à agricultura, nos locais que foram denominados de Vila Novo Cravinhos, Vila Olinda e Bairro Córrego Branco, terrenos desmembrados da fazenda Guataporanga. Segundo Gagliardi (1996), os irmãos Pizza criaram, na verdade, dois grandes latifúndios nas vertentes do rio Aguapei, de onde se origina o território que hoje pertence a Pompeia. Ainda segundo a autora, a primeira casa de comércio construída em Pompeia surgiu por volta do ano de 1927, no meio do mato, para suprir as fazendas existentes nas redondezas e que estavam produzindo café.

A região onde está inserida a cidade de Pompeia até o ano de 1928, era um local ainda coberto por matas virgens. Depois da chegada do Senador Rodolfo Miranda, ocorreu um

planejamento para a formação da cidade. O senador ordenou que fossem roçados e derrubados 250 hectares de matas e realizaram as vendas de lotes, lotes que foram denominados na época como Patrimônio Otomânia. Passaram a comercializar lotes, dessa forma explorando os potenciais vinculados a renda da terra na localidade. Os loteamentos ficaram a cargo do Sr. Francisco Chaves de Moraes, Otomânia então passou a chamar-se Pompeia, em homenagem à esposa do Senador Rodolfo Miranda, Dona Aretuza Pompeia da Rocha Miranda.

Destaca-se que Pompeia surgiu no contexto de negociações com a terra, num período em que a terra rural era já mercadoria e a expansão do café para o oeste valorizou estas terras, antes cobertas por densas matas virgens.

A estrada de ferro que passa em Pompeia é vinculada à Ferrovia Sorocabana. De acordo com Gagliardi (1996), a estrada de ferro na região teve suas construções iniciais no ano de 1934 e a primeira composição de passageiros chegou a Pompeia no dia 15.02.1935, data de sua inauguração, com o nome de Companhia Paulista de Estrada de Ferro (C.P), que separou a cidade em duas partes, de um lado, o Bairro Flandria, terras pertencentes ao Sr. Lélío Toledo Pizza, e do outro lado todos os outros espaços de Pompeia, cujo dono das terras era o Senador Rodolfo Nogueira Miranda.

O viradouro da locomotiva era ao lado da Igreja Matriz, onde hoje estão a praça e a fonte luminosa da cidade. Segundo Gagliardi (1996), a profundidade do viradouro possuía estrategicamente a mesma altura da locomotiva. Com o passar do tempo, foi aterrado e a praça pode ser construída.

A história da cidade de Pompeia é vinculada à história de Shunji Nishimura, japonês que chegou ao Brasil em 1932, inventor da Colhedora de Café, hoje utilizada em todo o país, e comercializada internacionalmente. Sua empresa se tornou multinacional, mas a sede principal ainda está localizada em Pompeia. Shunji também é o inventor do Pulverizador Costal, utilizado nas lavouras de pequenas propriedades por todo o Brasil. Ao chegar na cidade de Pompeia, instalou-se junto com sua família e com o passar dos anos fundou sua empresa Jacto, um Colégio Agrícola e também a FSNT (Fundação Nishimura), que atendem os jovens das cidades e também de outros municípios, de diferentes formas. As multinacionais são empresas com atividades diversas e que se realizam entre diferentes nações. Apesar das empresas internacionais atuarem em vários países, elas possuem uma única e principal sede. A empresa Jacto propicia aos jovens da cidade a possibilidade de estudarem cursos técnicos na Escola Profissionalizante Chieko Nishimura, também em parceria com o Governo do Estado de SP, possibilita aos jovens participarem da FATEC - Shunji Nishimura, e a empresa também oferece o “Clube da Jacto”, para recreação e momentos de lazer, aberto aos jovens da

cidade. Devido a essas questões, a cidade hoje possui um desenvolvimento relevante comparativamente a outros municípios do mesmo porte no interior paulista. A cidade de Pompeia (Figura 5), foi registrada com PIB per capita de R\$ 38.105,48 durante o ano de 2017<sup>9</sup>, e possui dimensões urbanas de uma pequena cidade, como várias outras cidades no Brasil.

O município tem a sua economia firmada no Comércio, Agropecuária, Indústria, Prestação de Serviços, e destaca-se a presença da indústria Jacto S/A, que emprega grande parte da população local, realizando inovações tecnológicas e produzindo máquinas agrícolas. A empresa já completou mais de 70 anos atuando no mercado.

**Figura 5** - Fotografia da Cidade de Pompeia / SP:



(Fonte: 2017 - Biblioteca Municipal Monteiro Lobato - Pompeia).

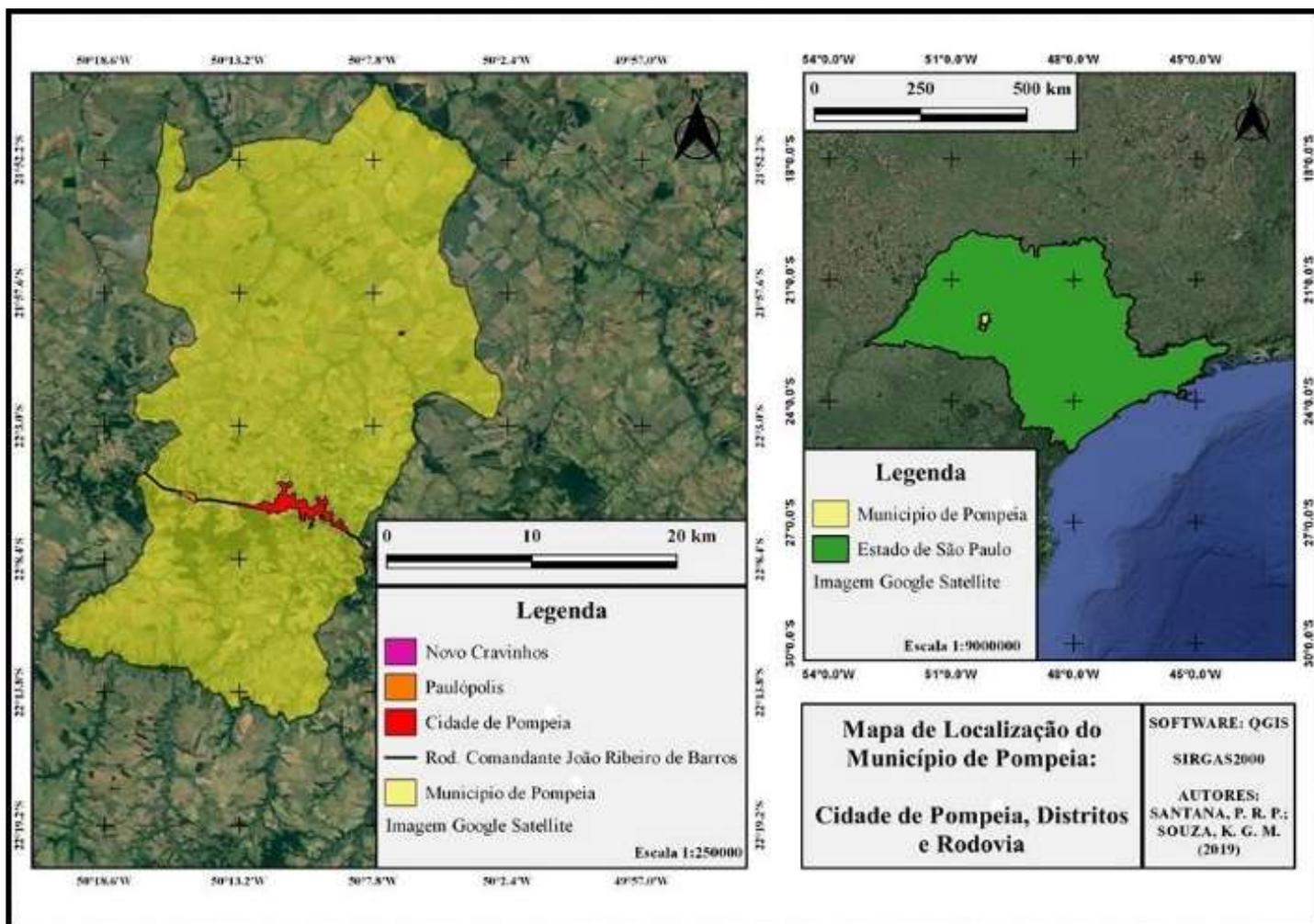
Nossas análises são voltadas ao distrito sede do município de Pompeia, que ganhou esta condição pois sempre exerceu centralidade perante os demais distritos e se firmou ao longo do tempo como núcleo urbano mais importante do município. Nesse sentido, ao estudarmos a cidade de Pompeia, abordamos também as práticas das pessoas que residem nos distritos e bairros rurais, pois realizam parte de sua vida cotidiana na sede do município. O município de Pompeia possui atualmente dois distritos anexados, Paulópolis e Novo Cravinhos (Mapa 5)<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> Os dados do IBGE de 2017 encontrados no Portal Cidades, exibiram Pompeia registrada com PIB per capita de R\$ 38.105,48.

<sup>10</sup> Até a década de 1950, o município de Pompeia contava com um terceiro distrito, o distrito de Queiroz, que foi emancipado no período.

Mapa 5 – Município de Pompeia e Distritos:



Org: [P.R.P. Santana; K.G.M. Souza; 2019].

A cidade de Pompeia e o distrito de Paulópolis, de acordo com os dados do IBGE publicados em 2010 no censo, estão separados por uma distância de cerca de 7.1 km em linha reta. O distrito e a cidade são conectados através da Rodovia Comandante João Ribeiro de Barros (SP-294). Desde 2018, a área industrial de Pompeia vem ganhando novas empresas e vem ocorrendo uma expansão visível da malha urbana, em direção à malha urbana de Paulópolis, mas até o momento não se verifica conurbação, ainda que a rodovia seja um importante eixo de expansão urbana em ambos os sentidos.

Já a distância entre o distrito de Novo Cravinhos e a cidade de Pompeia é de 17,8 km, segundo os dados do IBGE (2010). O distrito de Novo Cravinhos é tipicamente uma vila rural, com algumas expressões de urbanização, como poucas ruas de asfalto e uma pequena praça.

Em termos de projetos sociais para os jovens, Pompeia possui os projetos denominados Ação Jovem e Projeto Guri, que atingem várias outras cidades do estado. O Projeto Guri

possui vários polos de extensão, com foco preferencial em jovens de periferia e de famílias financeiramente pobres da sociedade. É realizado através de parcerias do governo do Estado de São Paulo com as prefeituras locais, buscando inserir os jovens em diferentes culturas musicais. Observando o funcionamento do projeto durante os trabalhos de campo, foi possível verificar que a ótica do projeto é trabalhar com adolescentes e jovens ensinando diferentes instrumentos musicais, inserindo cotidianamente valores morais e éticos aos participantes, junto com a disciplina, pretendendo assim melhorar a vida educacional dos envolvidos.

Segundo a Seads (Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social de São Paulo), o Ação Jovem é um programa que foi criado em 2004 para beneficiar jovens na faixa etária de 15 a 24 anos, matriculados no ensino regular de educação básica ou educação de jovens e adultos – EJA, e que se encontram em situação de vulnerabilidade social, priorizando aqueles pertencentes às famílias com renda mensal de até meio salário mínimo. O objetivo do programa é incentivar os jovens a concluírem seus estudos e, assim, terem mais chances no mercado de trabalho. Para isso, é disponibilizada, por meio de cartão magnético, uma bolsa-auxílio de R\$ 60,00 mensais durante 12 meses, podendo ser prorrogado por até dois períodos iguais, desde que o jovem continue atendendo aos critérios de elegibilidade do programa. De acordo com os dados encontrados na página online da Prefeitura Municipal de Pompeia, a cidade possuiu registrados durante 2017, efetivamente 75 jovens que integravam o programa e que seguem um calendário de atividades.

Existe também em Pompeia o Projeto Tempo Útil, no qual jovens frequentam uma escola, afim de realizarem atividades educacionais. Além deste, também ocorrem alguns projetos pontuais na cidade, projetos que envolvem atividades esportivas, como por exemplo, treinos de Judô gratuito, que ora estão em funcionamento e ora estão desativados, não mantendo grande regularidade como os outros citados anteriormente, devido as mudanças políticas que ocorrem de tempos em tempos no município. Ambas as cidades estudadas nessa pesquisa, Pompeia e Oriente, contam com escolas públicas de futebol, de vôlei, entre outras modalidades, que inserem jovens em atividades esportivas.

Segundo Abramo (1997), grande parte dos projetos e programas desenvolvidos por ações governamentais ou instituições voltadas para os jovens, atuam visando diminuir as dificuldades de integração social de jovens e adolescentes em desvantagem social, e geralmente estão relacionados a programas de ressocialização.

É necessário notar que os projetos ocorrem através de educação não-formal, oficinas ocupacionais, atividades de esporte e “arte”, porém, parte

considerável desses programas, apesar das boas intenções neles contidos, o que se busca, explícita ou implicitamente, é uma contenção do risco real ou potencial desses garotos, pelo seu “afastamento das ruas” ou pela ocupação de “suas mãos ociosas”. Há alguns projetos preocupados com a questão da formação integral do adolescente, na qual se inclui a sua formação para a “cidadania”, enfoque que vem ganhando corpo mais recentemente. A grosso modo, no entanto, pode-se dizer que a maior parte desses programas está centrado na busca de enfrentamento dos “problemas sociais” que afetam a juventude (cuja causa ou culpa se localiza na família, na sociedade ou no próprio jovem, dependendo do caso e da interpretação), mas, no fundo, tomando os jovens eles próprios como problemas sobre os quais é necessário intervir, para salvá-los e reintegrá-los à ordem social (ABRAMO, 1997, p.26).

De acordo com Abramo (1997), a perspectiva de projetos sociais desenvolvida sobre pressão da urgência frente a situações de desamparo das juventudes, na maior parte dos casos, surge num registro imediatista e desarticulado. E isso gera impactos aos projetos sociais, que passam a atuar com pouca capacidade de gerar uma compreensão ampla e aprofundada, por parte dos agentes sociais, a respeito do público alvo, das características e singularidades dos jovens, suas questões e modos de experimentar e interpretar as situações “problemáticas”.

Segundo Abramo (1997), é necessário que as ações realizadas por parte de prefeituras e instituições desenvolvam projetos que se baseiem na ideia de protagonismo juvenil, assim desenvolvendo atividades centradas na noção de que os jovens são colaboradores e partícipes nos processos educativos que com eles se desenvolvem.

Assim, destacamos relevantes questões sobre os projetos sociais que também fazem parte da contextualização histórica da cidade de Pompeia, contribuindo para a compreensão da história das juventudes na cidade. Para contextualizar as questões da juventude, também é necessário explicar os fatos de destaque na história da cidade.

A cidade possui um elevado índice de IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), com o número de 0.816, já a taxa de mortalidade infantil média na cidade é de 15,69 para 1.000 nascidos vivos. Segundo o IBGE, Pompeia fica na posição 174 de 645 municípios do estado<sup>11</sup>.

Segundo o IBGE, em 2016, o salário médio mensal era de 3.8 salários mínimos e a proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 36.8%. Na comparação com os outros municípios do Estado de São Paulo, ocupa posições elevadas, considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha em 2016,

---

<sup>11</sup> Índice de Desenvolvimento Humano Municipal é uma medida composta de indicadores de três dimensões do desenvolvimento humano: longevidade, educação e renda. O índice varia de 0 a 1. Quanto mais próximo de 1, maior o desenvolvimento humano. A vida longa e saudável da população é medida pela expectativa de vida ao nascer, calculada por método indireto a partir dos dados dos Censos Demográficos do IBGE.

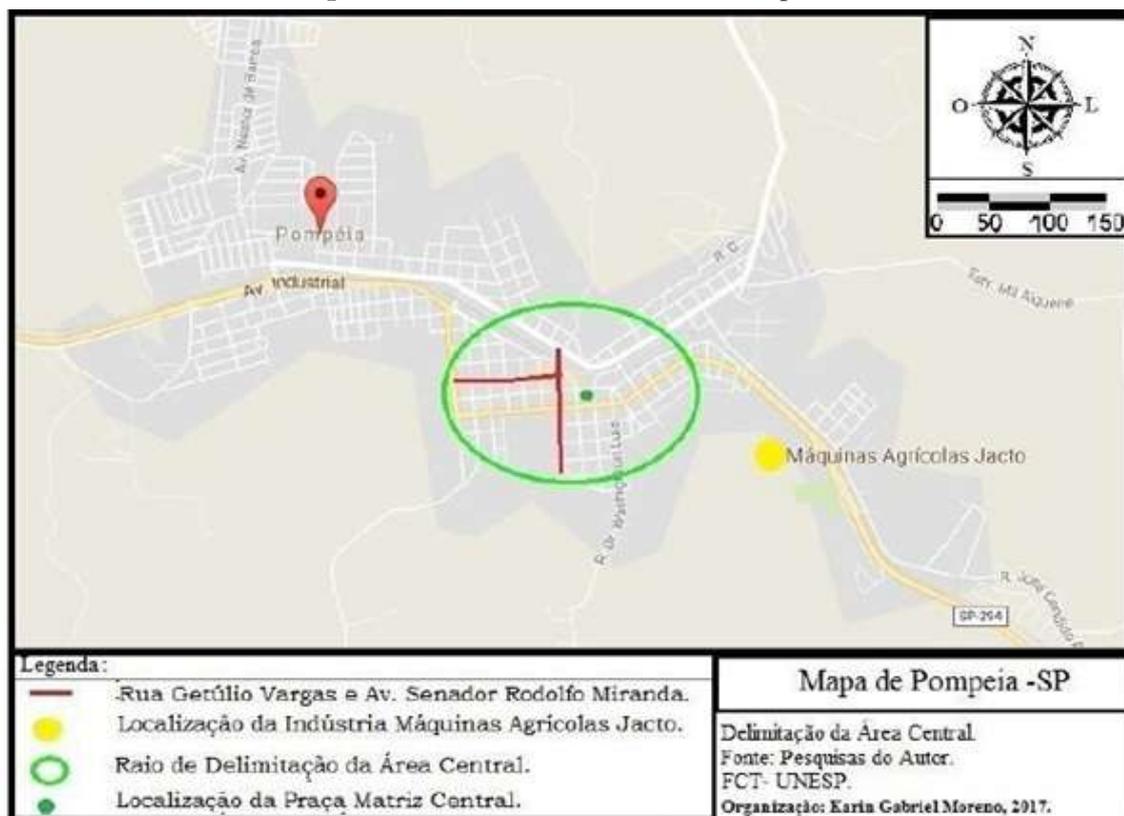
31.4% da população nessas condições, o que a colocava na posição 315 de 645 dentre as cidades do estado paulista.

Segundo os dados de 2017, do Observatório das Metrôpoles, coordenado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), considerando em torno de 5,5 mil municípios do Brasil, entre as 100 cidades que apresentam o melhor quadro de bem-estar para a população no país, a pequena cidade de Pompeia, no interior do Estado de São Paulo, aparece em 8º posição.

O Observatório das Metrôpoles disponibiliza a base de dados do Índice de Bem-estar Urbano através do IBEU Global, com os indicadores de mobilidade urbana, condições ambientais urbanas, condições habitacionais urbanas, atendimento de serviços coletivos urbanos e infraestrutura urbana.

A cidade de Pompeia detém um único centro (Mapa 6), que representa forte atração sobre as outras áreas da cidade. Centro que desempenha as funções mais importantes na pequena cidade e proporciona acesso aos bens de consumo e aos serviços ali disponíveis. Durante os trabalhos de campo deste estudo, verificamos que a área central de Pompeia é demarcada pela Praça da Igreja Matriz, pela Rua Getúlio Vargas, pela Rua José de Aguiar Morães, pela Rua Francisco M. Beato, pela Rua João da Costa Viêira e pela Avenida Senador Rodolfo Miranda.

**Mapa 6 - Área central da Cidade de Pompeia / SP:**



(Fonte: Google Earth/Pesquisas do Autor - Organizador: MORENO; Karin. Base Cartográfica – Google Earth. [2017]).

O centro da cidade também exerce importante papel nos momentos de lazer, pois foi possível observar em campo, que é o lugar que as pessoas frequentam para se descontraírem, consumir em bares ou mesmo restaurantes. Apesar da Rua Getúlio Vargas e da Avenida Senador Rodolfo Miranda serem os principais eixos comerciais, as outras diversas ruas que estão localizadas no mapa, dentro do raio de delimitação da área central também possuem a presença de bares ou lanchonetes, mesmo galerias, supermercados ou sorveterias. Dessa forma, também estão exercendo importante papel dentro do raio de delimitação da área central.

Existe também em Pompeia bares e pizzarias localizados fora do raio de delimitação da área central, existem comércios fora do raio de delimitação realizado aqui neste trabalho, ocorrem formas de lazer também fora do raio de delimitação aqui exposto. Contudo, é necessário identificar e explicar a centralidade existente nesta cidade pequena, e a importância da área central para a oferta de lazer e também para a dinâmica da vida social na cidade.

Inseridos no mapa, dentro do raio de delimitação da área central, estão lugares importantes para a sociabilidade dos jovens, adultos e idosos e para a vida noturna ou diurna

da cidade, como por exemplo, a Praça Matriz Central, a Pista de Skate e também a Estação Ferroviária, onde ocorreram, durante o ano de 2017, as feiras livres noturnas.

Na área central que delimitamos estão também localizadas as agências bancárias, a principal rodoviária da cidade, os principais supermercados, o Fórum (Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo), a Delegacia de Polícia, os principais prédios de administração pública, a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, o maior número de lojas e de ofertas de bens ou serviços.

De acordo com Sposito (1998), a centralidade nas cidades não é verificada somente pelo número de comércios que se instalam em determinado bairro, mas também pelo fluxo que ocorre no espaço central, pela fluidez de automóveis e de pessoas, pela frequência de atividades de consumo. A centralidade é relacionada a movimentação que ocorre no lugar e o quanto as pessoas de outros bairros mais distantes frequentam a área central, pois ali é o principal espaço quando se trata de relações da sociabilidade, de propagandas comerciais e de contato com diversas informações na cidade.

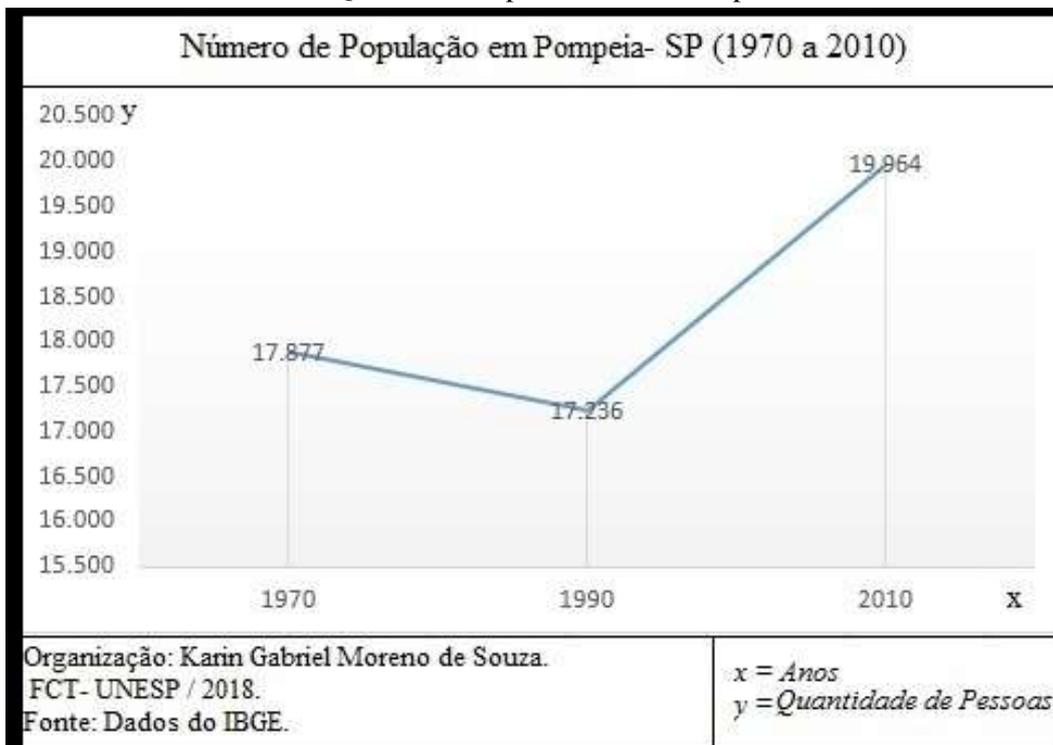
Quando pensamos sobre os conceitos de centro e centralidade, logo nos remetemos também a pensar sobre o conceito de periferia. No caso da pequena cidade de Pompeia, a população observa como periferia não propriamente os bairros que estão na margem geográfica do perímetro urbano, mas sim os bairros que possuem maior número de casas de madeira, maior número de famílias de baixa renda, bairros com pouca presença de infraestrutura urbana ou com aparência física antiga e degradada. Muitas vezes, esses bairros estão localizados próximos ao centro, ou seja, dessa maneira percebe-se que os bairros recebem o designativo pejorativo de periferia pelo seu conteúdo social e estrutural e não devido a localização geográfica.

No plano da rede urbana, a cidade de Pompeia recebe influência da polarização de Marília-SP, que mantém papel enquanto cidade média nas proximidades. Correspondente à ausência da comercialização de alguns produtos ou em alguns períodos, quando diversos comércios fecham nas cidades pequenas, as pessoas, e em grande parte os jovens, que são naturais dos municípios pequenos se deslocam até outras localidades, com maiores possibilidades de consumo e de maior nível em meio a rede urbana, para buscarem a oferta de serviços especializados, como por exemplo, serviços de lazer e entretenimento.

Para compreender as modificações que ocorreram na história da cidade de Pompeia, é fundamental realizar observações sobre as mudanças demográficas, pois o município perdeu população após os anos de 1970, a partir do processo de êxodo rural, combinando o avanço

da industrialização e da difusão de tecnologias em áreas rurais do interior<sup>12</sup>, juntamente com o desenvolvimento e consolidação de novas áreas industriais na cidade de São Paulo e cidades ao entorno, impulsionando as pessoas a migrarem, deixando as pequenas cidades e buscando oportunidades de emprego em cidades grandes.

**Gráfico 1** – Números de Quantidade Populacional em Pompeia – SP de 1970 a 2010.



(Fonte: Dados do IBGE – Análises por décadas - Dados do Município de Pompeia/SP. Organização: Karin Gabriel Moreno, 2018).

O município de Pompeia, no Censo do IBGE em 1970, registrava 17.877 habitantes. Duas décadas depois, os dados do IBGE de 1990, demonstram que o município possuía 17.236 pessoas, já no Censo do IBGE de 2010, a população é de 19.964. O Gráfico 1 exposto, acompanha as décadas históricas observadas durante o desenvolvimento dessa pesquisa.

De acordo com Moreira (2005), entre os anos de 1960 a 1980, o processo de êxodo rural ampliou-se no Brasil, acompanhando do surgimento de novas formas de mecanização no campo. O trabalho humano passou a ser realizado por máquinas em diversas modalidades,

<sup>12</sup> Segundo Chianca (2007), o processo de êxodo rural caracterizado pela movimentação da população rural, que realizaram migrações do campo para as cidades, intensificou-se durante a Revolução Verde (processo de disseminação de novas sementes e práticas agrícolas iniciadas em parcerias dos Estados Unidos da América com o México durante a década de 50), uma vez que nas áreas rurais as máquinas substituíram os trabalhadores nas colheitas e no plantio, assim migravam em busca de melhores condições de vida, transferindo-se de regiões com poucas oportunidades, para outras regiões consideradas mais desenvolvidas, saindo de áreas rurais para centros urbanos, fenômeno que ocorreu em grandes proporções no Brasil na segunda metade do século XX.

também ocorreu a chegada de indústrias nos grandes núcleos urbanos, que geravam oportunidades de emprego e aumento demográfico em grandes cidades.

No município de Pompeia mais particularmente, também ocorreu o declínio da produção de batatas e de cana-de-açúcar, fazendo pequenos produtores a migrarem em busca de melhores mercados para a produção e comercialização ou mesmo para atividades distintas e residência urbanas. Alguns produtores, contudo, ainda resistiram e permaneceram no município de Pompeia, mantendo-se com o desenvolvimento da pecuária - em especial com a criação de bovinos e suínos. Contudo, no município de Pompeia, também ocorreu historicamente, a recuperação do contingente populacional, que havia sido perdido no passado e o município até mesmo ultrapassou os números do passado e continua crescendo demograficamente.

A cidade de Pompeia passou a ganhar novos habitantes com a chegada de novas empresas no município e com o crescimento da indústria Jacto S/A, que ampliou suas estruturas, envolvendo as edificações da Brudden, da Movement e da Jacto Clean, que conseqüentemente geraram novas vagas de empregos.

Destaca-se que no Censo do IBGE, a composição do número de população do município de Pompeia - (SP) leva em consideração populações rurais e urbanas e também leva em consideração os distritos, assim são juntamente somados os contingentes populacionais dos distritos anexados (Paulópolis e Novo Cravinhos).

A partir das questões expostas nesta parte da pesquisa, podemos concluir que a cidade de Pompeia passou por transformações demográficas ao longo dos anos e que isso também esteve relacionado a evolução produtiva no setor agrícola e no setor industrial do município, também foram evidenciados aspectos significativos sobre a estrutura urbana do município, relatando questões históricas e expondo a caracterização da centralidade urbana na cidade pequena estudada. Levando em consideração os aspectos importantes tratados neste capítulo, interpretamos a história de Pompeia em nosso estudo compreendendo as dinâmicas temporais.

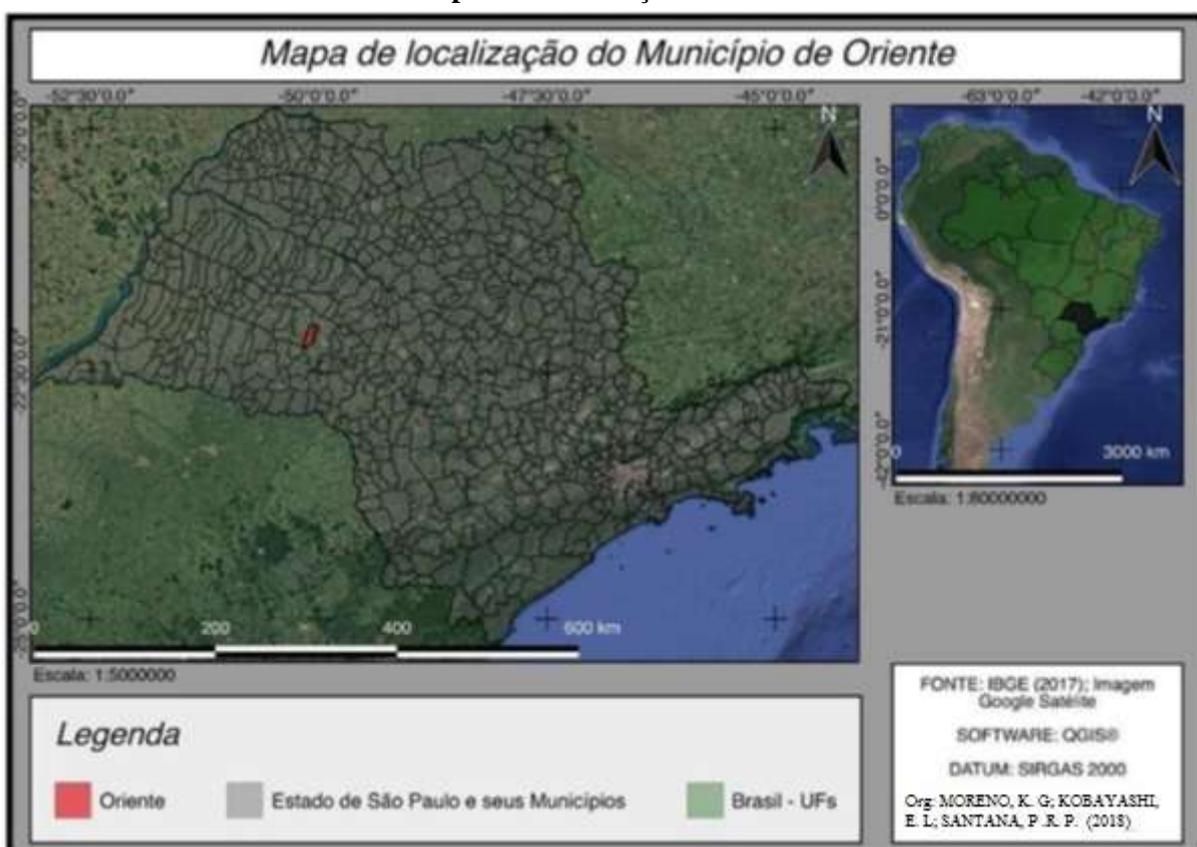
## **2.4. Oriente**

O distrito foi criado com a denominação de Oriente em outubro de 1934 e ganhou o status de município autônomo em novembro de 1944, desmembrando-se dos Municípios de Marília e Pompeia. Atualmente, o IBGE registra que a população rural é de 822 habitantes e a urbana é de 5.275 habitantes, com um total de 6.097 mil habitantes, sendo que no ano de

1950, o município chegou a contar com aproximadamente 12 mil habitantes. Os dados dos registros históricos do IBGE, exibem o município de Oriente com 11.867 habitantes no ano de 1950.

Ainda que a cidade de Oriente (Mapa 7), possua população rural menor que o índice de população urbana, sabemos que a cidade possui grande relação com o campo em sua história. Dessa forma, aspectos do campo são observados em meio ao cotidiano da cidade de Oriente. São rugosidades de um momento em que a população rural era maior que a urbana e em que o núcleo urbano era importante ponto de apoio para as atividades que aconteciam no seu campo imediato.

**Mapa 7 - Localização de Oriente – SP:**



(Fonte: Dados do IBGE/2017 – Org: MORENO, K. G; KOBAYASHI, E. L; SANTANA, P. R. P. - 2018).

As relações econômicas, as dimensões urbanas, o cotidiano da população e as práticas socioespaciais foram transformadas pelo processo de êxodo rural, intensificado no Brasil na década de 1950, através da chegada da industrialização e das novas tecnologias no espaço agrário. Analisamos aqui como este processo ocorreu no município de Oriente. Este aspecto revela também a existência de rugosidades do passado, presentes na atualidade, as estruturas, a aparência, as formas e funções das pequenas cidades se constituem em paisagens técnicas

que podem ser periodizadas perante o desenvolvimento do modo de produção ao longo do tempo.

Segundo Santos (1993), as rugosidades podem ser observadas através das transformações técnicas que se relacionam com as mudanças do espaço, a partir da difusão não-homogênea das técnicas, assim caracterizando a paisagem como resultado da acumulação desigual dos tempos.

A Companhia Paulista de Estradas de Ferro, partindo de Bauru, rumava durante o século XX, ao oeste do Estado, até atingir o Rio Paraná, através das bacias do Feio e Aguapeí, matas ainda não desbravadas. A fertilidade das terras e o fácil escoamento da produção agrícola local suscitaram o povoamento da região, formando pequenos núcleos. Por volta de 1929, Carlos Vendramini, procedente de Pirajuí, estabeleceu-se nas terras, onde consequentemente derrubou a mata existente e em seguida preparou o terreno para formação de um povoado, núcleo inicial de Oriente. Outros diversos habitantes foram chegando, abrindo pequenos sítios e algumas fazendas dedicados à cultura do algodão e amendoim, logo substituídos pelo café.

Segundo Lobato (2004), para a denominação de suas estações, a Companhia Paulista de Estradas de Ferro adotou uma ordem alfabética, à medida que fossem sendo instaladas, destacando o povoado de Carlos Vendramini, referenciado pela letra “O”, motivo da designação do nome Oriente.

Segundo Leite (1972), os avanços nas construções de trilhos trouxeram para o interior paulista várias pessoas de diversas regiões do Brasil, que foram importantes no povoamento urbano, que geralmente se iniciava nos arredores das estações.

O espaço guarda os testemunhos desse tempo, refletindo um tempo antigo de um modo de produção, mais rural, uma memória do espaço construído, das edificações fixadas na paisagem criada. Dessa maneira, espaço é uma forma durável, que não se desfaz com a instalação de novos processos. Algumas transformações se adaptam às formas pré-existentes, ainda que surjam novas formas para se inserir em meio àquilo que já existe.

A cidade de Oriente (Figura 6) é considerada uma cidade pequena, segundo as classificações do IBGE. De acordo com Lobato (2004), durante a década de 80, o comércio da cidade era mais movimentado, devido a presença da Usina Paredão na cidade, que era instalada na área rural do município e que fortalecia a economia local. Com as crises econômicas e com a intensificação do processo de êxodo rural, a Usina Paredão foi perdendo potencialidades na economia da cidade e acabou demitindo funcionários, por não haver mais o mesmo grau de produtividade.

**Figura 6** - Fotografia da Cidade de Oriente / SP



(Fonte: Biblioteca Municipal de Oriente - 2017)

De acordo com Lobato (2004), no início dos anos 2000, a cidade ainda mantém relações importantes com o meio rural. Suas pesquisas demonstram que existia 70% das terras ocupadas por pastagens em 2001, com o desenvolvimento da pecuária.

Segundo Lobato (2004), a família Vendramini, uma das famílias consideradas “pioneiras” no município, loteou parte da cidade e reservou uma quadra inteira para que fosse construída a Igreja, que recebeu o nome de Igreja Santa Luzia, em homenagem à padroeira do Patrimônio. Essa Igreja era atendida pela Paróquia de Santo Antônio, de Marília. Com o crescimento da localidade foi, então, planejada a construção de uma nova Igreja, que passaria a ser a Matriz.

Em Oriente existiram várias máquinas de beneficiamento de café durante o século XX, sendo uma na Fazenda Paredão, uma na Fazenda Oriente e outra na Fazenda Santa Luzia, além de duas instaladas na sede do município. Já no ano de 2001, só havia máquinas desse tipo na Fazenda Paredão, na Fazenda Oriente e na Intercofe, na sede do município. No passado, existiu na cidade indústrias de extração de óleo de amendoim, extração de óleo de laranja e também refinaria de açúcar e álcool. Também funcionaram na cidade, durante a década de 1950, olarias, na Usina Paredão, na fazenda do Sr. Juca de Cayres e na Fazenda Santa Luzia. Ainda hoje, se encontra pela cidade parte de casas mais antigas construídas com os tijolos da marca J.C. (Juca de Cayres), mas todas as olarias estão desativadas atualmente (LOBATO, 2004).

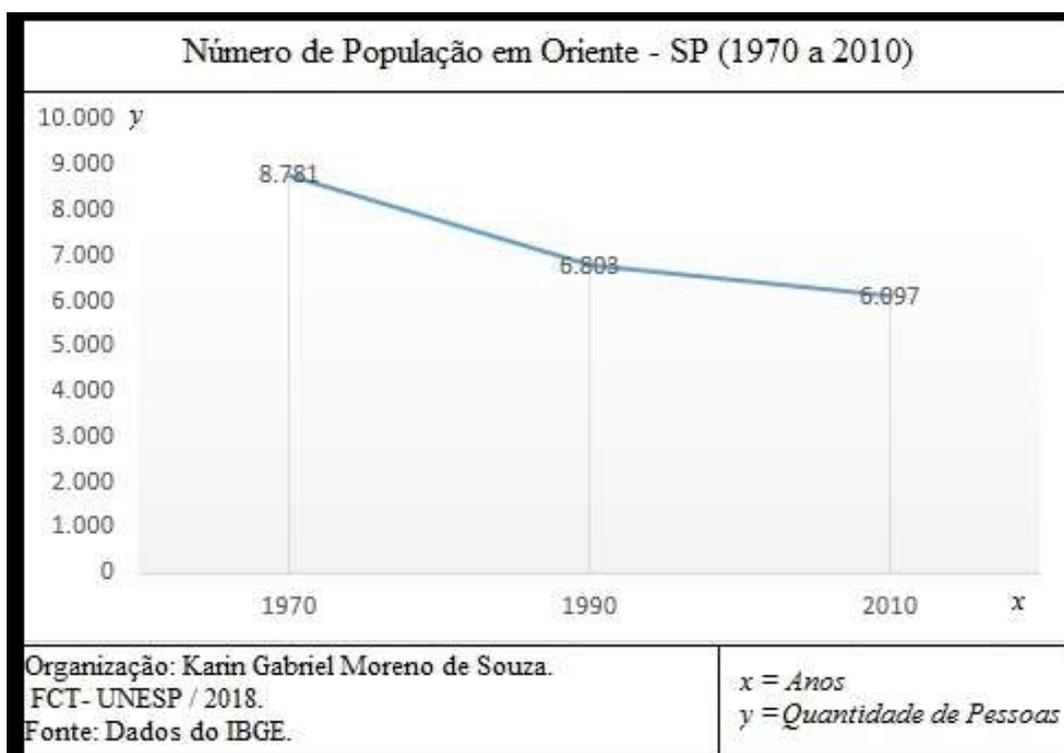
O comércio de Oriente possuiu boas casas de tecidos, como a Casa Reis do Barateiro, Casa Combate e também existiram no passado as lojas estocadas (lojas de utilidades em geral),

como a Casa São José e as Casas Tikunaga. Atualmente, em compensação, existem mercados, padarias e escritórios despachantes.

De acordo com Lobato (2004), predominava, durante os anos da década de 70, plantações de algodão e laranja, também havia o cultivo de seringueiras. A atividade entorno das seringueiras resistiu ao passar dos anos. Ainda existem locais de cultivo de seringueiras no município, mas o meio rural já não possui a mesma dinâmica anterior a 1980, o que teve impactos tanto na demografia de Oriente, quanto na decadência de seus comércios e serviços e, conseqüentemente, de seus papéis urbanos.

Como afirma Lobato (2004), com a perda de contingente populacional e as demissões em massa na principal usina da cidade, a Usina Paredão, as mudanças econômicas no comércio local de Oriente passaram a se intensificar, comércios fecharam as portas e empresas declararam falência. Oriente, até 2010, não voltou a recuperar o número de população que possuía na década de 1970.

**Gráfico 2** – Números de Quantidade Populacional em Oriente – SP de 1970 a 2010.



(Fonte: Dados do IBGE. Análises por décadas - Organização: Karin Gabriel Moreno, 2018).

Segundo Moreira (2005), no período entre 1960 até 1980, o êxodo rural se intensificou no Brasil, pois ocorria o desenvolvimento de mecanização no campo, período em que máquinas substituíam a mão de obra humana nas áreas rurais, combinado ao surgimento de

indústrias nas grandes cidades, que necessitavam de mão de obra. É preciso evidenciar que o Gráfico 2 expõe fundamentalmente dados que acompanham a trajetória das décadas estudadas nessa pesquisa.

Destaca-se que nos últimos anos chegaram novos empreendimentos industriais da empresa multinacional Jacto S/A, o que possibilita a chegada de novas famílias na cidade a partir das novas oportunidades de emprego, o que pode significar uma retomada do crescimento populacional – questão a ser verificada no próximo levantamento censitário do IBGE, que está previsto para acontecer durante o segundo semestre do ano de 2020, procedimento que levará a exposição dos dados e resultados durante o ano de 2021.

A Usina Paredão, que no passado movimentou a economia da cidade, vem diversificando suas atividades nos dias atuais, para equilibrar a produção agropecuária, porém, a Usina já não possui o mesmo potencial econômico do passado. Contudo, ainda existe a propriedade rural e se desenvolvem atividades produtivas e comerciais no local, mas não na mesma dimensão do passado. Após a crise financeira que ocorreu na Usina, a empresa fechou e anos depois passou por uma reestruturação e voltou a funcionar com outros aspectos, novas perspectivas de mercado, com diferente influência comercial sobre o município de Oriente. Durante os anos 90, a empresa que tinha como foco a produção de açúcar e álcool passou a se dedicar à silvicultura e à pecuária, o que também impactou nos ritmos de vida dos habitantes de diferentes idades (jovens/idosos/adultos).

Notamos que, desde a década de 60 até a atualidade, em 2020, a cidade de Oriente possui um único e antigo centro, situação típica em cidades pequenas no Brasil. A cidade também tem sua formação inicial influenciada pela construção da ferrovia, uma situação típica de muitas cidades do interior paulista. Atualmente, a cidade de Oriente mantém uma função de cidade dormitório, pois diversas pessoas residem e dormem em Oriente, mas vão trabalhar fora, em Marília ou mesmo em Pompeia, cidades vizinhas que sempre ofereceram oportunidades de emprego, devido as grandes empresas industriais e agroindustriais instaladas nesses municípios.

Destaca-se que a Rodovia SP-294 cruza a cidade de Oriente e gerou influências na estruturação do seu espaço urbano. Assim, a parte mais antiga da cidade, onde está o centro, encontra-se mais ao leste da Rodovia SP- 294, e a parte mais nova da cidade encontra-se no lado oeste da rodovia.

Para a delimitação da área central e das principais centralidades da cidade, é necessário compreender o processo de desenvolvimento urbano que ocorreu na rede urbana na qual este pequeno município está inserido.

O centro de Oriente é marcado pela Praça da Igreja Matriz e pela Rua Rodolfo Miranda (Mapa 8), o centro desempenha funções centrais, ou seja, os principais estabelecimentos comerciais da cidade estão ali localizados, como sorveterias, mercados, padarias, lojas de roupas, calçados e acessórios, agências bancárias e bares, além da gestão pública administrativa.

**Mapa 8** - Área central da Cidade de Oriente / SP :



(Organizador: MORENO, Karin. Base Cartográfica – Google Earth. [2017]).

É preciso destacar que as entrevistas realizadas nesse estudo, demonstram que após os anos 2000, devido à ausência de produção e comercialização de determinados produtos modernos e produtos importados, os moradores de Oriente passaram a se deslocar com grande frequência para outras cidades maiores da região, em busca de ampliar as possibilidades de consumo.

Também em Oriente, foi possível identificar aquelas áreas consideradas localmente como periferias, no mesmo sentido que identificamos para o caso da cidade de Pompeia, tal como definimos periferia e segregação em cidades pequenas no capítulo anterior. Desse modo,

a segregação social existente na pequena cidade de Oriente e ocorre através da estigmatização, expressando-se por meio das relações sociais, das “marcas”, que são atribuídas aos sujeitos, da distinção entre os habitantes da cidade. Como na pequena cidade, “todo mundo conhece todo mundo”, a estigmatização social torna-se um grande aporte para a segregação. Dessa maneira, bairros com grande número de famílias de baixa renda e com pouca infraestrutura urbana, passam por estigmatização social e são reconhecidos como periferias. Assim, alguns grupos não se misturam com outros, por questões de afinidade, mas também por questões socioeconômicas, que levam os sujeitos a frequentarem as vezes os mesmos espaços, onde permanecem como “turmas” distintas.

Na cidade de Oriente, tanto as famílias que residem nos bairros considerados “periferias”, quanto as famílias que residem nos bairros com ampla estrutura urbana, frequentam o comércio local, localizado no único centro, bem como seus espaços de encontro.

Existe sobre Oriente uma enorme influência da polarização de Marília, que possui papel importante enquanto cidade média nas proximidades. Devido à ausência de produção e comercialização de alguns produtos modernos e industrializados, as pessoas que residem nos municípios que são definidos como cidades pequenas frequentam outras localidades, de maior nível funcional, para adquirirem determinados produtos e serviços especializados, como por exemplo, serviços de saúde ou de lazer.

Também é preciso evidenciar que mesmo com as dificuldades econômicas enfrentadas pelo município nas últimas décadas, o IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) na cidade de Oriente é de 0,791, registrado pelo IBGE em 2010, sendo considerado elevado.

A partir destas questões, contextualizamos a história de Oriente em nosso estudo, possibilitando compreensão ampla das mudanças que ocorreram nessa cidade pequena ao longo dos anos. Compreendemos que o cotidiano e as práticas se associam e também são contextualizadas pela dinâmica do município, pois as práticas dos habitantes na cidade pequena compõem a conjuntura urbana do município, refletindo sobre os usos dos espaços públicos e sobre a cultura local.

## **2.5. Potencialidades do conceito de lugar para abordar o contexto sócio-político, cultural e espacial das cidades pequenas.**

O contexto sócio-político cultural das pequenas cidades está relacionado à pessoalidade, às relações de vizinhança e à convivência no espaço público, bem como aos hábitos culturais da sociedade e aos costumes locais, ainda fortemente influenciados pelas comunidades religiosas. A convivência nas pequenas cidades, até pela relação de vizinhança e proximidade entre as pessoas e exiguidade dos espaços de consumo e de interação social, faz com que os sujeitos e em destaque os grupos de jovens, frequentem espaços que são comuns, independente da classe social, criando relações com pontos específicos na cidade, gerando relações de identificação e reconhecimento mútuo, mas também de evitação, pela constituição de microterritórios<sup>13</sup>.

Segundo Massey (2012, p. 2), é preciso conceituar o lugar, sem uma “visão romântica”, é preciso destacar a relação que o lugar mantém com o resto do mundo. É preciso destacar que o sentido do lugar não é construído através de uma história introvertida, não depende propriamente de origens internalizadas, como se brotasse da terra, mas é algo construído através das relações, evidenciando que não existem fronteiras facilmente demarcáveis entre dentro e fora, entre nós e eles – ainda que numa perspectiva politicamente conservadora, moradores locais possam querer identificar mais claramente o que seria próprio do lugar.

Nas palavras da autora,

Lugares não possuem uma única identidade, eles estão cheios de conflitos internos. A especificidade de um lugar deriva do fato de que cada lugar é o foco de uma mistura distinta de relações sociais externas e locais. Essa mistura num lugar produz efeitos que não ocorreriam de outra forma. Todas essas relações se interagem com a ajuda da história acumulada do lugar, produto de camadas sobre camadas de diferentes conjuntos de elos e vínculos locais e com o mundo exterior (MASSEY, 2000, p. 183-184).

Dessa maneira, compreender o lugar remete a observar seus conteúdos e as ações dos grupos de sujeitos enquanto produtos de interrelações que se iniciam e se desdobram em múltiplas escalas e direções e que se encontram no lugar e ali, pela situação de co-presença, precisam negociar uma existência comum. Assim, observa-se que o “lugar” é parte do

---

<sup>13</sup> “Ver” conceito de microterritórios em Costa (2017).

espaço, e que não deve ser compreendido como um fim em si mesmo ou algo já dado, mas como em permanente movimento, até mesmo pelas negociações que nele se realizam.

Segundo Massey (2000), tal como o lugar, o espaço também é produto de relações e de práticas que precisam ser efetivadas, assim o espaço está constantemente num processo de devir, ou seja, está sempre sendo feito, nunca podendo ser observado como algo finalizado, nunca se encontra fechado.

Compreende-se, assim, as interações entre os sujeitos ou grupos e a multiplicidade como aspectos formadores de “identidades” socioculturais, bem como da configuração socioespacial das cidades. Segundo Massey (2008), a formação de identidade através da multiplicidade surge como fonte de momentos positivos ou mesmo de conflitos, que ocorrem no lugar.

Assim, destaca-se que o lugar também impulsiona influências sobre a construção de identidades, pois os sujeitos desenvolvem relações sociais sobre o lugar e inserem suas referências sobre os usos do lugar, a partir as práticas cotidianas que unem o local com as influências do global.

Produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. (CARLOS, 2001, p. 22)

De acordo com Massey (2000), a especificidade do lugar deriva do fato de que cada lugar é o centro de uma mistura das relações sociais mais amplas com as locais. Assim, os lugares possuem uma história acumulada ao longo dos tempos, não sendo uma história fechada ou acabada.

Por fim, podemos concluir que os lugares, mesmo se referindo a cidades pequenas, não possuem uma identidade única ou singular, mas que os lugares estão cheios de relações e até mesmo conflitos internos, como observamos nessa pesquisa, por exemplo quando são apresentadas neste estudo informações nos próximos capítulos sobre os grupos de skatistas em conflitos com moradores de alguns bairros, por motivos diversos.

Concluimos, que a perspectiva sobre o lugar apresentada neste estudo, não representa uma negação da importância da singularidade do lugar, a especificidade de um lugar é continuamente reproduzida, mas não é uma especificidade que surge como resultado de uma única longa história internalizada, mas é desde sempre produto de suas relações.

É nesta perspectiva que compreendemos as cidades de Pompeia e Oriente, como lugares, cada qual com sua especificidade, resultado de uma história de relações que as produziu como cidades pequenas polarizadas por Marília, com seus ritmos próprios de transformação e com suas muitas permanências. Ao mesmo tempo em que a nossa perspectiva de estudo ajuda a compreender as sociedades locais, também é resultado das conexões e dos movimentos da realidade estudada. É assim que trazemos a hipótese de que as mudanças nas sociedades localizadas nestas cidades foi mais acelerada do que as mudanças nos seus próprios espaços urbanos, de modo que com novos conteúdos, as práticas espaciais contemporâneas precisam se fazer sobre os mesmos espaços de outros tempos, de modo que poderemos estar diante de mais permanências do que discontinuidades entre as diferentes gerações.

### **3.Espaços públicos e sociabilidade nas cidades pequenas.**

#### **3.1. Espaços públicos e sociabilidade.**

Como parte integrante deste estudo também evidenciamos as potencialidades existentes nos espaços públicos em pequenas cidades, destacando o quanto os espaços públicos são importantes para o lazer dos jovens, pois nas entrevistas deste estudo são reveladas informações que caracterizam a permanência da importância da praça central em ambas as cidades ao longo das gerações, além de outros espaços públicos de relevância histórica.

Segundo Silva (2000), o modo como a cultura se manifesta nas relações entre os(as) jovens se expressa em territorialidades nos espaços públicos das pequenas cidades. É preciso destacar que as relações de sociabilidade nas pequenas cidades são marcadas pela pessoalidade, onde todos aparentemente se conhecem, ou se reconhecem pelas “marcas”<sup>14</sup> dos sujeitos. De acordo com Silva (2000), é preciso destacar que os moradores em grande parte possuem costumes tradicionais<sup>15</sup>, que são usuais durante o cotidiano nas cidades pequenas.

Os espaços públicos, praças, ruas ou parques tornam-se lugares de encontro dos habitantes da área urbana e rural do município, destacando a presença juvenil durante o cotidiano, que participam de lugares contextualizados pela pessoalidade.

[...] os espaços públicos resumem-se em conjuntos de elementos materiais localizados em logradouros públicos ou locais visíveis desses logradouros e que complementam as funções urbanas de habitar, trabalhar, recrear e circular: cabines telefônicas [...] postes, torres, abrigos e pontos de parada de ônibus, bebedouros, sanitários públicos, monumentos, praças, parques, bosques, ruas, chafarizes, fontes luminosas, etc. (FERRARI, 2004, p.240).

Destaca-se que os espaços públicos são frequentados em diferentes momentos de lazer e descanso pelos habitantes urbanos, assim, os bancos e equipamentos urbanísticos são considerados elementos essenciais, desempenham papel relevante na vida social da sociedade local, compondo o exercício de cidadania. Pois, a cidade e o urbano devem garantir, através do espaço público, qualidade de bem-estar para a população, destacando que a cidadania é composta por deveres e direitos, incluindo o direito de utilizar e acessar os equipamentos

---

<sup>14</sup> Conceito desenvolvido por Caniello (2003).

<sup>15</sup> Costumes tradicionais são comportamentos, crenças, memórias e elementos com continuidade e permanência, assim são transmitidos ao longo dos anos e fazem parte da cultura local.

urbanos construídos pelo poder público nos espaços públicos. De acordo com Carvalho (2001), os sujeitos que se identificam culturalmente como moradores de um lugar e parte de um território, usufruem dos direitos e também cumprem os deveres estabelecidos em leis. Sendo esse um contexto próprio da cidadania, que necessita ser compreendida como objeto de conquista, através do exercício dos diversos direitos políticos, sociais e civis. Segundo Carvalho (2001), a cidadania é também um exercício pleno e que deve acontecer com liberdade, pressupondo a integração, atenuando as desigualdades e possibilitando a participação de diferentes sujeitos numa sociedade.

Em Oriente e Pompeia, bem como em outras cidades pequenas, a praça central tem grande importância para os habitantes, sendo o principal ponto de encontro para muitas pessoas, ou mesmo somente de passagem, mas sempre mantendo uma grande centralidade no contexto urbano. De acordo com Corneli (2013), a praça central em pequenas cidades é um espaço histórico e extremamente relevante para vida social local.

Em Oriente, além da praça central também existem diversos outros espaços públicos que possibilitam ampla participação juvenil como, por exemplo, a Praça Santa Isabel, a Praça na Rua Júlio Prestes, a Praça no Jardim Lucimar, o Campo de Futebol da Fazenda Paredão, a Praça Santa Luzia, a Praça da Matriz, a Praça do Cruzeiro, os Espaços Públicos ao longo da Rua Washington Luís (com a presença de bancos e boa iluminação). A cidade também possui algumas academias ao ar livre espalhadas pela área urbana, a Praça na Avenida Azaléia, o Espaço Público em frente à Rua João A. Lima (espaço público com bancos, boa iluminação, com árvores e boa sombra durante as tardes, espaço público em frente ao cemitério da cidade), e também o Campo de Futebol na Rua Maria Pantaroto.

Os espaços públicos são utilizados pelos sujeitos de diferentes maneiras. Os usos são orientados por uma série de fatores, como aspectos culturais e religiosos, idade, classes sociais etc. As práticas ocorrem submetidas ao tempo histórico e influenciam na composição da identidade dos sujeitos. Por exemplo, idosos e as crianças exercem experiências cotidianas nos espaços públicos nas pequenas cidades de modo diferente. As crianças usufruem de balanços e gangorras, correm livremente e brincam, as academias de terceira idade ao ar livre são acessadas para o lazer e desporto, envolvendo as práticas de exercícios físicos dos habitantes longevos da pequena cidade, mas também são acessadas pelas crianças e usadas como brinquedos para toda sorte de interações lúdicas.

As práticas dos jovens são demarcadas por relações de sociabilidade e ocorrem de diversas maneiras, sempre trazendo as marcas do seu tempo. Por exemplo, durante a década de 80 e 90 as práticas juvenis não envolviam amplo uso de bebidas etílicas entre os jovens,

aspecto que já é diferente durante o início dos anos 2000, quando vemos amplo uso de bebidas, ainda que estas novas práticas aconteçam nos mesmos espaços.

Entre as práticas atuais identificadas das juventudes em pequenas cidades, nos espaços públicos, destaca-se a prática do slackline (um esporte de equilíbrio sobre uma fita elástica esticada entre dois pontos fixos, o que permite ao praticante andar e fazer manobras por cima), e a prática do skate (um esporte que consiste em deslizar com o equipamento sobre o solo e obstáculos equilibrando-se). Há também diferentes práticas de desporto em diversas modalidades e a prática de passar o tempo na praça conversando, sentados nos bancos, meninos e meninas observando o movimento da cidade, paquerando ou buscando conhecer possíveis novas pessoas, consumindo alguma bebida, sorvetes e escutando músicas. Algumas dessas práticas são comuns entre as diferentes gerações de jovens acessadas na pesquisa e são permanências no cotidiano das cidades.

Destaca-se que a cidade de Pompeia, além da praça central também possui diversos outros espaços públicos que possibilitam ampla apropriação juvenil, como por exemplo, a Praça Luzia C. Fortunato, onde é instalada uma Academia ao Ar Livre - Rua Antonio Gasque Cabrera, Jardim das Esmeraldas; a Academia ao Ar Livre Augusto Ângelo - Vila Paulina; a Academia ao Ar Livre Pedro Vicente - Av. Nestor de Barros; a Academia ao Ar Livre José Carlos Reis - Praça Jesus Maria; a Pista de Skate "Guilherme Loncarovich dos Santos"; o Minicampo de futebol do Núcleo Tufic Baracat; o Centro de Lazer JK (quadras, piscinas e mini-campo de futebol); a Quadra Poliesportiva do Jardim Olmira Pereira de Carvalho; a Quadra Deoclides Joaquim dos Santos - Núcleo Habitacional Florentino Favoretto; a Quadra Mário Moretti - Parque Residencial Primavera; o Conjunto Esportivo Antônio Pezenatto – Lacombe, o Conjunto Esportivo da Vila de Paulópolis (quadra coberta, campo de futebol e mini-campo), e também a Quadra de Esportes do Jardim Guimarães, entre outros espaços públicos.

No Centro de Lazer J.K existe um salão onde ocorrem festas de casamentos, festas de aniversários. A piscina foi utilizada pela população no passado do município, mas durante os trabalhos de campo deste estudo, no decorrer dos anos de 2016 e 2017, foi possível notar que a piscina estava desativada.

Os espaços públicos fazem parte do cotidiano dos habitantes nas pequenas cidades, são espaços simbólicos para os moradores, pois é onde encontram-se os diferentes sujeitos.

Destaca-se que os espaços públicos se transformam em importantes locais para o cotidiano dos habitantes na cidade. Uma vez que as praças são pontos de encontro entre as pessoas, ou mesmo quando são ambientes de descanso e de diferentes práticas que possuem

características simbólicas. Por exemplo, quando um cidadão durante o cotidiano de trabalho semanal, no horário de almoço, descansa embaixo de uma árvore em um banco de uma praça, ou quando grupos de jovens combinam de se encontrar em um determinado espaço público, para desfrutar dos momentos de lazer, ou quando grupos de idosos realizam semanalmente exercícios físicos em academias ao lar livre localizadas em praças públicas, ou mesmo quando famílias dirigem-se às praças e parques, para passear com crianças e também animais domésticos, objetivando desfrutar do ar livre que corre nos espaços públicos. Assim, ocorrem os usos dos espaços públicos, que resultam em apropriações momentâneas ou permanentes.

Tais cenas lembram o que Carlos (2001, p. 35-36) traz na sua ideia de lugar, em que os usos do espaço vão lhe conferindo significados e constituindo laços entre habitantes:

[...] relações de vizinhança, o ato de ir às compras, o caminhar, o encontro os jogos, as brincadeiras, o percurso reconhecido de uma prática vivida/reconhecida em pequenos atos corriqueiros e aparentemente sem sentido que criam laços profundos de identidades habitante - habitante e habitante - lugar, marcada pela presença. São, portanto, os lugares que o homem habita dentro da cidade e que dizem respeito a sua vida cotidiana, lugares como condição da vida, que vão ganhando o significado dado pelo uso (em suas possibilidades e limites).

Assim, os espaços públicos possuem uma dimensão simbólica, relacionada à sociabilidade, que garante o uso e a permanência dos sujeitos. É preciso destacar que existem os espaços amplamente “visíveis”, que são espaços centrais na cidade, esses possuem historicamente destaque, como praças e parques públicos, mas também existem os espaços periféricos, que são “opacos” e esquecidos nas cidades, mas que também são espaços públicos pelos quais os sujeitos transitam ou permanecem durante o cotidiano, como por exemplo, pequenas praças de bairros, ou praças secundárias na área central. Sua dimensão de espaço público é franqueada pela sociabilidade pública, mas também porque são espaços que garantem a possibilidade de realização desta sociabilidade.

Entende-se que uma noção de espaço público requer, para qualificar como públicos determinados espaços urbanos da vida contemporânea, uma inserção conceitual de mão dupla entre espaço e sociabilidade pública. Implica, portanto em relacionar dois processos interdependentes, que concorrem simultaneamente para uma única direção: a construção social do espaço, enquanto produto e produtor de práticas sociais; e a construção espacial da sociabilidade pública, enquanto produto e produtor das espacializações da vida social. (LEITE, 2004, p. 197).

Durante os anos de 2017 e 2019, no decorrer dos trabalhos de campo deste estudo, foi identificada a existência de espaços públicos abandonados e deteriorados em Oriente/SP e também em Pompeia/SP, ou seja, espaços que perderam esta dimensão de público, pois neles já não se realiza mais aquela sociabilidade pública, como conteúdo e condição. No Caso de Pompeia, destaca-se a antiga pista de skate localizada atrás do Estádio Nestor De Barros, com a presença de um halfpipe (uma estrutura de concreto e aço, em forma de “U” destinada a prática de manobras radicais), que no passado foi utilizado por jovens, atualmente encontra-se totalmente deteriorada, sendo um espaço completamente abandonado, com gramíneas e arbustos ocupando toda a área, oferecendo riscos à saúde pública da população, uma vez que durante os meses com a presença de chuvas acumulam-se águas em meio as estruturas de concreto, possibilitando a reprodução do *Aedes aegypti*, bem como a proliferação de diversas doenças tropicais infecciosas. Já no caso de Oriente, destaca-se a antiga estação ferroviária, que foi observada em mal estado de conservação, com arbustos encobrendo as edificações, com rachaduras por toda a parte de concreto nas paredes, com a aparência deteriorada, a negligência das autoridades públicas e da Rumo Logística (Grupo Cosan), juntamente com a ALL (América Latina Logística S.A), sobre as estruturas da antiga estação, também proporciona concentração de água parada nos meses de chuva, gerando riscos à população local.

Segundo Fleury (2007), durante os anos do governo federal de J.K (Juscelino Kubitschek), por volta de 1956, o modal de transporte ferroviário passou a perder investimentos em prol do rodoviário, o que implicou priorizar a indústria automobilística e expandir as diversas rodovias. Décadas depois, o processo privatização das ferrovias, iniciado no governo federal de Fernando Collor de Mello, foi concluído efetivamente pelo governo federal de Fernando Henrique Cardoso, em 1999, gerando total desestatização das estradas de ferro brasileiras. De acordo com Fleury (2007), a malha concessionada tornou-se composta pelas ferrovias com bom desempenho econômico, todas aquelas que não foram consideradas “operacionais”, acabaram ficando abandonadas ao longo dos anos. Dessa forma, passaram a surgir trechos desativados, estações completamente degradadas e diversos patrimônios arquitetônicos abandonados.

Outro espaço que também chama a atenção pelo abandono em Oriente, é o antigo clube (O.T.C – Oriente Tênis Club), que durante os trabalhos de campo deste estudo nos anos de 2016 e 2017, foi observado como completamente abandonado, com a piscina completamente deteriorada, além de arbustos encobrendo edificações, o que também proporciona acúmulo de água parada nos meses de chuva intensa, condições propícias para a proliferação do mosquito

transmissor da dengue<sup>16</sup>. O antigo clube O.T.C não é propriamente um espaço público, mas destacamos que é um espaço que fez parte da vida pública da população no passado, sendo lembrado na memória dos entrevistados, pelos bons momentos que proporcionou. É um clube de gestão de sociedade privada, mas possui um conteúdo histórico para a cidade de Oriente.

É preciso mencionar que esses locais abandonados e deteriorados nas cidades estudadas acabaram se tornando espaços propícios para usuários de drogas, especificamente daquelas estimulantes do sistema nervoso central, como o crack<sup>17</sup>, ou acabam sendo lugares para diferentes acontecimentos ilegais, como crimes, furtos e roubos.

Quando o poder público negligencia um espaço público, também está negligenciando os sujeitos que possivelmente venham a realizar usos desses espaços abandonados, expondo os cidadãos a riscos. Quando os espaços públicos ficam abandonados acabam sendo estigmatizados e passam a ser considerados perigosos, insalubres, inseguros ou hediondos, gerando um aspecto repulsivo, assim como acabam também sendo estigmatizados os sujeitos que ainda insistem em frequentar esses espaços, e passam a ser considerados na sociedade local como pessoas temerárias, delinquentes ou deletérias.

É preciso explicitar que nas cidades pequenas, os problemas sociais também existem, e que nelas encontramos brasileiros e brasileiras que vivem subalternizados e excluídos da sociedade, na medida em que se tornam vítimas dos problemas sociais, assim demonstra-se necessária a participação do poder público na gestão e solução dos diversos problemas sociais.

Por outro lado, vale destacar as potencialidades dos espaços públicos que possuem boas condições de infraestrutura para recepcionar a população, pois esses espaços públicos são bem localizados e considerados lugares de encontros, da permanência, dos acontecimentos, de convergência de práticas espaciais de cidadãos de diferentes bairros da cidade e de manifestações da vida política local.

Os espaços públicos possibilitam diferentes interações entre os distintos sujeitos na cidade. No caso dos jovens, este aspecto de possibilidade de interagir com diferentes sujeitos

---

<sup>16</sup> Os dados do Levantamento Rápido de Índices de Infestação pelo *Aedes aegypti* (LIRAA) de Junho do ano de 2018, apontaram que 397 cidades estavam em situação de alerta ou risco de surto de dengue ou chikungunya, no estado de São Paulo. Os dados também demonstram que foram notificados em torno de 10.120 casos de dengue durante o primeiro semestre do ano no estado de São Paulo. Os dados do LIRAA demonstraram que as cidades de Pompeia e de Oriente estavam em situação de alerta durante o ano de 2018. A dengue causa nos humanos febre acima de 39° C, dor nas articulações e ossos, podendo ocorrer a dengue hemorrágica, levando a pessoa infectada a óbito.

<sup>17</sup> Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), o crack é uma droga de origem norte-americana e surgiu na década de 70, atingindo grande parte da população por todo o mundo, nos dias atuais a droga é encontrada facilmente em diversas regiões do Brasil, e em relação à saúde do usuário, a Organização das Nações Unidas (ONU) reconhece que a utilização do crack promove mais de 50 problemas, que envolvem assustadoramente os sistemas circulatório e nervoso, afetando os pulmões e os rins dos sujeitos, o crack além de ser um problema de segurança pública, também é um problema de saúde pública. O crack provoca nos usuários cáries profundas, dependência e danos graves a saúde. Também é considerado como um problema de segurança pública, devido a existência das redes de tráfico, assim dificilmente o poder público conseguirá resolver o problema do crack apenas com políticas de saúde pública, são necessárias também políticas de segurança pública.

é positivo pois favorece o desenvolvimento das relações de sociabilidade. É através da sociabilidade que os jovens vão construindo identidades e referências, cultivando relações com outras pessoas e combinando interesses mútuos.

Nos espaços públicos das pequenas cidades existem normas de adequação e de convivência que estão disseminadas através da personalidade, as regras são cultivadas pelos sujeitos a partir do imaginário social. Assim, grande parte dos sujeitos se preocupa em ser vistos de maneira positiva, pelos olhares de outras pessoas.

Segundo Silva (2000), a personalidade é o conhecimento íntimo entre as pessoas, a partir das relações de proximidade, destacando também as relações de vizinhança. Para a autora, a personalidade exerce influências sobre a vida social no contexto local e também se estende às relações comerciais e políticas. A personalidade se expressa no cotidiano e no modo de vida dos sujeitos nas pequenas cidades.

Segundo Foucault (1967), nos espaços públicos há possibilidades de acontecimentos não hegemônicos. Sendo assim, mesmo nas pequenas cidades em que as regras sociais e de personalidade organizam o imaginário social, estabelecendo limites aos usos dos espaços públicos, estas podem ser ignoradas ou rompidas por alguns sujeitos. Destaca-se então o papel dos jovens, pois alguns agrupamentos juvenis podem vir a exercer práticas diferentes das normatizadas, seguindo referências mais próprias de seu tempo, demarcando rupturas geracionais. Nas ruas e praças de Pompeia e de Oriente encontramos, durante os trabalhos de campo, espaços com características heterotópicas<sup>18</sup>, como por exemplo as galerias e ginásios de desporto.

Assim, os grupos de jovens têm o potencial de ampliar as possibilidades culturais locais, através de variadas práticas espaciais, que vão gerando com o tempo consideráveis diversidades nos espaços públicos das cidades pequenas.

Assim, também ocorrem nos espaços públicos as expressões de comportamentos socialmente indesejados aos olhos da sociedade local, sobretudo das gerações anteriores. Como, por exemplo, grupos de jovens dançando, bebendo cervejas acompanhados de som automotivo em elevado volume, ou grupos de jovens com skates, realizando manobras em determinados espaços, ou grupos LGBT's (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais

---

<sup>18</sup> Segundo Foucault (1967), o espaço do outro foi esquecido na modernidade, pois as sociedades de cultura ocidental passaram a caminhar em busca dos padrões e do mesmo, assim afastou o outro, afastando também as diferenças e a multiplicidade.

Conceito de Heterotopia: possui origem do Grego, *heteros* significa o outro e *topia* significa lugar ou espaço. De acordo com Foucault (1967), em busca do mesmo, as sociedades ocidentais afastaram o outro e as diferenças. As relações de poder nos espaços passaram a suprimir as diferenças, pela busca do espaço do mesmo.

e Transgêneros), ocupando determinado espaço heteronormativo<sup>19</sup>, ou mesmo grupos de jovens fazendo o uso de narguilés<sup>20</sup> em praças e espaços públicos.

Assim, nas entrevistas realizadas durante este estudo, foram reveladas também as maneiras como ocorrem os casos de moradores que telefonam para a delegacia de polícia local nas pequenas cidades, reclamando de perturbação da ordem pública, solicitando que os guardas militares se dirijam até o local, para conter as atividades dos grupos de jovens em determinados espaços públicos.

Destaca-se, então, o surgimento de tensões, pois enquanto alguns grupos de jovens desertam das normas e das adequações culturais locais durante os usos sobre os espaços públicos, outros habitantes nas pequenas cidades se incomodam com determinadas situações, gerando discussões e desavenças entre os sujeitos, provocando também discordâncias e atritos entre vizinhos. Essas tensões surgem, por exemplo, quando grupos de adolescentes estão jogando futebol em determinada rua pública e, durante o jogo, acabam chutando a bola na parede da residência de algum imóvel de domiciliados da rua, ou mesmo quando alguns jovens estão bebendo cerveja e ouvindo som em alto volume em algum espaço público durante os períodos noturnos. As tensões também surgem, por exemplo, quando grupos de jovens skatistas decidem ocupar um espaço público para realizar manobras esportivas, enquanto os moradores domiciliados da rua onde está localizado determinado espaço público não concordam com a situação, acreditam que a prática dos skatistas pode, com o tempo, deteriorar o espaço e também incomodam-se com o barulho das múltiplas manobras. Desse modo, as tensões nas pequenas cidades podem surgir de diversas origens, resultando em diferentes desfechos, caracterizando as relações entre os habitantes nas pequenas cidades.

Para Soja (1993), o espaço público heterotópico é constituído a partir dos comportamentos e significados, que vão se combinando no decorrer do tempo, de maneira atípica, impulsionando a formação de uma espacialidade diferente daquelas que estão previstas pelas normas subliminares, pelas regras, pela lei e pelos hábitos culturais, que são politicamente aceitos pela população.

---

<sup>19</sup> Segundo Costa (2008), é preciso destacar que a heteronormatividade é composta por situações nas quais orientações sexuais diferentes da heterossexual são ignoradas, marginalizadas ou perseguidas por práticas sociais, políticas ou crenças.

<sup>20</sup> Os narguilés são uma espécie de cachimbo muito utilizado nas culturas hindu, persa e turca. É composto por um tubo longo e um pequeno recipiente contendo água perfumada, pelo qual passa a fumaça antes de chegar à boca do(a) utilizador(a).

De acordo com Serpa (2004), os espaços públicos são constituídos pela ação política, pois a cidade é local de encontros e relações sociais, é nos espaços públicos que ocorrem as relações coletivas.

Segundo Habermas (1997), os espaços públicos fazem parte da esfera pública das cidades, sendo essa uma esfera que oferece rede adequada de conexões de conteúdos. Para este autor, observar e descrever os espaços públicos é tornar o mundo comum visível. Os espaços públicos reproduzem a vida da sociedade civil, assim possibilitam a comunicação de questões de interesse geral, permanecendo como uma antena sensível aos temas locais que se situam nas esferas da família, do trabalho e da vida cotidiana dos diversos sujeitos.

De acordo com Mongin (2009), a existência de espaços públicos contribui na experiência urbana dos sujeitos, assim evidencia-se que só é possível experimentar a cidade com acesso aos espaços da vida pública, que devem ser espaços democráticos. Para o autor, a cidade é composta por influências do imaginário social e da materialidade urbana, sendo também resultado das relações coletivas entre os indivíduos, constituindo-se assim como um lugar de vivência social e de sociabilidade.

A relação entre sociabilidade e espaço urbano está no fato de que a sociabilidade (fora do âmbito da internet) exige encontro face a face e encontro demanda locais de encontro. Estes locais não são definidos ao acaso, mas estão dentro das interações múltiplas que revelam as diferenças e desigualdades na cidade.

Dessa maneira, as diferentes formas de ver e vivenciar o espaço urbano e os conjuntos de relações diversificadas realizam-se de modo distinto sobre a convivência e a apropriação da cidade. Pois:

A produção, a socialização, o consumo e as práticas culturais incidem sobre usos diferenciais do espaço e espelham os ritmos desiguais que caracterizam não só as relações entre classes, mas a dinâmica das gerações e dos grupos de idades, as relações entre gênero, os ciclos de vida no trabalho e no lazer (SPOSITO, M. P., 1993, p. 161).

Em um dia comum nas cidades de Pompeia e Oriente, observamos em trabalhos de campo, que os jovens estão, em grande parte, vinculados às suas rotinas, que envolvem frequentar a escola ou faculdade, e em alguns casos foi possível observar jovens frequentando faculdades em cidades maiores próximas (Marília e Tupã), ou mesmo em rotinas de trabalho. Assim, observa-se que grande parte da rotina semanal dos jovens possibilita aos diferentes sujeitos exercer as formas de sociabilidade vinculadas a esses espaços que frequentam, visto que têm, alguns mais, outros menos, tempos liberados das obrigações cotidianas, em que

podem realizar o encontro sociável nos pontos de encontro das cidades estudadas. Segundo Carrano (2001), estes pontos de encontro funcionam como terminais de conexão das redes de sociabilidade.

Desse modo, nos momentos de tempo livre, quando esses jovens não estão estudando ou trabalhando, é possível observá-los em praças dessas pequenas cidades, sentados conversando, ou mesmo em sorveterias locais, normalmente em grupos de amigos, amigos que geralmente são vinculados à rede de sociabilidade que surge a partir de contextos de interação como escolas, faculdades, cursos ou mesmo praças, que são em si mesmo locais de novos contatos. Também é possível notar que, durante os dias comuns, tanto em Oriente, quanto em Pompeia, muitos desses grupos de jovens se reúnem nas casas de amigos, para fazer algum churrasco ou beber tereré (erva mate com água gelada), ou mesmo ouvir músicas, sentados em calçadas observando o movimento da rua. Conversam as vezes com as pessoas que passam, pois existe nessas cidades pequenas uma relação de proximidade entre vizinhos, conhecidos e colegas, em que as ruas são também importantes espaços de vida pública.

Compreendemos que os grupos de jovens a partir da condição juvenil e das práticas espaciais, desenvolvem historicamente novas formas de usos das praças e espaços públicos, no contexto de uma perspectiva histórico - geracional, e também no contexto ao modo como tal condição é vivida.

Segundo Pais (1996), as culturas juvenis são socialmente construídas e também possuem uma “configuração espacial”, utilizam espaços durante a efetivação das práticas que possuem âmbito cultural, e de modo dialético produzem espaço, ao se territorializar com ampla frequência e se inserir nos espaços as características dos grupos juvenis.

As práticas dos jovens nas cidades constituem territórios, como acontece com os diferentes grupos conhecidos de jovens: o hip-hop, o funk, os grupos religiosos, as torcidas de futebol, os quais resultam de práticas de grupos com vinculações em redes, às vezes virtuais e globais, mas que se delineiam no cotidiano dos territórios por eles constituídos nos locais (CAVALCANTI, 2013, p. 75).

Segundo Corrêa (2007, p.63), as práticas espaciais envolvem ações pontuais, por diferentes grupos, sujeitos ou agentes que atuam na produção do espaço urbano, orientados por seus projetos, por suas iniciativas e por suas aspirações. Para Souza (2013, p.52), as práticas espaciais de distintos grupos, possibilitam a (re)produção do espaço urbano. A efetuação de práticas espaciais juvenis impulsiona o processo de construção das identidades individuais e também coletivas, dos sujeitos ao existir amplo contato deles com a cidade.

Em suas práticas, os jovens usam seus corpos e a cidade, ocupando-os, apropriando-se deles e produzindo neles suas marcas. Sendo assim, participam das práticas espaciais formadoras de territórios, de múltiplas territorialidades. Na formação e na manutenção desses territórios, os jovens fazem suas marcas, “modelando” suas paisagens, reais e imaginárias. Nessa prática de jovens está a definição de seus lugares de ficar/transitar, como grupos, nos lugares da cidade, lugares que eles identificam como seus, se identificam neles. Por exemplo, em algumas cidades, os pichadores de rua costumam frequentar praças, feiras ou shopping center. Outros grupos de jovens vivem a cidade e se apropriam de lugares públicos, como rua, praças, shopping, como um modo de enfrentar e “quebrar” a lógica da segregação, da privatização e do individualismo presente na produção dos espaços urbanos (CAVALCANTI, 2013, p. 78).

Quando repetidas, as práticas espaciais de maneira sistemática se transformam em processos de territorialização, grupos de jovens passam a construir redes de sociabilidades e passam a exercer territorialização sobre determinados espaços públicos ou de uso coletivo. Os processos de territorialização são de extrema relevância e serão discutidos com mais profundidade neste estudo mais adiante.

A sociabilidade dos jovens nas cidades pequenas estudadas parte da combinação de interesses mútuos e ideias que existem entre determinados jovens que se identificam uns com os outros, muitas vezes as formas de sociabilidade surgem orientadas por uma direção ou um interesse comum. Também influenciam amplamente as formas de sociabilidade as circunstâncias pessoais em que se encontra cada um dos jovens. Existem jovens nas pequenas cidades, por exemplo, que frequentam sorveterias, aos fins de semana, acompanhados de familiares, e nesses espaços desenvolvem contatos e práticas de sociabilidade com outros jovens.

Existe nas pequenas cidades paulistas estudadas nessa pesquisa, grupos de jovens que se definem por faixa de idade, pois frequentam as mesmas turmas no período escolar, ou mesmo por *hobbies* e gostos, por exemplo, grupos de jovens que se reúnem nas academias para fazer musculação e depois saem juntos para comer lanches durante a noite. Também nas Igrejas se formam grupos juvenis nos quais, além da religião compartilham os tempos e espaços de sociabilidade disponíveis na cidade. Nas entrevistas, foi possível identificar que os interesses em comum vão construindo as relações de sociabilidade.

Nosso grupo de amigos tem bastante gente que gosta de esportes, sempre nos encontramos durante a semana, depois de praticar futebol juntos ou quando saímos da academia, combinamos entre amigos de ir comer um

lanche ou vamos na sorveteria [*Entrevista realizada em Julho de 2018 – Lucas, 19 anos – Morador de Pompeia*]<sup>21</sup>

Eu faço parte do grupo de jovens da Igreja, a gente que gosta de ouvir mais as músicas do estilo gospel, tem um pessoal que frequenta nosso grupo e toca violão, geralmente depois das reuniões do grupo na Igreja, nós vamos comer lanche lá perto da praça na rotatória<sup>22</sup> [*Entrevista realizada em Julho de 2018 – Maria, 20 anos – Moradora de Oriente*]<sup>23</sup>

Nas pequenas cidades, também as escolas exercem papel importante na sociabilidade dos jovens. Pois as escolas são espaços sociais permeados por inúmeras relações estabelecidas com base em apropriações constantes, normas, práticas e saberes que configuram a vida escolar dos sujeitos inseridos no cotidiano educacional.

Os esportes também são práticas que envolvem as questões de sociabilidade, pois as modalidades de esportes estão muitas vezes inseridas no cotidiano juvenil, nos distintos pontos de encontro de sociabilidade, nos espaços esportivos ou mesmo nos espaços comuns, que os jovens adaptam e transformam em ambientes esportivos, como ruas específicas, parques, praças. Segundo Almeida (2011), os jovens também frequentam espaços privados em que acontecem práticas esportivas, como academias, ginásios de “crossfit” e escolinhas de esportes.

Dessa forma, podemos considerar que nas cidades pequenas estudadas, os grupos de sociabilidade juvenil se juntam em torno da igreja, da escola e das práticas esportivas, pois são práticas e espaços em que eles podem ser distinguidos no interior da sociedade local como uma categoria social e também etária. A partir destes espaços e práticas, se elaboram culturas que são especificamente juvenis e que transbordam para os espaços públicos das cidades pequenas, como uma ação dos próprios jovens enquanto jovens. Ainda que a escola, a igreja e as práticas esportivas sejam atividades que ocorrem em espaços criados pelo mundo adulto para os jovens, ao permitir a reunião fazem com que eles desenvolvam culturas especificamente juvenis, distintas do mundo adulto e estabeleçam seus próprios movimentos e locais de encontro e as suas próprias referências culturais de agregação. Assim, as práticas espaciais juvenis nas cidades estudadas articulam autonomia e heteronomia (SOUZA, 2008),

---

<sup>21</sup> Lucas: 19 anos, morador de Pompeia, Bairro Vila Paulina, possui Ensino Médio Completo, possui renda familiar de dois salários mínimos, entrevista concedida na residência do entrevistado.

<sup>22</sup> Rotatória e praça estão localizadas nas proximidades da Av. Azaleia.

<sup>23</sup> Maria: 20 anos, moradora de Oriente, Bairro Jd. Lucimar, possui Ensino Superior Completo, possui renda familiar de um salário mínimo, entrevista concedida na residência da entrevistada.

em meio a combinações e tensões entre socialização em instituições educativas formais e sociabilidade em grupos de pares (SPOSITO, 1997).

De acordo com Sposito, M. P. (1993, p. 8) “a rua se inscreve na sociabilidade urbana, em vários momentos da vida das cidades, mas ela se reveste de especificidades históricas que precisam ser consideradas e examinadas na interação com outras instituições socializadoras”.

Desse modo, entre as práticas que compõe a sociabilidade dos(as) jovens, identificadas na pesquisa, temos aquelas práticas que ocorrem de maneira mais autônoma e também práticas que ocorrem de forma heterônoma.

Quanto a isso, Souza (2008) utiliza o termo “autonomia”, entendida em duas perspectivas, autonomia individual e autonomia coletiva.

A autonomia individual corresponde à possibilidade material e institucional efetiva e à capacidade psicológica de definir propósitos para sua vida, de modo a lutar de modo lúdico e coerente, em igualdade com os demais membros da sociedade. Já a autonomia coletiva se traduz, material e inconstitucionalmente, pela existência de instituições sociais que garantam igualdade efetiva de oportunidades para regulação da vida coletiva. A sociedade autônoma deve ocorrer em detrimento da sociedade heterônoma, sendo esta última uma sociedade em que as leis, normas e códigos de conduta são estabelecidos de cima, dos detentores do poder, dentro das classes ou grupos decorrentes de uma assimetria estrutural; e de fora, dos externos, de um grupo para com o outro, e das raízes naturalistas/divinas, atribuídas à natureza ou as origens religiosas (SOUZA, 2008, p. 288).

Assim, destaca-se que Souza (2008), apresenta um contraponto à tendência hegemônica da sociedade, em direção à construção da autonomia individual e coletiva. As formas como ocorrem as ações de autonomia individual ou de autonomia coletiva geram influências sobre a sociabilidade. Para este autor, o desenvolvimento sócio-espacial consequentemente gera processos de enfrentamento da heteronomia. Segundo Souza (2012), a heteronomia é caracterizada pelo “poder de cima para baixo”, contudo é possível construir territórios de “experimentação anti-heterônoma”, que surgem através de práticas espaciais insurgentes, que possuem a autonomia como um horizonte de ação.

As práticas heterônomas são justamente aquelas ligadas à uma sociabilização no quadro de instituições e políticas públicas em escala local e estadual, que visam formar os jovens segundo certas concepções questionáveis de juventude. Como vimos, muitos agrupamentos juvenis surgem em espaços institucionais e também nestes espaços, como os Clubes, há organização de eventos festivos para os jovens. Enquanto as práticas autônomas têm no espaço público seu principal lócus de acontecimento. Um espaço sem conteúdo prévio,

cujas práticas são definidas pelos usuários, em que vigora mais a sociabilidade sem a presença de adultos organizando os tempos e espaços. Contudo, mesmo aí, a repetição das práticas de sociabilidade vai criando com o tempo certas regras do jogo, que vão delimitando o campo do possível, do desejável, do aceito.

Nas cidades de Pompeia e de Oriente, foi possível notar, durante as pesquisas à campo, que as prefeituras locais disponibilizam cursos de futebol para jovens, criando assim mais possibilidades de tempos e espaços de sociabilidade, nos quais são integrados, inclusive, pessoas com alguma deficiência física ou intelectual.

Entre as evidências marcantes da pesquisa de campo, identificamos a centralidade das Praças Matriz. Em ambas as cidades, a praça exerce enorme influência no tempo livre dos jovens. A praça central está entre os principais pontos de encontro de muitos deles, desde os que residem nas suas proximidades até aqueles que moram em bairros mais distantes<sup>24</sup>.

Após a realização de entrevistas e trabalhos de campo de observação, também identificamos as diferenças existentes entre jovens da década de 1980, comparando as práticas espaciais do passado, com as práticas dos(as) jovens dos anos 2000, entre os resultados explicamos como essas diferenças ocorrem em meio a história do espaço urbano nas pequenas cidades estudadas.

As entrevistas com gerações do passado revelaram que os jovens das décadas de 80 e 90 se encontravam com maior frequência nas praças centrais e frequentavam menos a noite na cidade média próxima (Marília), e que sua vida noturna, normalmente, terminava no máximo até as onze horas da noite. As festas típicas, como festas de rodeios, festas juninas e bailes, eram os momentos de maior movimento no lazer juvenil, mas estas eram datas específicas que mudavam um pouco o cotidiano da cidade e as práticas dos cidadãos.

As entrevistas também revelaram que os jovens das gerações atuais, da década de 2000, frequentam muito mais a vida noturna em outras cidades da região e se encontram com menor intensidade na praça matriz das cidades pequenas. Contudo, a praça ainda mantém centralidade na vida dos jovens da atualidade, com clivagens etárias e de classe como por exemplo: jovens classe média menores de idade e jovens de classes mais populares de todas as idades.

Destaca-se que a vida noturna dos jovens atuais possui maior presença de festas, por uma oferta mais regular de um mercado de diversão noturna, obviamente mais dinâmico na cidade de Marília. Nos momentos de tempo livre, durante o dia, também ocorrem encontros

---

<sup>24</sup> Distâncias que nas cidades pequenas podem ser transpostas facilmente a pé.

entre os jovens, encontros de som-automotivo, por exemplo, ao passo que a vida noturna para os atuais jovens termina, muitas vezes, somente por volta das quatro horas da madrugada nos fins de semana.

Segundo Carrano (2001), as gerações de jovens no passado, quando frequentavam festas, voltavam pra casa antes da meia noite, já as gerações atuais saem de casa para as baladas e festas, à meia noite ou depois. Destaca-se assim a existência de uma temporalidade própria de cada geração.

Um fato observado também neste estudo é o consumo de álcool na atualidade, muitos jovens da geração 2000/2010 costumam frequentar bares tanto em Marília, quanto nas cidades pequenas próximas, pois são ambientes que estão inseridos no circuito de sociabilidade de diferentes grupos de sujeitos dessas pequenas cidades.

Nos dias comuns, nessas pequenas cidades, observamos os jovens direcionados a cumprir suas rotinas e nos momentos livres, percebemos que há muita influência da internet, com diferentes intensidades para os diferentes sujeitos juvenis considerados.

Foi possível perceber que, em Oriente, o campo da fazenda<sup>25</sup>, as lanchonetes e a praça matriz são os espaços mais frequentados pelos jovens nos dias comuns, em momentos de tempo livre. Já em Pompeia, notamos que muitos jovens, no tempo livre, frequentam o Clube da Jacto<sup>26</sup>, a quadra do Jardim Guimarães, a pista de skate da cidade, a praça matriz, a praça central do Bairro J.K, os bares da cidade, lanchonetes e choperias. Destaca-se que o Clube da Jacto, as lanchonetes e choperias articulam a sociabilidade a espaços privados, já a quadra do Jardim Guimarães, a pista de skate da cidade, a praça matriz e a praça no Bairro J.K, articulam a sociabilidade aos espaços públicos.

Quando os jovens se encontram nas lanchonetes, não vão somente para lanchar, mas também colocam a “conversa em dia”, contam as novidades uns aos outros, compartilham experiências vividas, falam sobre as modas do momento, divertem-se a partir das relações entre grupos de amigos.

Nas praças, os jovens ficam sentados conversando em grupos, alguns com violão, outros apenas bebendo algum refrigerante, cerveja ou tereré. A praça também é um ambiente de paquera para alguns jovens.

---

<sup>25</sup> Campo da Fazenda: localizado nas proximidades da R. Pref. João C. Ferraz, em Oriente. Campo de Futebol relevante para os momentos de lazer dos(as) jovens, frequentado por diferentes gerações em diferentes tempos, o espaço possui um campo de futebol, com bancos ao lado e uma mesa de concreto.

<sup>26</sup> Clube da Jacto: localizado na Rua Brasília em Pompeia.

Em trabalho de campo realizado durante os fins de semana, em Julho de 2018, durante o período vespertino, na praça central de Pompeia, observamos dois grupos reunidos, cada um em seu espaço, dividindo a praça. Um formado por rapazes em torno do carro, com som alto, tocando música sertaneja do momento, outro grupo com violão num canto mais afastado, envolvendo jovens que preferem rock. Numa primeira aproximação, conversando com os rapazes do 1º Grupo, ouvimos que estão sempre ali, costumam frequentar a praça central da cidade, para encontrar com amigos e ver o movimento, o fluxo de carros passando, conhecidos que passam por ali e trocam cumprimentos. Já o 2º Grupo, quando conseguimos contato, explicaram que vão às vezes na praça, mas geralmente se reúnem na casa de amigos do próprio grupo, e que vão até a praça quando querem entrar em contato com outros conhecidos, que possivelmente podem passar transitando pelo lugar, uma vez que existe considerável fluxo de automóveis e pessoas na praça central da cidade. Destaca-se que estes grupos são compostos pela presença de jovens de diferentes idades e gêneros.

No caso da pista de skate em Pompeia, os jovens se encontram ali para praticar as manobras, mas também alguns vão para jogar futebol, pois em uma extensão da pista, existe um espaço próprio para esse esporte. Também identificamos nos dias em que realizamos observações, grupos de jovens formados pela presença de meninos e meninas, que ficam ouvindo músicas e cantando, geralmente, esses grupos realizam por ali batalhas de rimas de Rap<sup>27</sup>.

Os jovens desenvolvem relações diversas e nas atividades de lazer, realizam vivências que vão construindo formas de sociabilidade próprias, num exercício de convivência social, aprendendo a conviver com as diferenças. Segundo Dayrell (2003, p. 21), a vivência do estilo possibilitou aos jovens práticas, relações e símbolos por meio dos quais se afirmaram com uma identidade própria, como jovens do rap, ou do rock, ou do country, ou de outros estilos. Enfim, o estilo se coloca como mediador de um determinado modo de experiência coletiva da juventude.

No campo da fazenda, em Oriente, os jovens jogam futebol, ou ficam sentados em bancos jogando baralhos, jogos de tabuleiro e conversando, já em Pompeia, isso ocorre no Clube da Jacto, onde os jovens se reúnem para praticar esporte ou também ficam sentados nos bancos conversando, geralmente, ficam bebendo refrigerante.

---

<sup>27</sup> O Rap é um estilo rítmico com rimas e poesias, que surgiu no final do século XX entre as comunidades Afrodescendentes nos Estados Unidos. Atualmente é muito difundido no Brasil. Segundo Spósito, M. P. (1993), ser “rapper” significa compartilhar esse universo global de significados, cujo alicerce comum se estrutura na identidade negra, independente do país de origem. De acordo com Ortiz (1993), por essas razões o Rap também pode ser considerado um produto da cultura enquanto fenômeno de globalização.

Dessa maneira, destaca-se uma diferença entre as cidades pequenas e as médias e grandes. Nestas últimas, os agrupamentos se dão nos espaços de encontro. Claro, jovens do rap, por exemplo, têm seus pequenos grupos nos bairros e vão para os locais de encontro mais centrais com estes pequenos grupos, onde encontram outros jovens do mesmo estilo, vindos de locais os mais diversos da cidade. Formam ali um grande agrupamento (são as manchas de lazer, ou praças e bares com identidade mais demarcada pelo estilo), como constatado no trabalho de Turra Neto (2008). Nas cidades pequenas, os contextos predominantes de formação dos grupos são trabalho, escola, vizinhança e igreja, como já dissemos, além dos grupos formados em torno das práticas esportivas, e é com estes grupos que os jovens vão para as praças e ali permanecem. Claro, muitos circulam entre os diversos grupos presentes no espaço público, mas sempre retornam para os grupos de origem. Os agrupamentos em torno de estilo podem levar a outras configurações menos marcadas por estes contextos mais institucionais de interação, mas estes não são os predominantes nas cidades pequenas.

Desde pequeno mantenho algumas amizades, que fiz na rua, brincando durante minha infância nas ruas, fiz amizade com outros jovens dos bairros próximos de minha casa. Também fiz amizades novas já durante minha juventude, com outros jovens de bairros distantes que frequentavam a praça a noite. *[Entrevista realizada em Julho de 2018 – Lucas, 19 anos – Morador de Pompeia]*

Como vemos, para este jovem, a vizinhança é um contexto importante de formação de grupos de sociabilidade. Evidencia também que a praça não só é um local de convergência de redes de sociabilidade formadas em outros contextos, mas também um espaço de conexão de sujeitos, a partir de algumas referências em comum, que se reconhecem e se conectam a partir do encontro na praça.

Outro fator que gera influências na sociabilidade são os processos de formação de identidades, que podem ser regionais ou locais, nacionais e até globais.

No mundo da globalização, inserimo-nos em cenários culturais amplos e participamos de comunidades sem vínculos a lugares específicos. Em termos de relações pessoais, isso significa que os vínculos entre familiaridade e lugar já não são os mesmos (TURRA NETO, 2008, p. 399).

De acordo com Bauman (2010), ocorre na sociedade contemporânea uma substituição das relações naturais por relações artificiais, sendo as relações naturais aquelas que ocorrem através da conversa pessoalmente e da convivência face a face, da possibilidade de contato físico. Os laços naturais estão vinculados às relações de permanência entre os sujeitos, de

convivência espontânea. Já as relações artificiais são consideradas aquelas que ocorrem de forma não espontânea, mas por razões pré-determinadas, por motivos líquidos e passageiros, que podem estar relacionadas a questões banais do cotidiano e também ocorrem através da internet, ancoradas no mundo digital e técnico, que possibilita contato de audiovisual, mas não contato físico. O mundo capitalista globalizado também inseriu as pequenas cidades na dinâmica de fluidez contemporânea.

Os laços artificiais também ocorrem por meio da sociabilidade virtual, sobretudo pelas mídias sociais, como *Facebook*, *Twitter* e *WhatsApp*. Então, ao mesmo tempo em que se estabelece laço virtual com inúmeras pessoas, os mantém, em sua esmagadora maioria, extremamente superficial e distante (FERNANDES, 2018, p.137).

Como podemos perceber, algumas mudanças nas formas de sociabilidade surgem na atualidade a partir das inovações nas tecnologias da área de comunicação, pois têm revolucionado a troca e a transmissão de informações entre as pessoas, impulsionando impactos nas formas de interação, modificando o tempo das conversas, diminuindo o contato físico, mas dialeticamente aumentando o contato digital, diminuindo as distâncias, em aspectos pessoais e profissionais. Estas mudanças são de ampla envergadura e chegam aos mais recônditos lugares, incluindo as cidades pequenas do interior, quase ao mesmo tempo em que estão se processando nos grandes centros urbanos.

Esta simultaneidade é uma nova condição histórica do nosso tempo. Segundo Santos (1996), o desenvolvimento técnico permite hoje a simultaneidade dos lugares e dos tempos. Assim, hoje as cidades pequenas estão com mais conexão e sintonia com o que acontece no mundo, em dimensão global, do que estavam nos anos 80. É nesse sentido que aventamos a hipótese de que a sociedade local nas cidades estudadas muda mais rapidamente que o espaço urbano, fazendo com que novas configurações de sociabilidade juvenil tenham que se realizar sobre os mesmos espaços, numa dialética que conduz mais às permanências do que às mudanças.

O estudo da antropóloga Mizuko Ito (2003) sobre a utilização dos celulares no Japão demonstra exemplos do papel simbólico do consumo como instância de negociação de identidades e experiência social. Segundo Ito (2003), os aparelhos de telefones celulares foram comercializados primariamente para empresários. Contudo, posteriormente, foram apropriados pelas adolescentes japonesas como tecnologia de comunicação pessoal, criando uma cultura juvenil sobre o uso dos aparelhos celulares.

De acordo com Nascimento (2004), existe também na sociedade brasileira, essa cultura do uso dos aparelhos celulares, que também está disseminada entre os jovens. Para o autor, tanto a relação afetiva quanto a dependência tecnológica, em suas variadas gradações, encontram um ponto de convergência, de que o celular se confunde com a própria vida. É possível observar que o telefone celular permeia longas horas do cotidiano da população brasileira, desde o uso individual até o uso nas formas de sociabilidade, envolvendo também as relações afetivas com amigos e familiares.

Durante nossas observações, entrevistas e pesquisas de campo, alguns jovens chegavam a repetir a famosa frase que vários adolescentes costumam dizer de maneira comum: “eu não vivo sem o meu celular”.

O *smartphone*, na atualidade ganha características de equipamento de entretenimento, ao mesmo tempo em que é um utensílio de mediação entre os jovens e os seus grupos de amigos, pelas redes sociais. Desse modo, o aparelho celular é utilizado de maneira segmentada e, ao mesmo tempo, como apetrecho a auxiliar na troca de afetos com os amigos e familiares.

As tecnologias do presente se desenvolvem muito rapidamente. “Vivemos na era da inovação galopante” (KENDE, 1971, p. 118). Segundo Santos (1996, p. 213), os diversos imperativos da tecnologia e da vida urbana estão cada vez mais invadindo o campo modernizado, onde as consequências da globalização impõem práticas estritamente ritmadas.

As diversas tecnologias disseminadas entre a sociedade já estão presentes nos espaços frequentados pelos jovens. O uso do celular pode ser observado nas rodas de conversas dos grupos de jovens que frequentam os espaços públicos, muitos já combinam lugares para realizarem encontros pelos aparelhos celulares. Nesse sentido, para os jovens que tivemos acesso nos espaços públicos das cidades estudadas, há uma combinação entre as novas possibilidades conectivas e práticas espaciais já consolidadas como práticas juvenis nos espaços públicos, o que permite dizer que apesar das conexões móveis celulares, a sociabilidade juvenil (pelo menos entre os grupos que acessamos) ainda demana espaço para acontecer.

Segundo Turra Neto (2008), grupos de jovens utilizam as redes sociais para combinar encontros em praças específicas em meio as cidades, lugares que frequentam sempre. Para os jovens esses lugares vão se tornando territórios.

A construção de identidade juvenil parte também da vivência na qual a juventude está inserida, incluindo os espaços públicos. De acordo com Turra Neto (2008), alguns jovens fazem grafites para deixar como marcas, territorializando praças e parques e realizam a efetiva

ocupação desses lugares, nos seus momentos de lazer e diversão, seja para ouvir música, para dançar ou mesmo apenas para ficarem sentados conversando entre eles.

Se a construção da identidade é reforçada pela vinculação do jovem a um grupo, portanto, é um atributo social e territorial, ela se completa com a prática que, por se efetivar como marcação em espaço, adquire então o vínculo territorial. E a lógica se propaga interna e externamente devido à relação com o outro grupo. O jogo tem a ver com a diferenciação e vai implicando mutuamente sujeitos e territorialidades (HEIDRICH, 2013, p.86).

Os microterritórios juvenis nas cidades resultam, portanto, da presença de diversas culturas construídas pelas juventudes, cada uma demonstra distintos gostos musicais, diferentes roupas e acessórios, que implicam em diferentes formas de consumo e em diferentes formas de utilização dos espaços públicos.

Os sujeitos que participam de uma sociabilidade apresentam algo a dizer e pensam sobre seus posicionamentos localizados no tempo e no espaço: suas admirações, sua felicidade em serem reconhecidos e admirados por amigos, e de poderem objetivar ampliar suas relações (COSTA, 2017, p 12).

A experiência juvenil vivida nas pequenas cidades apresenta suas particularidades, que também implicam em aspectos de diversidade, em relação a diferentes meios sociais. Os jovens nas pequenas cidades, ao mesmo tempo em que estão conectados a lógica de globalização contemporânea, também frequentam as ruas locais, as praças, também estão inseridos nos espaços que possuem aspectos culturais locais e regionais, também estabelecem relações comuns com vizinhos e conhecidos pela cidade, pois essas relações de pessoalidade ainda são um aspecto próprio de pequenas cidades.

De acordo com Caniello (2003), nas pequenas cidades, a sociabilidade e a vida social têm uma característica peculiar que merece atenção: a pessoalização, ou seja, a proximidade entre as pessoas produz uma visibilidade inevitável.

Os moradores de pequenas cidades, geralmente se conhecem e se reconhecem naquilo que Caniello (2003), denomina como “marcas”, que pode ser exemplificado com: o cargo que exerce (fulano do posto de saúde, o médico da cidade, etc.), o sobrenome da família ou por alguma ação (aquele que plantava árvores, etc.).

As pequenas cidades apresentam situações em que a sociabilidade está muito condicionada à pessoalização porque os indivíduos vivem em um ambiente social com um alto grau de proximidade com seus contatos e, muitas vezes,

tomam conhecimento do mundo a sua volta a partir de relações essencialmente interpessoais. Os sujeitos reconhecem e são reconhecidos pelos outros em decorrência de sua marca pessoal, de seu nome, de suas atitudes. Tudo é amplamente dominado pela coletividade e a pessoalidade. As festas, as rezas, o lazer, as estórias, as conversas são compartilhados com todos (SOARES; MELO, 2010, p. 245).

Destacamos que a sociabilidade entre os jovens e as práticas espaciais juvenis nas pequenas cidades, estão condicionadas a pessoalidade e estão vinculadas a vivência das juventudes pelas ruas da cidade, nas praças e espaços de lazer, sendo as juventudes principais protagonistas na ocupação das praças, e também principais atores nos momentos de sociabilidade e nas formas de utilização dos espaços públicos na cidade.

Concluimos assim, que as transformações na vida social e nas formas de sociabilidade estão associadas. Na sociedade contemporânea, o individual e as tecnologias inovadoras conquistam maiores relevâncias em detrimento do coletivo e dos encontros, ou seja, em consequência da materialização das tendências vinculadas ao modo de produção capitalista e ao fenômeno de globalização.

Por fim, é preciso destacar que as particularidades dos movimentos, no espaço e no tempo nas pequenas cidades que aqui foram retratadas, surgem a partir da configuração e funcionalidade das praças e dos diferentes espaços públicos, que possuem o papel de oferecer à população o conforto necessário para a reprodução social da vida no espaço urbano. Assim, podemos concluir que o espaço público nas pequenas cidades possui relevância fundamental na construção da vida social e na experiência dos habitantes sobre a cidade, possibilitando relações sociais entre os diferentes, que são praticadas nos momentos de lazer e tempo livre.

### **3.2. O papel da Praça Central nas cidades pequenas.**

As pequenas cidades possuem um centro que atende as necessidades da população em geral, os centros possuem as praças centrais, sendo espaços onde ocorrem as práticas nos momentos de lazer, práticas políticas, religiosas, culturais e sociais. Assim, no contexto das cidades pequenas, essas práticas vão compondo a identidade da população, e possuem este espaço central como meio e condição.

Nos casos de Oriente e Pompeia, a praça central é localizada na área com maiores fluxos na cidade. Destaca-se que entorno dessas praças e nas proximidades, localizam-se prédios públicos e também existe a presença da oferta de comércio e de serviços privados

para atender a população (Mapa 9). No caso de Pompeia, a Praça Central possui ampla relação com a rodoviária principal da cidade.

**Mapa 9** - Área entorno da Praça Central em Oriente e Pompeia (2018):



(Organização: Karin Gabriel Moreno, FCT-UNESP – Fonte: Google Earth/2018).

Observa-se que, em Pompeia, a Igreja Matriz é localizada na praça central, em frente a rodoviária. Existe na rodoviária uma padaria e uma banca de jornais, além de uma pastelaria. Próximo da rodoviária também se observa uma outra padaria e uma galeria, com lojas e sorveteria. Há também dois postos de combustível nas proximidades da praça. Nesta mesma área central, entorno da praça, encontra-se instalada uma churrascaria, o Fórum da Comarca Pompeia, o Tribunal Regional Eleitoral, um prédio administrado pelo Departamento de Higiene e Saúde e um Cartório de Registro Civil. Destaca-se que a Praça Jesus Maria e a Praça da Matriz são observadas como espaços públicos centrais na cidade.

Já no caso de Oriente, destaca-se que a Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida também está localizada na praça central. A Biblioteca Municipal está instalada em frente à praça central. Nas proximidades também se encontra uma sorveteria e a Prefeitura Municipal de Oriente.

É preciso destacar a presença de dois postos de combustível nas proximidades da praça central em Oriente, além de observarmos uma Unidade de Pronto Atendimento, que atende a população em questões de saúde. Nos trabalhos de campo deste estudo, foi possível notar que

a Igreja na praça central exerce grande importância para Oriente e Pompeia, delimitando o ambiente central de desenvolvimento urbano das cidades.

De acordo com o Código Civil - 2002, no seu art. 99, inciso I, classifica-se a praça como um bem público. Segundo o Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257/2001), a praça tem natureza jurídica de bem fundamental perante o ambiente urbano, sendo bem de uso comum. Os espaços públicos como praças e determinados logradouros são concebidos quando da elaboração do projeto dos empreendimentos, a lei 6.766 de 19/12/1979, considerada Lei Federal e também as leis aplicadas as escalas distritais nº 153 de 10 de janeiro de 2008, estabelecendo zoneamento do uso e ocupação do solo, e lei nº 154 de 10 de janeiro de 2008, que estabelece parcelamento do solo, no decorrer do art. 12. Assim, fica definido que os espaços públicos, quando são utilizados para momentos de recreação e lazer, são ambientes importantes para o desenvolvimento da cidadania entre as crianças e também entre as juventudes. O Código Civil encontra-se em vigor no Brasil desde 2003, após ter ocorrido o cumprimento de sua *vacatio legis*<sup>28</sup> de um ano.

Segundo Corneli (2013), as praças centrais nas pequenas cidades geralmente têm por base uma quadrícula ortogonal regular e organizam-se em torno das praças a troca de bens e serviços e a coordenação de atividades públicas.

A maior parte das vilas e cidades brasileiras dos séculos XVIII, XIX e XX têm por base uma quadrícula ortogonal regular e organizam-se em torno de uma praça, quadrada ou retangular, localizada centralmente. É sobre essa estrutura ortogonal e a partir da praça que se define o traçado das ruas e a estrutura dos quarteirões, também de forma quadrada ou retangular. Por vezes, algumas dessas cidades tinham mais de uma praça, cada uma delas destinada a funções distintas, afirmando a continuidade da tradição das praças múltiplas nas cidades portuguesas (TEIXEIRA, 2006, p. 11).

Segundo Corneli (2013), durante o surgimento das praças que ocupam posição diante da Matriz Central, em grande parte das cidades no Brasil, ocorreram influências dos ideais modernistas europeus, a partir das concepções estéticas, com perspectivas higienistas. E, se recuarmos um pouco mais no tempo, veremos que a praça contemporânea tem sua gênese na *Ágora*, centro dinâmico da cidade grega, passando pelo fórum romano, pelas praças medievais, renascentistas e modernas.

A inserção da arborização nas praças em cidades brasileiras trouxe modificações das funções das praças, que se tornaram mais agradáveis, com estéticas de jardinagem.

---

<sup>28</sup> *Vacatio legis* - uma expressão própria do *latin*, significa "vacância da lei", ou seja: " A Lei Vaga"; é o prazo de tempo legal que uma lei tem pra entrar em vigor.

[...] a praça brasileira foi gradualmente assumindo a forma mais racional e geométrica. Ao longo do século XIX, as intervenções ou projetos de embelezamento que incidiram sobre o espaço urbano consolidaram cada vez mais esse modelo de praça formal e regular. [...] a praça adquiriu uma nova composição em função da introdução e valorização do verde na paisagem (CALDEIRA, 2007, p. 91).

Segundo Corneli (2013, p.49), em meados do século XX, a praça assume novas funções, resultado de intervenções urbanísticas que precisavam atender a um novo conceito de cidade estabelecida a partir da Revolução Industrial, os grandes centros e a metropolização. O processo de modernização durante o século XX impulsionou nas praças a inserção de novos equipamentos que possibilitaram novas práticas de lazer aos cidadãos, como quadras esportivas, equipamentos desportivos, espaços culturais ou anfiteatros e conchas acústicas, equipamentos que trouxeram para as praças novas funções, para além da contemplação e do passeio.

Nas cidades, encontramos as praças como espaços públicos fundamentais para a cidadania e para a evolução da qualidade de vida urbana. O poder público, através da prefeitura, encarrega-se de garantir o acesso e possibilitar os usos das praças, assim como realizar a manutenção das estruturas e da segurança para os diversos usuários das praças.

Para examinarmos as particularidades das praças públicas, seguiremos a proposição de Milton Santos (1985), considerando os aspectos de forma, função, processo e estrutura. A forma remete aos aspectos visuais das praças, aos arranjos de objetos, mantendo como princípio a consciência de que a forma que observamos na paisagem da praça é resultado das rugosidades do tempo. A forma pode ser observada na relação das construções que ocorreram no espaço, no caso das praças, a estrutura pode ser observada através dos elementos inseridos ao longo das décadas, que vão compondo a forma da praça, incluindo os equipamentos, arbustos e mobiliários.

Segundo Santos (1985, p.50), a função se refere à atividade esperada de uma forma, as formas das diversas praças podem exercer função de lazer, função ecológica ou função de embelezamento paisagístico. O processo é definido como uma ação contínua que ocorre nas extensões do espaço e do tempo, no caso das praças, os processos são influenciados pelos interesses econômicos, culturais e sociais. Já a estrutura implica no modo de produção que orienta os processos que produzem as formas que abrigam as funções (para reprodução do modo de produção).

Forma, função, estrutura e processo são quatro termos disjuntivos, mas associados, a empregar segundo um contexto do mundo de todo dia. Tomados individualmente, representam apenas realidades parciais, limitadas, do mundo. Considerados em conjunto, porém, e relacionados entre si, eles constroem uma base teórica e metodológica a partir da qual podemos discutir os fenômenos espaciais em totalidade (SANTOS, 1985, p. 52).

Assim, podemos compreender que a organização socioespacial não é algo estático, mas que está sujeita ao tempo e aos reflexos dos movimentos mais amplos da sociedade.

Segundo Corneli (2013), as praças consistem em um dos mais importantes espaços públicos urbanos na história das cidades. Historicamente, possuem estrutura urbana centralizadora, pois são espaços da prática da vida pública. Durante o século XXI, as praças teoricamente deveriam estar sendo construídas a partir das perspectivas democráticas, buscando atender as necessidades das populações, a partir das perspectivas de governança ampliada, consultando as populações através de assembleias públicas sobre as edificações em praças públicas, que são espaços frequentados por diversos cidadãos. De acordo com Moreno e Frois (2018), as pessoas também podem promover e criar expressões de lazer e cultura. O espaço público deve ser um espaço democrático na sua essência, de uso popular, sendo necessária a participação popular principalmente em sua elaboração, que envolve construção e gerenciamento.

Segundo Corneli (2013), as praças possuem papel predominante no desenho e na vida das pequenas cidades, pois historicamente são espaços de convergência de edifícios públicos e ruas, de fluxos de pessoas e atividades sociais.

As praças possuem extrema importância para relatar a história urbana da cidade, pois é onde ocorre a vida social dos habitantes, que transitam pelas ruas e convivem na praça, no caso de Pompeia (Figura 7), é necessário destacar que a praça é o lugar que ficam as pessoas que desembarcam ao chegar de viagens ou mesmo que aguardam o transporte coletivo chegar, para irem viajar, devido a relação de proximidade que existe entre a praça e a principal rodoviária municipal.

**Figura 7** – Praça no centro da cidade de Pompeia, no início da história do município:



\* *Imagens de Pompéia -SP* .

Fonte: Acervo do Autor - Karin Moreno (FCT-UNESP 2018)

(Fonte: Acervo do Autor - FCT- UNESP, 2018).

Desde o início da história da cidade de Pompeia, a praça foi um espaço público frequentado pelos moradores durante os períodos noturnos e diurnos. É observada pela população como um excelente espaço para passeio e descanso, destaca-se que esse aspecto é predominante desde o início da história da cidade. Reuniam-se na praça também moradores de outros núcleos urbanos da região, como de Oriente/SP ou de outras cidades vizinhas, que frequentavam no passado a praça central em Pompeia, por ser simbolicamente um famoso espaço de lazer na região, o que ampliava a escala de sua centralidade bem como de toda a área central de Pompeia.

[...] o centro, geralmente onde está a igreja e a praça, constitui-se no lugar simbólico por excelência, pois é nesse lugar que a história acontece, (re) produzindo a história social de um povo. O centro das pequenas cidades é assim um lugar privilegiado de controle efetivo e simbólico da vida coletiva [...] (SILVA, 2009, p. 56).

As praças das pequenas cidades também são observadas como espaços para festividades, pois ali ocorrem comemorações de títulos esportivos, de festas típicas, comemorações de natal e de réveillon. É preciso destacar que durante o cotidiano das pequenas cidades, as praças centrais também são espaços onde ocorre a sociabilidade e o lazer de diversos sujeitos.

Destaca-se que nas cidades de Oriente e Pompeia, a área central é inserida na parte mais antiga da área urbana, e que as praças são os principais espaços públicos do centro. Desse modo, podemos concluir que as praças são espaços relevantes em meio as pequenas cidades, nos casos das praças centrais, revela-se a dimensão histórica, contextualizando intrinsecamente o desenvolvimento urbano nas pequenas cidades. A centralidade existente

ainda hoje nas praças das cidades pequenas é revelada em diferentes momentos do cotidiano, seja no uso noturno, realizado pelos jovens, seja no uso diurno, realizado por idosos. De modo geral, as praças centrais são espaços fundamentais na vivência dos habitantes das pequenas cidades, são os espaços onde ocorrem diversas práticas espaciais, que são realizadas por diferentes sujeitos, sendo as praças centrais receptoras dos fluxos e das práticas que ocorrem em micro-escalas e que contribuem na produção do espaço urbano.

### **3.3. As diferentes gerações de jovens e as formas de sociabilidade em cidades pequenas.**

A questão geracional tem sido um tema relevante nos estudos sobre juventudes, pois reflete na construção social do tempo, contribuindo com o desenvolvimento do debate teórico e também revelando questões históricas. Na Geografia, contudo, as potencialidades da questão geracional ainda estão para serem exploradas, conforme argumentou Turra Neto (2008; 2014).

Nesta parte são apresentadas as definições de geração com as quais estamos operando e a delimitação das gerações que são estudadas neste trabalho, expondo questões fundamentais sobre a sociabilidade e suas mudanças ao longo do tempo.

A partir dos materiais recolhidos e dos dados produzidos, como entrevistas, documentos históricos e notícias de jornais, além de informações coletadas sobre carnavais do passado, explicamos nessa parte da pesquisa, os motivos que nos levaram a estudar essas gerações, e também explicamos as diferenças culturais das gerações nos momentos de sociabilidade. Enfatizamos que as questões mais particulares e profundas entorno das práticas dos jovens da geração atual das pequenas cidades serão abordadas no decorrer dos próximos capítulos.

Em nossa pesquisa, buscamos estudar diferentes gerações possibilitando analisarmos as modificações no tempo e no espaço, averiguando, dessa forma, as transformações pelas quais passaram Pompeia e Oriente.

Segundo Oliveira (2009), geração é definida como um grupo de pessoas que, com base na faixa etária, compartilham uma localização cronológica na história, e também as experiências a ela associadas.

É extremamente importante ressaltar a relevância das análises desenvolvidas sobre as gerações que representam novos hábitos culturais e novas perspectivas, que se impulsionaram a partir dos anos 70. Para Abramo (1997, p. 37), “as gerações após 1970 [...] são as primeiras a incorporar as mudanças e as transformações de inovações da modernidade em seu sistema de comportamento”. Assim, os grupos juvenis que emergiram no cenário dos tempos e do

estilo nos anos de 1970-1980, no Brasil, são vistos como “expressão de questões relativas à vivência da condição juvenil” específicas do seu tempo, marcando rupturas geracionais nem sempre evidentes em relação aos jovens de períodos anteriores.

Sendo assim, há uma diferenciação das gerações a partir de 1970 com as gerações que existiram no passado. A partir desse raciocínio, compreendemos que é relevante em nossas pesquisas, abordar questões específicas, a partir das juventudes que surgiram posteriormente à eclosão de alguns dos aspectos modernos em meio a sociedade brasileira, como por exemplo a difusão da TV no Brasil e os festivais de música com transmissões ao vivo. Para delinear melhor o desenvolvimento dos estudos, abordamos nas pesquisas as juventudes a partir de 1980, devido a situação brasileira, na qual a história das pequenas cidades paulistas, estão inseridas.

Destaca-se que a geração de 1980 na cidade de São Paulo, de classe média, vivendo a efervescência cultural e política do período não pode ser modelo para a geração de 1980 de cidades pequenas e mesmo para aqueles que viveram a mesma época, mas enquanto jovens das periferias da capital, que estavam se formando pelo processo migratório do interior e de outros estados. São experiências muito distintas e que marcam um grupo etário segundo o contexto socioespacial em que viveu aquele momento histórico. Assim, a dimensão da contemporaneidade no tempo não é suficiente para delimitar uma geração, é preciso considerar o contexto socioespacial concreto que faz com que jovens compartilhem não apenas um tempo, mas também um espaço.

Segundo Chiavenato (2001), algumas cidades pequenas no Brasil vivenciaram também a presença da repressão realizada por militares na época da Ditadura Militar no Brasil. Contudo, não foram em todas as pequenas cidades em que os jovens sentiram os efeitos da ditadura militar, em termos de repressão às manifestações políticas e culturais, pois nelas não surgiam iniciativas de contestação social ou de resistência, tão significativas como ocorriam nas cidades maiores. Mas como as cidades pequenas compõem a rede urbana e também estavam imersas no mesmo regime das grandes e médias cidades e se os movimentos de contestação ao regime não tiveram a força de chegar até elas e se nelas jovens não se sentiram motivados ao engajamento político mais efetivo<sup>29</sup>, o mesmo não pode ser dito da indústria cultural de massa, cuja força de difusão era imensamente maior.

---

<sup>29</sup> Os estudos de Chiavenato (2001) e Borrego; Maria; Maia (2000) evidenciam que houve exceções e que entre algumas cidades pequenas do interior paulista não só havia movimentação contra a ditadura, mas também ações repressivas.

Assim, as pequenas cidades não são “ilhas sem conexão”, mas estão inseridas em uma rede urbana, polarizadas pelas influências que se disseminam temporalmente sobre o contexto sócio-político nacional e estadual.

A Ditadura Militar no Brasil ocorreu de 1964 até o ano de 1985, devido a essa questão abordamos em nossos estudos, as gerações a partir do fim da Ditadura. Durante os anos 80, o Brasil passou a conquistar novas perspectivas de desenvolvimento industrial. Segundo Moreira (2005), havia grandes fluxos de pessoas a partir do êxodo rural, exercendo a migração campo-cidade. Devido ao aumento da mecanização no campo, os trabalhadores acabavam ficando desempregados nas áreas rurais e passaram a buscar novos empregos nas áreas urbanas.

Diante dessas questões históricas, destacamos o quanto é fundamental investigarmos em nossos estudos geracionais, aspectos das gerações de jovens a partir dos anos 80. Segundo Abramo (1997), é preciso considerar o contexto histórico específico no estudo das juventudes socialmente situadas. Assim, não é possível comparar globalmente uma geração com outra, é possível apenas estipular algumas características de diferenças, pois em cada contexto socioespacial concreto os(as) jovens se depararam com questões específicas e elaboraram respostas originais (TURRA NETO, 2014).

Como não se deve comparar globalmente, objetivamos estudar apenas as mudanças nas práticas, nos espaços e tempos de sociabilidade, nas formas como o encontro sociável acontecia e acontece atualmente, respeitando a especificidade de cada geração. Como já dissemos, a suspeita é que nas cidades pequenas há continuidade quanto aos locais e às práticas que são possíveis de acontecer e há descontinuidade em relação aos conteúdos destas práticas, as tensões e relações, as referências culturais e possibilidades de circulação e comunicação.

Nossa pesquisa é desenvolvida analisando as juventudes dos anos 80 e 90, que definimos como juventudes do passado, observando como eram suas práticas juvenis nas pequenas cidades.

Abordamos separadamente neste estudo, de modo metodológico e didático, três gerações de juventudes, caracterizando a existência delas nas cidades pequenas, explicando os movimentos de seus tempos. Denominamos como juventudes atuais os sujeitos que atingiram a juventude entre os anos 2000 e 2020.

De acordo com Oliveira (2009), os indivíduos das novas gerações apresentam diversas habilidades ao lidar com as novas tecnologias, seus ingressos no mercado de trabalho foram

após o ano de 2008 e seus valores estão baseados em buscar autoconfiança e independência pessoal, tendem a questionar mais, são mais conectados e mais curiosos.

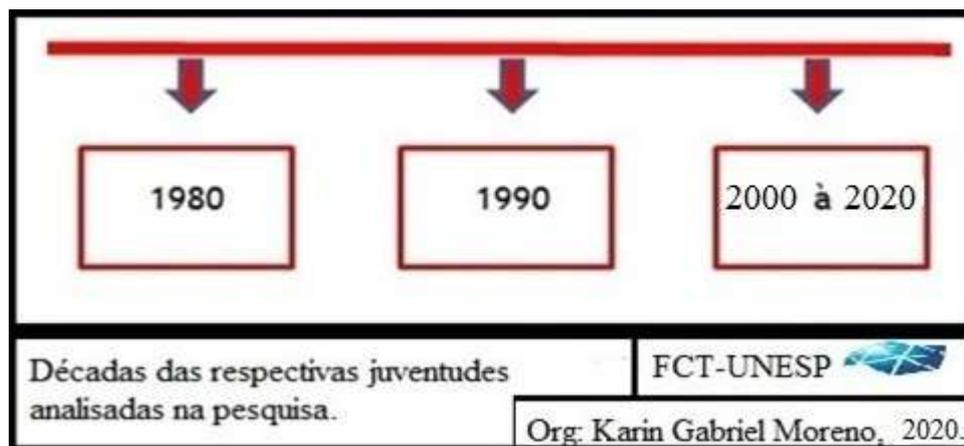
Adaptação e criatividade são algumas características fundamentais para descrever a geração que vem ganhando espaço nas pesquisas sobre juventudes. Segundo Oliveira (2009), os nascidos a partir 1995, ao contrário da geração denominada como “Millennials” (de 1980 até 1994), cresceram em um contexto digital e cheio de diversidades modernas.

Na década de 90, os jovens da atualidade ainda não eram adolescentes, tampouco jovens, eram apenas crianças. Estudaremos aqueles que vivenciaram sua juventude durante os anos 90, separadamente, evidenciando questões particulares daqueles tempos. Assim, durante a pesquisa, foram entrevistadas pessoas que vivenciaram suas juventudes nas décadas de 1980, 1990 e no período de 2000-2020.

Segundo Mannheim (1968), a experiência de uma situação social comum que expõe os sujeitos a um processo coletivo constrói os elementos geracionais, assim as pessoas de uma mesma geração compartilham experiências comuns. Contudo, não significa uma experiência igual a todos, mas expõe todos às vivências do próprio tempo histórico. Diante desse processo, destaca-se que a condição de classe social e o compartilhamento do mesmo contexto espacial são elementos que impulsionam influências nas vivências dos indivíduos e fazem com que eles componham o que Mannheim chamou de unidade geracional.

De acordo com Turra Neto (2011), geração é um conceito que emerge no quadro do debate sobre juventudes para salientar a diferença entre os grupos de idade e entre jovens de períodos diferentes. Em nossos estudos, observamos as gerações (Quadro 1), buscando evidenciar as mudanças e as continuidades que existem nas práticas dos sujeitos em diferentes tempos.

**Quadro 1** - Décadas das juventudes estudadas na pesquisa:



(Fonte: Acervo do Autor - 2020).

Para compreender a juventude como categoria social, as delimitações de faixa etária contribuem, mas não são suficientes, é necessário levar em consideração as formas de vivência e sociabilidade dos diferentes sujeitos, isso significa também observar as questões geracionais e os aspectos culturais, pois através das práticas e ações realizadas pelos diversos jovens, também ocorre a produção do espaço, bem como a produção de novos elementos sociais e hábitos culturais em meio a sociedade contemporânea.

Segundo Feixa e Leccardi (2010), a concepção geracional é formada sobre a consciência dos sujeitos, a partir das influências construídas através do imaginário social, exercendo vínculo estreito com a dimensão da experiência.

Segundo Turra Neto (2014), a demarcação de cada geração não é resultado de uma sucessão de idades, mas de quebras de continuidade na vida coletiva. A demarcação de uma geração revela as relações de experiência da descontinuidade histórica por membros de um grupo etário numa etapa de vida em que o processo de socialização não foi amplamente concluído. Para fazer parte de uma “unidade de geração”, mais que experimentar os mesmos problemas decorrentes da situação de contemporaneidade no tempo, como um grupo etário, é preciso considerar as formas específicas de elaboração dessa experiência.

As gerações estão sobrepostas e não delimitadas radicalmente. Segundo Turra Neto (2014), o conceito de geração possui uma inegável dimensão espacial, além da óbvia dimensão temporal, sendo o espaço observado como o contexto concreto de realização das interações sociais e das práticas espaciais, que formam a identidade de resposta às situações do presente. O contexto espacial é considerado o laço que dá unidade à geração.

Segundo Magnani (2005), a sociabilidade juvenil em áreas urbanas é inscrita nas experiências que os sujeitos exercem pela cidade, desenvolvendo assim participação no

processo de produção dos espaços urbanos e, através das práticas juvenis, ocorre também a produção de conhecimento e a constituição da identidade do jovem, em relação a outros espaços e atores sociais.

É preciso destacar que a sociabilidade é aquilo que ocorre nos tempos e espaços de encontro, a partir das trocas de ideias, assim é relacionada as trocas que realizam os diferentes sujeitos, como o jogo da vida, pois as formas de sociabilidade podem ser observadas na convivência da população com o urbano, como por exemplo, em uma sala de cinema, em uma praça, em uma quadra de esportes ou em um café.

A sociabilidade para Simmel (1983) é composta pelas relações em função de interesses em comum que possuem os diferentes sujeitos e de possíveis necessidades conflituosas. Durante as atividades lúdicas, que envolvem a dimensão coletiva, quando o objetivo é o divertimento, são desenvolvidas relações de sociabilidade que ocorrem através da reunião entre sujeitos que são movidos apenas pela vontade de estarem juntos.

Segundo D'Incao (1994), a sociabilidade no passado envolvia muito mais as diferentes classes sociais em profundas relações conjuntas, por terem acesso às ruas e também tempo disponível para os encontros sociais. Contudo, os movimentos da modernidade, como a disseminação dos aparelhos telefônicos, dos automóveis e dos diferentes meios de comunicação, foram reduzindo as perspectivas de sociabilidade entre as classes sociais diferentes, restringindo-se a pequenos grupos de estratos semelhantes.

De acordo com Simmel (1983), ainda que seja possível a sociabilidade entre pessoas diferentes, durante as relações de sociabilidade, para que se estabeleçam como tais, as diferenças são deixadas de lado, para que as trocas entre “iguais” possam acontecer, assim na sociabilidade não há hierarquias.

O avanço da modernidade e o surgimento de novas tecnologias da área de comunicação gerou reflexos sobre as formas de sociabilidade, ampliando a conexão e diminuindo as distâncias para diálogos, mas também gerou impulsos sobre o aumento do individualismo entre alguns sujeitos, gerando ampliação no distanciamento físico entre as pessoas, e impulsionando aumento nas conexões digitalizadas. Contudo, mesmo com todos os problemas de relações entre jovens e com inovações tecnológicas, a sociabilidade é uma força que sempre se refaz e nunca deixa de existir, pois é uma pulsão, uma necessidade vital.

O aprofundamento das desigualdades sociais combinado ao avanço da globalização sobre a sociedade gera influência sobre as formas de sociabilidade, uma vez que as questões sociais estão intrinsecamente relacionadas aos espaços de convivência e às práticas cotidianas dos sujeitos.

Segundo D'Incao (1994), os sujeitos que são socialmente segregados nesse processo de ampliação das desigualdades sociais tendem a estabelecer relações sociais entre os próprios grupos, pois se identificam por características sociais e histórias que possuem em comum. De acordo com Castells (1999), assim se manifesta a identidade de resistência entre alguns grupos, pois é criada por atores que se encontram em condições desvalorizadas ou estigmatizadas em meio a sociedade. Entre os jovens, estas formas de resistência são articuladas em meio ao encontro festivo e carregam muito de sociabilidade.

Assim, a sociabilidade em sua dimensão simbolicamente lúdica é relacionada a questões sociais e também a questões culturais, sendo fator fundamental das ações juvenis, pois as diferentes juventudes se relacionam a partir das perspectivas de sociabilidade que são compostas sobre influência das referências que surgem em escala local, regional ou global e que se combinam de formas variadas.

Segundo Turra Neto (2008), os jovens no passado a geração de 1950, geralmente apresentavam relatos biográficos marcados pelo trabalho precoce e pela formação de outra família também muito cedo. Este aspecto também é comprovado em nossos estudos para a geração que vivenciava a juventude na década de 80, durante o desenvolvimento das entrevistas realizadas, pessoas que vivenciaram a juventude durante os anos 80 nas pequenas cidades, revelaram que exerceram trabalho precoce. Isto talvez porque a juventude rural era em número maior do que atualmente, o processo de êxodo rural fez esse número ir diminuindo gradualmente com o passar dos anos.

As evidências empíricas apresentadas nos próximos capítulos deste estudo demonstram que a sociabilidade nos anos 80, nas pequenas cidades, também estava relacionada aos clubes municipais, além do espaço público das ruas e das praças, sobretudo, da praça da matriz. Clubes que, mesmo sendo privados, na maioria das festas não eram totalmente excludentes. Durante as entrevistas realizadas nessa pesquisa, foi possível verificar que no caso de Oriente, o que marcou como ponto de encontro para festividades durante os anos 80 foi o Tênis Clube da cidade. Já em Pompeia, foi a Sociedade Recreativa. Nestes clubes, ocorriam discotecas noturnas, onde alguns grupos de jovens se encontravam para dançar, flertar e descontraír. O acesso à estas festas se dava pela compra do ingresso. Estas festas, contudo, não possuíam a regularidade semanal. Já nos períodos matutinos e vespertino, ocorriam práticas desportivas, envolvendo geralmente brincadeiras em piscinas – estas últimas mais restritas aos sócios.

Destaca-se que, nessa década, alguns jovens de pequenas cidades frequentavam cinema nas cidades médias que atraíam os habitantes dos pequenos núcleos urbanos. Nos cinemas, o que marcou época foram os filmes do Mazzaropi.

Segundo Rodrigues (1994), os anos 1980 foram propriamente marcados por ações de movimentos que causaram mudanças consideráveis no cenário político do Brasil. Ocorreram manifestações nas ruas pelas Eleições “Diretas Já”, campanha iniciada em 1984. Os jovens desse período presenciaram a transição do Brasil ditatorial para a democracia.

Segundo Lobato (2004), nas pequenas cidades da região administrativa de Marília, houve menos repercussão das grandes lutas pela democracia, que se concentraram em grandes centros urbanos. Contudo, os jovens das pequenas cidades acompanhavam os acontecimentos políticos através de rádios, jornais, TV, já difundidos no período.

A praça central em ambas as cidades (Oriente e Pompeia) foram, durante os anos 80, espaços onde os jovens se reuniam em momentos de lazer. Também ocorriam nas praças os encontros noturnos para diversão. As entrevistas que são apresentadas nos próximos capítulos deste estudo, revelam que nos anos 80, a juventude tinha a vida social relacionada fortemente à Igreja, aos passeios em família e ao ambiente escolar.

Nas praças, os jovens permaneciam sentados conversando, os diferentes grupos de jovens exerciam relações, alguns jovens caminhavam pelos arredores das praças, passeios a pé para espairecer, outros exerciam voltas entorno da praça com motocicletas. Em datas festivas, ocorriam shows de duplas do estilo sertanejo nas praças.

Durante a década de 90, a sociabilidade das juventudes ocorre a partir de novas diversidades, com o surgimento de práticas juvenis que não haviam no passado. Segundo Turra Neto (2008), surgem novos estilos entre os grupos de jovens, o cenário juvenil é marcado pela fragmentação interna, difundindo-se grupos em torno de estilos culturais que já era comuns nos grandes centros urbanos, desde o início dos anos de 1980. Estes grupos passam a se difundir pelo interior do Brasil. É quando em cidades médias e mesmo pequenas são identificados grupos juvenis em torno do estilo, como punks, hip hoppers, clubers, metaleiros, cowboys etc. Um fato importante foi o aumento da urbanização no Brasil, acompanhado do crescimento demográfico das cidades, ampliando as possibilidades de participação juvenil nos espaços públicos. Destaca-se também que nos anos 90, houve uma brusca queda da população rural nas regiões sul e sudeste do Brasil.

Assim, as pessoas que nasceram após o ano de 1990, são pertencentes às “novas gerações ou new generations”, pois as gerações que surgem na história após os anos 90 representam novos hábitos e modos de viver, os jovens que nasceram após a década de 90

transitam por múltiplas comunidades, estabelecendo novas relações e de modo geral recebem maiores influências do processo de globalização se comparados aos jovens do passado.

A sucessão de gerações exerce posição dialética perante a construção da história, é preciso destacar também, que ocorrem “coincidências” e “sobreposições”, entre as diferentes gerações. Como argumenta Bauman (2007, p. 372), “as fronteiras que separam as gerações não são claramente definidas, não podem deixar de ser ambíguas e atravessadas e, definitivamente não podem ser ignoradas”.

As entrevistas realizadas nessa pesquisa demonstram que nas pequenas cidades, durante os anos 90, a sociabilidade das juventudes estava relacionada a uma vida noturna mais dinâmica, onde alguns jovens já frequentavam semanalmente festas em Marília, a partir dos avanços nos meios de transporte coletivo. As praças nas cidades de Pompeia e Oriente ainda eram espaços primordiais de encontro entre os jovens durante a década de 90. Nas entrevistas realizadas nessa pesquisa e que são apresentadas nos próximos capítulos, fica evidente que a praça Matriz, em ambas as cidades, era mais frequentada na década de 90, se comparada aos fluxos da atualidade.

Durante os anos 90, a juventude presenciava a ascensão do rock brasileiro, com ampliação também dos estilos pop e axé, que ganharam grande força expressiva através de bandas que já tocavam nos anos 80, mas que durante os anos 90, tornaram-se mais populares, com ampla difusão nos meios de comunicação de massa. Destacam-se as bandas Legião Urbana, Paralamas do Sucesso, Ira e Capital Inicial.

Também durante os anos 90, ocorreu o movimento dos “caras-pintadas”, em que a juventude foi às ruas lutar para conseguir o impeachment de Fernando Collor, político que estava envolvido em casos de corrupção, e que foi condenado à perda do mandato em 1994. Os jovens tornaram-se nessa época personagens fundamentais para o desenvolvimento da construção de uma imagem da democracia brasileira.

A década de 90 é marcada pelos avanços das publicidades direcionadas as juventudes. Através das pesquisas documentais na Biblioteca Municipal de Oriente, observando revistas antigas, verificamos anúncios propriamente dirigidos para o jovem, ocorrendo ampla disseminação das formas de consumo juvenil, a partir dos símbolos da geração própria dos anos 90, como pranchas de surf, calças jeans e motocicletas. As juventudes, durante os anos 90, possuíam aspectos contraculturais e marcam época com a construção de questionamentos sociais, a partir das práticas e na composição das artes.

Os conteúdos das entrevistas deste estudo que são apresentados nos próximos capítulos, revelaram que o “não fazer nada” é uma das principais características da juventude

dos anos 90 nas pequenas cidades durante o tempo livre, característica que também compõe as práticas das juventudes da atualidade, a partir da prática da conversa, dos encontros nas praças, do “estar (por estar) com os amigos” e do “passar o tempo”.

Os espaços e tempos de lazer aparecem, de certo modo, sobrevalorizados pelos jovens porque reconhecem aí desfrutar de uma certa autonomia, em contraste com outros domínios (família, escola, trabalho) onde é predominante a autoridade adulta (PAIS, 1993, p. 109).

De acordo com Pais (1993), durante os anos 90, a representação de liberdade juvenil é relacionada a ampla possibilidade de ter diferentes opções, de consumo e de espaços de lazer, ocorrendo durante a década o impulsionamento da “liberdade de escolha”.

As entrevistas deste estudo demonstram que no caso das pequenas cidades do interior paulista, o final dos anos 90 é marcado pela chegada de novidades tecnológicas e por festas nos clubes municipais, também ocorrem encontros de jovens nos carnavais, que eram marcados pelo ritmo "Macarena" (uma canção da dupla espanhola Los Del Río) e também têm papel fundamental na sociabilidade juvenil em pequenas cidades a ampliação das festas de rodeios municipais.

Já a sociabilidade dos jovens nascidos após 2000 está relacionada a um contexto de ampliação e difusão dos novos meios de comunicação, com amplas possibilidades de consumo e com novas potencialidades de usos dos espaços públicos. A experiência de juventude para esses jovens no caso da classe média e da burguesia é mais relacionada a diversão e a preparação para o futuro, contudo para os jovens das classes sociais C, D e E, ainda existe muita presença do trabalho durante a juventude.

A juventude da atualidade, que corresponde ao período de 2000 à 2020, presencia um cenário cultural diversificado, nas pequenas cidades de Oriente e Pompeia. Os jovens organizam e participam de encontros de carros com som automotivo, além de ampliarem a vida noturna, os jovens frequentam durante os finais de semana festas badaladas que começam num dia ao anoitecer e que duram até o nascer do sol do outro dia. Estes aspectos serão apresentados juntamente com materiais empíricos neste estudo, mais adiante, quando falarmos das práticas espaciais juvenis durante o século XXI, nas cidades de Oriente e Pompeia.

Segundo Nicolaci da Costa (2003), a sociabilidade das juventudes, após os anos 2000, é mediada também por computadores e celulares. Dessa maneira, as relações são instauradas pela difusão dos programas e aplicativos em tempo real na vida dos jovens. Os jovens também utilizam o celular na *night*, em baladas e barzinhos, para combinar encontros e articular a rede de amigos. Segundo Turkle (1995), a vida virtual que os jovens da atualidade desempenham

pode ser compreendida como “cultura da simulação”, pois o ciberespaço permite experimentação virtual, onde diferentes personagens são facilitadores na experimentação de diferentes facetas envolvendo a construção pessoal dos indivíduos.

Segundo Castells (1999), os jovens vão se relacionando em meio aos espaços de fluxos, para se encontrarem em um lugar do espaço convencional: na praça, na fila do cinema, na sala de aula, no parque ou no bar. Destaca-se assim o papel das redes sociais e dos meios de comunicação na facilitação dos encontros entre os diferentes grupos de jovens.

Segundo Rocha, Almeida e Eugenio (2006), também ocorre após os anos 2000 a exposição de diversos grupos juvenis, surgem novas festas juvenis a partir das conquistas de liberdade dos grupos LGBT’s (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais) e também dos grupos de jovens que são adeptos do estilo “Funk” (estilo musical oriundo das favelas cariocas, apesar do nome, é diferente do funk originário da América do Norte). A diversidade entre as juventudes passa a se tornar cada vez mais comum. A diversidade sempre existiu, mas agora nas cidades pequenas vem ganhando outras colorações com a existência também nelas de agrupamentos juvenis em torno de estilos diversos, o que não era muito comum para as gerações anteriores, o que já se fazia sentir durante os anos de 1990, mas ganha maior proporção ao longo dos anos 2000.

Segundo Rocha, Almeida e Eugenio (2006), também ocorre, após os anos 2000, a ascensão dos jovens tranceiros, grupos juvenis que frequentam festas de músicas do estilo “trance” (principal vertente da música eletrônica, que emergiu no início da década de 1990). Destaca-se também o aumento do consumo de drogas sintéticas em festas do estilo “open-air trance (raves)”. As raves não são acessadas por todos os jovens, destacam-se que alguns desses eventos possuem elevado preço no ingresso de entrada, assim atingindo seletivamente as juventudes. É preciso destacar, que as raves não ocorrem propriamente nas cidades pequenas, mas nas cidades médias do interior paulista, atraindo as juventudes de cidades pequenas a frequentarem os eventos, tendo uma escala regional.

Dessa maneira, destacamos que as juventudes dos anos 2000-2020 são compostas por características de diversidade, relacionadas a era do *smartphone*, das conexões virtuais em redes, através do avanço tecnológico, a partir da difusão do processo de globalização que integra culturas, economias e territórios, mas que também gera aprofundamento das desigualdades sociais, com o avanço de tecnologias e com a difusão de novos produtos para consumo, que podem ser acessados somente pelas classes mais abastadas, levando ao aumento da desigualdade, ou seja, ao aumento do custo de vida e à incapacidade dos mais pobres

sobreviverem com esse custo, a globalização na sociedade capitalista atual também estabelece selecionamento e hierarquização para o consumo.

As pequenas cidades paulistas não estão isoladas do mundo durante os anos 2000, pelo contrário, elas estão em conexões com as redes e os habitantes dessas pequenas áreas urbanas recebem influências do mundo e reproduzem essas influências através das práticas. Segundo Dayrell (2003), os estilos das juventudes no século XXI são extremamente variados, desde jovens preocupados com os impactos humanos ao meio ambiente, até jovens que não se preocupam com o amanhã, mas pensam somente no presente, jovens hippies, jovens country's, jovens punks, jovens do rock, jovens skatistas, jovens esportistas, entre outros estilos. Dessa maneira, os jovens vão construindo múltiplas identidades. É preciso destacar que esses estilos se reproduzem em meio as pequenas cidades, demonstrando que as transformações sociais ocorrem também nelas. Contudo, essas transformações pouco são acompanhadas de mudanças na própria estrutura destas cidades, que oferece praticamente o mesmo campo de possibilidades para a realização destas novas referências que aquele das gerações anteriores.

Destaca-se que a sociabilidade no caso das pequenas cidades, independente de época ou de tempo geracional, sempre se demonstra composta pela pessoalidade, pelas relações com a vizinhança. Os jovens vivem em parte uma sociabilidade vigiada por adultos, além do ambiente do próprio lar, que é referência de vivência familiar. Os ambientes fora do lar também são controlados, pois a vizinhança possui extrema relevância. Assim, nas pequenas cidades todo mundo conhece todo mundo e ocorrem muitas fofocas sobre a vida alheia.

A fofoca consiste no ato de fazer afirmações não sustentadas em fatos concretos, especulações em relação à vida alheia e também em espalhar e divulgar fatos verídicos da vida de outras pessoas sem o consentimento das mesmas, podendo possuir intenção de difamação ou de um simples comentário em rodas de conversas.

Nas pequenas cidades, os sujeitos se encontram com os vizinhos a todo momento, em bares, lojas, lanchonetes ou na esquina de uma rua. Assim, a forma de comportamento das pessoas acaba ficando sujeita a uma determinada forma de controle, que está relacionada aos costumes culturais e também às expressões cotidianas.

Segundo Silva (2000), a convivência nas pequenas cidades impõe determinados comportamentos aos sujeitos, através de um controle simbólico baseado nos aspectos de valores. Assim, existe entre os habitantes ampla preocupação com as relações coletivas, pois preocupam-se com a maneira como são percebidos pelos outros. Os habitantes das pequenas

idades, em grande parte, respeitam o controle simbólico social, admitindo que não se deve transgredir as regras culturais locais, “não se pode causar falatório na cidade”.

Como todo mundo se conhece na pequena cidade, este reconhecimento torna-se uma rígida forma de controle social e também ocorre o simultâneo reconhecimento das diferenças entre os sujeitos, das suas “marcas”.

Aquilo que é conhecido como “falatório na cidade” se refere às possíveis fofocas que venham a ser compartilhadas pelos moradores da pequena cidade. Assim os acontecimentos e fatos que ocorrem, e que são protagonizados pelos próprios habitantes, envolvendo as marcas dos sujeitos, envolvendo o nome das pessoas que participam de determinados fatos, rapidamente tornam-se notícias, fazendo as informações sobre os acontecimentos na pequena cidade se espalharem muito rapidamente, através das conversas. Dessa maneira, os sujeitos relatam a vida e os fatos, e transmitem informações, que vão moldando as relações sociais entre as pessoas e impulsionando marcas aos sujeitos.

A partir das relações de sociabilidade que são baseadas na pessoalidade, as pequenas cidades se mostram como sociedades complexas, divididas em classes e em conjunturas diversas.

Assim, descrevemos algumas características que são próprias das respectivas gerações observadas neste estudo, destacamos que esses são elementos gerais descritos, que marcaram as épocas e que fazem parte da vivência das diferentes juventudes e de seus tempos. Contudo, destacamos também que existem as particularidades e que a pretensão deste estudo é explicar delimitadamente os casos de Pompeia e Oriente, e suas diversas juventudes. De maneira modesta, explicamos que existem elementos gerais que são características das gerações, e que a partir das análises entorno desses elementos passamos a compreender a dinâmica geracional relacionada ao debate sobre juventudes.

Para maior compreensão das observações realizadas entorno dos elementos gerais das juventudes em suas respectivas épocas, citamos exemplos que são observados por este estudo nas cidades de Pompeia e Oriente, localizadas no interior paulista.

Desse modo, explicitamos que é preciso destacar a importância da questão geracional entorno das análises sobre juventudes, pois dessa maneira podemos explicar aspectos fundamentais sobre os valores, escolhas, práticas e expectativas de diferentes juventudes, em diferentes tempos históricos. Pois a história é constituída através da sucessão de gerações. Com a realização desse debate é possível analisar os diferentes grupos de jovens que são construídos em meio a sociedade e que nos remetem a relacionar as articulações entre os sujeitos e os espaços, evidenciando as diferenças geracionais. Assim, podemos demonstrar

que a construção de uma Geografia das Juventudes é formada pela observação das práticas juvenis e dos aspectos socioespaciais pelos quais os jovens estabelecem seus territórios e reproduzem suas identidades.

### **3.4. Os espaços públicos e os principais espaços da vida pública, como espaços para as práticas espaciais dos jovens em Pompeia nas décadas de 1980 e 1990.**

Nessa parte do estudo objetivamos explicar como ocorreram as práticas espaciais das gerações de jovens durante as décadas do passado que foram observadas em nossa pesquisa, utilizando diversas fontes como imagens, entrevistas e documentos históricos. Relatamos questões específicas sobre os jovens dos anos 80 e dos anos 90 na pequena cidade de Pompeia.

Observar as práticas das gerações do passado é como olhar na janela da história, buscando compreender as perspectivas das juventudes que antecedem o momento presente. Ao mesmo tempo, analisar uma pequena cidade é desafiador, pois as pequenas cidades possuem particularidades que somente podem ser descritas através de investigações detalhadas.

Um aspecto em comum que marca as juventudes durante os anos 80 na cidade de Pompeia é que as gerações anteriores da família, como Pai e Mãe ou avós, em sua grande maioria, nasceram no campo e vivenciaram a parte de suas vidas em áreas rurais, bem como os próprios jovens muitos deles tiveram origem rural.

Meus pais nasceram no campo, eu nasci na área rural também aqui em Pompeia mesmo, já meus filhos nasceram na cidade, cresceram brincando nas ruas do Bairro Pirajá, onde se localiza minha casa. [*Entrevista realizada em Dezembro de 2017 – Sandra<sup>30</sup>, 54 anos – Moradora de Pompeia*].

A juventude nos anos 80 presenciou um tempo em que as relações entre o campo e a cidade, nos municípios do interior paulista, eram distintas das de hoje. As cidades funcionavam como uma espécie de centro comercial para os habitantes das áreas rurais, que eram em maior número, que se direcionavam até elas para comprar algo que faltava no campo, ou para acessar serviços de saúde ou em momentos escolares, e também nas grandes festas

---

<sup>30</sup> Sandra: 54 anos, moradora de Pompeia, Bairro: Pirajá, Possui Ensino Superior Completo, Estado Civil: Casada. Renda Mensal Familiar: três salários mínimos. Entrevista realizada na residência da entrevistada.

cívicas que marcavam o calendário municipal, momento em que moradores do campo contribuía com a animação da vida social urbana.

Outro fator importante sobre a juventude nos anos 80 é a infância e as brincadeiras relacionadas com a rua. Também comparecem informações nas entrevistas revelando a falta de infraestrutura urbana na pavimentação da pequena cidade de Pompeia, que era observada pelos jovens do passado.

Apesar de nascer no campo, minha infância vivi no campo até uns 8 anos somente, depois eu cresci nessa casa aqui na cidade, onde moro até hoje. Eu estudava no Grupão<sup>31</sup>, e brincava mais em casa, brincava muito de carrinhos e fazendinhas, brincava com colegas de bicicleta na rua de casa. As ruas em diferentes bairros ainda não eram asfaltadas. Nós brincávamos nos parquinhos das praças, às vezes. Lembro que a maior parte dos brinquedos eram improvisados com antigos utensílios domésticos e peças de brinquedos antigos. A minha avó fazia para nós bonecas de pano [*Entrevista realizada em Janeiro de 2018 – Otávio<sup>32</sup>, 53 anos – Morador de Pompeia*].

A infância dos jovens que vivenciaram os anos 80 é relacionada a passeios pela cidade em família, onde frequentavam sorveterias, praças e realizavam brincadeiras durante os dias, com colegas do bairro, além das brincadeiras casuais entre amigos.

Já a juventude na pequena cidade de Pompeia, durante os anos 80, foi movimentada por festas, chamadas “discotecas” e “brincadeiras”, além de encontros juvenis na Praça da Matriz Central da cidade. Os jovens frequentavam muito a praça, ficavam conversando e bebendo refrigerante, em frente da fonte luminosa, na praça principal da cidade.

Na minha juventude, a gente frequentava discoteca aqui em Pompeia, festas de discotecas, que aconteciam no Kaikan, aconteciam no Grupão. Rolava brincadeiras também, dia de domingo aconteciam discoteca até meia noite, no máximo. As festas que a gente frequentava terminavam antes das 2 horas da madrugada. Eu saía umas 19 horas de casa e voltava até no máximo as 2 horas, e a gente se concentrava ali na praça matriz central, ficávamos paquerando ali, bebendo refrigerante. Depois frequentávamos, em seguida, as festas discotecas. A gente ficava muito ali na praça, na fonte luminosa ali, a gente ficava conversando. [*Entrevista realizada em Dezembro de 2017 – Sandra, 54 anos – Moradora de Pompeia*].

Destaca-se também que a praça tem papel fundamental na sociabilidade dos jovens, uma vez que a praça era utilizada como ponto de encontro (Figura 8), e dali os jovens se

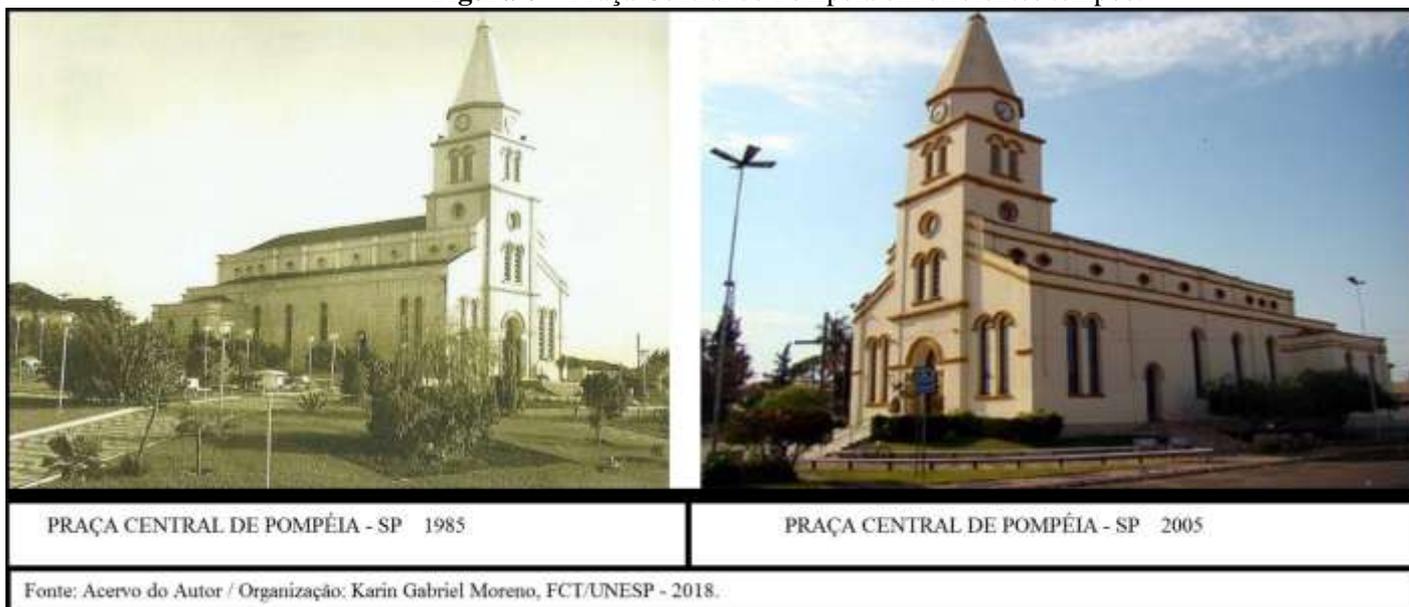
---

<sup>31</sup> Escola Pública (E.M.E.F.), localizada na Rua Deputado Romeiro Pereira, no centro de Pompeia.

<sup>32</sup> Otávio: 53 anos, morador de Pompeia, Bairro: Jardim São Luiz, possui Ensino Fundamental Completo; Estado Civil: Solteiro, possui renda familiar de um salário mínimo. Entrevista realizada na residência do entrevistado.

direcionavam para as chamadas “discotecas”. O Kaikan citado na entrevista é um espaço de uma associação de cultura nipônica, localizado na R. Dr. Durval de Carvalho e Silva, no centro de Pompeia.

**Figura 8** - Praça Central de Pompeia em diferentes tempos:



(Organização: Karin Gabriel Moreno, FCT-UNESP/2018).

A Praça Matriz Central se destaca historicamente como importante espaço de lazer e de encontro das diferentes juventudes em diferentes décadas na história do município. Na figura, é demonstrado o aspecto da praça durante a década de 80 e, a partir de uma observação comparativa, são demonstradas as modificações que ocorreram com o tempo na praça ao longo de vinte anos. A praça é composta também pela chamada “praça de baixo”, a Praça Jesus Maria, onde se localiza o bebedouro público central da cidade. A praça é localizada na área mais movimentada do centro, marcada pela presença da Igreja Católica, em frente a rodoviária da cidade.

Durante as entrevistas, diferentes sujeitos afirmaram que as bandas mais ouvidas da época, entre seu grupo de amigos, eram Pink Floyd, Michael Jackson and The Jackson's 5, Bee Gees, entre outras e as entrevistas também revelaram que tocava muito nas paradas das diversas estações de rádios as músicas internacionais. Paralelamente à esta forte influência da indústria cultural global, os anos de 1980 também conheceram a ascensão do Rock Nacional, com desdobramentos nos gostos musicais de toda uma geração de brasileiros.

Os anos 80 foram marcados por uma grande mudança na sociedade brasileira, nos quais assistimos à emergência de jovens, insuflados por batidas e acordes de guitarra, projetando seus corações e mentes na busca de soluções para os problemas de sua época (PRADO, 2011, p.6).

Ainda nos primeiros anos da década de 80, segundo Gagliardi (1996, p. 23), na cidade de Pompeia, havia o “footing” aos domingos em frente à rua principal, Senador Rodolfo Miranda, que ficava lotada de rapazes e moças que, de braços dados, passeavam de um lado para o outro, paquerando e se divertindo.

Com o passar dos anos, o “footing” foi para a Praça Matriz. De acordo com as entrevistas, notamos que na segunda metade da década de 80 existia ampla presença de jovens na principal praça da cidade, durante os momentos de lazer. O “footing” é um termo que vem do inglês e significa “ir a pé”, prática existente durante do século XX, em cidades pequenas. As mulheres colocavam roupas e vestidos elegantes, em seguida saíam para caminhar em algum lugar movimentado da cidade, com o intento de serem observadas pelos rapazes, que geralmente saíam de suas casas também bem arrumados e com roupas bonitas. Segundo Gagliardi (1996), a Estação Ferroviária também já foi ambiente onde ocorriam as práticas de “footing” entre jovens, isso até meados dos anos 80. Depois, após obras públicas, o “footing” passou a ocorrer concentradamente na principal rua da cidade e, posteriormente, veio a acontecer na principal praça.

É preciso destacar também a importância dos primeiros clubes recreativos na cidade, para compreender as práticas de lazer. O primeiro clube se localizava na rua Dr. Luiz Miranda. Por volta da década de 50 e também na década de 60, ocorriam bailes que lotavam o salão. Rapazes da época costumavam fazer serenatas. Segundo Gagliardi, (1996), essas serenatas que eram realizadas por rapazes da época, também ocorriam em Oriente, cidade vizinha. Contudo, destaca-se que durante a década de 80, que é objeto de estudo de nossa pesquisa, o único clube ativo na cidade era a Sociedade Recreativa de Pompeia. Os clubes não são propriamente espaços públicos, mas fazem parte da história da vida social na cidade, com participação de jovens em diferentes tempos.

De acordo com Gagliardi (1996), durante a década de 1960, no clube oficial da cidade, localizado na Rua Getúlio Vargas, realizavam-se grandes e famosos bailes mensais, sendo exigido traje a rigor. As moças que frequentavam, todas usavam vestidos longos, elegantes. Nesses bailes prevalecia o maior respeito entre todos, dificilmente ocorriam discussões e brigas.

Segundo Gagliardi (1996), no passado o lazer era menos relevante e o trabalho ocupava grande parte do tempo de muitos, pois a geração de jovens da década de 1980, em pequenas cidades, era mais direcionada a trabalhar devido as condições sociais de muitos, com a ampliação do êxodo rural que ocorria no Brasil e com os índices de pobreza da época.

De acordo com Gagliardi (1996), os jovens no passado também ocupavam os espaços públicos nos momentos de lazer, pois de temporada em temporada, os passeios mudavam de preferência, em um momento na praça central, em outro momento na Estação Ferroviária, e nesses locais não faltavam os carrinhos de pipoca, amendoim e algodão doce.

Nas entrevistas, a Praça Matriz é lembrada como o principal ponto de encontro entre os jovens na cidade, nos momentos de lazer durante a década de 80.

Era na praça onde os jovens se encontravam, tinha um Trailer que vendia lanches e bebidas, cervejas e refrigerantes, o pessoal se concentrava na praça, ficava conversando e ouvindo músicas que tocavam na lanchonete mesmo, ficávamos lá até a noite, mas geralmente voltávamos para casa antes das onze horas da noite. A gente fazia brincadeira dançante aos fins de semana, ficávamos as vezes na praça da cerejeira localizada na Rua Francisco M. Beato e também na rua do comércio. Também frequentávamos muito a praça de baixo onde passa a ferrovia, ali a gente se encontrava. Lotava de gente. Sexta, sábado e domingo a gente tava lá. O povo andava mais a pé, a gente ficava na praça, comia pipoca, tomava um picolé, a gente frequentava a praça mais pra paquerar. Aos domingos, a gente jogava futebol, haviam muitos times de futebol, de bairros, jogávamos em todos os campos da cidade, campos de pastos de sítios rurais, campos em bairros distantes do centro da cidade, entre outros esportes que o pessoal praticava [Entrevista realizada em Janeiro de 2018 – Otávio, 53 anos – Morador de Pompeia].

Assim, a entrevista revela elementos da interação com o mundo rural, entre as juventudes nas pequenas cidades, mundo rural que estava muito próximo, até mesmo em momentos de lazer. Lembrando a entrevista explica sobre o futebol, que é um esporte masculino e que retrata interações que podem ser chamadas de “homossociabilidade” (sociabilidade entre homens), da qual na maioria das vezes as mulheres ocupam uma posição marginal (apenas como plateia). Segundo Andrade (2001), a homossociabilidade ocorre através de experiências masculinas, que marginalizam a participação feminina, consequentemente naturalizando o protagonismo masculino, dessa maneira ocorre a participação de mulheres somente a partir de um papel coadjuvante.

Destaca-se também que as festas de discotecas não duravam até o fim da madrugada, como nos dias atuais. Na verdade, elas começavam mais cedo e terminavam mais cedo, se comparadas com as festas que os jovens frequentam nos dias de hoje.

Evidentemente, ocorreram mudanças com o passar das décadas na cidade. No passado as práticas dos jovens eram relacionadas a paquerar, conversar e consumir sorvete ou pipoca, e também frequentavam as festas típicas. Já nos dias atuais, as práticas dos jovens são mais voltadas para baladas, bares ou “festas open air” e/ou “open bar”.

Ocorriam também festas discotecas no Clube Sociedade Recreativa de Pompeia, durante os anos 80, mas nem todos os jovens da época conseguiam frequentar essas festas, como é relatado nas entrevistas.

Uma coisa que vejo que mudou em Pompeia é a popularização de alguns ambientes, eu quase nunca frequentava carnaval na Sociedade Recreativa. Na minha época o clube “Recrê”, era muito seletivo, somente os filhos de ricos, e os adultos ricos da cidade que frequentavam os carnavais na “Recrê”, sabemos que o carnaval noturno e as matinês diurnas que acontecem na Recrê movimentam muito o fluxo de jovens. Especialmente durante os anos 2005 e 2006, os carnavais da “Recrê” foram bem famosos, sabemos disso, os jornais da época demonstram isso. Mas, quero explicar como aconteciam esses carnavais no clube da “Recrê” no passado. Era algo totalmente elitizado, hoje em dia vejo quase todas as classes sociais acessando as festas por lá, pagando convite por fora, não somente associados, mas pessoas de diferentes grupos podem acessar as festas da “Recrê”. Na minha época, segurança não deixava os mais pobres entrarem no carnaval da “Recrê”, não havia opção de convite por fora para todos, não deixava não. Deixavam entrar somente os sócios, e aqueles jovens de classe média alta, que não eram sócios, mas pagavam convite por fora, acabavam entrando nas festas de carnaval. Entretanto, os mais pobres eram excluídos. O convite por fora era o famoso ‘convite não – sócio’. De forma geral, era somente as pessoas ricas que frequentavam a Sociedade Recreativa durante os anos da década de 80 [Entrevista realizada em Dezembro de 2017 – Sandra, 54 anos – Moradora de Pompeia].

Assim revelam-se questões particulares e históricas da cidade de Pompeia, demonstrando que, mesmo em pequenas cidades existem aspectos históricos de segregação dos sujeitos, a partir de questões sociais e de posições econômicas.

Demonstra-se na fala da nossa entrevistada que a Sociedade Recreativa, que é uma sociedade privada, atuava como o principal clube de Pompeia e atendia durante os anos 80 hegemonicamente pessoas das classes sociais mais abastadas financeiramente. Através da impossibilidade de frequência as festas que ocorriam no Clube, observamos exemplos de como são construídas as “marcas” dos sujeitos em pequenas cidades, “marcas” que surgem

para distinguir, pois no cotidiano de pequenas cidades, a maioria das pessoas se conhecem. Assim também observamos como são estigmatizadas as pessoas.

Segundo Caniello (2003), os sujeitos são reconhecidos uns pelos outros nas pequenas cidades em virtude de suas “marcas” pessoais, as relações sociais produzem essas “marcas” a partir de um consenso coletivo estabelecido no imaginário da sociedade local. Segundo Caniello (2003), existe nas pequenas cidades alto grau de proximidade entre os sujeitos, e isso produz uma “visibilidade inevitável” para os indivíduos, o fato de sair de casa já faz o sujeito ser visto e lembrado pelo imaginário social. Assim, a partir das “marcas” surgem as denominações comuns utilizadas pelos habitantes para distinguir sujeitos em meio as pequenas cidades, como por exemplo “o filho do padeiro”, “a mulher do dentista”, “o catador de papelão, aquele que sempre é visto pegando papelão pelas ruas”, “o jogador de futebol” ou “o skatista”.

Nas entrevistas, fica evidente que, durante as festas, quem ficava para o lado de fora na Sociedade Recreativa de Pompeia durante os anos 80, frequentava o prédio onde foi o antigo “SESI”<sup>33</sup> na Rua Quintino Bocaiúva, e também o Panelão (como é popularmente conhecido o Ginásio de Esportes Chevrane Resende ), onde ocorriam as marchinhas de carnaval. Quando não havia datas festivas, ocorriam concursos de dança, ou também a juventude criava práticas para se divertir nas praças, como rodas de conversas e paqueras.

Tinha festas o ano todo, bailes na Recrê, bailes no J.K, quermesse, e a gente sempre tava no meio. Lembro que nós frequentávamos os carnavais no Panelão, e lá a gente dançava e era muito divertido [*Entrevista realizada em Janeiro de 2018 – Otávio, 53 anos – Morador de Pompeia*].

De acordo com Gagliardi (1996), ainda na década de 80, ocorreu o tempo das colombinas, dos pierrôs, do lança-perfume, confetes e serpentinas na pequena cidade. Os carnavais de Pompeia eram famosos na época.

Os carnavais eram em espaços fechados com bailes, fantasias e também músicas, samba, pagode e baladas internacionais, além das marchinhas que eram reproduzidas, destaca-se as diversas marchas de carnaval entre as inúmeras gravações da artista, as marchinhas mais tocadas na época eram, Adeus Batucada e Camisa Listrada. Além de outras marchinhas como, “Cantores do rádio”, de Lamartine Babo, também se destacava a música “Disseram que voltei americanizada”, de Vicente Paiva e Luiz Peixoto, e também tocavam as clássicas marchinhas

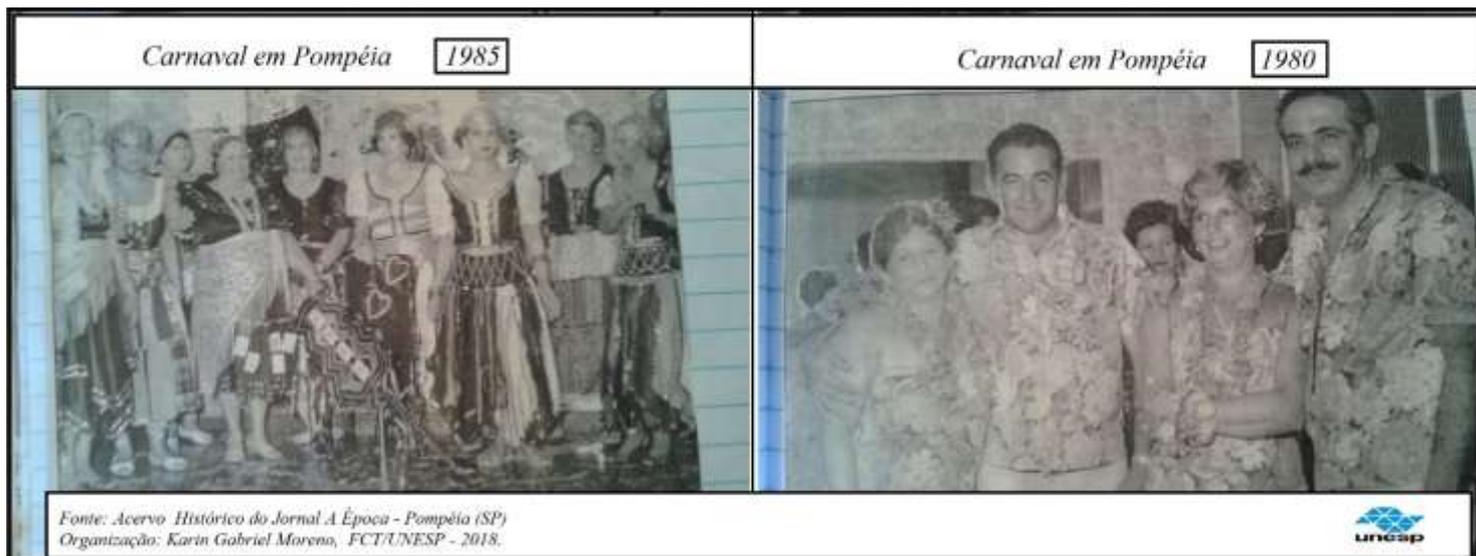
---

<sup>33</sup> SESI - Serviço Social da Indústria.

como, ‘O que é que a baiana tem?’ de Dorival Caymmi, e “Aurora” de Mário Lago e Roberto Roberti.

O carnaval (Figura 9) pode ser representado de diversas formas, com a participação da diversidade e com diferentes finalidades com a participação de artistas, expressando ideias e valores, assim reproduzindo questões culturais.

**Figura 9** - Carnavais em Pompeia durante a década de 80:



(Organização: Karin Gabriel Moreno, FCT/UNESP – Fonte:Acervo Histórico ‘Jornal A Época’, 2018).

O carnaval era considerado uma das festas populares mais animadas e representativas, os jovens se fantasiavam, algumas pessoas decoravam seus carros e em grupos dançavam nas festas carnavalescas.

Uma data festiva que também é relevante para a cidade é o aniversário de Pompeia, durante o mês de Setembro, quando ocorrem os shows de rodeio.

Frequentávamos quando jovens a Festa de Peão de Boiadeiro, rodeios e shows, lembro que fui no show de Chitãozinho & Xororó. Nos anos 80, o rodeio era lá no Campão Municipal (Estádio Nestor de Barros), e somente nos anos 90, o rodeio mudou lá para o Recinto atual (Recinto Mario Zaparolli). O rodeio na minha juventude, foi surgir quando eu tinha uns 20 anos. Antes disso, não tinha rodeio na cidade não, nossa diversão era ficar na praça e ir no cinema antes disso, e depois quando surgiu o rodeio, nossa diversão aumentou mais, passamos a frequentar essa grande festa [Entrevista realizada em Dezembro de 2017 – Sandra, 54 anos – Moradora de Pompeia].

São festas populares que atraem as juventudes, mesmo as juventudes das áreas rurais e dos distritos de Paulópolis e Novo Cravinhos, que frequentavam essas festas de datas comemorativas, propiciando maiores entretenimentos nos momentos de lazer dos jovens de pequenas cidades. As entrevistas revelam que o Rodeio (Festa do Peão de Boiadeiro de Pompeia) ocorria no Estádio Nestor de Barros e que anos depois passou a ocorrer no Recinto Mario Zapparoli, que são espaços públicos. Os jovens durante a festa popular assistiam a competição envolvendo bovinos e também curtiam shows musicais com duplas sertanejas. Também havia o consumo de bebidas e comidas típicas das festas do interior paulista, como maçãs do amor, espetinhos de carne, pipocas, refrigerantes e cervejas. As bebidas alcoólicas eram consumidas nessa época majoritariamente por adultos, apesar de alguns adolescentes consumirem escondidos. Os jovens, de forma geral, utilizavam a festa popular como amplo espaço de recreação, paqueras e sociabilidades.

Segundo Carneiro (1974), as festas tradicionais asseguram a concretização de um contexto que autoriza contato real entre os indivíduos a partir das relações exercidas sobre condições balizadoras da chamada “cultura” de um povo. O espaço das festas pode ser considerado um lugar de pluralidades, pois permite a emergência de múltiplos mecanismos promotores de sociabilidade, influenciando a construção identitária dos jovens que participam das festividades e que compartilham dos mesmos interesses e expectativas.

As entrevistas revelam que muitos jovens se preparavam e se arrumavam muito antes das festas, frequentavam as festas com a expectativa de serem vistos e também de ver as pessoas, objetivando relações de sociabilidade, pois as festas significavam a ruptura com o cotidiano pacato da pequena cidade.

Com o aumento das festas populares e com a existência das diferenças sociais, também surgiam as rixas, tensões e disputas entre os grupos de jovens.

Pessoal da classe média e alta era bem separado do pessoal mais pobre. Hoje não vejo muita diferença de classes, os filhos de gente rica sai pra balada com filho de gente pobre, tudo junto aqui na cidade hoje em dia, no passado isso era bem separado. Os filhos dos ricos não se misturavam com os filhos de pobres, nessa cidade pequena era assim. Lembro que teve um garoto rico na época, que engravidou uma garota rica, e até hoje, não assumiu o filho, a família esconde, etc. Na época foi um bafafá na cidade, durante os anos 80. Na minha juventude, pobres e ricos não se misturavam muito nos momentos de lazer, lá na praça, eles ficavam em “turminhas de playboys” e nós nas “turminhas do pessoal mais pobres”, em questão financeira. Existia também umas rixas, brigas, entre pessoal de alguns bairros, e de algumas escolas, por causa do Jogos da Primavera. Os jogos na primavera eram uma festa na cidade, hoje em dia não é algo tão forte e badalado, mas havia isso no

passado, disputas por esportes, envolvendo as torcidas das escolas. As vezes o pessoal de Oriente se estranhavam, brigavam e entravam em conflito com o pessoal de Pompeia, por disputa de paqueras, durante os jogos e também durante os rodeios, mas, não era algo tão preocupante [*Entrevista realizada em Dezembro de 2017 – Sandra, 54 anos – Moradora de Pompeia*].

As tensões entre os grupos juvenis ocorrem por diversos motivos, envolvendo as relações de diferentes sujeitos, com diferentes valores que foram construídos historicamente na vida dos indivíduos. As tensões mencionadas nas entrevistas revelam que ocorriam disputas comuns, tradicionais, que são típicas de cidades pequenas, mas que esses conflitos e tensões entre os jovens não são algo de permanência ou de extrema relevância no amplo contexto das práticas juvenis das diferentes juventudes. Contudo, destacamos que as tensões existiram e são referências daquilo que ocorria entre os jovens durante a década de 80.

Segundo Lugan (1997) as tensões em pequenas cidades são mais perceptíveis em momentos específicos, e se ampliam em momentos de competições desportivas, festividades ou disputas políticas.

A juventude durante os anos 80, na cidade de Pompeia, frequentava também o cinema que existia na cidade, localizado no centro, na Rua Getúlio Vargas.

Havia um cinema ali no mini-shopping velho do bairro centro, a gente frequentava lá, passavam filmes como, Tarzan e filmes do Mazzaropi. [*Entrevista realizada em Dezembro de 2017 – Sandra, 54 anos – Moradora de Pompeia*].

Quando indagadas sobre o que faziam no cinema, as pessoas que vivenciaram a juventude durante os anos 80 na cidade de Pompeia, respondiam que o objetivo não era somente assistir aos filmes, mas também desenvolver a sociabilidade com os grupos de amigos.

A gente frequentava o cinema, mais no domingo à tarde. Nosso objetivo lá era paquerar, com 16 anos, eu sentava lá no fundo do cinema, ficava beijando um menino que eu paquerava. Tinha o guarda do cinema, que ficava com uma lanterna, e apontava a luz da lanterna, para casais que passassem dos limites do beijo de cinema. Era um guarda bravo com a lanterna [*Entrevista realizada em Dezembro de 2017 – Sandra, 54 anos – Moradora de Pompeia*].

O cinema era também um espaço de encontros e sociabilidades entre as juventudes, pois além de ser ambiente de recreação, também envolvia atividades culturais de construção do conhecimento, uma vez que os filmes inspiravam ideias nos jovens.

Segundo Gagliardi (1996), o primeiro cinema em Pompeia surgiu em meados do século XX, foi em um salão que se localizava na Rua Dr. Luiz Miranda e depois de algum tempo foi transferido para a Rua Senador Rodolfo Miranda. Dentro do salão havia a tela central, bancos sem encosto e atrás ficava a máquina de passar filmes, que geralmente eram da atriz mirim da época, a famosa Shirley Temple. Até meados da década de 60, chegavam filmes no cinema que eram ainda “Branco e Preto”, sem coloração na tela.

Com o rápido desenvolvimento da cidade, o Sr. Martinelli construiu um prédio para o cinema, que mais tarde passou para o Sr. Pedutti, chamando-se Cine São José. Durante os anos 80, o cinema foi administrado por diferentes pessoas, e pertencente ao Mini-Shopping, localizado no Bairro Centro. Segundo as entrevistas, nesse cinema, num recanto perto da bilheteria, havia um barzinho para a venda de doces.

Observar as mudanças que ocorreram no tempo nos permite compreender como foi sendo construída a história das sucessivas gerações de juventudes na cidade, um exemplo é a Praça da Cerejeira (Figura 10), que nos anos 80 era espaço utilizado como ponto de encontro dos jovens.

**Figura 10** – Praça da Cerejeira em Pompeia/SP:



(Praça localizada na Rua Francisco M. Beato na cidade de Pompeia - Fonte: Acervo do Autor; Organização: Karin Gabriel Moreno/ FCT- UNESP, 2018).

Na imagem apresentada neste estudo, é demonstrado o aspecto da Praça da Cerejeira durante a década de 80 e a partir de uma observação comparativa são demonstradas as modificações que ocorreram ao longo de trinta anos.

De tempos em tempos, modificam-se as práticas das gerações, assim ocorrem transformações nos usos dos espaços. Dessa maneira, em meio a dinâmica da história da

cidade, os espaços vão ganhando relevância histórica pelos usos realizados pelos sujeitos sobre esses locais. Sujeitos que produzem práticas sobre os espaços, práticas que vão através do tempo atribuindo sentidos aos espaços públicos.

Os jovens dos anos 80 possuíam referências de moda diferentes das referências dos dias atuais, as roupas também possuíam origens diversas.

A minha mãe comprava tecido nas lojas, não compravam muitas roupas feitas, já prontas, quem usava roupa feita, já prontas, era pessoal mais rico, não acessávamos de forma geral, roupas já prontas, nossa mãe comprava tecido, e fazíamos calcinhas e também vestidos pra usar. [...] Pra você ter noção, pra comparar o presente com o passado, hoje em dia, os jovens têm acesso a celular, mas na minha família, a gente só foi acessar a primeira vez, telefone fixo em casa, quando eu tinha mais de 24 anos. Quando comprávamos roupas, era em Pompeia mesmo, tinha as lojas Pernambucanas, comprávamos nas lojas do Sr. Felipe, entre outras lojas no comércio, além de comprar nas casas das mulheres que eram revendedoras de roupas. O pessoal de Oriente e de Quintana vinha pra Pompeia, comprar roupas aqui também. [*Entrevista realizada em Dezembro de 2017 – Sandra, 54 anos – Moradora de Pompeia*].

Atualmente, os jovens acessam lojas com diversas opções de roupas para serem consumidas. No passado, na pequena cidade, muitos jovens ainda faziam suas próprias roupas em casa, hábito tradicional, herdado dos costumes de origem rural. Segundo as entrevistas, as referências de moda estavam nas revistas. A moda era usar calça jeans, ou também usar calça “boca de sino” (moda da ‘boca de sino’ iniciou-se na década de 70, mas também era aderida por jovens em pequenas cidades durante a década de 80). Os jovens também utilizavam sapatos com salto, tanto masculinos quanto femininos, combinando com camisas de manga longa, com estampa de bolinhas coloridas, com penteados excêntricos.

Se observarmos nos anos 2000, as tendências são outras, surge a moda das “meias coloridas”, aderida pelas meninas e calças jeans ou xadrez, mais apertadas e coloridas utilizadas pelos meninos, além do aumento de jovens com piercing’s, tattoos e munhequeiras, representando diferentes estilos. Destaca-se que não existe uma única moda atualmente, existem grandes variações de estilos, com diferentes modas, que são aderidas pelos grupos juvenis.

O movimento de carros e pessoas pelas ruas da cidade era menor nos anos 80, se comparado aos dias atuais. As entrevistas revelam que a vida social dos jovens era formada no contexto da família, de grupos de amigos, na escola e na Igreja.

Havia muito movimento de meninada, os jovens em geral, Centro da cidade era cheio de jovens nos fins de semana, não havia movimento de carros como de hoje em dia. Não haviam carros com som alto, era mais tranquilo nesse sentido. Nós frequentávamos muito a Igreja e fazíamos amizade por lá, mas também fazíamos amizade com o pessoal nas ruas da cidade [*Entrevista realizada em Dezembro de 2017 – Sandra, 54 anos – Moradora de Pompeia*].

A rua também é um ambiente de encontro e convivência entre os jovens durante os anos 80, muitos grupos de amigos surgiram nesse contexto. As entrevistas revelam que os jovens do passado passavam mais tempo em festas de quermesse na cidade, festas da Igreja e, geralmente, se reuniam em grupos de amigos nas praças.

A gente frequentava a missa, depois na sequência ficávamos na praça central conversando, não tinha muita música como nos dias atuais, era mais conversação, não havia uso de álcool naquela época, como hoje em dia, pois nos dias atuais os jovens usam frequentemente como forma de passar o tempo [*Entrevista realizada em Dezembro de 2017 – Márcia<sup>34</sup>, 49 anos – Moradora de Pompeia*].

As entrevistas demonstram que o uso de álcool não era uma prática extremamente comum entre as juventudes durante os anos 80, este aspecto só passou a crescer de forma ampla em meio as juventudes a partir dos anos 90. Destaca-se que o “não fazer nada” é parte do tempo livre da juventude nas pequenas cidades, a partir disso surge também a prática da conversa, dos encontros nas praças, espaços públicos e parques, para passar o tempo. Após os anos 90, o consumo de álcool aumentou consideravelmente entre os jovens nesses momentos de lazer e tempo livre.

Algo que também movimentou as juventudes durante os anos 80 foram as festas juninas. Uma prática espacial que jovens de alguns bairros realizavam era as intervenções nas ruas, fechando-as e impedindo o trânsito de automóveis, para preparar a festa e fazer ali mesmo, com bambus, bandeiras e fogueiras em meio a rua, juntando todos os moradores do bairro para participar, idosos, adultos e jovens, onde cada um levava um prato de alimento para compartilhar. Os preparativos e o quentão (bebida típica) eram feitos com a ajuda de todos, de maneira coletiva.

As festas típicas que eu frequentava eram as festas juninas, aconteciam durante os anos 80, ali no Salão do Lar dos Idosos, que fica na Avenida

---

<sup>34</sup> Márcia: 49 anos, moradora de Pompeia, Bairro: Flandria, possui Ensino Superior Completo; Estado Civil: Solteira, renda família de quatro salários mínimos, entrevista realizada na residência da entrevistada.

Marechal Deodoro da Fonseca em Pompeia, festas juninas em Pompeia durante os anos 80 eram badaladas, eram legais, com muita comida, diversão e danças típicas [Entrevista realizada em Dezembro de 2017 – Márcia, 49 anos – Moradora de Pompeia].

As festas típicas são momentos em espaços específicos, onde a sociabilidade juvenil está vinculada ao entretenimento, propiciando interações de juventudes das diferentes classes sociais. Durante os anos 80, as festas eram momentos em que a Igreja e a família também participavam, de modo que os jovens ficavam em um ambiente controlado, pela vista dos adultos. Destaca-se que nas discotecas que não são festas típicas, é onde os jovens estavam curtindo sem a presença dos olhares de adultos, então ocorriam o uso de lança-perfumes e de álcool. Destaca-se que ocorriam o uso de entorpecentes ilícitos, mas em menor proporção se compararmos aos tempos presentes. Destaca-se que na atualidade, cerca de 5% da população mundial entre 15 e 64 anos, o que corresponde a uma média de 243 milhões de pessoas, usa drogas ilícitas, segundo dados divulgados em 2014 pelo Relatório Mundial sobre Drogas da ONU (Organização das Nações Unidas)<sup>35</sup>.

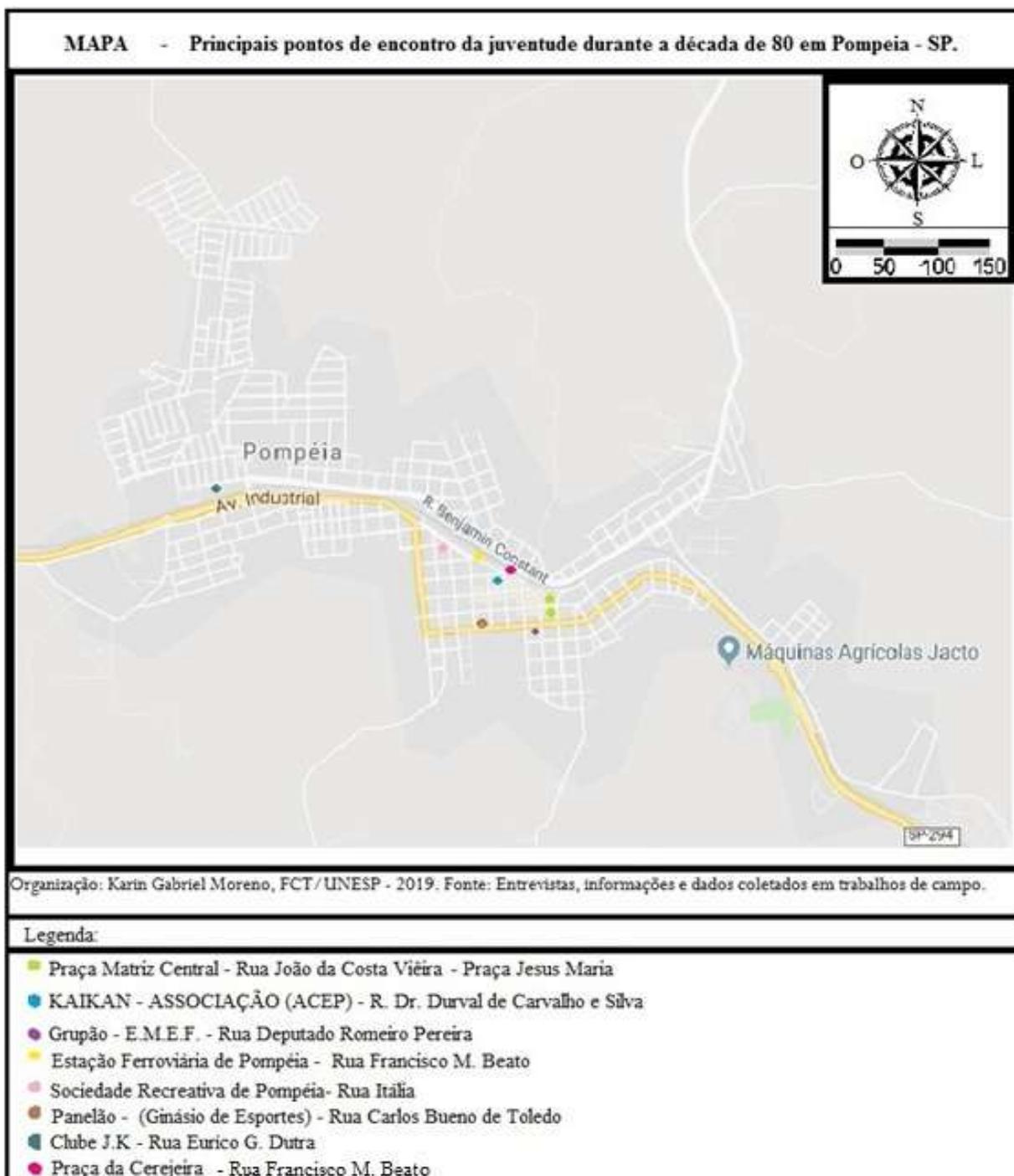
Assim, este estudo revela tempos e espaços de sociabilidade em que a família e adultos em geral estavam presentes (que não eram especificamente juvenis) e tempos espaços e práticas que eram especificamente juvenis. E os jovens transitavam entre ambos, articulando seus grupos e suas práticas de sociabilidade.

É preciso destacar os principais pontos de encontro (Mapa 10), que eram utilizados pelos grupos de jovens durante a década de 80, pois revelam-se como importantes espaços no circuito juvenil.

---

<sup>35</sup>“Ver” resultados dos estudos da ONU: <https://nacoesunidas.org>

**Mapa 10** – Principais pontos de encontro da juventude durante a década de 80 em Pompeia (SP):



(Org: Karin Gabriel Moreno, FCT – UNESP; Base Cartográfica – Google Earth, 2019).

Observa-se que são evidenciados oito principais pontos de encontro dos grupos de jovens durante a década de 80 em Pompeia, com evidente concentração na área central da cidade. Entre os principais pontos de encontro está destacada a Praça Matriz juntamente com

a Praça Jesus Maria, pois, como já foi explicado, é um lugar de relevância para as juventudes durante os anos 80, nos momentos de lazer, em especial nos dias de fins de semana a noite. Também se destaca o Kaikan, sendo um dos principais pontos de encontro dos jovens durante a década de 80, como um espaço em que os jovens se encontravam em momentos de festas típicas, ou também em bailes em ritmo de discotecas. Outro espaço em destaque é o Grupão. As entrevistas deste estudo revelam que os grupos de jovens frequentavam a escola nos momentos de tempo livre, onde também ocorriam festas. Também é evidenciado no mapa, entre os principais pontos de encontro, a Estação Ferroviária, espaço que os jovens também frequentavam na época, onde ocorriam a presença de carrinhos de pipoca, amendoim e algodão doce, funcionava como um ponto de encontro semelhante a praça na época.

O mapa que demonstra os principais pontos de encontro também destaca a Sociedade Recreativa de Pompeia, onde também ocorriam festas, carnavais e bailes, que movimentavam os momentos de lazer de alguns jovens. Também é evidenciado no mapa o “Panelão”, pois as entrevistas deste estudo revelam que era um importante espaço onde ocorriam festas típicas, festas juninas e festas de carnaval, sendo espaço de encontro dos jovens também nos momentos de práticas esportivas.

Observando o mapa, que demonstra os principais pontos de encontro dos jovens durante a década de 80, também notamos o Clube J.K, que possuía na época grande importância para os momentos de lazer dos jovens, oferecendo salão de festas, onde ocorriam eventos festivos e bailes e também disponibilizando espaços para práticas esportivas, que eram muito utilizados pelos jovens nos momentos de lazer. Em seguida o mapa demonstra a Praça da Cerejeira, localizada na Rua Francisco M. Beato, que também era um importante ponto de encontro para os jovens, em especial os casais juvenis, segundo os relatos de entrevistados(as), jovens se encontravam na praça para paquerar, por ser considerada na época como uma praça muito bonita, com a presença de um jardim com um lago com peixes e com boa iluminação pública.

Já na década de 90, as juventudes possuem características diferentes, destaca-se que a maioria dos jovens da década de 90 já nasceu na área urbana, diferentemente da geração de 80. Destacam-se diferentes práticas espaciais realizadas pelos jovens que possuem distintas orientações e diferentes valores, se comparadas com as práticas dos anos 80, demonstrando diferenças geracionais, mas também evidenciando permanências que atravessaram os anos 80 e 90, compartilhando traços de semelhanças entre as duas gerações, que são sobrepostas e exercem relações dialéticas.

Quando indagadas sobre a infância e a cidade na época, as pessoas que viveram a juventude em Pompeia durante os anos 90, explicam que haviam muitas brincadeiras de rua (taco, pique-esconde e pé na lata), além de prática de re-aproveitar brinquedos.

Quando eu era criança eu morava na Vila Paulina, aqui mesmo em Pompeia, depois de alguns anos vim morar no Bairro Centro, nasci na área urbana mesmo. A gente brincava muito, usavam os potes recicláveis pra brincar, tínhamos diversas brincadeiras de rua. Hoje em dia, as crianças usam brinquedos comprados, e não brincam nas ruas, ficam mais brincando dentro de casa. Nós brincávamos no parquinho da praça central, lá onde foi localizada a Casa dos Brinquedos (Rua Carlos Bueno de Toledo), mas só brincávamos no parquinho público, quando meus pais nos levavam pra lá, fora isso, brincávamos na rua de casa, com a minha mãe olhando do muro de casa. Me lembro que a cidade não mudou muito desde a época de minha infância, coisas pontuais, arquitetônicas podem ter modificado, mas as formas de ruas, o jeito da cidade, é praticamente a mesma coisa, só a rodoviária foi retirada a antiga e fizeram uma nova, surgiu alguns bairros novos distantes do Centro também, fora isso, muita pouca mudança. Só me lembro que na minha época existiam muito mais carroceiros pelas ruas e hoje a gente vê um número menor de carroças com cavalos pelas ruas, mas ainda existem também, apesar de ser menor o movimento de carroças em meio a cidade. [Entrevista realizada em Janeiro de 2018 – Fabiana<sup>36</sup>, 34 anos – Moradora de Pompeia].

A infância nos anos 90 já presenciava a cidade de Pompeia com mais infraestruturas urbanas, com a presença de mais praças com parquinhos para atender as crianças. Havia um parquinho público aberto atrás da rodoviária na praça Jesus Maria durante a década, que era muito utilizado pelas crianças.

Já sobre a juventude, destaca-se que, durante os anos 90, a praça central na cidade de Pompeia era referência como ponto de encontro dos jovens, aspecto que já existia nos anos 80, demonstrando a relevância da praça central.

Existia um cinema no mini-shopping durante alguns anos da década de 90, mas o principal ponto de lazer era a Praça Matriz. O ‘point’ da cidade era ir na praça, pessoal ficava conversando em rodinhas, e bebendo alguma coisa, geralmente cerveja. O pessoal ficava conversando e bebendo, o movimento era tranquilo, e bem centralizado ali mesmo [Entrevista realizada em Janeiro de 2018 – Fabiana, 34 anos – Moradora de Pompeia].

Segundo as entrevistas, é mais presente o uso de álcool na pequena cidade a partir de meados da década de 90, com os novos imperativos da modernidade. Os anos 90 já incluem uma noite mais movimentada para os jovens nos finais de semana. Também é preciso ressaltar

---

<sup>36</sup> Fabiana: 34 anos, moradora de Pompeia, Bairro: Centro, possui Ensino Superior Completo; Estado Civil: Solteira, renda familiar mensal: três salários mínimos, entrevista realizada na residência da entrevistada.

que os dias comuns durante a década são regradados a conversas em bancos da praça entre os grupos de jovens, passando o tempo sentados na rua conversando ou praticando algum esporte.

Costumávamos sair para ir no cinema, ou na praça, ou no Clube Recrê, nos bailes que ocorriam lá, começava as 9 da noite os bailes e duravam até 3 horas da madrugada no máximo. Tocavam músicas da época nos bailes, Molejo, Los Del Rio e É O Tchan eram bandas que tocavam sempre. Ocorriam festas juninas nas ruas durante os anos 90, organizadas em bairros, pelos moradores, naquela época eu frequentava essas festas. Me lembro que já tinha festa de Peão de Rodeio na minha época, para comemorar o aniversário da cidade. Essa festa sempre foi boa. Nos dias comuns, a gente sempre estava jogando voleibol na quadra do Panelão, ou também ficávamos sentados conversando na praça ou na rua de casa mesmo [*Entrevista realizada em Janeiro de 2018 – Fabiana, 34 anos – Moradora de Pompeia*].

As festas típicas movimentaram as juventudes durante a década de 90, com bandas de AXÉ e POP, que tocavam nas rádios. As entrevistas também revelam que havia fatores nos anos 90, que já não existem mais nos dias atuais, e que faziam parte do lazer das juventudes.

Antigamente, na minha época de jovem, havia desfile cívico na cidade, no dia 7 de setembro, com várias apresentações, de bailarinas, bandas e desfiles com cavalos. Hoje em dia, isso não tem quase mais, a cidade está passando vários anos após 2000, sem realizar o desfile. Por outro lado, na minha época não havia Festa do Chocolate lá no recinto, hoje em dia existe. Lembro que na minha época de jovem quando frequentávamos o cinema, um filme que marcou muito foi Titanic, lembro que também frequentávamos a sorveteria ali perto da Rua Getúlio Vargas [*Entrevista realizada em Janeiro de 2018 – Marcos<sup>37</sup>, 32 anos – Morador de Pompeia*].

O cinema durante os anos 90 é também espaço de sociabilidade juvenil, envolvendo encontros de grupos de amigos, a praça, o cinema e a sorveteria localizada na rua Getúlio Vargas formam o circuito principal dos jovens na cidade durante a década.

Durante a década de 90, grupos de jovens transformaram o palco da Praça Jesus Maria em ponto de encontro, na área central de Pompeia, onde criaram uma nova função em um espaço relevante. Ficavam ouvindo músicas, praticando manobras de skate ou de patins, um palco que foi construído pelo poder público para a realização de shows e eventos. Mas como os shows ocorriam somente em datas festivas, em grande parte do tempo este palco ficava inutilizado. Durante os anos 90, alguns jovens atribuíram nova função a este palco, para a

---

<sup>37</sup> Marcos: 32 anos, morador de Pompeia, Bairro: Centro, possui Ensino Superior Completo; Estado Civil: Solteiro, renda familiar mensal: dois salários mínimos; entrevista realizada na residência do entrevistado.

aproveitar o tempo livre em grupo de amigos nos dias comuns. Segundo Souza (2013), processo de transformação funcional realizado pelos sujeitos perante aos arranjos espaciais caracteriza as práticas espaciais com especializações que são desenvolvidas para satisfazer as experiências dos grupos de indivíduos.

É preciso destacar que, durante os anos 90, já não são realizadas mais as típicas festas do salão no Lar dos Idosos, que movimentavam toda a juventude no passado. Assim, as festas que ocorrem no Panelão e no Club “Recrê” passam a receber maior parte do público de jovens locais. Também durante os anos 90, ocorrem as típicas cavalgadas pelas ruas da cidade, comemorando o aniversário do município, bem como o dia de Nossa Senhora do Rosário (Padroeira da cidade). De acordo com Souza (2013), as práticas espaciais também ocorrem a partir dos costumes e hábitos arraigados.

Durante a década de 90, já é possível verificar a existência dos grupos de jovens que passam a serem mais diversificados.

Na praça, lotava de grupos de jovens, havia rivalidade entre alguns grupos dos jovens de outras cidades com alguns jovens de Pompeia, eram rivalidades banais, os meninos de Pompeia brigavam com meninos de outras cidades, só por que disputavam por atenção das garotas da cidade. Dentro da cidade, internamente, haviam grupos diferenciados, mas não como essas tensões intermunicipais entre os jovens. Dentro da cidade, haviam grupos de skatistas, de roqueiros todos de preto, as mais patricinhas, pessoas mais baladeiras que bebem sempre, ou pessoas mais tranquilas, sempre em grupos, grupinhos que se identificavam pelo estilo [*Entrevista realizada em Janeiro de 2018 – Fabiana, 34 anos – Moradora de Pompeia*].

A praça central da cidade, durante os anos 90, é espaço onde os diferentes estilos juvenis se relacionam, as entrevistas explicam também que durante essa década o movimento de carros e a presença de som alto passa a ser maior na pequena cidade.

Segundo Giddens (1991), o comprometimento com um estilo de vida pode ser “setorizado” de acordo com o “ambiente de ação” em que está inserido o sujeito, pois o ambiente de ação influencia a construção da identidade dos sujeitos, tanto por parte do indivíduo como de seus pares, possibilitando identidades coletivas e estilos em comum.

A identidade coletiva é refletida também sobre a questão geracional. De acordo com Feixa e Leccardi (2010), a estruturação das gerações é baseada em uma temporalidade concreta, constituída a partir de acontecimentos e experiências compartilhadas através das relações sociais.

Destaca-se que, durante os anos 90, já não havia mais os trailers de lanches na praça, como na década passada. Havia durante os anos 90 os bares da rodoviária e na esquina da

praça, havia um único bar ao lado de uma sapataria. A territorialidade juvenil ocorria na praça matriz, em frente ao bar na esquina da praça, onde se comercializava cervejas e tocavam músicas. Muitos jovens ficavam por ali conversando e observando o movimento de pessoas na praça.

As entrevistas destacam também que a Praça Brasil-Japão (Praça da Amizade) era um espaço de encontro entre alguns grupos de jovens também durante o final dos anos 90. Destaca-se como ambiente mais voltado a casais de jovens em namoro, por ser uma praça muito bonita. Diferentemente dos anos 80, já nos anos 90, não há tanta movimentação de jovens na Praça da Cerejeira. Os jovens dos anos 90 frequentavam o Clube “Recrê”, a Praça Matriz, a Praça da Amizade e também o Clube Jacto, espaço de lazer e recreação com mais de sete mil metros quadrados, com refeitório, quadras de esportes, academia, e instalações para festas e confraternizações.

Lembro que Clube “Recrê” (Localizado na Rua Itália), a Praça Matriz Central, a Praça da Amizade (Rua Oswaldo B. Brasil) e também o Clube Jacto (Rua Brasília) eram os lugares que os jovens mais frequentavam. A gente fazia amizade com outros jovens na escola e a partir da frequência nesses lugares, nós acabávamos conhecendo colegas também. Na praça, tinha o “role de praça” né, onde ficávamos sentados paquerando as garotas, conversando, bebendo cerveja. E as meninas também ficavam passeando por lá, além de irem na sorveteria também. Eu fiz catequese, meus vizinhos todos fizeram. Os filhos deles hoje em dia também fazem, a vida social era construída a partir das relações que ocorriam nesses lugares. *[Entrevista realizada em Janeiro de 2018 – Marcos, 32 anos – Morador de Pompeia].*

A vida social das juventudes em Pompeia, durante os anos 90, possuía a característica básica de estar relacionada com a Igreja, a família e os grupos de amigos que são formados pelas afinidades entre os jovens, na escola e nos principais locais de encontro. Durante os anos 90, grande parte da juventude frequentava a Igreja nos fins de semana à noite, na sequência ficavam na praça, naquilo que é conhecido como o “role de praça”.

As relações de proximidade com os vizinhos jogam um papel na construção da identidade dos sujeitos que, naturais de cidades pequenas do interior paulista, passam a possuir características típicas do interior durante o convívio social.

A identidade de alguém, ou de algum grupo, se produz simultaneamente em muitos locais de atividades diferentes, por muitos agentes diferentes que têm em vista muitas finalidades diferentes. A identidade de alguém no local onde mora, entre vizinhos, amigos, parentes ou pessoas estranhas, é um dos contextos sociais, existem os outros espaços e contextos que os sujeitos

frequentam, que também vão contribuindo na formação de uma identidade (MARCUS, 1991, p.204).

De acordo com as entrevistas, os jovens também chegaram a usufruir por algum tempo, durante os anos 90, de um projeto de pista de skate que havia sido edificado de forma incompleta, um half (estrutura em forma de U destinada a prática de skate) localizado atrás do Estádio Nestor De Barros. Foi um projeto iniciado no século XX, mas as obras nunca foram acabadas até os dias atuais e, com o passar dos anos, por falta de manutenção e pelo desgaste provocado pelas chuvas e impactos do tempo, parte das edificações foram soterradas e tornaram-se inutilizáveis e assim foram abandonadas, deixando de ser um espaço utilizado pelos jovens, permanecendo hoje como um obra abandonada na paisagem da cidade.

Durante os anos 90, o skate e o patins eram esportes praticados por muitos jovens em Pompeia. Segundo as entrevistas, havia grupos que andavam pela cidade toda, procurando melhores espaços para testar manobras.

Quando se trata de referências para os jovens, durante os anos 90, destaca-se que o avanço da globalização e a disseminação dos meios de comunicação, como revistas e programas de TV, que passam a influenciar as juventudes nas pequenas cidades. Um exemplo é a questão relacionada aos estilos e moda.

Geralmente, comprava nas lojas em Marília, as vezes comprávamos em Pompeia mesmo. Referências de moda eram a revista Capricho e as coisas que passavam na TV Aberta. Estar na moda era estar usando as sandálias da melissa, famosa durante os anos 90. Eu não achava legal meias colorizadas, mas lembro que na época tinha uma moda, de usar sandália da melissa, com meias coloridas, meias de cano alto, eu não usava, mas essa modinha era disseminada entre as garotas. Lembro que entre os garotos e garotas, o Tênis All Star era popularizado [*Entrevista realizada em Janeiro de 2018 – Fabiana, 34 anos – Moradora de Pompeia*].

Percebe-se nas entrevistas que, durante os anos 90, a polarização da cidade de Marília passava a ser maior no cotidiano e na vida dos jovens. A disseminação da TV possibilitou a chegada de novas modas para as juventudes durante os anos 90.

Destaca-se que durante a década de 90 a praça central era movimentada também pelos fluxos da rodoviária central da cidade (Figura 11), fluxos que estavam aumentando conforme ocorriam desenvolvimentos no setor de transporte coletivo.

**Figura 11 – Rodoviária Central de Pompeia- SP:**



(Rodoviária localizada na R. João da Costa Viêira, na cidade de Pompeia - Fonte: Acervo do Autor; Organização: Karin Gabriel Moreno/ FCT- UNESP, 2018).

A reforma da rodoviária na cidade de Pompeia foi algo positivo para a população, possibilitando aos habitantes da cidade utilizarem um espaço com iluminação nova e com novos elementos urbanos, como assentos públicos e banheiros, gerando maior comodidade. As entrevistas revelam que antes da reforma, o espaço da rodoviária estava deteriorado pelo tempo, também era necessário oferecer um terminal rodoviário de melhor qualidade para as empresas que trabalham e operam no local, bem como para a população que usa este meio de transporte coletivo.

A rodoviária, durante os anos 90, era ponto de encontro de muitas pessoas na cidade. Os bares que eram instalados dentro da rodoviária comercializavam bebidas e salgados, tocavam músicas e ocorria a frequência de diferentes sujeitos nos momentos de lazer. Os jovens também frequentavam a rodoviária, geralmente mais atraídos pela padaria. Contudo, alguns também frequentavam os bares e bancas, sendo a rodoviária um importante espaço de encontro entre os cidadãos. Este aspecto também ocorre durante o início do século XXI. Contudo, ocorreram mudanças na dinâmica da cidade com o passar dos anos e surgiram outros espaços que são mais atrativos para os cidadãos e que movimentam mais os momentos de lazer das juventudes.

Destaca-se que em meados dos anos 90, a Praça da Amizade (Brasil-Japão), também se tornou espaço onde realizavam-se as práticas juvenis, os jovens costumavam frequentar a Praça da Amizade (Figura 12), para paquerar, descontraír, sempre havia a presença de sorveteiros, além da existência nas proximidades de uma sorveteria que atendia os jovens.

**Figura 12** – Praça da Amizade em Pompeia (SP):



*Praça Brasil Japão - 'Praça da Amizade'  
Localização: Rua Osvaldo B. Brasil - Pompéia/SP.*

*Fonte: Acervo do Autor.*

*Organização de Imagem: Karin Gabriel Moreno - FCT\UNESP - 2018.*

(Praça da Amizade [Brasil-Japão]) - localizada na Rua Osvaldo B. Brasil, na cidade de Pompeia - Fonte: Acervo do Autor; Organização: Karin Gabriel Moreno/ FCT\UNESP, 2018).

A Praça da Amizade (Brasil-Japão) está localizada na Rua Osvaldo B. Brasil. Foi fundada em 1995 e, desde então, sempre foi espaço onde os grupos de jovens se encontram, para desfrutar dos momentos de lazer. É uma praça reconhecida pela beleza, por ser um espaço favorável para capturar fotografias e também para descansar durante as tardes. No passado, geralmente, os jovens ficavam sentados conversando e apreciando as diferentes espécies de peixes que existiam na lagoa da praça, sendo práticas desenvolvidas durante o cotidiano banal e em finais de semana comuns.

No final dos anos 90, os jovens frequentavam também fliperamas e mercearias com máquinas de vídeo game de fichas. O cotidiano dos jovens era composto pelas atividades de lazer nos momentos livres, em ruas e praças, andando de bicicleta, ou jogando futebol, praticando algum esporte ou mesmo sentados descansando e conversando embaixo da sombra de uma árvore.

É preciso destacar também que a praça central, durante os anos 90, era o espaço onde ocorriam as comemorações quando haviam jogos de Copa do Mundo e também quando algum clube de futebol paulista vencia campeonatos. Os torcedores locais se dirigiam até a praça para comemorar com fogos de artifício.

Neste estudo também são evidenciados os principais pontos de encontro (Mapa 11), que foram utilizados por grupos de jovens durante a década de 90, pois demonstram-se

relevantes espaços para as práticas juvenis, sendo lugares que possuíam frequente presença juvenil.

**Mapa 11** – Principais pontos de encontro da juventude durante a década de 90 em Pompéia (SP):



(Org: Karin Gabriel Moreno, FCT – UNESP; Base Cartográfica – Google Earth, 2019).

Observa-se o mapa demonstrando os principais pontos de encontro, como por exemplo a Praça Matriz Central juntamente com a Praça Jesus Maria, que são locias que possuem uma relevância que atravessa décadas na história da cidade, durante os anos 90 os jovens também encontravam-se na praça, para desfrutar dos momentos de tempo livre, ou para comemorar títulos de campeonatos de futebol, ou para comemorar festas de réveillon. O centro da cidade

continua a ser o locus de concentração dos terminais de encontro das redes de sociabilidade juvenis, ainda que alguns outros pontos mais distantes e não presentes nos anos de 1980 sejam agora parte do circuito de espaços de sociabilidade da juventude local nos anos 90.

Também podemos verificar no produto cartográfico a Praça da Amizade em destaque, sendo demonstrada como um ponto de encontro de jovens, por ser muito utilizada por casais juvenis, sendo reconhecida na cidade como um espaço muito requintado, com arquiteturas asiáticas, jardins e lagoas.

Durante a década de 90, o cinema da Galeria Mini-Shopping continuou sendo um importante ponto de encontro dos grupos juvenis. Um outro ponto de encontro relevante foi o Clube da Jacto que, durante os anos 90, já havia se tornado um espaço de lazer importante para as juventudes, que utilizavam o clube para praticar esportes, encontrar amigos e fazer piqueniques. O mapa destaca também a Sociedade Recreativa de Pompeia, que oferecia bailes que marcaram época no salão de festas do clube, o clube também era ponto de encontro dos jovens para a realização de práticas esportivas, é preciso enfatizar que o clube possuía grande importância em diferentes épocas para o lazer juvenil. Também é evidenciado no mapa o “Panelão” e o Clube J.K, que continuaram relevantes para os jovens dos anos 90.

As entrevistas deste estudo revelam que a Praça da Cerejeira já não era tão utilizada pelos grupos de jovens durante os anos 90, como foi utilizada durante a década de 80. Devido à ausência de manutenção da infraestrutura ao longo de anos, a praça foi deixando de ser utilizada pelos jovens, bem como foi perdendo a aparência de um lugar bonito e seguro. As entrevistas explicam que, aos poucos, a praça passou a ser ocupada por sujeitos embriagados que bebiam nos bares das proximidades e urinavam ou dormiam nos bancos e nos arredores da praça. Dessa maneira, a praça foi ganhando uma aparência degradada e sendo tomada por mau odor. Com o passar dos anos, o lago na praça tornou-se poluído. Durante as pesquisas documentais deste estudo, observando notícias de jornais locais, foi possível verificar que, somente durante o ano de 2000 a praça passou por reformas, tornando-se novamente uma praça bonita, com a presença de áreas verdes, possuindo um lago com água despoluída.

Quando indagados sobre como perceberam as mudanças com o tempo na cidade, os entrevistados que representam as juventudes das gerações do passado relatam que presenciaram muitas mudanças, que a cidade ganhou novas lojas no comércio e infraestrutura urbana, como a presença de ruas pavimentadas, praças e iluminação urbana, vem sendo ampliada com o passar dos anos.

Mudou muito a cidade do século XX para hoje, a infraestrutura da cidade cresceu, no comércio surgiu novas empresas, evoluiu pra melhor, de forma geral, a cidade mudou as infraestruturas, hoje em dia o número de ruas asfaltadas cresceram, surgiram semáforos, o comércio melhorou, o desenvolvimento da cidade ocorreu com o passar dos anos, o número de população também cresceu [*Entrevista realizada em Dezembro de 2017 – Sandra, 54 anos – Moradora de Pompeia*].

As entrevistas demonstram que a percepção dos moradores sobre as mudanças que ocorreram com o tempo na cidade é uma percepção positiva quando se trata de explicar como foi o desenvolvimento da cidade com o passar dos anos.

As mudanças nas pequenas cidades acontecem em uma escala de tempo mais longa, se compararmos com as mudanças que ocorrem nas grandes cidades, que são desenvolvidas de modo mais dinâmico e rápido. Entretanto, é preciso demonstrar que, ainda que em escalas de tempo mais longas, ocorrem mudanças em cidades pequenas, decorrentes das influências externas, de âmbito cultural, social e econômico, visto que não estão isoladas no tempo histórico.

Dessa maneira, destaca-se que, durante os trabalhos de campo, e no decorrer das entrevistas, foi possível observar a existência de uma calma na rotina da cidade de Pompeia e uma “tranquilidade” comum do interior.

É preciso destacar que a calma na cidade não anula a vida social, muito pelo contrário, os habitantes da cidade têm uma rotina mais calma se comparadas com as rotinas das pessoas em metrópoles. A rotina calma e a pessoalidade entre os sujeitos geram uma valorização nas relações entre vizinhos e amigos.

A calma da realidade na pequena cidade faz com que os simples encontros entre amigos se tornem um evento social, um momento de lazer e diversão. Mesmo com a existência de uma calma na cidade, as informações são disseminadas rapidamente, notícias correm rápidas. Pois, no interior, é comum as pessoas se conhecerem e manterem rotinas aproximadas, assim ampliam-se as relações de conversas e espalham-se as notícias através do boca a boca.

Foi possível observar no decorrer dessa parte da pesquisa, que alguns locais que eram de preferência dos(as) jovens durante os anos 80, já não eram mais tão importantes no final dos anos 90, bem como algumas práticas e alguns hábitos das juventudes dos 80 são diferentes se comparados aos jovens dos anos 90, demonstrando que ocorreram mudanças com o passar dos anos. No entanto, é possível verificar também continuidades, hábitos e práticas que são comuns entre os(as) jovens das décadas de 80 e 90, além de alguns espaços os quais ambas as

gerações também frequentaram em comum, demonstrando a existência de permanências nas frequências juvenis sobre alguns espaços e nas práticas espaciais de ambas as gerações.

Assim, destacamos que este estudo analisa permanências e mudanças, nos tempos, nos espaços e nas práticas de sociabilidade juvenil, revelamos também nessa pesquisa que as juventudes possuem diferentes referências, diferentes hábitos e costumes, de acordo com o tempo histórico no qual estão inseridos os jovens. Dessa maneira, essa parte da pesquisa gera ênfase sobre as relações sociais que ocorriam durante as décadas do passado na cidade, demonstrando as preferências dos jovens no passado, explicando também como era a cidade no final do século XX e apresentando detalhes sobre as gerações do passado.

### **3.5. Os espaços públicos e os principais espaços da vida pública, como espaços para as práticas espaciais dos jovens em Oriente nas décadas de 1980 e 1990.**

As relações espaço-tempo são fundamentais e condicionam os sujeitos, através do tempo histórico se constrói a experiência vivida dos indivíduos sobre o espaço, pois é no horizonte do tempo que se ordenam as diferentes escolhas e os distintos comportamentos das pessoas, que são construídos a partir de hábitos culturais e vinculados a referências que estimulam as ações, que são protagonizadas no espaço.

As gerações estão submetidas ao tempo, mas também são responsáveis por construir os aspectos do tempo no qual estão inseridas, assim as gerações também produzem os elementos culturais que são inseridos no tempo histórico e protagonizados no espaço, da mesma maneira que recebem de modo dialético influências gerais dos momentos históricos.

Neste capítulo observamos e explicamos como ocorreram as práticas espaciais das gerações de jovens durante as décadas do passado que são estudadas em nossa pesquisa, utilizamos imagens, entrevistas, documentos e mapas. São relatadas questões específicas sobre os jovens dos anos 80 e dos anos 90 na pequena cidade de Oriente. Também observamos neste capítulo a relevância dos principais espaços da vida pública nos momentos de tempo livre para os(as) jovens da pequena cidade.

Durante a década de 80, em Oriente, a juventude presenciava nos momentos de lazer e tempo livre, o movimento na praça central da cidade, sempre com a presença de grupos de adolescentes. Havia nesses momentos pipoqueiros, sorveteiros e vendedores de algodão doce, tanto nos períodos de lazer noturno, quanto nos períodos de lazer diurno.

Quando indagadas sobre as origens pessoais e da família, as pessoas que vivenciaram a juventude durante os anos 80 explicam que naquela época muitas pessoas eram moradoras da área rural.

Eu nasci em Oriente mesmo, morei desde criança na cidade. Muitos amigos meus moravam na área rural. Quando eu nasci a cidade era mais forte na questão de comércio, mas destaco que meu parto de nascimento não foi em Oriente, não havia hospital para isso aqui na cidade de Oriente. O parto então foi em Marília. Naquela época, muitas pessoas faziam partos em Marília ou em Pompeia, aqui não havia maternidade. Minha mãe nasceu da mesma maneira. Meu pai nasceu na cidade de Vera Cruz. Meus pais são das áreas rurais, origem da família é do campo. Meus pais transitavam por aqui na região no começo de suas vidas, moraram em Vera Cruz, Herculândia e depois aqui em Oriente definitivamente [*Entrevista realizada em Outubro de 2017 – Lúcia<sup>38</sup>, 55 anos – Moradora de Oriente*].

A infância dos jovens da década de 80, em Oriente, era relacionada às brincadeiras de rua, festas em datas comemorativas, crianças de diferentes classes sociais brincando juntas nas ruas, algumas com brinquedos novos e outras com brinquedos artesanais ou improvisados.

As crianças cresceram pegando manga no pé, subindo em árvores, pegando frutas nos fins de tarde, entre os amigos da vizinhança, também realizavam a prática de fazer aventuras nas áreas rurais, em buscas de cachoeiras para se banhar, envolvendo banhos de represas em áreas rurais, em busca de desbravar pedalando bicicletas nas estradas rurais entorno do perímetro urbano.

Passei a infância em Oriente, minhas brincadeiras de infância eram na rua de casa, os meninos e meninas brincavam juntos, meninas agitavam brincadeiras de casinha e os meninos de jogar bolas de gude, ou jogar pião, ou outras brincadeiras, sempre na rua. Fazíamos bonecas de pano, minha avó fazia brinquedos artesanais. Eu sempre gostei de brincar com “saquinho de arroz”. A infância mesmo, era quando a gente brincava mais de pique esconde na rua. Brincávamos também no quintal de casa, e aproveitávamos tudo em casa, reciclávamos os plásticos de casa, para usar como brinquedos, isso era comum na minha época. Brincávamos na praça central também, existiam muitos arbustos pra esconder nas brincadeiras. E a praça sempre teve importância para nós [*Entrevista realizada em Outubro de 2017 – Lúcia, 55 anos – Moradora de Oriente*].

Notamos a partir das entrevistas, que a rua era espaço de vivência comum para os jovens da pequena cidade de Oriente, que desde a infância estabeleceram relações de

---

<sup>38</sup> Lúcia: 55 anos, moradora de Oriente; Bairro: Centro, possui Ensino Médio Completo; Estado Civil: Solteira, possui renda familiar de um salário mínimo. Entrevista realizada na residência da entrevistada.

convivência com vizinhos e amigos pelas ruas. O cotidiano na praça (Figura 13) também é parte da memória das pessoas que vivenciaram a juventude em Oriente durante a década de 80. De acordo com as entrevistas, a praça sempre manteve relevância para a vida social na cidade.

**Figura 13** - Praça Central de Oriente em diferentes tempos:



(Organização: Karin Gabriel Moreno, FCT-UNESP/2018).

A praça central de Oriente é um ponto fundamental para a cidade, inclusive para os(as) jovens, durante o cotidiano banal e em finais de semana comuns. Entorno na praça, localizam-se prédios públicos. Ali também ocorriam os eventos relevantes da Igreja, que movimentava, durante os anos 80, de quando em quando, o cotidiano dos habitantes da cidade.

Lembro que marcou a minha infância os tempos de catequese, era onde encontrava meus amigos, a gente gostava de se reunir após as aulas na praça também [...]. Eu frequentava muito a catequese e aos domingos sempre estávamos na missa. *[Entrevista realizada em Outubro de 2017 – Lúcia, 55 anos – Moradora de Oriente].*

Frequentávamos a festa da padroeira da cidade, Padroeira de Nossa Senhora Aparecida. Marcou muita minha juventude os teatros que representavam a via sacra, aconteciam teatros na praça central. Durante a maior parte dos anos 80, não existia festa de peão de boiadeiro, não havia rodeio em Oriente, as festas eram outras, festas da padroeira e quermesses nos dias de santos. Frequentávamos as quermesses no salão paroquial. Nas festas tinham jogos de taco entre outras brincadeiras, e jogos com cartas de adivinhar. Sempre

terminavam as festas até as 22 horas, no máximo [*Entrevista realizada em Outubro de 2017 – Lúcia, 55 anos – Moradora de Oriente*].

Assim, percebe-se que a religião manteve, durante os anos 80, uma certa centralidade na vida das pessoas em Oriente, a sociabilidade em grande parte ocorria entorno da religião, em especial da Igreja Católica, destacando os eventos de festas da padroeira e a praça central.

A partir das entrevistas foi possível notar quais eram os principais aspectos das festas durante os anos 80, envolvendo um caráter de recreação sobre a supervisão da Igreja, dentro dos limites do conteúdo oferecido pela relação dos jovens com a instituição. Destaca-se que a vivência dos jovens, para além desses tipos de espaços, também ocorria em meio as ruas da cidade, onde a sociabilidade é menos controlada e sujeita a maior grau de espontaneidade entre os sujeitos sociais.

Lembro que na juventude, frequentávamos festas, bailes no clube, era no clube municipal, onde acontecia os bailão e festas, chamava Tênis Club de Oriente. Muitas vezes, alguns jovens não podiam entrar, por que eram menor de idade, e o juizado de menores sempre fiscalizava e alguns jovens menores entravam escondidos e se escondiam deles no meio do baile. A maioria da moçada não bebia álcool naquela época, só depois dos 16 e dos 18 anos mesmo começávamos a beber álcool notavelmente. Só minha mãe, que ia ao baile junto conosco, e ela bebia álcool por lá. Alguns amigos meus bebiam antes dos 15 anos mesmo, escondidos, mas bebiam álcool e menta. O proibido para nós, era beber álcool. Ocorriam muitas festas no clube, baile nos dias de festas da padroeira, matinês de carnaval. E era festa importante, as pessoas mandavam fazer roupa na costureira pra ir se divertir lá. Nas festas do passado tocava outras músicas, tocava aquelas balada antiga, música internacional predominava [*Entrevista realizada em Outubro de 2017 – Lúcia, 55 anos – Moradora de Oriente*].

Destaca-se que o comportamento dos jovens era fiscalizado pelos adultos nos bailes que ocorriam no antigo clube da cidade, que era denominado como Tênis Club de Oriente. Os jovens aproveitavam o lazer sob a supervisão dos olhares adultos, que estavam ali. Contudo, ainda assim fica evidente que os bailes no Club eram momentos de maior divertimento e descontração para os jovens, alguns saíam do quadro de normalidade, buscando aquilo que era proibido, outros ficavam ainda dentro da sociabilidade tradicional, mas é fundamental destacar que todos se divertiam. Também chama a atenção a presença de “músicas internacionais”, o que aponta para a introdução de novas referências culturais em meio à sociabilidade local.

Um outro fator relevante para a sociabilidade das juventudes durante os anos 80 em Oriente era o cinema, pois era um espaço de encontro entre os jovens. Para além de ser um

espaço que permite acesso à cultura e informação, também envolvia as relações sociais das pessoas nos momentos de lazer.

Não frequentávamos muito o cinema, mas frequentávamos as vezes, aqui em Oriente mesmo havia um cinema, naquela época tinha cinema e movimentava a cidade, tinha uns filmes do Mazaroppi ou de guerras do velho oeste norte-americano geralmente. Nós assistíamos os filmes e também acontecia paquera dos jovens. Mas o cinema fechou com o passar dos anos [*Entrevista realizada em Outubro de 2017 – Lúcia, 55 anos – Moradora de Oriente*].

Quando indagados sobre as práticas que realizavam após o fechamento do cinema, as respostas se direcionavam a explicar que os momentos de lazer e encontro dos grupos de jovens foram ficando cada vez mais centralizados cotidianamente na praça, durante a noite e de dia nas ruas e nas práticas desportivas.

Após fechar o cinema, frequentávamos mais tempo a praça da Igreja, encontros de jovens após a missa, pra comer um lanche por ali também, além de encontrarmos com os amigos durante o cotidiano, jogando vôlei ou outro esporte. Lá pelo ano de 1985, nós passamos a frequentar o cinema em Marília, cinema chamava Cine ‘PEDUT’, naquela época assistíamos filmes nas escolas também. A escola tinha uma centralidade e importância nas nossas vidas. Nossas vidas giravam em torno da Igreja e da Escola em grande parte, além da convivência na rua com amigos. A escola era mais envolvente, havia disputas de intercalasse mais envolventes. Na minha juventude, eu frequentava shows lá em Marília. Não tínhamos muita grana pra isso. Então, pra eu ir eu comecei a ajudar minha mãe no trabalho, aí arrumava dinheiro pra ir nos shows. Era geralmente no Clube dos Bancários ou no Yara Clube e, geralmente, eram shows com a presença de muitos jovens, já presenciei por lá o show dos Titãs, entre outras bandas nacionais [*Entrevista realizada em Outubro de 2017 – Lúcia, 55 anos – Moradora de Oriente*].

Destaca-se a escola como parte integrante da construção de sociabilidade dos jovens, especificamente durante anos 80, quando eram menos diversificados os ambientes de encontro juvenis nas pequenas cidades, as escolas propiciaram agregação das relações sociais e também impulsionavam influências sobre as práticas juvenis da juventude em Oriente, uma vez que a escola era onde se formavam grande parte dos grupos de amigos.

De acordo com as entrevistas, as bandas mais ouvidas entre os jovens durante os anos 80, eram Ultraje a Rigor, Engenheiros do Hawaii, Titãs e Paralamas, entre outras. As entrevistas revelam assim, que o rock nacional manteve uma ascensão gigantesca durante a década, pois as influências da cultura rock foram inseridas não somente nas grandes cidades, mas também nos pequenos núcleos urbanos.

Os grupos de jovens dos anos 80, cotidianamente, vivenciavam a sociabilidade a partir dos encontros e cursos, catequeses, em escolas, em igrejas, além de outros ambientes. É preciso destacar a praça e o Campo da Fazenda, em Oriente, como relevantes locais no cotidiano da juventude dos anos 80. A maioria dos jovens frequentava a praça e também o Campo da Fazenda. O lazer diurno no Campo da Fazenda era bem tranquilo e voltado para os esportes. Na praça praticamente só havia fluxos de passagem durante o período diurno. Já durante a noite, os jovens se encontravam na praça, em uma prática de sentar para conversar, ver o movimento, compartilhar um refrigerante, com o intuito de “passar-o-tempo”, exercendo sociabilidade com colegas, num “fazer nada juntos”, como argumenta Pais (2003), e também como demonstram as entrevistas deste estudo.

Geralmente, os jovens nos anos 80 se encontravam na praça. Alguns jovens frequentavam, pra namorar, a praça da Rua Júlio Prestes, e quem queria fazer algo diferente, namorar de forma mais intensa, dar uns beijos mais fortes, ou usar drogas, ou fazer coisas escondidas, frequentavam o Campo da Fazenda à noite, quando já víamos o pessoal indo pra lá, já pensávamos sempre que era coisa errada que iriam fazer. A sociedade de modo geral via dessa maneira. A gente frequentava o clube aqui na cidade também durante minha juventude e frequentávamos a praça nos domingos à tarde. Alguém levava um violão e ficávamos nas músicas do violão. Não havia esse negócio de hoje em dia, de carro com som. Fazíamos festinhas em casa de amigos também, essas festas de jovens. Show só aconteciam em Oriente na época de políticas, ou datas festivas. Nos eventos políticos ocorriam shows de duplas musicais e shows principalmente do estilo sertanejo [*Entrevista realizada em Outubro de 2017 – Lúcia, 55 anos – Moradora de Oriente*].

Destaca-se o estilo musical sertanejo como grande influência sobre as juventudes em Oriente, durante os anos 80, pois a presença do estilo sertanejo comparece em diferentes entrevistas como fator marcante da época. As entrevistas revelam que para o “fazer coisa errada”, ou “fazer algo diferente” havia um espaço específico, o que indica que havia rotas de fuga em relação às práticas mais vigiadas e controladas que aconteciam na praça central. Um espaço marginal à cidade, onde os jovens tinham mais autonomia para realizarem experimentações no namoro e nas drogas ilícitas.

Durante os anos 80, não haviam grandes tensões entre as juventudes na cidade pequena. Contudo, ocorria tensões pontuais, algumas estão nas memórias dos jovens daquela época.

Tinha umas separações, tipo assim, quem morava perto do bairro da delegacia era mais burguês. E quem morava lá perto do bairro que chamava Canindé na época, era um pessoal mais pobre. As tensões que existiam nessa

época eram de uma cidade com a outra. Era uma diferença entre os jovens. Presenciei brigas durante as festas, entre jovens de Pompeia e jovens de Oriente. O pessoal competia entre eles, os meninos de Oriente não queriam que os meninos de Pompeia beijassem as meninas de Oriente. Por qualquer motivo o pessoal de Oriente e de Pompeia estavam competindo, e sempre haviam rixas, brigas e competições. Entre bairros internamente na cidade não haviam muitas tensões, mas existiam tensões entre cidades [*Entrevista realizada em Outubro de 2017 – Lúcia, 55 anos – Moradora de Oriente*].

Diante das entrevistas, é possível notar que as tensões eram motivadas por questões de territorialidade, muitos jovens das pequenas cidades criam sentimentos de posse em relação a cidade e criam propósitos da territorialidade juvenil em espaços relevantes dessas cidades, e assim esses grupos de jovens tendem a competir e a querer controlar o espaço deles, considerando que aquela é a “cidade deles”. Durante a movimentação juvenil com intenção de controlar e territorializar os espaços e as relações, surgem assim as resistências a este controle, provocada por jovens de fora cidade, que se contrapõem a essa situação, e que também querem usufruir dos espaços, desenvolver relações e conviver. Dessa maneira, as entrevistas demonstram que haviam tensões, sobretudo masculinas, pelo controle das meninas da cidade, uma questão eminentemente territorial. Controlar o território para controlar os “recursos” em termos de campo de possibilidades amorosos. Estes campos eram disputados e estavam vinculados aos limites municipais. Rapazes não admitiam que outros de cidades diferentes fizessem incursões amorosas no seu território.

Assim, são construídas essas pequenas rixas, por diversos motivos particulares de cada ocasião, mas que historicamente vem sendo relacionadas a questões da territorialidade juvenil na pequena cidade.

Quando indagadas sobre onde adquiriam roupas e quais eram as tendências da época, grande parte responderam que algumas roupas eram feitas por costureiras e outras eram compradas no comércio local.

Alguns amigos, eu lembro, que mandavam fazer roupas na costureira. Às vezes, comprávamos aqui no comércio de Oriente, na Loja Cruzeiro, famosa na época. Raramente comprávamos em Marília. Antes da década de 1990, a cidade de Oriente tinha lojas boas no comércio, até o pessoal de Pompeia vinha comprar aqui nessa época. O comércio era forte na cidade, a fazenda da Usina Paredão movimentava muito a economia da cidade. A usina fechou e parou de funcionar totalmente em 1993, antes disso, a cidade tinha um comércio forte. As referências de moda vinham daquilo que passava na propaganda. Usávamos um sapato chamado “bamba” e a gente pintava o cadarço com “guarani”. Os meninos usavam bastante as botas country. Os cabelos que a gente usava era mais com franja, penteados com franjas. A vida social era feita no contexto familiar, grupos de amigos, escola e Igreja.

Lembro que os desfiles de 7 de setembro eram importantes, um evento bem legal naquela época para jovens. Lembro que os carnavais no Tênis Clube ou no Ginásio eram super legais. Lembro também que alguns jovens usavam lança perfume. Outra festa movimentada era o natal, a cidade ficava enfeitada e bonita. Lembro que a gente sentava em grupos de amigos em frente à casa dos vizinhos que tinham TV em casa e ficávamos assistindo as propagandas da época e variadas referências vinham dali para nós na juventude [*Entrevista realizada em Outubro de 2017 – Lúcia, 55 anos – Moradora de Oriente*].

Dessa maneira, é preciso enfatizar que na pequena cidade de Oriente, a moda juvenil era baseada naquilo que chegava pelos meios de comunicação, com a predominância de uma mistura entre os estilos country e moderno, contando com incrementos tradicionais.

As relações de vizinhança eram intensas, de modo que havia concentrações de pessoas em frente às casas, para conversar e assistir TV, que era uma atividade pública e sociável. Os grupos juvenis sentavam-se na calçada frente a casa de vizinhos que possuíam aparelho de TV, e enquanto assistiam sentados em suas salas de TV, deixavam a porta aberta, para que os grupos juvenis pudessem assistir lá da calçada, enquanto assistiam lá de fora, também conversavam e exerciam a sociabilidade. A evolução da televisão em domicílios brasileiros foi grande em quase cinquenta anos. Segundo os dados do IBGE, em 1960, menos de dez anos após o lançamento do produto no Brasil, apenas 4,4% dos domicílios no país possuíam televisão, todas com imagens em preto e branco. Em 1970, a presença deste aparelho saltou para mais de 24% dos domicílios e em seguida dobrou o número, em 1980, para 52%, inclusive com unidades de imagens em cores. Contudo, ainda nessa época, nem todas as casas em pequenas cidades tinham acesso a este meio de comunicação. Já em 2010, quase 96% dos domicílios brasileiros tinham televisão, sendo destes, 99,6% com imagens em cores.

Para D'Incao (1994, p. 103), nas últimas décadas, a televisão têm tido também um papel fundamental na diferenciação da sociabilidade. Pois a TV não só ocupa as pessoas dentro de casa, empobrecendo a vida social na cidade, as reuniões, as visitas domésticas e as diversões. Dentro da própria residência, ela fragmenta as famílias, reduzindo o diálogo e o contato entre os pares, produzindo, o que a autora chama de monólogo. Contudo, a autora destaca também os aspectos positivos dos meios de comunicação, que se utilizados de modo saudável, podem até mesmo contribuir para a ampliação das relações sociais. É preciso destacar que além da televisão, mais contemporaneamente, os celulares também passaram a ter um papel fundamental na diferenciação da sociabilidade, reduzindo o diálogo presencial e o contato presencial entre os pares, produzindo conexões digitais, e como outras inovações tecnológicas também possui aspectos positivos. Os aparelhos celulares por exemplo, de

maneira positiva em alguns casos vem se tornando um objeto mediador para marcar encontros pessoais com amigos e familiares.

Durante os anos 80, o carnaval também marcou época, pois era uma festa que movimentava os diferentes grupos de jovens na cidade. Algumas entrevistas revelam que havia o uso de lança perfume entre alguns jovens, mas que eram usos pontuais, não algo disseminado entre os jovens.

Destaca-se que as entrevistas revelam as características dos carnavais durante os anos 80. O caráter do carnaval de Oriente (Figura 14) era de integração de diferentes grupos juvenis, com sujeitos de distintas classes sociais participando da festa, com a presença de serpentinas, sprays, confetes e com direito a muita música e diversão. No caso da cidade de Oriente, durante os anos 80, o carnaval ficou centralizado no Tênis Clube, espaço onde se reuniam os blocos e os grupos de jovens.

**Figura 14** - Carnaval nos anos 80 em Oriente – SP:



**Carnaval em Oriente (SP) - 1984**

Organização: Karin Gabriel Moreno, FCT-UNESP - 2018 / Fonte: Acervo do Autor.

(Organização: Karin Gabriel Moreno, FCT-UNESP/2018).

Os carnavais eram um dos principais momentos de festividades e lazer para as juventudes, pois além de envolver brincadeiras, a interação de diferentes sujeitos, ainda eram festas que propiciavam melhoras nas vendas do comércio, pois a população consumia mais na época de carnaval, sejam nos mercados, lojas e padarias, com bebidas e preparativos, ou mesmo durante a própria festa.

Os carnavais em Oriente eram muito divertidos na década de 80, lembro bem que as pessoas frequentavam os carnavais sempre fantasiadas, em blocos de jovens, havia brincadeiras, danças, eu geralmente frequentava com amigos, por lá a gente paquerava as meninas. Eu bebia cerveja já na época, mas nem todos os jovens bebiam, lembro que os menores de 16 anos não frequentavam muito esse tipo de festa, eles frequentavam as matinês [Entrevista realizada em Outubro de 2017 – Pedro<sup>39</sup>, 52 anos – Morador de Oriente].

Segundo as entrevistas realizadas, o carnaval nos anos 80 era especial para as juventudes, pois todos preparavam roupas e fantasias, envolvia a dinâmica coletiva de ações, ampliando os momentos de sociabilidade.

O carnaval destaca-se entre as festas tradicionais que ocorreram na pequena cidade e movimentavam o lazer dos jovens, incluindo a ampla participação de meninos e meninas, onde há espaço para todos exercerem papéis de protagonismo nas festas. Destaca-se que o carnaval possibilita a formação de blocos entre os jovens, fantasiados todos em um mesmo estilo, formando cordões dos mais diversificados perfis, jovens fantasiados de piratas, jovens fantasiadas de enfermeiras ou até mesmo jovens fantasiados de heróis famosos.

É preciso explicar a relevância dos espaços que eram utilizados pelos jovens como principais, sendo espaços que marcaram época, e fazem parte da memória dos habitantes da pequena cidade.

É parte integrante deste estudo demonstrar através de produtos cartográficos, os principais pontos de encontro dos jovens (Mapa 12), na cidade de Oriente durante os anos 80.

---

<sup>39</sup> Pedro: 52 anos, morador de Oriente; Bairro: Jd. Lucimar, possui Ensino Médio Completo; Estado Civil: Solteiro, possui renda familiar de um salário mínimo. Entrevista ocorreu em um banco da praça, realizada na Praça Matriz da cidade.

**Mapa 12** – Principais pontos de encontro da juventude durante a década de 80 em Oriente (SP):



(Org: Karin Gabriel Moreno, FCT – UNESP; Base Cartográfica – Google Earth, 2019).

Observa-se que são evidenciados quatro principais pontos de encontro dos grupos de jovens durante a década de 80 em Oriente, destaca-se a Praça Central Matriz, como importante ponto de encontro juvenil, onde os grupos de jovens passavam o tempo conversando sentados, bebendo algum refrigerante, observando os movimentos e os fluxos de pessoas que passavam por ali. Também destacamos o Tênis Clube (O.T.C), onde ocorriam as festas e bailes durante a época, o clube também era utilizado por alguns jovens durante o cotidiano comum, para lazer e divertimento, utilizando o espaço da piscina.

Também é evidenciado no mapa o Campo da Fazenda, sendo utilizado como espaço para a prática de esportes, mas também para encontro esporádicos, onde os jovens ficavam sentados nos bancos, jogando jogos de tabuleiro, ou consumindo alguma bebida e conversando. As entrevistas revelam que o Campo da Fazenda era utilizado durante a noite por jovens “para fazer coisas ilícitas ou proibidas”, por ser um espaço escuro e sem iluminação durante as noites. Em seguida, destaca-se a relevância da Praça Pública localizada na Rua Júlio Prestes, sendo um dos principais pontos de encontro dos jovens, onde os grupos juvenis

ficavam sentados em bancos, conversando ou paquerando, casais de jovens encontravam-se no local em diferentes períodos do cotidiano.

Já durante a década de 90, a juventude em Oriente nos momentos de lazer e tempo livre, frequentava mais as lanchonetes privadas. Contudo, destaca-se que ainda existia grande movimento de jovens na praça central nos fins de semana, especialmente após o fim da Missa no sábado à noite.

Quando indagadas as pessoas que vivenciaram a juventude durante a década de 90 em Oriente responderam que os pais nasceram no campo, mas que a geração de jovens dos anos 90, na sua grande maioria, nasceu já na área urbana.

Nasceu meu pai em Flórida Paulista, ele e minha mãe, nasceram na zona rural, já eu nasci na área urbana mesmo, meu parto foi na cidade de Marília, pois aqui em Oriente não havia maternidade preparada para realização de partos. As brincadeiras durante a infância eram em maioria nas ruas mesmo. A cidade era com várias ruas de terras, pouco asfalto. Ruas de lajeado, existem algumas ruas de lajeado até os dias atuais, mas atualmente a maioria das ruas são asfaltadas [*Entrevista realizada em Outubro de 2017 – Cristiane<sup>40</sup>, 32 anos – Moradora de Oriente*].

As pessoas que vivenciaram a juventude durante a década de 90 explicam que, na infância, as brincadeiras eram na rua em grupos de amigos e que, às vezes, também frequentavam o parquinho público da cidade, que ficava localizado nas proximidades da Rua Washington Luís. Algumas entrevistas revelam que as crianças brincavam também na Praça Central, na Praça Jardim Lucimar e na Praça Santa Isabel, que ficam localizadas nas proximidades da Rua Nick Cárter, no bairro denominado como Jardim Lucimar.

Durante os anos 80, diversos jovens da classe média e das classes mais abastadas também frequentavam, durante as tardes de domingo, a piscina do clube da cidade (Tênis Clube), para nadar, conversar com amigos e aproveitar os momentos de lazer.

No final dos anos 80 e no início dos anos 90, grande parte das ruas da cidade ainda não era asfaltada, mas essa realidade foi modificada durante a década de 90 e no final da década a cidade já contava com a maioria das ruas asfaltadas ou com pavimentação de lajeados (lajota). Também houve melhoramento das infraestruturas dos calçamentos de praças por todo o município, possibilitando melhor mobilidade nos espaços públicos que são utilizados pela população local.

---

<sup>40</sup> Cristiane: 32 anos, moradora de Oriente; Bairro: Novo Oriente, possui Ensino Médio Completo; Estado Civil: Casada, possui renda mensal de um salário mínimo. Entrevista ocorreu na residência da entrevistada.

Já sobre as práticas da juventude nos anos 90, as pessoas comentaram nas entrevistas que o lazer era relacionado à praça, mas também as datas festivas como carnavais, rodeios e quermesses da Igreja.

Destaca-se que nos anos 90, a cidade estava vivendo déficit populacional, devido ao fechamento das empresas. Na questão do lazer e tempo livre, nos dias comuns, os jovens da década de 90 passavam as tardes pegando frutos em árvores, praticando algum esporte, reunidos na casa de amigos ou jogando futebol no campo da fazenda e envolvidos com brincadeiras de rua. Nos finais de semana, geralmente após a missa na Igreja, grupos de jovens se reuniam na praça central, para conversar e passar o tempo.

As festas de quermesse eram os momentos de diversão pra gente na juventude e no início dos anos 90 ainda havia festas no clube da cidade, o famoso Tênis Clube, a gente frequentava lá. A gente sempre frequentava os rodeios também. Quando não havia essas festividades, nós nos reuníamos na praça central, pra bater papo, ficar bebendo refrigerante ou cerveja, as meninas paquerando os meninos, sempre havia algum pipoqueiro, ficávamos por ali comendo pipoca e conversando [*Entrevista realizada em Outubro de 2017 – Cristiane, 32 anos – Moradora de Oriente*].

O lazer da juventude aparece vinculado às datas festivas na pequena cidade, uma vez que, durante o cotidiano, não haviam muitas movimentações e fluxos, a não ser nos finais de semana, na praça central. Quando indagadas sobre a frequência ao cinema ou ao teatro ou algum circuito cultural, as pessoas responderam que não havia cinema nos anos 90 na cidade e que acessavam poucas atividades culturais fora das datas festivas, que eram promovidas pelo poder público.

Não frequentávamos teatro e nem cinema, mas sei que na cidade já teve cinema há muitos anos atrás, mas não frequentava não, a gente frequentava, durante os anos 90, a praça da cidade e o campo da fazenda pra assistir aos jogos e conversar com o pessoal por lá. Geralmente, as festas eram nas datas especiais, mas, em dias comuns a gente ficava batendo papo, conversando na praça, ou ali perto da praça do pontilhão na Rua Júlio Prestes, perto de onde hoje em dia tem lanchonetes [*Entrevista realizada em Outubro de 2017 – Cristiane, 32 anos – Moradora de Oriente*].

Sem a existência de um cinema, durante a década de 90, a juventude se concentrava na praça nos momentos de lazer, principalmente aos fins de semana. No cotidiano semanal, quando não estavam na escola, estavam no Campo da Fazenda ou na rua das próprias casas, conversando com amigos sentados embaixo de uma sombra.

O principal ponto de encontro da juventude em Oriente, durante os anos 90, era ainda a praça central da Matriz. Destaca-se que o encontro dos jovens nos momentos de lazer era relacionado a bater papo, contar as novidades da semana e, assim, curtir os momentos de lazer entre amigos, objetivando descansar e descontraír.

Hoje, o movimento de carros é maior, mas no passado o fluxo de pessoas na praça nos finais de semana era bem grande, aqui na cidade tinha muito movimento também no passado, o pessoal saía pra conversar, nas épocas de carnaval havia festas no início dos anos 90 no clube da cidade, depois passou a ser no Ginásio Municipal, localizado ali na Rua Júlio Prestes com a Rua Bandeirantes. No passado, a havia brincadeiras, festinhas e a gente participava. Hoje em dia, não vejo mais isso na cidade. No passado, a gente também frequentava a festa do peão de boiadeiro. Vejo que isso ainda existe na cidade. A praça é importante, sempre vai ser na minha opinião. Mas, antigamente, não tinha lanche, não tinha choperia. Hoje, os jovens ficam mais nesses comércios privados. Antigamente, lá pra depois do pontilhão, era tudo pastagem, não havia bairros e ruas pra lá pra depois do cemitério, hoje em dia tem e surgiu aqueles locais de lanches pra lá, surgiu até boteco e o pessoal fica frequentando pra lá, pelo que eu vejo. Mas, antigamente, a praça foi muito importante e mantém sua importância ainda hoje. Contudo, vejo muito o pessoal frequentando a choperia e a lanchonete na rotatória ali perto do pontilhão [*Entrevista realizada em Outubro de 2017 – Cristiane, 32 anos – Moradora de Oriente*].

A festa do peão de boiadeiro (Rodeio de Oriente), foi algo marcante e típico dos anos 90 na cidade, e até durante os dias atuais movimentava o lazer das juventudes como uma grande festa tradicional. Havia também festas juninas que agitavam a juventude, que tal como os carnavais, eram festas que geravam muita repercussão entre os jovens durante a década.

Mas estas festas eram como flores exóticas no cotidiano da pacata cidade. No dia a dia, a praça central era o principal ponto de encontro dos jovens no passado. Nossos entrevistados reconhecem que, na atualidade, a oferta de outras formas de lazer fez com que a praça central perdesse bastante a presença juvenil, contudo, é sempre enfatizada a importância que ela ainda possui. Essa questão da praça central marca uma diferença entre as práticas de sociabilidade de duas gerações. As juventudes da década de 90 eram mais em continuidade com a geração anterior. A atual, que surgiu após os anos 2000, pela ampliação da oferta de serviços ligados a oferta de sociabilidade, parece ter mais opções, mas também tem que consumir. O encontro nas gerações anteriores passava menos pelo consumo, podia-se ficar na praça entre amigos sem consumir nada.

Os carnavais durante os anos 90 eram movimentados pela diversidade, animados pelo som das marchinhas e também pelo som do AXÉ, que é um gênero musical que surgiu no estado da Bahia no final do século XX. Segundo Magalhães (1997), as manifestações

populares do Carnaval de Salvador impulsionaram o desenvolvimento do AXÉ, misturando o ijexá, samba-reggae, frevo e pop. Nos anos 90 ocorreu a ascensão das bandas de AXÉ, como Asa de Águia, Daniela Mercury e banda, entre outras, que passaram a embalar as músicas nas festas de carnavais em todo o Brasil e eram reproduzidas por grupos musicais nas festas de carnaval, a partir de ampla aparelhagem sonora. Os carnavais (Figura 15), eram embalados por músicas dançantes de cantores e grupos de samba e pagode da região.

**Figura 15** - Carnaval nos anos 90 em Oriente – SP:



(Organização: Karin Gabriel Moreno, FCT-UNESP/2018).

Os carnavais nessa época, em Oriente, eram festas organizadas com a colaboração de diversas pessoas de diferentes classes sociais. No início, eram no clube da cidade (Tênis Clube), depois passou a ser no Ginásio Municipal. Em ambos os locais, a festa contava com ampla participação da juventude e renderam diversas boas lembranças às pessoas que foram jovens nesse período. Os carnavais marcaram época, bem como são demonstradas as relevâncias dessas festas nas informações que foram citadas durante as entrevistas deste estudo.

Assim como nos carnavais da década passada, as pesquisas e entrevistas dos anos 90 revelaram que os jovens também usavam lança-perfume, mas não somente, pois nos anos 90 também ocorre a ascensão do uso de outros ilícitos, como por exemplo a cocaína. Diferentemente dos anos 80, quando o uso de álcool era menos influente sobre os jovens e também era mais controlado, nos anos 90 o uso de álcool passa a se tornar mais comum e explícito entre os diferentes grupos de jovens.

Sobre as referências de moda, as entrevistas revelam que a juventude na época, recebia influências daquilo que era exposto nas revistas. Em grande parte, destaca-se a *Capricho*, que era uma revista *teen* famosa da época, promovida pela Editora Abril, e também recebiam influências de moda das propagandas que eram exibidas na TV. A maioria dos jovens estava quase sempre adequada àquilo que era transmitido na TV, usava calças-jeans ou vestidos, tênis all star, etc.

Destaca-se que, durante os anos 90, as perspectivas de vivência em Oriente já não eram as mesmas da década passada. As entrevistas revelam que a juventude comprava mais roupas em Marília, no comércio da cidade média, e menos na própria cidade de Oriente. Este aspecto revela uma mudança no desenvolvimento econômico da cidade, pois nos anos 80, o comércio de Oriente era forte, até mesmo os habitantes de cidades vizinhas realizavam compras no comércio de Oriente e muitos jovens compravam roupas e calçados na própria cidade. As mudanças que ocorreram revelam que esta cidade pequena teve sua dependência de Marília ampliada.

Comparando aspectos da experiência de juventude da década de 80 com os dos anos 90, notamos que ocorreram algumas mudanças nos hábitos juvenis e nas práticas espaciais. O Tênis Clube, que era de fundamental relevância para o lazer de alguns grupos de jovens na cidade, foi perdendo público por diversos motivos e o Ginásio de Esportes que, no fim da década de 90 já era espaço onde ocorriam festas típicas, foi conhecendo maior presença de jovens em vários momentos do cotidiano. Nota-se que as mudanças na cidade ocorreram com o tempo, oferecendo contextos distintos de experiência juvenil e demarcando discontinuidades geracionais.

Durante as entrevistas perguntamos aos moradores de Oriente, como qualificam as mudanças na cidade com o passar dos anos, as práticas espaciais dos sujeitos vão sendo influenciadas pelas mudanças no tempo e no espaço, e este é um importante aspecto que compõe as relações sociais na cidade.

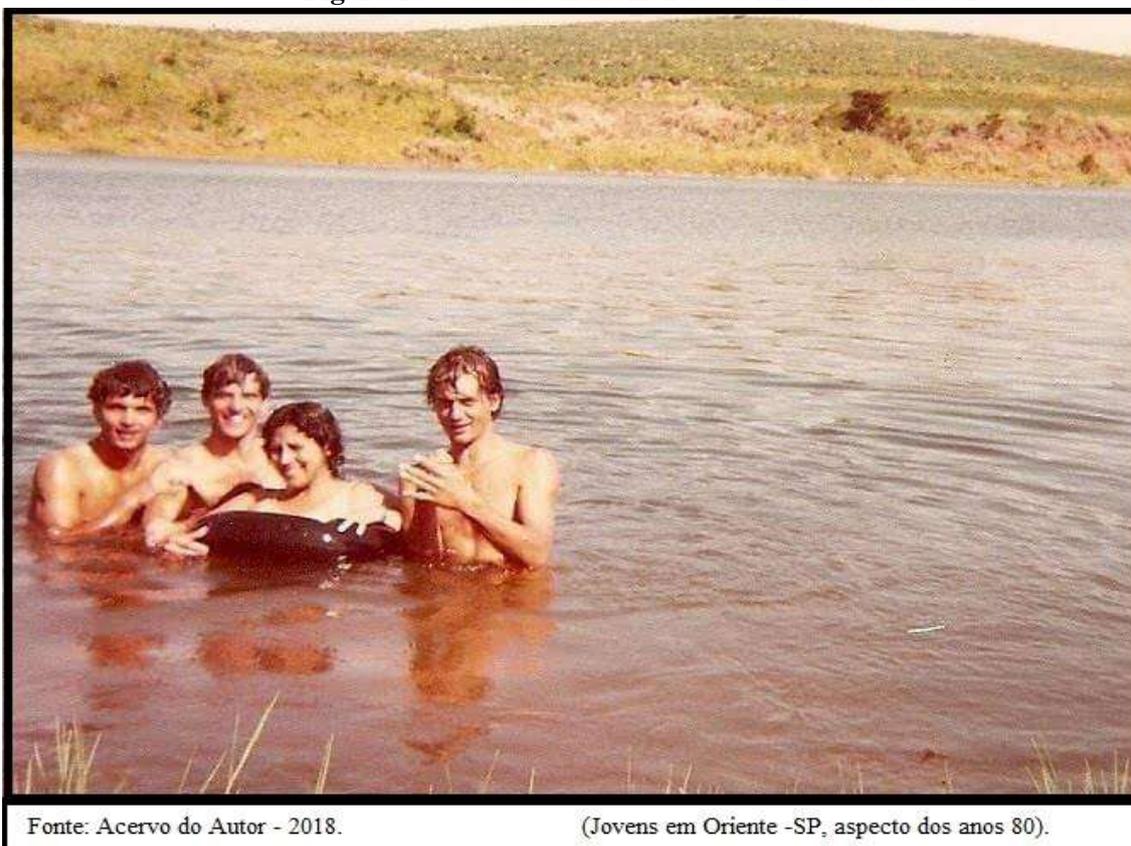
Surgiram ruas novas com o passar dos anos. A cidade é bem organizada hoje em dia, sinalização de trânsito é boa, o básico tem na cidade, não falta, não existe nada a mais do básico, mas não falta coisas, as dimensões de comércio ainda mantêm o necessário, mercado, farmácia, posto de saúde, posto de gasolina, o básico tem aqui pra gente. O comércio diminuiu, quando a Usina fechou, o pessoal passou a ir comprar em Marília. Era uma grande empresa

a Usina, muita gente perdeu emprego [*Entrevista realizada em Dezembro de 2017 – José<sup>41</sup>, 35 anos – Morador de Oriente*].

Nota-se que nas entrevistas a Usina Paredão é sempre recordada a partir de sua fundamental relevância no passado, quando gerava desenvolvimento para a economia da cidade.

É preciso destacar, que as entrevistas relatam que a fazenda de propriedade da Usina, era muito utilizada pelos jovens durante os anos 80 e 90, quando os jovens aventuravam-se a nadar na represa da fazenda (Figura 16), ou mesmo quando utilizam o campo de futebol da fazenda para jogar futebol. Além da Fazenda Paredão, os(as) jovens também aventuravam-se em outras propriedades que possuíam recursos hídricos como lagoas, represas ou rios.

**Figura 16 - Jovens em momentos de lazer – Oriente/SP:**



Assim, evidenciamos uma prática muito comum entre os jovens em pequenas cidades, aventurar-se nas áreas rurais, pegando frutos em árvores, respirando ao ar livre dos campos,

<sup>41</sup> José: 35 anos, morador de Oriente; Bairro: Centro, possui Ensino Superior Completo; Estado Civil: Casado, possui renda familiar mensal de quatro salários mínimos. Entrevista realizada na residência do entrevistado.

banhando-se em cachoeiras, represas e rios, aproveitando o cotidiano banal e finais de semana comuns.

A territorialidade juvenil nos espaços do município era simbolizada pela presença dos jovens em determinados horários durante o cotidiano, geralmente, não apareciam nos espaços públicos durante os horários de aulas nas escolas. Assim, frequentavam os espaços nos momentos de lazer e tempo livre, desenvolvendo relações sociais com diferentes sujeitos.

Neste estudo também são evidenciados os espaços que são observados como os principais pontos de encontro (Mapa 13), utilizados por grupos de jovens durante a década de 90, sendo espaços que possuíam frequente presença juvenil.

**Mapa 13** – Principais pontos de encontro da juventude durante a década de 90 em Oriente (SP):



(Org: Karin Gabriel Moreno, FCT – UNESP; Base Cartográfica – Google Earth, 2019).

Destaca-se a Praça Matriz Central como importante ponto de encontro dos(as) jovens, observa-se como um espaço que atravessa décadas na história sendo importante para o lazer juvenil, espaço onde os jovens se encontram, casais juvenis frequentam, ficavam caminhando ou sentados conversando. Já o Tênis Clube (O.T.C) também teve relevância para o lazer durante alguns anos da década de 90, quando ocorriam no clube os carnavais e bailes, que

sempre contavam com a presença da juventude. O clube é sempre lembrado positivamente pela memória dos habitantes da cidade, pois, no final dos anos 90, o clube deixou de funcionar, tornando-se desativado. Em seguida, o mapa demonstra o Ginásio de Esportes na Rua Washington Luís, como um importante ponto de encontro entre os(a) jovens, onde os grupos de jovens realizavam práticas esportivas nos momentos de lazer.

Destaca-se também que uma prática comum dos garotos em dias de semana, fora do horário de aula ou de trabalho, era ir à Igreja, e depois da missa encontrar outros amigos para bater papo na praça central ou também tinham o hábito de jogar futebol, seja no campo da fazenda, ou na Escola Vitu Giorge, ou mesmo quando jogavam no Estádio Municipal Max Wirth.

Os jovens dos anos 80 e 90 estabeleceram relações muito próximas nessas pequenas cidades, pois compartilharam em um mesmo espaço de tempo a convivência. De acordo com Bauman (2007), as gerações diferentes estão sobrepostas e partilham do tempo histórico, em determinados momentos partilham de interesses em comum, gerando comunhão entre os diversos indivíduos e, em outros momentos, partilham de interesses divergentes, gerando conflitos ou tensões geracionais. Assim, destaca-se a participação social dos sujeitos e a relevância da questão geracional. Através das entrevistas, notamos que alguns locais foram utilizados como principais pontos de encontro para as juventudes tanto nos anos 80, como nos anos 90, assim compartilhando interesses em comum. A partir das entrevistas, pode-se notar que algumas práticas também são partilhadas por ambas as gerações, porém, mudam os principais estilos musicais que são escutados pelos jovens das duas gerações, modificam-se também alguns hábitos, assim também existem distinções e divergências.

Assim destaca-se que, a partir das vivências estabelecidas pelas juventudes em meio a cidade, envolvendo as práticas espaciais e as relações coletivas, surgem as influências que contribuem na composição de referências culturais para os diferentes sujeitos. Destaca-se também que os sujeitos possuem vivências singulares, a partir da experiência de cada indivíduo, que possui particularidades, assim, gerando diferentes compreensões dos significados que são mutáveis e representam como qual cada indivíduo capta as percepções e se comunica com o mundo, a partir de sensibilidades intraduzíveis. Segundo Marcus (1991, p.206), as representações coletivas e as experiências individuais são filtradas de modo mais eficaz através das representações pessoais que são socialmente construídas.

Quando indagados sobre como perceberam as mudanças com o tempo na cidade, os entrevistados que vivenciaram a juventude no passado relataram que a cidade já não possui as mesmas dimensões de comércio local. Com o passar dos anos, o movimento também

diminuiu, segundo as pessoas entrevistadas, e notam que a infraestrutura urbana avançou, a pintura da cidade está renovada, as praças iluminadas, com jardinagem bem cuidada, como a presença de ruas pavimentadas. Contudo, o movimento no comércio é menor que no passado.

Naquela época o comércio era melhor, hoje tá parado. O espaço físico da cidade é praticamente igual o daquela época. Naquela época não tinha água, faltava água em algumas casas, não havia Sabesp ainda, chegou isso só nos anos 1990. Hoje em dia a praça tá parada, os jovens não frequentam mais a praça. Não vejo isso. Naquela época a praça lotava. Mas destaco que atualmente as praças estão todas arrumadas na cidade, tudo muito bonito e com pinturas novas. A cidade aparentemente está bem cuidada, a iluminação nos períodos noturnos na cidade também vem melhorando com o passar dos anos. Me lembro que uma coisa que melhorou foi a retirada do lixo, a cidade naquela época tinha lixo, hoje em dia, não tem mais, existe coleta seletiva atualmente. Hoje em dia também não falta água na cidade [Entrevista realizada em Outubro de 2017 – Lúcia, 55 anos – Moradora de Oriente].

Dessa maneira, destacamos que as continuidades, permanências e as poucas mudanças que ocorreram na cidade de Oriente também refletem sobre a vivência dos habitantes do município, as práticas que os diversos sujeitos desenvolvem em diferentes momentos históricos também vai construindo o urbano. Foi possível observar que alguns locais que eram de preferência da juventude durante os anos 80 já não eram mais tão relevantes no final dos anos 90, bem como alguns hábitos das juventudes dos 80 são diferentes se comparados aos jovens dos anos 90. Contudo, foi possível verificar também continuidades, hábitos que são comuns entre os jovens das décadas de 80 e 90, além de alguns espaços os quais ambas as gerações também frequentaram em comum.

A realidade das juventudes nos anos 80 estava também mais relacionada ao trabalho, diferente dos anos 90, quando alguns jovens passaram a usufruir mais do tempo livre e das práticas de lazer. Parte dos jovens dos anos 80 nasceu na área rural, já os jovens dos anos 90, em grande maioria, nasceram na área urbana.

Durante o fim do século XX, os jovens vivenciavam uma rotina muito relacionada às experiências de lazer em família e também relacionadas ao ambiente escolar ou à Igreja. Segundo Alvim e Gouveia (2000), durante os anos 90, o trabalho, a Igreja, a família e a escola representavam espaços da ordem, com ampla segurança, orientando teoricamente uma boa formação e ascensão social, diferentemente da rua, que é observada muitas vezes como lugar perigoso e desordenado. É preciso destacar que as entrevistas deste estudo revelam que a vida na rua também constrói relações sociais e momentos de lazer que são aproveitados pelos jovens, onde estabelecem laços de afetos, a partir de amizades, aspecto que impulsiona a

formação dos grupos de jovens, que se identificam entre os próprios sujeitos, a partir de tendências e afinidades.

As entrevistas revelaram que tanto nos anos 80, como nos anos 90, os sujeitos ao caminhar pela cidade cumprimentavam as pessoas, os sujeitos se reconheciam em meio a cidade, estabelecendo relações de convivência pelas ruas, característica predominante no interior, que impulsiona ampla sensação de pertencimento entre os sujeitos.

Destaca-se que a realidade na madrugada durante o século XX na pequena cidade é marcada pelas calçadas desertas, as ruas completamente vazias e com as lojas do centro fechadas, a vida de modo geral ocorre durante os períodos diurnos e nas primeiras fases da noite, mas na madrugada a cidade realmente dorme, aspecto diferente das metrópoles.

A calma existente na rotina da pequena cidade de Oriente, durante o fim do século XX, fez com que os sujeitos desenvolvessem muitas vivências com proximidade da família, em meio aos fortes valores das tradições que são típicas dos pequenos municípios do interior paulista, tradições que fortalecem os laços afetivos entre os sujeitos e os afetos dos sujeitos com os espaços da cidade, gerando permanência na relação geracional. Durante as entrevistas acessamos pessoas que vivem na cidade desde a infância e possuem as histórias de vidas, relacionadas a história da cidade, assim vinculadas aos costumes da cidade pequena. Os moradores mais antigos da cidade se sentem privilegiados por estarem residindo no interior, muitos alegam preferir a calma da pequena cidade.

Assim, podemos concluir que as práticas entorno da Igreja e das diferentes religiões, envolvendo grupos de amigos, faziam parte da vida social no passado para os jovens na cidade de Oriente, destacando também a relevância das vivências pelas ruas e no contexto da família, envolvendo também grupos de amigos. Dessa maneira, evidenciamos como eram construídas as práticas juvenis na pequena cidade, a partir da sociabilidade e da convivência dos sujeitos nos espaços públicos do município, destacando os usos da praça central no passado.

### **3.6. Os espaços públicos e os principais espaços da vida pública, como espaços para as práticas espaciais dos jovens em Pompeia durante o período de 2000 a 2020.**

As práticas espaciais das gerações de jovens após os anos 2000 são constituídas por novas diversidades, quando comparadas com as práticas das gerações do passado. Para compartilhar da compreensão sobre as juventudes contemporâneas e sobre as dinâmicas recentes da cidade de Pompeia, são expostos dados, imagens, entrevistas, documentos e mapas. Dessa maneira, são relatadas questões específicas dos anos 2000 até 2020 na cidade,

identificando as práticas e as características dos espaços frequentados pelos diversos agrupamentos juvenis.

Algumas permanências são muito evidentes, pois ainda para a geração atual, as crianças cresceram subindo em árvores nas áreas rurais e urbanas, pegando frutos nos fins de tarde, envolvendo-se em brincadeiras de rua entre os colegas e amigos da vizinhança. Para passar o tempo, jovens também passeavam de bicicleta e participavam de aventuras em estradas de terra nas áreas rurais entre amigos da vizinhança. A personalidade entre os sujeitos na pequena cidade foi construída desde a infância através das diversas relações de sociabilidade. Assim, na infância, os sujeitos cresceram aventurando-se em rampas das estradas rurais e percorrendo vários quilômetros. Essa é uma prática de esporte e também uma prática de lazer realizada entre as crianças e os jovens nas pequenas cidades, os ciclistas de diferentes idades aventuram-se no início das tardes aos finais de semana e voltam ao crepúsculo.

Durante as primeiras décadas do século XXI, foi possível notar a presença de trenzinhos para jovens e crianças, nas datas de Natal festivo. A praça fica extremamente movimentada à noite e também a prefeitura local interdita a rua mais importante do centro na cidade, instalando no local cama elástica e escorregador inflável para crianças utilizarem. As pessoas ficam na rua principal passeando e consumindo, fazendo compras nas lojas do comércio, que ficam abertas até as 22 horas. Muitas pessoas ficam consumindo comidas e bebidas, aquecendo as vendas do comércio local (Figura 17).

**Figura 17** – Área Central da cidade na época do Natal - Pompeia/SP (2017):



(Fonte: Acervo do Autor - FCT- UNESP, 2017).

As comemorações de Natal incluem a presença de diversos símbolos tradicionais como a ceia de Natal entre as famílias, com árvores de Natal espalhadas pela cidade, com a presença fantasiosa do Papai Noel, com as músicas típicas e a troca de presentes. Também ocorrem apresentações de presépios, com a iluminação especial e outras decorações natalinas. O natal é um evento que marca o calendário festivo da cidade, sendo um momento democrático com ampla participação popular.

O aniversário da cidade, durante o mês de Setembro, também movimentava o lazer da juventude, com comemorações tradicionais. No mesmo mês também o tradicional desfile cívico, que contempla o feriado de 7 de setembro.

O desfile cívico que ocorre na Rua Senador Rodolfo Miranda, contextualiza simbolicamente o nacionalismo, o patriotismo, o civismo e a cidadania, envolvendo jovens do exército, também associações artísticas e desportivas, além da participação de escolas locais e colégios da região.

Quando indagamos os jovens da atualidade sobre as características da infância e as origens da família, a maioria relata que nasceu na área urbana e descreve como era na infância, as brincadeiras, a cidade. Explicam que frequentavam alguns espaços públicos.

Meus pais nasceram na cidade de Pompeia mesmo, eles nasceram na área rural, eu e meu irmão nascemos na cidade também, na área urbana mesmo. A gente brincava durante a infância na rua de casa, mas a gente também frequentava o parquinho na praça, onde atualmente é a casa municipal dos brinquedos. A gente frequentava a praça pra brincar as vezes. Frequentávamos a praça geralmente com adultos, pois pra sair de casa até a praça matriz, tem que atravessar a via expressa, que corta a cidade no meio, é perigoso passar crianças lá, então, minha mãe não deixava sempre, já ocorreram atropelamentos por lá. Tomava sorvete, nas sorveterias da cidade, era divertido ir na praça. A cidade é praticamente igual, mudou pouca coisa desde minha infância. Brincávamos na rua de casa, de taco, futebol, carrinho de rolimã, pega-pega, etc. Ocorriam em Julho e Junho as festas juninas, que a gente organizava nos bairros. Nas épocas de natal, saíamos quando criança, batendo de casa em casa, pedindo doces, nas vésperas [*Entrevista realizada em Setembro de 2018 – Éder<sup>42</sup>, 20 anos – Morador de Pompeia*].

Alguns jovens aproveitam o momento em Julho, para consumir, descontrair e encontrar amigos, enquanto também alguns outros jovens trabalham nas lojas do comércio, ocorre simultaneamente a presença de pipoqueiros e a venda de bebidas e sorvetes nas pastelarias e sorveterias do comércio local.

---

<sup>42</sup> Éder: 20 anos, morador de Pompeia, no Bairro Jd. Guimarães, possui Ensino Médio Completo; Estado Civil: Solteiro, possui renda mensal família de 2 salários mínimos.

Na primeira década do século XXI, nos finais de ano, a garotada passava de casa em casa, pedindo balas e doces nos diversos bairros, sendo essa uma prática na pequena cidade desde o passado, batendo palmas e pronunciando “doces ou travessuras”. Destaca-se que os jovens cresceram aproveitando a calma da cidade, por exemplo sempre quando chovia, os adolescentes tomavam banho de chuva pelas ruas.

Nos momentos de lazer e tempo livre, os jovens alegam que frequentam festas típicas em datas especiais no Recinto Mario Zapparoli ou na Arena de Esportes e Eventos, também indagamos o que ocorre durante as festas, quais são os fluxos e as características dos espaços que as juventudes desfrutam dos momentos de lazer.

Vejo que em Pompeia tem as mesmas coisas de sempre pra fazer, comparando da minha infância até hoje, mudou pouca coisa aqui, a infraestrutura hoje em dia na cidade é melhor que antes apenas. Em Pompeia eu saio mais pra barzinho com amigas, ou vou na Sociedade Recreativa ou saio nas festas típicas que ocorrem na Arena de Esportes e Eventos e também no recinto público da cidade, mas geralmente vou pra Marília dar umas voltas. Cinema em Pompeia não tem, então, eu vou sempre quando posso em Marília, também vou em festas em chácaras. Durante as festas galera fica bebendo cerveja, dançando, e acontece o envolvimento entre as meninas e meninos, os casais por lá, basicamente isso. Muitas bebidas alcoólicas geralmente, tudo é pago, desde a entrada da festa. Em Pompeia mesmo, a gente fica em um único barzinho quando vamos sair, ou na casa de alguém da turma, ou em uma chácara de algum conhecido, ou em um único lanche. Já lá em Marília, a gente fica em vários lugares, começa a noite num bar e termina em outros, ou começamos a noite em um barzinho e depois vamos para a balada [*Entrevista realizada em Outubro de 2018 – Rafaela<sup>43</sup>, 18 anos – Moradora de Pompeia*].

Nota-se nas entrevistas que os jovens das gerações atuais realizam diversificadas práticas de lazer, afim de sair da rotina ou cotidiano. As entrevistas demonstram a relação de proximidade dos jovens com a cidade média de Marília, destacam a ausência de cinema em Pompeia, revelando também que os(as) jovens frequentam a cidade média para buscar consumir serviços específicos. Também perguntamos sobre a frequência na pista de skate, importante ponto de encontro dos jovens na cidade.

Antes eu sempre estava por lá na pista de skate, hoje em dia não vou muito não, mas sei que alguns jovens vão, inclusive amigas e amigos próximos. Pessoal geralmente vai pra lá, pra ficar conversando, andam de skate, outros escutam música e fumam narguilé, geralmente o pessoal vai pra lá durante a tarde, durante a noite fica mais concentrado por lá os grupos de skatistas mesmos e alguns maloqueiros sabe, pois lá fica próximo de uma floresta,

---

<sup>43</sup> Rafaela: 18 anos, moradora de Pompeia, no bairro Centro, possui Ensino Superior Incompleto; Estado Civil: Solteira, possui renda familiar de 4 salários mínimos.

então eles usam drogas lá, o que todo mundo da cidade sabe, então geralmente eu frequentava a tarde por lá [*Entrevista realizada em Outubro de 2018 – Rafaela, 18 anos – Moradora de Pompeia*].

Assim, as entrevistas revelam que ocorrem alternâncias de usos de sujeitos no tempo, sobre o mesmo espaço. Destaca-se que a pista de skate é um relevante ponto de encontro para os jovens, principalmente para os grupos de skatistas, contudo revela-se nas entrevistas aspectos de estigmatização do local, devido as práticas de alguns sujeitos que ali ocorrem, impondo características sociais ao espaço, e também devido à ausência de infraestruturas que transmitam segurança e comodidade às diferentes pessoas que frequentam o local.

Devido à sua localização na área central da cidade, existe a facilidade dos jovens estarem na pista de skate<sup>44</sup> (Figura 18) e saírem do local rapidamente para consumir refrigerantes ou comidas em lanchonetes e bares das proximidades e depois retornarem para a pista. Muitos skatistas fazem isso, pausando e descansando, em seguida retornando para a prática esportiva.

**Figura 18** – Imagens da Pista de Skate Pública em Pompeia/SP (2017):



(Pista de Skate localizada na Rua Getúlio Vargas. Fonte: Acervo do Autor - FCT- UNESP, 2017).

<sup>44</sup> O skate surgiu na Califórnia, nos Estados Unidos da América, no decorrer da década de 1950, quando surfistas queriam arrumar alguma coisa para fazer, nos momentos em que o mar estava sem ondas. Esses momentos denominam-se como “Mar FLAT”, que significa mar liso e sem ondas. Então, surgiu a ideia de pegar pranchas de madeira e instalar rodinhas de patins, para praticar manobras. Segundo os dados de 2017 da Confederação Brasileira de Skate, a modalidade street é a que possui mais adeptos no país, contendo cerca de 95% dos praticantes do esporte, talvez seja porque o skate já nasceu nas ruas.

A pista de skate é um espaço público que surgiu na cidade durante a primeira década do século XXI, tornando-se um ponto de encontro de jovens, especialmente aos fins de semana. É preciso evidenciar que os skatistas também praticam manobras e circuitos no estilo street, ocupando ruas, escadarias e praças.

O fato de os jovens skatistas praticarem manobras de street, percorrendo as ruas, utilizando quebra-molas do asfalto para realizarem manobras, ou deslizando sobre assentos de praças e corrimãos, gera incômodos para alguns moradores da cidade, que não suportam o barulho de manobras em frente à sua residência, ou mesmo que não gostam da presença dos grupos de skatistas, devido ao estilo que, muitas vezes, é visto como um “estilo de maloqueiro” ou como “bagunceiro”. Assim, surgem tensões entre grupos de skatistas e alguns moradores da cidade.

Em diversas entrevistas, os skatistas alegam que já tiveram problemas com a polícia por estarem ocupando escadarias públicas nos momentos de prática do street. Os adeptos do esporte (Figura 19) alegam que alguns moradores vizinhos dessas áreas se incomodam, reclamam da perturbação do sossego e acionam a polícia militar local, para reprimir ou orientar os jovens a buscar outro local mais adequado.

As práticas de esporte em torno do skate possuem variadas modalidades como por exemplo street, freestyle, downhill, half pipe, Big Air, Mega Rampa, Bowl, Mini Rampa, Longboard, entre outras.

**Figura 19** – Prática do Street em Pompeia/SP (2018):



(Fonte: Acervo do Autor - FCT- UNESP, 2018).

Os habitantes da cidade que não são skatistas caminham pelas ruas e veem casas, escadas, praças, parapeitos, buracos e corrimões. Já os skatistas enxergam nesses elementos urbanos obstáculos que podem ser usados para execução de manobras, transformando-os pelo uso. É preciso destacar que, nos campeonatos do estilo street, toda a estrutura da pista simula aquilo que se encontra nas ruas.

Assim, os jovens skatistas criam microterritorialidades em determinados espaços públicos da cidade, pois modificam o conteúdo desses espaços, através das práticas e intervenções, também transformando a forma dos espaços, inserindo velas para deslizar nos corrimãos e também caixotes sobre calçadas e ruas para desenvolver manobras.

O reconhecimento dos sujeitos que compartilham a mesma cultura global entre si é um elemento da cultura e das territorialidades urbanas cada vez mais presente nas pequenas cidades, que conhecem, portanto, maior diversificação interna.

Pode-se classificar as práticas relacionadas ao street, como sociabilidade autônoma, onde se exercita uma cultura especificamente juvenil, sem o controle dos pais ou de adultos da família.

Os sujeitos produzem o espaço a partir da efetividade da ocupação e das práticas espaciais, gerando novos usos e modificando os aspectos dos espaços, destaca-se que de maneira dialética o espaço também gera influência na condição cultural dos sujeitos e influencia sua identidade. Os sujeitos produzem o espaço urbano ao mesmo tempo em que são produtos do meio. Segundo Guattari (1985), a dimensão simbólico-cultural na construção do território ocorre a partir da identificação que os grupos de sujeitos desenvolvem sobre o "espaço vivido".

Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente "em casa". O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (GUATTARI; RONILK, 2010, p.388).

Segundo Roncayolo (1986), a territorialidade ocorre a partir da inserção identitária dos sujeitos sobre o território, envolvendo a dimensão coletiva, pois o território surge a partir das relações entre os diferentes grupos de sujeitos.

No decorrer dos trabalhos de campos, em momentos de realização das entrevistas, foi possível notar que na primeira década do século XXI, as juventudes frequentavam com maior

assiduidade os bailes de Pompeia, que ocorriam majoritariamente na Sociedade Recreativa. Esses bailes se iniciavam por volta das 22 horas e ultrapassavam as 4 horas da madrugada. Já durante a segunda década, depois de 2010, constatamos um maior fluxo de jovens em direção à vida noturna de Marília.

É preciso enfatizar que as políticas públicas federais dos anos de 2003 a 2008, ajudaram as classes financeiramente mais pobres a ascender economicamente. Os estudos de Fiori (2013) demonstram gráficos, dados, informações e comprovam que ocorreu amplo processo de desenvolvimento durante a primeira década do século XXI em todo o Brasil, em diferentes graus, variando de acordo com as limitações regionais. Assim, as pessoas das classes de renda C, D e E passaram a ascender socialmente, na medida em que eram desenvolvidos programas sociais. A economia do Brasil crescia através do aumento do consumo.

Esse processo fez com que outras camadas da sociedade de Pompeia pudessem acessar a “Recrê” (Clube Sociedade Recreativa), uma vez que, no passado, as entrevistas revelaram que o Clube era mais restrito às camadas mais abastadas (classes de renda A e B). Com a ascensão das classes sociais que antes eram mais pobres financeiramente, ocorrendo em todo o Brasil, as pequenas cidades também sentiram os reflexos, assim os espaços que no passado eram mais elitizados, foram tornando-se popularizados a partir da convivência dos diferentes sujeitos de diferentes segmentos de renda, que passaram a dividir os mesmos espaços e tempos. Como consequência desse processo, as mudanças fizeram com que as pessoas das classes de renda A e B, que são mais abastadas, deixassem de frequentar os bailes na Sociedade Recreativa de Pompeia, preferindo baladas em Marília, por serem mais elitizadas, como forma de manter a distinção social.

Eu fui já em muitas festas na Recrê, antes eu frequentava mais, hoje em dia não acontecem festas lá com a mesma frequência de antes, ainda ocorrem algumas festas por lá, as vezes eu vou ainda, mas geralmente eu e meus amigos vamos em baladas em Marília, onde também podemos conhecer pessoas diferentes e fazer amizades novas [*Entrevista realizada em Outubro de 2018 – Rafaela, 18 anos – Moradora de Pompeia*].

É preciso destacar também, que algumas festas e bailes na Recrê possuíam ingressos a preços muito elevados. Como alguns jovens não tinham dinheiro para comprar, pulavam o muro e o alambrado e entravam escondidos nas festas. Essa é uma prática que foi presenciada pelas juventudes durante o final dos anos 90, e ainda no início dos anos 2000. Os relatos contados pelos habitantes locais durante diálogos informais realizados nos momentos de

observação participante – registrados no Diário de Campo –, descrevem que os seguranças, quando notavam, restringiam e retiravam os jovens invasores do local, já quando não notavam, os jovens permaneciam na festa, e passavam a curtir e a dançar as músicas disfarçadamente.

Durante o início dos anos 2000, ocorriam grandes Bailes do Havaí em Pompeia, aconteciam na Recrê, e marcaram a memória dos moradores da cidade. Bailes regrados a frutas, sorvetes, bebidas, com iluminações elegantes, decorações especiais e com muita diversão. Os bailes eram frequentados por associados do clube e também pelos moradores da cidade que não eram sócios, mas compravam o ingresso. Assim, os bailes eram momentos de encontro entre diferentes jovens, sendo espaços de diversidade, eram comercializados ingressos a preços diferentes para associados e não associados. Era tradição os jovens invadirem a piscina quando era anunciado o final da festa do Havaí, ou a última música. Os seguranças tentavam impedir, mas era uma multidão de jovens pulando na água, pulando o alambrado que separava o salão de festas do acesso à piscina. Os relatos contados pelos moradores da cidade durante diálogos informais explicam que, era proibido pular na piscina ao final das festas, e ainda assim os jovens realizavam essa prática, pulavam com roupa e tudo, sem tirar os calçados ou relógios, corriam e pulavam na piscina, faziam isso por diversão e provocação, principalmente os jovens considerados de “periferia”, que quase nunca tinham oportunidade de nadar na piscina. Esta prática se repetiu durante várias edições do baile, que marcou época na cidade.

Segundo Margulis (1997), durante à noite a cidade é palco de momentos únicos, cujo público é em grande parte juvenil e são as suas práticas que impulsionam o movimento, pois são práticas denominadas como “cultura da noite”, que envolvem a diversão, e as festas, juntamente com encontros e usos diversos do tempo livre, sendo momentos de descontração e extroversão. De acordo com Margulis (1997), as festas em baladas noturnas em clubes e boates dão uma ilusão de liberdade para os jovens, uma vez que, na verdade, são organizadas para serem consumidas. Os circuitos das festas são construídos através da finalidade do consumo. Revelam, portanto, práticas mais heterônomas do que autônomas, com maior ou menor margem de negociação por parte dos jovens.

Os bailes eram marcados durante a primeira década dos anos 2000, por músicas do estilo funk e sertanejo. Destaca-se a música “Se ela dança eu danço”, do Mc Leozinho, que embalava as noites das juventudes. Após os bailes, os jovens não se dirigiam diretamente para suas casas, alguns passavam em lanchonetes, outros continuavam a festejar e expandir a curtição.

Marcou também este período o famoso “Luau no industrial”. Era o momento quando alguns grupos de jovens se encontravam de madrugada na área industrial da cidade, onde não existem residências particulares e sim empresas instaladas. Nessa área, os jovens fechavam ruas com carros, viravam a madrugada até o outro dia, com muita gente presente, com som automotivo, onde dançavam e bebiam etílicos. Segundo as entrevistas deste estudo, também ocorria o uso de entorpecentes. Em diversas ocasiões a polícia acabou intervindo e reprimindo os jovens, devido a perturbação da ordem pública. Destaca-se que, algumas vezes, no amanhecer do dia, acontecia naquele local o inusitado encontro dos trabalhadores das empresas a caminho do serviço e dos jovens que ainda estavam por lá, dançando e bebendo. Os jovens transformavam as ruas em um território para esse tipo de lazer durante a madrugada. Com o passar dos anos, a prática de frequentar o “Luau no industrial” foi saindo de moda e também tornando-se estigmatizada e ridicularizada em meio a sociedade local. As pessoas passaram a olhar com aflição e descontentamento para a situação. Essa prática juvenil ocorreu durante a primeira década dos anos 2000. Atualmente, não existe mais esse costume entre os jovens. Pode ser que algum dia volte a ocorrer, mas nos dias atuais, as práticas de lazer da juventude são outras e estão direcionadas amplamente ao consumo em bares ou mesmo nas feiras-livres.

Podemos verificar que as práticas relacionadas ao “Luau no industrial” eram sociabilidades autônomas, onde se exercitava uma cultura especificamente juvenil, sem o controle dos pais ou de adultos da família. Segundo Souza (2012)<sup>45</sup>, as práticas autônomas, partem do planejamento dos sujeitos que desenvolvem as ações, sendo um “autoplanejamento”. Assim, podem ser compreendidas como uma modalidade de autonomia insurgente.

Lembro que antes de 2010, o pessoal costumava frequentar o luau no industrial, geralmente depois dos bailes na Recrê. Eu não frequentei pessoalmente, mas meus primos frequentavam e meus amigos me contam, que muita gente ficava bebendo por lá, alguns dançando e alguns fazendo bagunça também, era como se fosse a continuação da festa, mas as vezes terminava com intervenção da polícia militar, por que geralmente haviam muitos carros com som no volume máximo, as vezes também havia a presença de muitas pessoas usando substâncias ilegais, e em algumas ocasiões ocorriam brigas entre alguns garotos, por motivos banais, como por exemplo, quando um garoto esbarrava em outro, coisas desse tipo, pois havia muita bagunça [Entrevista realizada em Setembro de 2018 – Éder, 20 anos – Morador de Pompeia].

---

<sup>45</sup> Apesar da abordagem de Souza (2012), estar relacionada aos movimentos sociais urbanos, em nossos estudos nos inspiramos na contribuição do autor, mas com o objetivo de entender o fenômeno das práticas autônomas, para diferenciar as práticas juvenis no tempo livre de jovens de cidades pequenas.

Eram alguns grupos de jovens que tinham acesso a carros e motos, levavam amigos juntos para o “industrial”, a memória dos entrevistados revela que já chegou a ocorrer a presença de 20 carros com muitas bebidas e música alta, com muita gente dançando. Eram em grande maioria jovens locais, havia também a participação de alguns jovens das cidades próximas. Estas pessoas foram saindo de Pompeia, foram indo estudar fora, foram se casando e tendo filhos, deixando este tipo de sociabilidade que é tipicamente juvenil, ao passo que novos sujeitos foram chegando à idade de jovens e indo em outras direções. Essa prática do “luau” não se institucionalizou a ponto de ser um evento com calendário fixo e programação definida, o que teria o poder de estabelecer certa permanência. Assim, demonstramos informações sobre as trajetórias biográficas e os agrupamentos momentâneos, formados numa fase de vida, que normalmente passa (muitos já ingressaram no mundo adulto).

Nos dias atuais, destacamos as feiras-livres que são de extrema relevância para o lazer da cidade e também possuem influências na economia e nas práticas de sociabilidade juvenis. Segundo Kliksberg (2002), as feiras aumentam o consumo e resultam na incursão da participação comunitária em uma dimensão econômica, envolvendo a comercialização de produtos de consumo de massa. Nas feiras-livres encontram-se jovens de diferentes bairros da cidade, possibilitando a sociabilidade a partir da diversidade, onde as pessoas costumam ir para comer, conversar e ver amigos.

Destaca-se ainda que, até os dias atuais o Clube Sociedade Recreativa de Pompeia continua sendo uma sociedade privada e não tem o caráter de atender toda a população de forma pública, o que é parte da natureza de uma empresa que possui fins lucrativos. Assim, ainda nos dias atuais, nem todos os jovens da cidade possuem condições financeiras de serem associados e frequentarem o clube. Contudo, na atualidade as festas que ocorrem no Clube Sociedade Recreativa de Pompeia são muito mais inclusivas, onde os ingressos são a preços mais acessíveis, quando comparamos ao passado e as festas passaram com o tempo a integrar cada vez mais as diferentes classes de renda.

O clube “Recrê” oferece diversas opções de lazer para os associados e também oferta bailes e festas para a população em geral, especialmente em datas comemorativas. No clube ocorrem também festas de formaturas e casamento. Na história do clube incluem-se festas de carnaval, matinês, forrós e sambas com feijoada. As diferentes festas que ocorrem na “Recrê” atendem a população idosa e também crianças e jovens. De tempos em tempos ocorrem festas diferentes para cada tipo de público.

Além de comportar um salão de festas, o clube também possui quadras poliesportivas (quadras construídas para a prática de mais de um esporte, como futebol, basquetebol, voleibol, entre outras modalidades). Também existem instalados no clube, academia de musculação, bar, espaço com tênis de mesa (Pingue-Pongue), piscinas, incluindo saunas e acesso à piscina aquecida artificialmente.

Os bailes na “Recreê” (Figura 20), são momentos em que os(as) jovens exercem práticas mais eventuais, que rompem com o cotidiano pacato de finais de semana na praça.

**Figura 20** – Baile Festa na “Recreê” em Pompeia/SP, no ano de 2018:

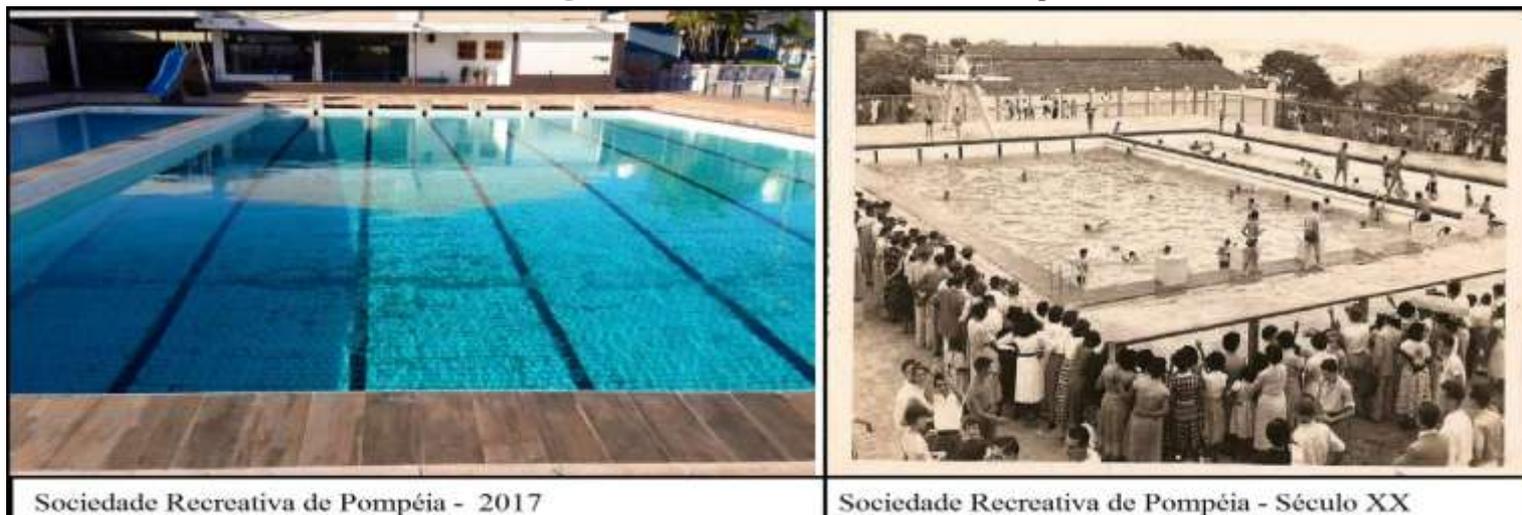


(Fonte: Acervo do Autor - FCT- UNESP, 2019).

Assim destaca-se que a Sociedade Recreativa de Pompeia é um clube que possui fundamental importância na história do município, pois atende parte da população proporcionando bem-estar e acesso a práticas esportivas e a práticas de lazer diversificadas.

Possui maior frequência e visitação durante os períodos de férias, destacando que é a piscina uma das principais atrações. A estação mais quente do ano, o verão, faz com que muitas pessoas, incluindo as juventudes, aproveitem para se refrescar nas piscinas (Figura 21) e também usufruir dos equipamentos de esporte e entretenimento.

**Figura 21** – Sociedade Recreativa de Pompeia – SP:



(Fonte: Diretoria da Sociedade Recreativa de Pompeia – Acervo do Autor - FCT- UNESP, 2017).

As piscinas proporcionam especialmente aos jovens momentos de descontração e bem-estar. Destaca-se que através de conversas informais realizadas durante os trabalhos de campo deste estudo, notamos que muitos jovens da cidade (níveis de renda médio e alto na sociedade local) cresceram realizando brincadeiras na piscina e também frequentando as demais instalações do clube, de modo que este também compõe parte da memória de muitos moradores da cidade.

É preciso enfatizar que as festas e bailes na Recrê ou também na Arena de Esportes e Eventos marcaram momentos importantes de lazer para a juventude local. Além das festas em chácaras organizadas pelos próprios jovens, destaca-se os concursos de “Rainha do Rodeio”, que movimentam o lazer das juventudes.

Os carnavais que são uma das principais festas para as juventudes, durante as primeiras décadas do século XXI, ocorreram na Sociedade Recreativa de Pompeia, ou no Recinto Mario Zaparolli, ou na Arena de Esportes e Eventos, com variações no estilo e local das festas, revezando-se entre esses locais citados.

Durante conversas informais realizadas nos trabalhos de campo e também durante entrevistas, notamos que alguns jovens antes de sair para as festas de carnaval, encontravam-se na praça central e dali seguiam rumo a festa, sendo a praça um relevante ponto de encontro. No momento do encontro entre os jovens já é desenvolvida a sociabilidade, seguem para a festa dialogando e já se divertindo no grupo de amigos.

Quando indagamos os jovens sobre qual é o seu principal ponto de encontro atualmente na cidade, estes responderam que existe uma segmentação baseada nos conteúdos das relações, que são distinguidas a partir de questões de faixa etária.

Hoje em dia, vejo que é a praça matriz o mais importante ponto de encontro para jovens até 17 anos. Depois disso, os jovens encontram-se em casas de amigos ou em barzinhos da cidade aqui mesmo. A praça central era mais lotada de jovens e adultos durante os anos de 2008 e 2009, hoje em dia foi se tornando cada vez mais um lugar para adolescentes, enquanto isso os jovens que já possuem 18 anos, e estão na maioria, preferem frequentar choperias e bares [Entrevista realizada em Setembro de 2018 – Éder, 20 anos – Morador de Pompeia].

Assim, as entrevistas revelam a relevância da praça central em meio a cidade de Pompeia. Contudo, existe na atualidade uma segmentação de frequência baseada na faixa etária dos jovens, pois nos bares onde a oferta de bebidas etílicas é maior, envolvendo a oferta privada de consumo e lazer, com bandas e músicas, concentram-se os jovens que já atingiram a maioria, enquanto na praça (Figura 22), que é um espaço público, um ambiente mais democrático e que proporciona sociabilidade ampla entre os diferentes grupos de jovens, a frequência maior é de adolescentes.

**Figura 22** – Imagem da Praça Central em Pompeia/SP (2018):



(Fonte: Acervo do Autor - FCT- UNESP, 2018).

Também perguntamos nas entrevistas, se os jovens na cidade pequena de Pompeia frequentam outros diversos espaços públicos, a resposta geralmente é sim, e destaca-se que as juventudes frequentam os espaços públicos em diferentes momentos do cotidiano.

Durante a realização de observação participante e também no decorrer do desenvolvimento das entrevistas, foi possível observar quando os jovens frequentam festas. As festas são momentos de diversão e sociabilidade entre as juventudes.

Tocam músicas ecléticas nas festas, envolvendo mais músicas eletrônicas. Ocorrem na Sociedade Recreativa ou no recinto de exposições, as vezes na arena de esportes e eventos, geralmente quando não ocorrem festas por aqui, meus amigos e eu vamos para Marília nos rolês [*Entrevista realizada em Setembro de 2018 – Éder, 20 anos – Morador de Pompeia*].

Assim, também indagamos os jovens como vão a esses lugares – se de carro, moto, a pé ou ônibus – e se ficam em um lugar apenas durante o “rolê” na noite, ou se vão passando em vários lugares.

Geralmente, vamos de carro quando vamos as festas, vou entre amigos, nas festas aqui em Pompeia vou de carro com os amigos ou a pé também com os amigos, já nas festas em Marília vou de ônibus ou de carona com conhecidos e amigos. Em Pompeia, quando saímos, ficamos na casa de algum amigo, ou todos amigos vem em casa, ou ficamos em um único bar, ou em uma única festa, não costumamos ficar passando em diversos lugares. Geralmente, ficamos passando em vários bares quando vamos em Marília, ou ficamos em um único bar ou balada por lá também. Quando ficamos passando em vários bares, é vendo como está sendo alguns eventos, que geralmente são antes anunciados pela internet, ou compartilhados pelos aplicativos que uso no SmartPhone [*Entrevista realizada em Setembro de 2018 – Éder, 20 anos – Morador de Pompeia*].

As entrevistas revelam o papel das redes sociais e das diferentes tecnologias, que possuem relevância central, nas atividades de lazer dos jovens da cidade. O “fluxo do role” acontece direcionado pelo Whatsapp (aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de vídeo e voz).

A globalização provoca transformações nos jovens pois vivemos em um mundo de transformações que afetam quase todos os aspectos do que fazemos. Para o bem ou para o mal, estamos sendo impelidos rumo a uma ordem global, que ninguém compreende plenamente, mas cujos efeitos se fazem sentir por todos nós (...), onde os mais radicais sustentam não só que a globalização é muito real, como que suas consequências podem ser sentidas em qualquer parte (GIDDENS, 2005, p.18).

Apesar de residir em uma pequena cidade, os moradores do interior estão conectados ao mundo globalizado, acessam a internet, bem como buscam acessar os bens de consumo diferenciados e serviços especializados em mídias e grandes cidades.

Quando indagamos os(as) jovens onde compram roupas, de onde vem suas referências de moda, as respostas geralmente incluem a internet como meio de influência.

Compro roupas no comércio de Pompeia, compro também no comércio de Marília, compro pela internet também. Eu vejo referências de moda nas redes sociais, chegam informações sobre lançamentos pelo celular [Entrevista realizada em Setembro de 2018 – Éder, 20 anos – Morador de Pompeia].

Costumo comprar roupas no comércio local ou em shoppings na cidade de Marília, também compro sapatos pela internet, as referências de moda, pra mim vem muito das redes sociais e de revistas [Entrevista realizada em Outubro de 2018 – Rafaela, 18 anos – Moradora de Pompeia]

Assim, são reveladas informações importantes sobre os impulsos da modernidade, que chegam através da influência digital. Desde o fim dos anos 90, os jovens nas pequenas cidades vêm desenvolvendo sociabilidade através dos meios de comunicação, utilizando amplamente a internet. Destaca-se que no início dos anos 2000, o Messenger era o principal aplicativo de conversas e sociabilidade virtual, já na atualidade os grandes destaques são o Facebook, Instagram e o Whatsapp.

As Lan Houses, Cyber's Café e Fliperamas, no início dos anos 2000, eram locais comuns na cidade, pois nem todos tinham computador ou video game em casa. Eram locais de encontro e sociabilidade. A facilidade de acessar computador pessoal tornou este serviço obsoleto. Ao mesmo tempo, ocorreu a evolução dos aparelhos celulares, a ponto de serem transformados em verdadeiros computadores pessoais e permitirem conexão de internet em qualquer local (sem precisar estar em um ponto de acesso específico, com o amplo uso do pacote de dados das operadoras de telefonia móvel).

Perguntamos aos jovens quando não podem ir em Marília, onde costumam ir em Pompeia, aos finais de semana normais.

Quando ficamos em Pompeia, vamos em amigos nos bares e lanchonetes, geralmente no Tagas Bear ou na Othomania Cervejaria beber chop's. No Restaurante Santhiagos também, ou vamos nas feiras livres. Nos finais de semana, após a missa, ficamos conversando na praça também, de sexta feira a noite também ocorre as feiras livres, e as vezes ficamos na praça Jesus Maria, ali na Matriz, é bem legal também [Entrevista realizada em Setembro de 2018 – Éder, 20 anos – Morador de Pompeia].

É preciso destacar a relevância das feiras livres para os momentos de lazer e diversão das juventudes. As feiras ocorrem durante a semana, com a comercialização de tapiocas,

refrigerantes, com bandas ao vivo, sendo espaço de sociabilidade entre os diferentes sujeitos. As feiras ocorrem atualmente na Praça do J.K (Figura 23), ou na Estação Ferroviária, ou na Praça Jesus Maria e também ocorre a Feira Livre da Vila Paulina.

**Figura 23** – Principal Praça do Bairro J.K em Pompeia/SP (2018):



(Fonte: Google Imagens de Satélite/Acervo do Autor - FCT- UNESP, 2018).

É preciso destacar que a principal praça do bairro J.K, localizada na Rua Tiradentes, é também importante ponto de encontro entre grupos juvenis, durante o cotidiano e em finais de semana comuns. A frequência maior é dos grupos que residem nas proximidades da praça, ou nos bairros próximos do J.K, que são propriamente bairros distantes da área central da cidade. Assim, a praça do J.K sempre possui algum vendedor de caldo de cana de açúcar e limão, para os frequentadores da praça consumirem. Além de ocorrer as feiras-livres na praça, também ocorrem encontros dos jovens do estilo country, onde ficam escutando músicas e conversando, também se encontram casais, além de existir uma lanchonete e uma sorveteria nas proximidades. Assim, os jovens sempre estão presentes no espaço, tomando sorvete, conversando, ouvindo música ou mesmo sentados descansando nos momentos de tempo livre.

Também indagamos os jovens se existem tensões, ou diferenças entre os grupos de amigos, com outros jovens pela cidade. Muitos responderam que existem tensões pontuais, sendo alguns grupos de jovens mais isolados, perante aos outros grupos de jovens, mas que não são tensões caracterizadas por movimentos de ações coletivas, mas sim por particularidades individuais. Alguns grupos, as vezes “brigam” com outros, por motivações particulares e continuam frequentando a praça, mas ficam mais distanciados.

Os grupos de jovens em geral são formados nas ruas, a partir da personalidade, nas relações entre amigos e vizinhos, mas também se constituem a partir das escolas, cursinhos

pré vestibular, faculdades, igrejas. Assim, os jovens na cidade pequena da geração atual ainda constituem sua vida social de forma muito inteirada com a família e grupo de amigos.

Os jovens também foram indagados se pretendem continuar residindo em uma cidade pequena até atingir o período adulto e quais são seus planos para o futuro.

Pretendo sair de Pompeia, para trabalhar fora ou estudar em uma cidade grande. Acho que Pompeia já não tem o mesmo fluxo de rolê do passado, o movimento de jovens já não é tão grande na praça, como antes, todo mundo tem mais acesso aos automóveis e melhorou os horários de transporte coletivo, geralmente todo mundo vai pra Marília, e na praça tem se tornado cada vez mais parado o movimento. Gostaria de vir apenas passear em Pompeia, pois é um lugar de poucas oportunidades para a minha área de trabalho, para minha área de engenharia, talvez terei de sair pra ir trabalhar em outra cidade. No passado, o pessoal ficava mais tempo durante a vida em Pompeia, se contentavam com a vida por aqui. Não são todos os jovens que querem sair de Pompeia, alguns gostam e querem permanecer pra sempre por aqui, outra grande parte dos jovens de hoje já não querem mais ficar aqui, almejam outros planos [*Entrevista realizada em Setembro de 2018 – Éder, 20 anos – Morador de Pompeia*].

Assim, fica evidente o desejo dos jovens da pequena cidade em sair para morar em uma cidade maior, ou mesmo saindo momentaneamente, em movimentos pendulares, destacando a existência da prática de “escape”. Os jovens querem viver em um lugar onde assumam a características de “desconhecido”, pois na pequena cidade, “todo mundo conhece todo mundo”. Buscam aventuras, novas experiências, fugir dos mesmos olhares, fugir das “fococas cotidianas” das cidades pequenas, buscando novas oportunidades e diferentes perspectivas.

Objetivando caracterizar as juventudes na pequena cidade, também indagamos os jovens da atualidade, com o que mais gastam seu dinheiro e as respostas mais repetidas foram, com comidas, lanchonetes e restaurantes, ou bebidas, bares e baladas (gastos com o “rolê” na noite). Também apareceram respostas alegando gastos e investimentos em roupas, calçados, viagens, arte, conhecimento, música, lazeres esportivos ou bens de consumo duráveis, como automóveis e motocicletas. Alguns jovens responderam que gastam dinheiro principalmente com musculação, gastos com esportes, lutas marciais.

Também indagamos os jovens sobre a frequência com que vão ao cinema ou teatro, e quais são as formas de lazer noturno, buscando compreender como são os níveis de acesso à cultura para os jovens na cidade e quais são as práticas de lazer favoritas.

No Cinema eu vou em Marília, eu frequentava cinema em Pompeia no ano de 2006, quando havia cinema, hoje em dia só em Marília mesmo. O cinema

na história da cidade de Pompeia, abre em alguns períodos, depois aparece fechado, depois surgem outros, enfim, no momento atual não existe cinema funcionando na cidade. Em Marília vou em Teatros as vezes. Aqui em Pompeia, a gente se junta em casa de amigos, pra fazer churrasco, hoje em dia não tem muita coisa atrativa na praça central. Na minha opinião são sempre as mesmas coisas, as mesmas pessoas. Até ano de 2009, no máximo, havia movimento forte na praça matriz central, hoje em dia não tem movimento nenhum quase, só tem movimento lá quando acontece a feira livre da cidade por lá mesmo, ou em algum evento como copa do mundo de futebol, eventos da Igreja, entre outros eventos [Entrevista realizada em Setembro de 2018 – Pablo<sup>46</sup>, 23 anos – Morador de Pompeia].

Os jovens-adultos declaram nas entrevistas que, às vezes, vão em bares da cidade, para consumir cerveja, ouvir músicas e buscar diversão. Destaca-se que nas épocas de copa do mundo, a praça sempre mantém muito movimento de carros e pessoas, bem como nas finais de campeonatos nacionais, envolvendo clubes favoritos como Corinthians, São Paulo, Palmeiras ou Santos. No caso das copas mundiais de futebol, reúnem-se jovens na praça para comemorar após os jogos ou em algumas ocasiões são instalados telões e caixas de som na praça, para o pessoal assistir aos jogos e acompanhar os resultados. Com isso, ocorre um intenso momento de lazer e confraternização (Figura 24). Muitos funcionários são dispensados do horário de serviço. Cria-se momentaneamente um espaço plural, com a participação de diferentes sujeitos, de diferentes idades, destacando a presença de jovens, assistindo aos jogos da seleção brasileira. Mas, de forma geral, não existe muito movimento na praça atualmente no cotidiano, no passado havia muito mais, de acordo com as entrevistas.

A Copa do Mundo<sup>47</sup> é o principal torneio em escala mundial envolvendo o futebol, e possui fãs em diferentes continentes, o evento atrai a atenção de torcedores da seleção brasileira em diferentes regiões do Brasil, nas grandes, médias e pequenas cidades.

---

<sup>46</sup> Pablo: 23 anos, morador de Pompeia; Bairro: J.K, possui Ensino Médio Completo; Estado Civil: Solteiro, possui renda familiar de 3 salários mínimos.

<sup>47</sup> Segundo as informações das páginas online da FIFA (Federação Internacional de Futebol), à Copa do Mundo da FIFA ou Campeonato Mundial de Futebol é uma competição internacional profissional, em que podem participar as seleções masculinas dos países membros da Associação FIFA. Existe também a Copa do Mundo de Futebol Feminino (Womens's World Cup), mas não possui o mesmo número edições.

“Ver”: <https://www.fifa.com/fifa-tournaments/>

**Figura 24** – Praça durante a Copa do Mundo em Pompeia – SP (2018):



(Fonte: Acervo do Autor - FCT- UNESP, 2018).

No decorrer da Copa do Mundo, os torcedores ocupam a praça principal da cidade de Pompeia para realizar comemorações, especialmente nos dias de jogos, envolvendo os(as) jovens em comemorações com som automotivo e bebidas, objetivando desfrutar de momentos de diversão.

Os jovens levam bebidas para ficar acompanhado os resultados dos jogos, e após os jogos quando ocorrem vitórias da seleção brasileira, os jovens fazem a festa com música alta em som automotivo e com muita cerveja. Nem todos os jovens consomem bebidas etílicas, contudo, essa é uma prática da maioria dos jovens, aproveitando o calor que faz nessa região do país.

Existiu cinema em funcionamento na primeira década dos anos 2000 em Pompeia. A princípio funcionava em uma galeria localizada na Rua Getúlio Vargas. Anos depois passou a funcionar na Galeria MPI, que fica localizada na Rua João da Costa Vieira. Nos trabalhos de campo, foi possível observar que os antigos cinemas estão desativados. As entrevistas revelam que não funcionam cinemas na cidade há vários anos, e também demonstram que não existem importantes peças de teatros em Pompeia há décadas.

Durante as entrevistas, indagamos os jovens sobre a qualidade de suas juventudes, e o que tem para fazer no município nos momentos de lazer e diversão, incluindo possibilidades de frequentar cinemas.

Aqui em Pompeia, até os 17 anos, eu e meus amigos frequentávamos festas no clube Recrê, nos anos de 2008 e 2009 a Recrê tinha muitos bailes, eu sempre frequentava. Acontecia o Happy Hour na Recrê. Hoje em dia, em 2018, não saio muito em Pompeia, vou mais nos bares na cidade de Marília, e por lá também frequento shoppings e cinemas, as vezes apenas eu saio em Pompeia, vou na choperia ou em alguma lanchonete. No rodeio né em Setembro, é onde sempre vou pra festar, e no carnaval eu saio nas festas aqui, porém as vezes eu prefiro ir pra Tupã aqui perto [*Entrevista realizada em Setembro de 2018 – Éder, 20 anos – Morador de Pompeia*].

As entrevistas revelam a centralidade de Marília constante nas práticas de lazer dos jovens, também se revela a importância da Festa do Peão de Boiadeiro, tradicional momento festivo para a sociedade local.

Também perguntamos aos jovens se hoje em dia ficam muito tempo online na internet, e também se frequentam igrejas, e como são os momentos de sociabilidade, também como notam as mudanças no tempo histórico da cidade.

Hoje eu passo muito tempo na internet. Antigamente, eu ficava mais em grupo de amigos, hoje fico muito mais nas redes sociais. Eu costumo ir à Igreja, frequento grupo de jovens da religião, fazemos diversas atividades juntos, é muito divertido! Participamos de gincanas, também combinamos churrascos e natação juntos. Bom, acho que a cidade não cresceu muito, mas o movimento de crianças brincando nas ruas tem diminuído. Antes havia muito mais, acho que os jovens de hoje em dia ficam mais tempo dentro de casa e antes brincavam mais pelos espaços públicos e ruas. De forma geral, a cidade não mudou muito, mas os hábitos culturais dos jovens, vejo que tem mudado, muitos hoje preferem a internet, no passado preferiam brincadeiras nas ruas. [*Entrevista realizada em Setembro de 2018 – Pablo, 23 anos – Morador de Pompeia*].

Assim, revela-se que as juventudes nas pequenas cidades também estão conectadas virtualmente e produzem práticas que se refletem sobre os espaços na cidade, a partir das influências que surgem através das conexões exteriores. É preciso enfatizar as práticas nos momentos de lazer e tempo livre, pois são realizadas com a finalidade de aprazimento.

Outro local muito frequentado pelas juventudes atuais em Pompeia é o Clube da Jacto, que conta com quadras esportivas, quiosques e diversos espaços de lazer. Os jovens frequentam para aproveitar os momentos de tempo livre, buscando entretenimento e desfrutar das práticas esportivas.

O Clube da Jacto vem atendendo a população de Pompeia desde a década de 90, com características próprias para atender funcionários, famílias, crianças, jovens e idosos. Destaca-

se que, a partir dos anos 2000, o clube transformou-se em ponto de encontro para os jovens, que passaram a organizar campeonatos independentes. Além de realizarem práticas esportivas nas dependências do clube, os jovens também desfrutam de momentos com bem estar e relações de sociabilidade, no cotidiano, em finais de semana comuns.

Um outro espaço importante a ser destacado é a Arena de Esportes e Eventos, uma grande quadra poliesportiva, que é ambiente para festas, eventos tradicionais, eventos esportivos e eventos escolares.

É também na Arena de Esportes e Eventos que ocorre o tradicional evento denominado como “Escolha da Rainha do Rodeio”. Anualmente, ocorre um grande desfile na passarela, onde diversas meninas da cidade competem para ganhar prêmios de reconhecimento, como rainha do rodeio, como princesa ou miss country e depois as vencedoras participam representando o município com ampla exclusividade na festa de rodeio que, geralmente, ocorre em Setembro. O evento da rainha do rodeio possui um baile no final, com músicas badaladas, com bebidas e regado a muita diversão. Antes desse importante evento ocorrer na Arena de Esportes e Eventos, acontecia no Panelão, o Ginásio de Esportes Chevrane Resende, localizado na Rua Carlos Bueno de Toledo.

A arena de Esporte e Eventos também é espaço onde ocorrem os campeonatos de judô, modalidade esportiva que envolve muitos jovens da cidade. Alguns campeonatos de judô também ocorrem no Panelão.

O Panelão foi espaço onde ocorreram importantes eventos na história da cidade, incluindo festas que atraíam muitos jovens. Até os dias atuais, o ginásio é utilizado para competições esportivas e para treinos das escolinhas municipais de diferentes modalidades de esporte, existem escolas de futebol, escolas de basquete que envolvem também jovens-adultos, entre outros esportes, completamente gratuito, para os jovens acessarem e participarem, bastando apenas realizarem a inscrição no início do ano letivo.

É preciso enfatizar que a festa do Peão de Boiadeiro, o “Rodeio” de Pompeia, é atualmente a principal festa da cidade, que movimenta o lazer da juventude. Na festa (Figura 25), existe a presença de barraquinhas, vendendo comidas e bebidas, lanchonetes instaladas, parque de diversão, além dos shows sertanejos que duram até de madrugada, a festa é reconhecida como elemento que faz parte das tradições culturais da população.

**Figura 25** – Festa do Peão de Boiadeiro em Pompeia – SP:



(Fonte: Acervo do Autor - FCT- UNESP, 2016).

A tradicional Festa do Peão já recebeu mais de 25 mil pessoas em algumas ocasiões, com a presença de shows badalados, sendo que entre o público participam pessoas de Marília, Quintana, Oriente, entre outras diversas cidades da região.

Entre os competidores do “Rodeio em Touros”, geralmente, existe a presença de jovens da cidade, que se destacam no esporte. Com isso, as famílias ficam atentas na plateia, torcendo para os peões da cidade, que competem com os de outras regiões. Além da competição, existem também shows pirotécnicos dentro da arena central da festa, atraindo a atenção e fazendo a animação do público.

Destaca-se que funcionava na cidade, durante o final do século XX, um colégio de internato, para jovens que estudavam curso técnico em agronomia, o Colégio Técnico Agrícola (Fundação Shunji Nishimura). Esse colégio deixou de funcionar com o passar dos anos. Mas, desde essa época, alunos que vinham de cidades distantes para estudar em Pompeia, já participavam das festas na cidade, envolviam-se com a diversidade da cultura local. Atualmente, funciona outra instituição de estudo importante na cidade, mas sem internato, com diferentes categorias de cursos, a FATEC (Fatec/Faculdade de Tecnologia de São Paulo - Unidade Shunji Nishimura, conveniada de Pompeia), que também leva diversos

alunos de cidades distantes a residirem em Pompeia. São jovens que também participam das festas na cidade e se envolvem com a cultura juvenil local.

Segundo Dumazedier (1976), o lazer tem caráter liberatório (liberdade de escolha), desinteressado (sem fins lucrativos), hedonístico (procura pelo prazer) e pessoal (libertação da rotina). Assim, perguntamos aos jovens como avaliam as opções de lazer em Pompeia.

Às vezes fico me perguntando, o que tem pra fazer, geralmente não tem nada pra fazer em Pompeia, faltam mais festas, mais movimentação pros jovens. Somente as feiras livres, praças e a pista de skate, não basta para os jovens, precisamos de mais atrativos. Mais atividades culturais nos espaços públicos substituindo a ociosidade [Entrevista realizada em Setembro de 2018 – Éder, 20 anos – Morador de Pompeia].

Dessa maneira, podemos destacar a relevância dos espaços públicos que são os espaços que preenchem o tempo, onde os jovens encontram-se para bater papo, socializar e também buscar divertimento, pois na cidade pequena os jovens vivenciam a “falta do que fazer” no cotidiano, que são comuns e que não possuem festas típicas ou entretenimentos diversificados. São nestes momentos também que ocorre a prática do “escape”, quando os jovens buscam sair da rotina de pequena cidade, e vão para as cidades maiores nas proximidades, buscando encontrar mais possibilidades de entretenimento e maiores ofertas de consumo.

Um momento que sempre gera divertimento para os jovens são os Jogos da Primavera, especialmente quando ocorrem confrontos em modalidades de esporte, entre as duas escolas estaduais da cidade, envolvendo as torcidas da Escola Estadual Cultura e Liberdade e também da Escola Estadual 17 de Setembro. Com o intuito de integrar esporte, lazer e educação, os Jogos da Primavera têm como público-alvo todos os alunos de instituições de ensino da região de Marília e circunvizinhas, sejam elas de nível fundamental ou médio. A tradicional competição, realizada há anos, atrai praticantes de atletismo, basquete, futsal, futebol em campo com gramado extenso, handebol, natação, voleibol e xadrez.

É preciso destacar também os campeonatos de som automotivo na cidade de Pompeia (Figura 26), nos quais os jovens entusiastas de carros tunados encontram amigos, apreciam as apresentações das *garotas tuning*, com a presença de verdadeiras sonorizações invocadas. Assim, demonstram-se culturas juvenis urbanas em que há diferentes papéis de gênero.

**Figura 26** – Campeonatos de som automotivo em Pompeia – SP:



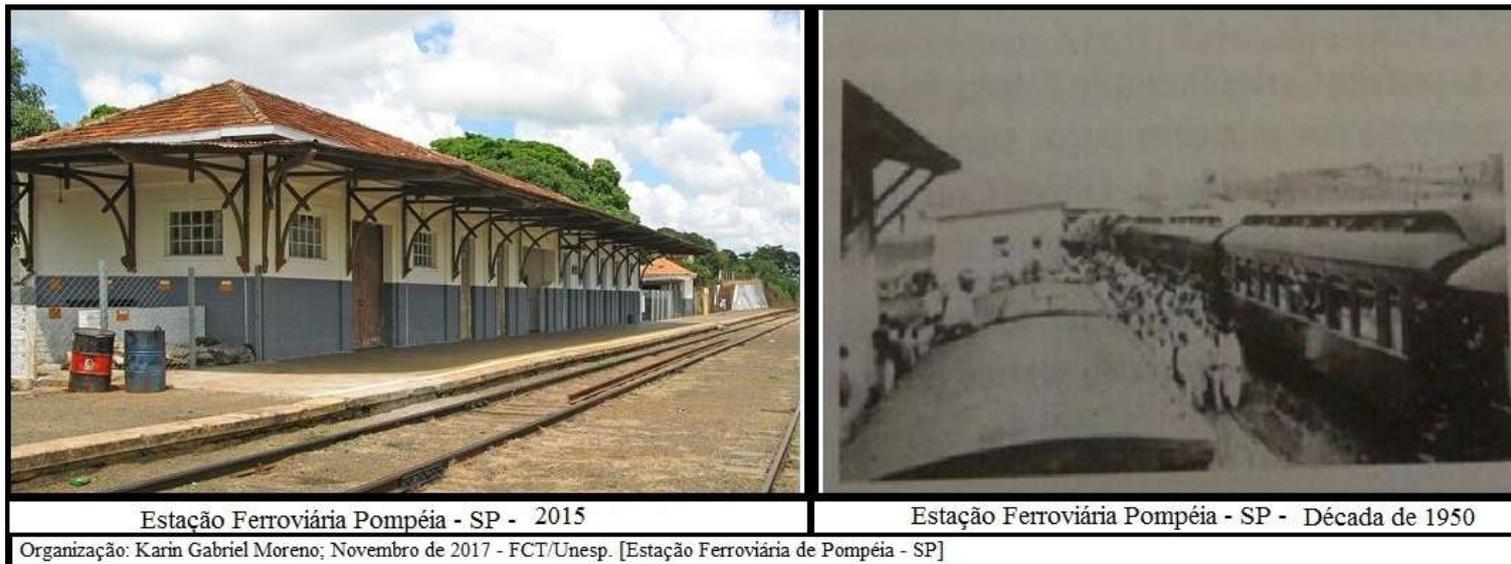
(Fonte: Imagens de Campeonatos de Som Automotivo em Pompeia no período entre 2001 à 2017 - Acervo do Autor - FCT- UNESP, 2017).

Os campeonatos de som geralmente ocorrem nas dependências do Recinto Mario Zaparoli. Os carros tunados competem em diferentes modalidades, desde o som mais forte, até o carro mais belo ou mesmo o mais rebaixado, com premiações e prestígio entre os jovens entusiastas de carros tunados. São momentos de diversão e lazer para grande parte dos jovens da cidade, além de ser um espaço de encontro entre os diferentes sujeitos.

A “dança do passinho” predomina nesses eventos de som automotivo, pois a dança toma como base o funk e, através da dança, é demonstrada para toda a cidade parte da identidade dos jovens que, em passos sincronizados e de maneira coletiva, acompanham as músicas. Portando os mesmos estilos de vestimentas, com bonés ou óculos escuros, com tênis da moda e calça jeans ou bermuda jeans, os jovens entram em sincronia e se envolvem com o estilo musical.

Destaca-se que a Estação Ferroviária (Figura 27), espaço público onde ocorrem as feiras livres na cidade, é um espaço também onde ocorrem cursos de Ballet para jovens do município, vinculados a uma escola de dança local. Houve um processo de ressignificação para este espaço, sendo atualmente ocupado por novos usos, desde as aulas de Ballet, até as feiras-livres.

**Figura 27** – Estação Ferroviária em Pompeia/SP.



(Fonte: Jornal A Época - Acervo do Autor - FCT- UNESP, 2017).

O espaço da Estação Ferroviária destaca-se como uma relevante área para a história da cidade e da população local, por ser espaço onde muitos chegavam de longas viagens, sendo muito utilizado no passado, quando ocorria mais intensamente o transporte por trilhos na região.

Na cidade de Pompeia também funciona uma academia de musculação e ginástica pública e gratuita, que atende a população em geral, inclusive os jovens. É denominada Academia Municipal Vida. Encontra-se localizada nas proximidades da Rua Eurico Gaspar Dutra, oferece aulas de Jump e aeróbica, proporcionando saúde e bem estar aos habitantes da cidade. Na academia de musculação, jovens de diferentes idades encontram-se para fazer atividades físicas, onde acabam conversando e contando as novidades, assim também vão fazendo novas amizades com outros jovens que estão no espaço, fazendo a mesma prática.

Nos últimos anos, em Pompeia, alguns grupos de jovens passaram a praticar slack line em um espaço público com árvores, localizado na Rua Antônio Gasque Cabrera. É basicamente um espaço com bancos e com uma academia ao ar livre, onde jovens transformaram o espaço em um território para a prática de esporte e por ali desenvolvem a sociabilidade.

As práticas dos jovens no ambiente público são extremamente relevantes, pois é onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla do que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável do que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade (MAGNANI, 2005; p. 178).

O uso dos espaços públicos proporciona aos jovens possibilidades de convivência para além da dinâmica familiar, sendo espaços frequentados por diferentes jovens e, com isso, ocorrem interações entre sujeitos com valores distintos.

A prática do slack-line envolve a participação juvenil em um espaço público que antes era pouco utilizado, transformando este espaço público em um lugar de lazer para a juventude. Assim a Praça Luzia Fortunatto (Figura 28), onde é instalada uma academia ao ar livre, tornou-se um espaço de relevância para os grupos juvenis.

**Figura 28** – Espaço Público localizado no Jd. das Esmeraldas em Pompeia/SP:



(Espaço Público localizado na Rua Antônio Gasque Cabrera - Fonte: Acervo do Autor - FCT- UNESP, 2018).

Os jovens aproveitam a presença da academia ao ar livre, para praticarem ginásticas, em momentos do cotidiano banal, em finais de semana comuns. Assim, as academias ao ar livre atendem diferentes públicos e não somente os idosos. Grupos de jovens costumam frequentar o local nos fins de tarde e durante os finais de semana.

A cidade de Pompeia possui as características próprias de uma cidade pequena, características que são reveladas nas entrevistas, mas também possui singularidades relevantes. A cidade vem crescendo nos últimos tempos, o número de habitantes aumentou e surgiram novos bairros na cidade. Através do Programa Minha Casa - Minha Vida, do Governo Federal, entre 2010 e 2014, foram construídos novos imóveis em Pompeia, ampliando o desenvolvimento social e econômico nesse município, envolvendo a construção civil e o consumo. Este é um aspecto que contribuiu nos últimos anos para a expansão do tecido urbano e para o surgimento de novos espaços públicos.

É preciso lembrar também que diversas religiões, destacando a Igreja Católica, envolvem as juventudes em cursos e em grupos religiosos juvenis, gerando atividades participativas nos jovens, envolvendo acampamentos, atividades em grupos, espaço no qual os jovens constroem identidade e passam a desenvolver amizade com o grupo do qual participam. Destaca-se em Pompeia os grupos de jovens que são participantes do JOAM (Jovens Adolescentes em Missão), reúnem-se na praça central da Igreja cotidianamente. São jovens que após a entrarem no grupo religioso relacionado a Igreja Católica, passam também a desenvolver amizades novas dentro do próprio grupo, os adolescentes e jovens são conduzidos com muita animação por um caminho de formação religiosa, envolvendo atividades em grupos e acampamentos, geralmente esses jovens também são vinculados a outros cursos oferecidos pela Igreja, como por exemplo, catecismo e cursos religiosos. Esses grupos de jovens fazem estudos bíblicos, e costumam durante acampamentos, estar envolvidos em algumas ações de contribuição para ajudar pessoas necessitadas que recorrem a Igreja. Os jovens desses grupos, geralmente são frequentadores de retiros, passeios religiosos, festas religiosas, trilhas ecológicas com finalidades religiosas, atividades culturais relacionadas ao âmbito da Igreja Católica.

Os grupos juvenis religiosos também frequentam acampamentos que ocorrem com finalidades religiosas no município de Marília. Destaca-se que a distância entre a cidade de Pompeia e a cidade de Marília é de 32,1 km, pela Rodovia SP-294, mantendo possibilidades de relações diversas das juventudes da pequena cidade com a cidade média, fator que foi demonstrado pelas entrevistas no decorrer deste capítulo.

Em observações nos trabalhos de campo, notamos que também existem grupos de evangélicos, que encontram-se na praça central da cidade, mas em menor proporção, sentam-se em rodas, geralmente aos finais de tarde, para tocar violão, bater papo, passar o tempo, são grupos formados a partir dos encontros em espaços religiosos, mas que saem dali com novos amigos, através da afinidade e da identidade.

Como parte dos procedimentos de exposição dos resultados de pesquisa, foi elaborado um mapa (Mapa 14), para expor os principais pontos de encontro dos(as) jovens entre o período de 2000 à 2020, na cidade de Pompeia.

Mapa 14 – Principais pontos de encontro da juventude em Pompeia/SP (2000 - 2020):



(Org: Karin Gabriel Moreno, FCT – UNESP; Base Cartográfica – Google Earth, 2020).

É possível observar que o mapa destaca a Praça Matriz Central, bem como a Praça Jesus Maria, que já foram destacadas neste estudo, em outros produtos cartográficos, devido a extrema relevância que esses espaços possuem em diferentes épocas na cidade.

As práticas de lazer na praça e a sociabilidade dos grupos juvenis na atualidade, são diferentes do passado, quando havia permanência maior dos grupos de jovens no espaço. Esta pesquisa revelou que nos dias atuais, existe uma segmentação quanto a faixa etária e poder de

consumo, na frequência juvenil sobre a praça central. Assim, revelam-se modificações de âmbito geracional, que ocorreram no tempo sobre os usos nos espaços.

Também evidenciamos a Pista de Skate Pública, localizada na R. Getúlio Vargas, que nos últimos anos tornou-se um importante ponto de encontro para os(as) jovens. Destaca-se que este estudo revelou, com contribuição de entrevistas, segmentações de frequência e de práticas juvenis sobre o espaço da pista de skate, em diferentes horários do cotidiano.

É possível verificar no produto cartográfico, a Praça da Amizade em destaque, por ser um ponto de encontro de jovens, destaca-se por ser muito utilizado por casais juvenis, por ser reconhecido na cidade como um lugar muito elegante, com arquiteturas asiáticas e jardins.

Observa-se também em destaque a praça pública na Rua Oscar Pedroso Horta, sendo um espaço público geralmente utilizado pelos jovens do bairro J.K e de outros bairros das redondezas, onde também ocorrem as feiras-livres noturnas, com a presença de comercialização e consumo de comidas e bebidas.

Em destaque no mapa, também aparece a Sociedade Recreativa de Pompeia, por ser considerado importante ponto de encontro para alguns grupos de jovens, seja nos momentos de lazer vespertino ou mesmo em festas noturnas. Destaca-se também a quadra de esportes, localizada na Rua Eulene M. de Souza, que é muito utilizada nos momentos de lazer por jovens do bairro “Jd. Guimarães”, além de ser utilizada também por jovens de diversos outros bairros do município. Também é preciso destacar, a quadra de esportes, localizada na Rua André Menini, que se tornou um importante ponto de encontro para jovens, em grande maioria para garotos jovens que praticam futebol no espaço. Em seguida, é preciso evidenciar a relevância do “Clube da Jacto”, localizado na Rua Brasília, sendo um importante espaço, frequentado pelos jovens para comemoração de aniversários em quiosques, ou mesmo para o exercício de práticas desportivas nos momentos de tempo livre.

Destaca-se que a quadra esportiva localizada na Rua André Menini, também é utilizada por jovens de diferentes bairros da cidade, entretanto existe presença mais frequente de jovens do bairro onde encontra-se localizada a quadra esportiva.

Quando comparamos o mapa dos principais pontos de encontro da juventude em Pompeia da atualidade, com o mapa dos principais pontos de encontro da juventude em Pompeia da década de 80, notamos que no passado os principais pontos de encontro dos(as) jovens estavam localizados predominantemente no Bairro Centro, ou nas proximidades do Bairro Centro, assim verificamos que nos dias atuais os principais pontos de encontro estão espacializados pela cidade e inseridos também em bairros distantes do Bairro Centro. Aspecto

que acompanha os movimentos da contemporaneidade e as mudanças nas dimensões urbanas, uma vez que com o passar das décadas surgirão novos bairros na cidade.

Também é preciso destacar que para alguns segmentos da juventude local, os principais locais de diversão não estão no mapa, pois estão nas rotas de fuga para Marília, compondo shoppings, praças, bosques, bares e baladas da cidade média mais próxima.

Por fim, pedimos aos jovens, durante as entrevistas, para descrever, como observam as mudanças na cidade de Pompeia, como se modificou o número de população, que durante as últimas décadas aumentou e as dimensões do comércio, perguntando como observam as mudanças.

Na minha opinião, a cidade cresceu, a estrutura do comércio está diferente do passado né, possui maior número de lojas do que no passado, além disso surgiu na cidade novas pequenas praças e novas estruturas, desde minha infância até os dias atuais, estruturas que não são muito utilizadas, mas existem. Realmente cresceu o número de habitantes, a cidade vem ficando cada dia mais bonita [*Entrevista realizada em Outubro de 2018 – Rafaela, 18 anos – Moradora de Pompeia*].

Dessa maneira destacamos que este estudo observa as permanências e mudanças, com o passar das décadas, nos espaços e nas práticas de sociabilidade juvenil, revelando que as juventudes possuem diferentes referências e diferentes hábitos, também demonstrando o quanto a juventude atual está envolvida com as novas tecnologias e como vem ocupando os espaços, gerando territorialidades.

Por fim, evidenciamos que essa parte da pesquisa demonstra também a existência de segmentação da frequência de grupos juvenis na praça central da cidade pequena, a partir de questões de renda, faixa etária, horário e identidade. No decorrer desse capítulo foi exposto, através de entrevistas e trabalhos de campo, que, nos dias atuais alguns jovens que já estão na maioridade e possuem renda, passam a frequentar as noites de Marília aos finais de semana. Enquanto, outros grupos de jovens que ainda são menores de idade e não possuem renda, permanecem na Praça Matriz na cidade pequena ou permanecem utilizando outros espaços públicos na cidade pequena como importante ponto de encontro entre grupos de amigos.

Assim, destaca-se que este capítulo gera ênfase sobre as relações de sociabilidade que ocorrem durante as décadas contemporâneas, demonstrando as preferências dos jovens das gerações atuais, explicando também como são utilizados os espaços públicos na cidade, possibilitando observações e comparações a partir dos diferentes detalhes demonstrados, caracterizando as práticas dos jovens recentes no contexto da sociedade local.

### **3.7. Os espaços públicos e os principais espaços da vida pública, como espaços para as práticas espaciais dos jovens em Oriente durante o período de 2000 a 2020.**

A diversidade das práticas espaciais das gerações de jovens após os anos 2000, quando comparadas com as práticas das gerações do passado, revela maior influência dos meios de comunicação e da internet. Destaca-se que o smartphone é um aparelho que está completamente disseminado entre os jovens, sendo este um fator principal de característica dos jovens do presente, quando comparados aos jovens do passado. Para compartilhar da compreensão sobre as juventudes contemporâneas e sobre as dinâmicas recentes da cidade de Oriente, são expostos dados, imagens, entrevistas, documentos e mapas. Dessa maneira, abordamos essas novas juventudes como gerações do presente, e são relatadas questões específicas dos anos 2000 até 2020 na cidade, identificando as práticas e as características dos espaços públicos frequentados.

A distância entre a cidade de Oriente e a cidade de Marília é de 19,7 km, pela Rodovia SP-294, ampliando as possibilidades de relações das juventudes da pequena cidade com a cidade média, fator que é demonstrado pelas entrevistas no decorrer deste capítulo.

Buscando compreender as questões relevantes sobre a juventude em Oriente, indagamos os jovens sobre o local de nascimento e desde quando moram na cidade. Também perguntamos sobre a história de vida dos sujeitos, se já trabalharam, entre outras questões.

Nasci na maternidade de Pompeia, resido em Oriente desde os primeiros dias de vida, porém, durante meu parto não havia maternidade em funcionamento em Oriente-SP. Moro desde pequeno aqui no Jd. Lucimar. Eu trabalho, e quando era menor de idade eu já trabalhava como jovem aprendiz em um supermercado aqui da cidade [*Entrevista realizada em Outubro de 2018 – Felipe<sup>48</sup>, 26 anos – Morador de Oriente*].

Nasci no hospital em Marília, mas eu moro desde pequena em Oriente, na mesma casa aqui no Jardim Vendramini [*Entrevista realizada em Outubro de 2018 – Luana<sup>49</sup>, 19 anos – Moradora de Oriente*].

---

<sup>48</sup> Felipe: 26 anos, morador de Oriente, do Bairro Jd. Lucimar, possui Ensino Superior Completo; Estado Civil: Solteiro, possui renda familiar de um salário mínimo.

<sup>49</sup> Luana: 19 anos, moradora de Oriente, do Bairro Jd. Dona Elvira, possui Ensino Médio Completo; Estado Civil Solteira, possui renda familiar de três salários mínimos.

É possível observar que as entrevistas revelam a continuidade na questão de ausência de maternidade em funcionamento, pois no passado também não havia maternidade. Destaca-se que essa questão atravessa décadas na história da cidade. Para contextualizarmos as juventudes da atualidade, indagamos sobre a infância e sobre a história da família.

Meus pais nasceram em Oriente, na área rural, nasceram na fazenda Paredão, como muitos habitantes desse município. Eu já nasci na cidade mesmo, área urbana, e passei a infância aqui. Eu brincava na rua, e brincava com amigos de bicicleta, brincando de bicicleta a gente andava a cidade inteira. A gente brincava até no máximo umas 9 horas da noite, minha mãe sempre pedia pra eu voltar cedo. Mas, lembro que brincávamos muito [*Entrevista realizada em Outubro de 2018 – Felipe, 26 anos – Morador de Oriente*].

Passei minha infância aqui em Oriente mesmo, a cidade era como é hoje, mas as brincadeiras eram várias diferentes. Quando éramos crianças, brincávamos até umas 21 horas da noite, de pé na lata, meninos e meninas brincando juntos, os meninos jogavam futebol no campo, as meninas ficavam assistindo, brincávamos no Campo da Fazenda e na rua de casa. Campo da Fazenda era ponto de encontro para os meninos, as minhas amigas ficavam brincando com algum adulto sempre, mãe ou pai juntos ali na praça ou aqui no portão de casa brincávamos também, no quintal, brincar era muito divertido, lugar de convívio era sempre aqui na rua de casa. Época de férias as brincadeiras eram mais espalhadas pela cidade, geralmente as brincadeiras quando ocorriam na rua de casa, eram vigiadas por adultos da família ou conhecidos [*Entrevista realizada em Outubro de 2018 – Luana, 19 anos – Moradora de Oriente*].

Nota-se que as brincadeiras de infância têm na rua o local privilegiado, contribuindo na construção da personalidade entre os sujeitos e a vizinhança em geral, uma vez que na cidade pequena as dimensões da rua não oferecem tanta insegurança quanto nos grandes centros urbanos, ainda que existam riscos, as exposições são em menor grau.

Existe uma descontinuidade nas origens das famílias, que se repete em diferentes entrevistas, revelando que as famílias foram atingidas pelo processo de êxodo rural, como é explicado pelo entrevistado. A geração dos pais dos jovens de hoje já é originária da cidade. Também perguntamos sobre os tempos de hoje, sobre o que juventude tem para fazer, nos momentos de lazer e diversão, se costumam frequentar cinema ou teatro.

Até uns 15 anos de minha vida, o lazer principal aqui na cidade de Oriente, foi o futsal e futebol, isso que era o lazer, e até hoje é assim pros mais novos. Única coisa que rola é esporte, as meninas sempre vão jogar um voleibol. Não tem pista de skate aqui, não tem uma dança, não tem um break, não tem espaço cultural na cidade. O Cinema não existe aqui em Oriente desde minha infância, quando vou ao cinema é em Marília. Não vou com muita frequência. Nunca presenciei cinema em Oriente, pra ir ao cinema sempre temos que ir em Marília. Quando eu era criança, havia festas no clube da

cidade. Mas depois na minha juventude não havia essas festas noturnas lá, até hoje não ocorrem mais festas por lá. O carnaval na época boa da minha juventude nessa cidade, era uma tenda montada ali na rotatória central da cidade, havia um carnaval de rua antes de 2012. Não era muito legal, mas eu fui muitas vezes, pois não havia muita coisa pra fazer. A gente tomava umas cervejas lá, meio escondido, éramos menor de idade. Mas, a gente se divertia aqui em Oriente, jogava futebol no campo. Festas de Rodeio embalam minha juventude também, mas já vi muitas brigas que houve facadas nas pessoas em festas de rodeios, mas assim mesmo gosto de estar por lá, havendo coisas boas ou havendo coisas ruins, me divirto nos rodeios. Hoje em dia, o pessoal não fica na praça, o pessoal faz panelinha e vão na casa de amigos e ficam bebendo, ou se juntam em grupo, pegam um carro e vão para Marília. Acabando com o tempo esse negócio de movimento na praça. Hoje em dia, o pessoal faz quermesse da Igreja na praça, e somente nessas datas comemorativas que acontecem grande movimentos na praça [Entrevista realizada em Outubro de 2018 – Felipe, 26 anos – Morador de Oriente].

Destaca-se que a Festa do Peão de Boiadeiro é um momento fundamental para o lazer e para a contemplação da cultura local na cidade, a festa típica que possui a competição de rodeio em touros, também conta com barracas que vendem bebidas e comidas. A festa sempre é lembrada pela população jovem, por proporcionar momentos de diversão.

A festa também conta antecipadamente com o tradicional concurso para eleição da Rainha do Rodeio, elegendo garotas da cidade em um desfile exclusivo. Posteriormente, as vitoriosas exercem papel como madrinhas da festa típica. Durante a festa (Figura 29), ocorrem shows musicais de estilos diversos, animando a juventude, por meio da festa também é reproduzida a tradição da cultura caipira e sertaneja. Dessa maneira, as práticas relacionadas aos eventos tradicionais são dependentes de ocasiões eventuais, vinculadas ao calendário festivo do município.

**Figura 29** – Festa do Peão de Boiadeiro de Oriente (2016):



(Fonte: Acervo do Autor - FCT- UNESP, 2019).

Durante os momentos de observação participante deste estudo, notamos que a festa típica conta com a presença de jovens de outras cidades próximas, especialmente quando ocorrem shows de duplas famosas.

Mesmo com a existência da festa anualmente, os jovens ainda revelam durante algumas entrevistas, descontentamento com o lazer propiciado pelo poder público local para as juventudes, pois os jovens lamentam a carência e a falta de estruturas de lazer junto com a ausência de incentivos ao acesso à cultura no cotidiano da cidade.

Também indagamos aos jovens, qual seria o principal ponto de encontro atualmente na cidade de Oriente e o que os jovens costumam fazer.

O pessoal costuma ficar nas portas dos bares, no centro, na praça, ou na rotatória ali do pontilhão, praça do pontilhão dos lanches ali. Até 2011, todo mundo se encontrava na praça, ficavam tocando violão, conversando ali mesmo. Hoje em dia, isso não tem mais, quase ninguém praticamente vai até a praça, só vai o pessoal nos dias de comércio, mas é um ponto de encontro ainda também. Lembro pra você, já vou destacar, o maior fluxo da praça, bombando mesmo de gente, foi em 2006 e 2007, que eu me lembro. Existiu após os anos 2000, uma pequena danceteria, que não teve muito sucesso, mas que as vezes a gente frequentava por lá. Lembro que até 2011 havia festa de rua no carnaval, “carna-rua” e que agora em 2018 não tem mais. Lembro que antes a gente frequentava a praça as vezes, no ano de 2006, anos de 2008 e 2009 também, ficávamos bebendo cervejas e conversando. Historicamente, a praça é importante ponto de encontro, mas hoje em dia, as pracinhas do lado do lanche, perto do pontilhão, são também importantes e frequentadas [*Entrevista realizada em Outubro de 2018 – Felipe, 26 anos – Morador de Oriente*].

Os carnavais em Oriente eram ativos durante a primeira década do século XXI, já durante a segunda década essa data de festividade não tem sido tão ativa, destaca-se que ocorriam carnavais na rua, envolvendo divertimento e lazer para as juventudes.

Na atualidade, não ocorrem mais as festas de carnaval aberto na rua em Oriente, por questões relacionadas à gestão pública, também outras festas de carnaval não ocorrem mais na cidade. Dessa maneira, os grupos de jovens que possuem mais recursos, durante a época de carnaval, acabam frequentando a festa em outras cidades da região, como por exemplo, Tupã/SP, Pompeia/SP, Marília/SP, Lins/SP e Ourinhos/SP.

Em Oriente (Figura 30), os carnavais marcaram época e são lembrados na memória da população local, como momentos de sociabilidade e diversão. Assim, as práticas durante as festas são eventuais, ocorrem em eventos que marcam o calendário da cidade, que são observados como momentos democráticos e com a participação de todos.

**Figura 30** – Festa de Carnaval em Oriente/SP (2006):

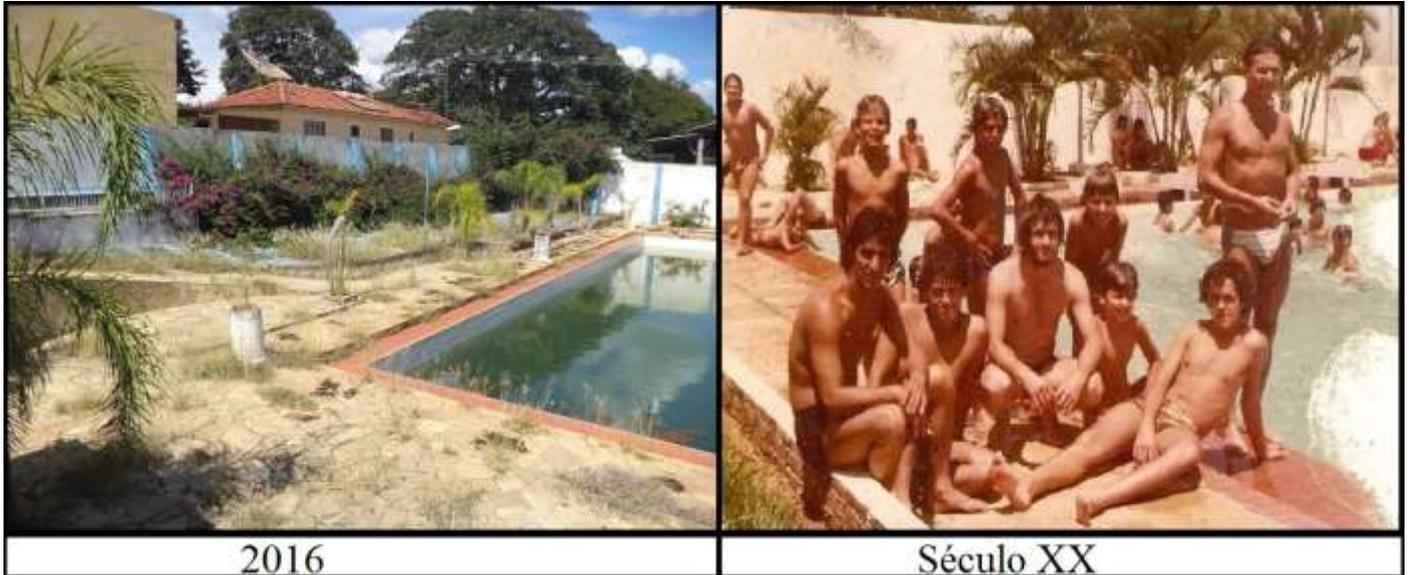


(Fonte: Acervo do Autor - FCT- UNESP, 2019).

Os carnavais na cidade de Oriente, no início do século XXI ocorriam na rua, no centro da cidade e envolviam ampla participação da juventude. É preciso lembrar que durante o século XX, os carnavais ocorriam no Clube O.T.C. Na atualidade, o clube encontra-se desativado. Em diversas entrevistas, os jovens relatam que possuem esperanças de que no futuro o clube volte a funcionar.

Durante a pesquisa, também verificamos a importância do antigo clube na cidade pequena, pois o clube era fundamental nas dimensões de lazer em um município, seja nos períodos da tarde, com as possibilidades de desfrutar de piscinas, ou mesmo durante os períodos da noite, com a presença de eventos e festas. O clube (Figura 31) faz parte da memória das famílias que moram na cidade, a memória dos habitantes mais antigos compreende o clube como um lugar para reunir amigos e aproveitar de momentos com boas conversas, passando o tempo em momentos de divertimento e lazer.

**Figura 31 – Tênis Clube em Oriente/SP:**



([O.T.C] - Acervo do Autor - FCT- UNESP, 2019).

O clube possui importância histórica, mas atualmente está desativado e apresenta estruturas deterioradas, necessitando de amplas reformas.

É possível perceber que a praça compõe o escopo da memória dos sujeitos, sendo um espaço que é pertinente ao assunto, quando se trata de práticas juvenis. Segundo Bachelard (1988), a memória opera também de forma reticular, em um saltar constante entre núcleos de sentido tecidos ao redor de acontecimentos significativos, que se armam e desarmam sem parar no contexto da narrativa. A memória também é construída a partir das interações que ocorrem entre os sujeitos. Assim, o procedimento de entrevistas nos levou a questionar porque a praça perdeu movimento e também perguntamos aos jovens quando saem pra se divertir hoje em dia, onde costumam ir e o que costumam fazer.

O movimento na praça diminuiu, porque os jovens mudaram de interesses. Acho que os jovens de hoje ficam juntos em casa de algum amigo, em grupos, ou ficam mais na internet, mas não aparecem pela praça da área central matriz, somente em poucos momentos após a missa de sábado à noite é que frequentam, e em menor número quando comparamos observando essa frequência de jovens por lá hoje em dia, com o passado daqui da cidade. Quando eu saio com amigos, vamos em Marília, geralmente, ficamos dando role em grupo de amigos, em diversos bares. Aqui em Oriente geralmente só saímos pra ir na lanchonete e voltamos, ou pra tomar um sorvete também em dias muito calorosos. Às vezes sentamos para conversar na praça ou no campo da fazenda, e ainda hoje em dia eu jogo um futebol para passar o tempo.

Cara, de forma geral no rolê, ou vamos de carro pra Marília, e por lá ficamos indo nos bares, bebendo e conversando, ou vamos no ônibus das 22 horas e voltamos no outro ônibus que sai de lá 5 horas da manhã [Entrevista realizada em Outubro de 2018 – Felipe, 26 anos – Morador de Oriente].

Costumo jogar um basquete, mas não tem quadra de basquete aberta na cidade, tem apenas a quadra da escola estadual, fica fechada às vezes, usamos quando dá a quadra da escola. Costumo sair com amigos, pra comer um lanche. Às vezes vou a praça, pois o pessoal fica bebendo lá, conversando com as meninas depois da missa, acaba a missa a galera fica lá, as vezes eu vou. Mas nem vou na missa, pois sou evangélico [Entrevista realizada em Outubro de 2018 – Vitor<sup>50</sup>, 18 anos – Morador de Oriente].

O futebol é algo que se repete nas entrevistas, existe um campo de futebol, utilizado pelos jovens para praticar esporte nos fins de semana, localizado próximo da Praça Santa Isabel, que fica localizada nas proximidades da Rua Nick Cárter M., no bairro denominado como Jardim Lucimar, além do Campo da Fazenda, entre outros lugares que a juventude sempre está praticando esportes. Durante a segunda década do século XXI, surgiu também o hábito de garotos jogarem futebol no “Lar” (Fundação Lar Escola Maria Tereza de Jesus), onde existe uma quadra de esportes.

A prática dos jovens de ficar na praça em grupos, especialmente após as missas, é algo tradicional na história da cidade, onde os jovens costumam ficar batendo papo, aproveitando que já saíram de casa para ir até a missa, encontram amigos em um tradicional momento de sociabilidade.

O lazer noturno relacionado com a cidade de Marília demonstra que os jovens buscam acessar ofertas de consumo mais sofisticadas e diversificadas, que não se encontram na cidade pequena.

A questão de mudança de interesses entre os jovens, faz com que alguns espaços que no passado eram extremamente fundamentais para os momentos de lazer, passem a ser substituídos por outros espaços. É preciso enfatizar que a lógica de consumo e a disponibilidade de encontros no mercado privado têm atraído mais os jovens das gerações atuais, quando comparados com as juventudes do passado. Assim, os jovens na cidade pequena costumam ficar mais nas lanchonetes e petiscarias. Dessa maneira, indagamos aos jovens quando não conseguem ir pra Marília e ficam em Oriente, o que costumam fazer na cidade.

---

<sup>50</sup> Vitor: 18 anos, morador de Oriente. Bairro: Jd. Vendramini, possui Ensino Médio Incompleto, possui renda familiar mensal de dois salários mínimos. Estado Civil: Solteiro.

Ficamos em grupo de amigos, em casa de amigos, bebendo cerveja e conversando, ou tomando um tereré no fim da tarde. Ficamos conversando sobre os acontecimentos da semana, as vezes fazemos churrascos. Ou fico no campo da fazenda a tarde conversando com os meus amigos, sentados por lá, e a noite vamos na lanchonete [*Entrevista realizada em Outubro de 2018 – Felipe, 26 anos – Morador de Oriente*].

Percebe-se em entrevistas que os jovens ficam mais em grupos reservados, em casas de amigos ou em reuniões de amigos em churrascos privados, assim a praça na cidade de Oriente tem perdido gradualmente a participação juvenil durante o cotidiano, destaca-se somente nos momentos em que ocorrem feiras livres proporcionadas pela organização da Igreja, levando grupos de jovens e diferentes pessoas a se reunirem na praça central, e também os finais de semana a noite, após a missa, momento em que os jovens ficam sentados e conversando na praça.

Durante as entrevistas, perguntamos aos jovens quais são os estilos de música preferidos hoje em dia. Entre os estilos musicais foram citados, funk, pop internacional, sertanejo universitário, rap, reggae e sertanejo de moda de viola. Entre os filmes e programações prediletas, aparecem filmes nacionais e internacionais, como Tropa de Elite, Kingsman e a série Game of Thrones.

Perguntamos aos jovens se o seu grupo de amigos possui diferenças ou tensões, com outros grupos de jovens.

As tensões vejo que não existem, mas existem diferenças culturais, de estilos de se vestir e de atitudes diferentes. Sei que nos anos 90 os jovens de Pompeia, cidade vizinha daqui, competiam com os jovens daqui de Oriente, havia tensões entre eles, e hoje em dia isso não existe mais [*Entrevista realizada em Outubro de 2018 – Felipe, 26 anos – Morador de Oriente*].

Assim as entrevistas que revelam que tensões e conflitos que existiam no passado, deixaram de existir com o passar dos anos, sendo este fator também resultado das mudanças sociais e culturais que ocorreram com as diferentes gerações ao longo das décadas.

Durante as entrevistas, os jovens revelam que na primeira década do século XX, ocorriam encontros alternativos entre os jovens na cidade, organizados pelos próprios sujeitos, gerando práticas alternativas de lazer.

Uma coisa importante de lembrar, num passado não tão distante da minha juventude, o pessoal ligava carro com som elevado lá no espaço industrial da cidade, ruas vazias durante a noite, as empresas e indústrias fechadas, e chegava lá mais de 50 pessoas, ligavam músicas, e as meninas dançavam, e a gente bebia, chamava-se Luau no Industrial, fazíamos pra buscar diversão.

Acontecia isso em Pompeia também em, nos anos de 2007, 2008 e 2009. Era como se fosse ponto de encontro alternativo. Hoje em dia duas ou três vezes por mês, vou comer um pastel, saio pra tomar um chope ali no bar que tem aqui na cidade [Entrevista realizada em Outubro de 2018 – Felipe, 26 anos – Morador de Oriente].

Assim, observando as entrevistas, notamos que práticas como os encontros no industrial, são práticas autônomas dos jovens enquanto jovens, para praticar uma cultura juvenil. É diferente das reuniões sociáveis em torno de clubes, carnavais, igrejas – tempos e espaços criados para a sociedade toda, incluindo os jovens, mas não criados por eles. Desse modo, destacamos que existem formas de sociabilidade autônomas e heterônomas também em Oriente.

Dessa maneira, as práticas espaciais nos momentos de lazer demonstram uma dimensão da cultura constituída pela vivência lúdica, através de manifestações sociais, culturais e territoriais, que estão inseridas no tempo e no espaço, que é conquistado e ocupado pelos grupos de jovens.

No ano de 2017, durante os trabalhos de campo dessa pesquisa, foi possível observar jovens de Oriente praticando slack-line na Estação Ferroviária da cidade (Figura 32), buscando ocupar o espaço e desenvolver as práticas juvenis.

**Figura 32** – Estação Ferroviária – Oriente/SP:



(Fonte: Acervo do Autor - FCT- UNESP, 2019).

A Estação Ferroviária em Oriente/SP manteve grande importância no passado, quando encontravam-se em pleno funcionamento os trens e o transporte pelas estradas de ferro, sendo assim mantém relevância histórica para a cidade. Contudo, atualmente, a Estação Ferroviária

encontra-se sem atender a população, observada por grande parte dos jovens, como um espaço abandonado.

O esporte slack-line realizado pelos jovens gera novos usos ao local, o slack-line é uma prática esportiva, envolvendo exercícios dos praticantes perto do chão, onde os sujeitos que praticam mantêm o objetivo de desafiar distâncias cada vez maiores, utilizando fitas tubulares específicas de 25 mm. Assim, a partir das inovações nas práticas de lazer das juventudes, os espaços que são basicamente inutilizados, acabam sendo ambientes onde também podem desenvolver-se as práticas espaciais juvenis.

É preciso destacar o Ginásio Municipal (Figura 33) da cidade de Oriente, pois também é um importante espaço frequentado pelos jovens, para aproveitamento dos momentos de lazer, envolvendo práticas esportivas.

**Figura 33** – Ginásio Municipal – Oriente/SP:



(Fonte: Ginásio localizado na esquina da Rua Thomaz Martins Parra com a Rua Washington Luis - Acervo do Autor - FCT- UNESP, 2017).

O Ginásio Municipal encontra-se localizado na Rua Thomaz Martins Parra, possibilita para a população acesso a equipamentos esportivos, correspondendo às necessidades dos moradores da cidade, principalmente das juventudes, pois tende a beneficiar toda a comunidade que busca desenvolver práticas desportivas. O espaço permite a realização de campeonatos amadores com os times locais, com acesso à infraestrutura organizada. No

Ginásio também ocorrem eventos importantes para a cidade, como comemorações em datas festivas, ou refeições de grau de escolas locais.

O espaço do Ginásio é controlado e fiscalizado pela prefeitura local, assim, são verificadas as sociabilidades heterônomas, onde se exercita a sociabilidade em espaços e tempos programados por adultos e com a presença de adultos.

Durante os trabalhos de campo, através da observação participante, observamos que não existe forte presença de jovens skatistas, diferentemente de outras cidades. Os jovens em Oriente não andam muito de skate, porque muitas ruas não são com asfalto liso, são com lajeados, inclusive durante os trabalhos de campo em Pompeia, encontramos jovens naturais de Oriente, praticando manobras de skate na Pista Pública de Skate de Pompeia. Durante os trabalhos de campo, notamos poucos jovens skatistas que são de Oriente, porém, é preciso destacar que esses também praticam o estilo street, em algumas ruas da cidade, que são asfaltadas e novas.

Destaca-se que existe a presença de grupos de jovens relacionados a grupos religiosos na Praça Matriz Central (Figura 34) na atualidade, compondo o cotidiano semanal os grupos da juventude católica se reúnem para realizarem atividades.

**Figura 34** – Imagem da Praça Matriz Central – Oriente/SP (2018):



(Fonte: Acervo do Autor - FCT- UNESP, 2018).

A praça central continua como um importante espaço público. Nos últimos anos a Igreja tem organizado quermesses e atividades entre os jovens na praça.

Existem também diversas outras praças na cidade, que são utilizadas pela população em geral, inclusive pelas juventudes. Destacamos a praça localizada na Rua Júlio Prestes (Figura 35), por ser um espaço público que também possui participação juvenil, sendo ponto de encontro de adolescentes, durante o cotidiano banal, finais de semana comuns, costumam encontrar-se na praça para bater papo entre amigos, ou então encontram-se na praça e ficam por algum tempo conversando por ali, e depois dirigem-se para lanchonetes nas proximidades, além da praça também ser um espaço público muito frequentado por casais de jovens.

**Figura 35** – Praça Localizada na Rua Júlio Prestes – Oriente/SP (2018):



(Fonte: Acervo do Autor/Google Imagens de Satélite - FCT- UNESP, 2018).

A praça localizada na Rua Júlio Prestes é importante durante o cotidiano dos jovens, devido sua proximidade com a rodoviária. Alguns grupos de jovens antes de se dirigirem para a rodoviária, muitas vezes, ficam na praça conversando passando o tempo, até o horário do ônibus. Também ocorre a frequência de grupos de jovens de bicicleta, que param pela praça, sentam-se por ali, ficam escutando músicas em celulares e fazendo manobras com as bicicletas.

Destaca-se que a praça se encontra localizada em um bairro com elevada densidade de estabelecimentos comerciais, assim, os jovens costumam frequentar a praça durante os períodos noturno, após saírem de lanchonetes nas proximidades, ficam por ali conversando, encontram-se cotidianamente durante os períodos noturnos alguns casais de jovens namorando, sendo a praça um espaço público utilizado em momentos de lazer. Na praça

também ocorrem periodicamente feiras livres que são importantes para o lazer da população em geral, destacando a Feira da Amizade.

É preciso evidenciar que em Oriente, ocorrem jogos beneficentes promovidos pelo ex-atleta da seleção brasileira, Marcos Roberto Silveira Reis, sendo estes jogos beneficentes momentos de lazer e descontração para a população local, contendo ampla participação de jovens. Quando ocorrem os jogos beneficentes organizados pelo ex-goleiro Marcos, os torcedores e fãs do jogador fazem festas na arquibancada, acompanhando e torcendo. O ex-goleiro nasceu em Oriente, é considerado ídolo da torcida, pela sua carreira profissional e por ter sido campeão na Copa do Mundo em 2002, representando a seleção brasileira. Já ocorreram diversas edições de jogos beneficentes na cidade. O ex-goleiro, geralmente, também convida para participarem outros ex-jogadores famosos e admirados pelos torcedores.

A cidade de Oriente também possui academias ao ar livre instaladas pela cidade, que são espaços utilizados por diferentes moradores do município, destaca-se que jovens também usam esses espaços.

É preciso destacar que nos últimos anos alguns jovens que são fãs do estilo musical conhecido como rap passaram a realizar encontros na Academia ao Ar Livre, localizada na Rua João Alves Lima (Figura 36). Nesses encontros, os jovens levam uma grande caixa de som, cantam rap, escutam vários estilos de músicas e passam as tardes aos finais de semana no espaço, contando com a participação de jovens de diferentes bairros da cidade e de alguns municípios vizinhos.

**Figura 36** – Academia ao Ar Livre em Oriente/SP:



(Fonte: Academia ao Ar Livre, localizada na Rua João Alves Lima - Acervo do Autor - FCT- UNESP, 2019).

Assim, as práticas dos jovens demonstram que as Academias ao Ar Livre são elementos urbanos que não atraem somente a participação de adultos e idosos, mas também de jovens, que não estão muitas vezes no espaço para utilizar os aparelhos físicos, mas que utilizam o espaço como um ponto de encontro, para aproveitar os momentos de lazer, durante o cotidiano banal, finais de semana comuns.

Também indagamos aos jovens entrevistados onde compram roupas hoje em dia, e de onde vem as referências de moda.

Compro na internet ou em Marília, minhas referências de moda vêm do Instagram ou da TV. O comércio local de Oriente é muito menor comparado ao passado, aqui não tem grandes opções de ofertas, eu e muitos amigos que tenho, acabamos comprando em Marília ou em Pompeia. Compro no shopping em Marília, e também no shopping popular em Marília, geralmente não compro em Oriente, lá em Marília compensa mais, o custo e benefício. Lá pelo mesmo valor, compro roupas melhores, mas também compro calçados pela internet [Entrevista realizada em Outubro de 2018 – Felipe, 26 anos – Morador de Oriente].

Assim, as entrevistas revelam a centralidade da cidade média mais próxima de Oriente, demonstrando também a ausência de diversidades em produtos no comércio local da cidade.

É preciso destacar que, a partir do Programa Minha Casa - Minha Vida, do Governo Federal, em 2012, foram construídos novos imóveis na cidade de Oriente, gerando desenvolvimento social e econômico nesse município, envolvendo a construção civil e ampliando conseqüentemente o consumo. Este é um aspecto que contribuiu nos últimos anos para o desenvolvimento urbano da cidade, aquecendo o consumo no comércio local com o surgimento de novas moradias, com construções amparadas pelas linhas de crédito criadas pelo governo federal. Ocorreu também nos últimos anos o surgimento de novos pequenos negócios e a chegada de empresas, assim a cidade vem buscando atrair novos recursos e novas indústrias.

Também indagamos os jovens diante da vivência nessa pequena cidade, quais são os planos construídos para o futuro.

Tenho planos de me tornar uma grande profissional e morar fora de Oriente. Desde quando era criança, vejo que até hoje, surgiram apenas dois novos bairros na cidade, e isso também não é grande coisa, mas a cidade em si mudou pouco, ainda existem muitas ruas sem asfalto, somente lageadas, alegam que é patrimônio histórico, mas seria melhor na minha opinião se fosse asfalto. Por outro lado, tenho amigos e amigas, que querem morar pra sempre aqui, devido a tranquilidade, morar em cidade pequena também tem o seu valor, vejo as crianças brincando nas ruas, sem correr riscos, percebo também pouca violência, e poucos riscos para a população pela cidade [Entrevista realizada em Outubro de 2018 – Luana, 19 anos – Moradora de Oriente].

Destaca-se que a juventude na pequena cidade é também contemplada pela diversidade, não são todas as pessoas jovens que almejam sair da pequena cidade, ainda que seja parte dos jovens. Existem outros que querem continuar convivendo e construindo família, ou dando continuidade aos negócios da família, vivendo literalmente a vida em uma cidade pequena, pois gostam da tranquilidade e estão acomodados a personalidade.

Durante os trabalhos de campo deste estudo, foi possível verificar os principais pontos de encontro dos(as) jovens das gerações atuais. Assim, desenvolvemos um mapa (Mapa 15), para evidenciar os principais espaços utilizados pelos grupos juvenis na atualidade.

Mapa 15 – Principais pontos de encontro da juventude em Oriente/SP (2000 – 2020):



(Org: Karim Gabriel Moreno, FCT – UNESP; Base Cartográfica – Google Earth, 2020).

Verificamos que este produto cartográfico expõe resultados dos procedimentos de pesquisa, notamos que na atualidade existe maior quantidade de pontos principais de encontro de jovens em Oriente, quando comparamos ao passado, sendo nos dias atuais, 6 pontos principais utilizados pela juventude.

Destaca-se a Praça Central Matriz, como um ponto de encontro de relevância histórica para as práticas juvenis no município. Contudo, este estudo demonstra através de entrevistas, que a praça central já não possui mesmo fluxo de frequência juvenil como nas décadas do passado. Pois, os interesses dos jovens estão direcionados a outras práticas, e também a disponibilidade de ofertas de consumo privado, como lanchonetes e bares passaram a atrair alguns grupos de jovens, que possuem condições de renda para acessar esses serviços, conseqüentemente a praça foi perdendo movimento juvenil com o passar dos anos. Entretanto, ainda é um importante ponto de encontro e notamos, durante os trabalhos de campo, que nos finais de semana à noite, após as missas na Igreja, grupos de jovens se reúnem na praça central

para conversar, contar as novidades, alguns grupos ficam ouvindo músicas em celulares e consumindo alguma bebida, em alguns momentos ocorre a presença de grupos, que ficam encostados nos estacionamentos da praça central, escutando som automotivo nos carros, porém, os fluxos de movimentos da atualidade são menores quando comparados ao passado.

De acordo com Corneli (2013), é preciso destacar que o fator econômico pode ser decisivo no acesso e nas formas de lazer contemporâneas. Evidenciamos que enquanto alguns grupos de jovens vão para Marília (cidade média próxima), durante os finais de semana, em busca de lazer e diversão, outros grupos ainda permanecem na praça central da pequena cidade, e exercem atividades de lazer no local. Este aspecto demonstra a importância social das praças, enquanto espaços de uso público.

Também evidenciamos a relevância da Praça Pública localizada na R. Júlio Prestes, sendo um espaço onde os grupos juvenis de diferentes faixas etárias frequentam, em seguida evidenciamos o Ginásio de Esportes, localizado na R. Washington Luís, onde os grupos juvenis encontram-se para a realização de práticas esportivas.

Um outro espaço evidenciado pelo mapa, como um dos principais pontos de encontro da juventude na atualidade é o Campo da Fazenda, que é utilizado em diferentes momentos de lazer. As entrevistas deste estudo, revelam que as pessoas que realizam o uso à noite no campo, são marginalizadas, assim a sociedade julga que a noite lá é espaço para fazer coisas ilegais ou perigosas, por ser um lugar sem iluminação noturna adequada. Sendo essas práticas permanentes nos contextos de juventudes em diferentes gerações na cidade. Não se trata propriamente de um espaço público, apesar de possuir relevância história, o campo é anexado à uma propriedade rural de uma antiga Usina, que faz divisa com a área urbana da cidade.

Também evidenciamos a Academia Ao Ar Livre, localizada na R. João A. Lima, que nos últimos anos tornou-se ponto de encontro de alguns grupos juvenis, que frequentam o lugar para ouvir músicas, encontrar amigos e conhecidos, bater papo, e aproveitar o tempo livre. Sendo este um espaço novo no contexto juvenil, utilizado pelas gerações de jovens atuais.

Em seguida é evidenciada a Praça Santa Isabel, e o campo de futebol anexado a praça, sendo espaços onde os jovens frequentam para praticar esportes e também aos finais de semana a tarde para ficarem conversando sentados e consumindo bebidas nos bares que existem nas proximidades.

É preciso destacar que para alguns segmentos da juventude local, os principais locais de lazer e diversão não estão no mapa, pois encontram-se nas rotas de fuga para Marília, sendo

locais como shoppings, praças, bosques, bares e baladas da cidade média localizada nas proximidades.

Por fim, as entrevistas revelam que hoje em dia o cotidiano dos jovens na pequena cidade de Oriente é caracterizado por uma vida social baseada em grupos de amigos, envolvendo a faculdade (que geralmente frequentam na cidade de Marília) e também o espaço familiar, juntamente com o contexto digitalizado da internet, via smartphone e computador.

Dessa maneira, indagamos aos jovens como é ser um jovem desses tempos atuais, e como é ser um jovem em Oriente.

Ser jovem atualmente é um turbilhão né, é muita coisa acontecendo, existe uma pressão individualista da gente entrar no mercado de trabalho. É complicado. Os jovens todos ansiosos, cheios de emoções, cheios de medo, cheios de coisas pra descobrir. Nossa geração tem muitos já que se acabou nas drogas e bebidas, é muito fácil, tem muito acesso, todo mundo usa hoje em dia. Ser um jovem em Oriente é conviver com essa realidade dentro da perspectiva de uma cidade pequena, que convivemos com a falta de ações culturais e buscamos muitas vezes refúgio no lazer da cidade de Marília [Entrevista realizada em Outubro de 2018 – Felipe, 26 anos – Morador de Oriente].

Assim, destacamos que esta pesquisa constata as mudanças e permanências, com o passar dos anos, que ocorrem na cidade e refletem sobre os espaços públicos, e que também geram reflexos sobre as práticas dos(as) jovens.

Para concluir ressaltamos que nesta parte da pesquisa foram expressas as relações de sociabilidade que ocorrem durante as décadas contemporâneas e que vão compondo, com o passar dos anos, a construção de identidades dos sujeitos em pequenas cidades, que possuem características de personalidade, com fortes relações entre campo-cidade, com dimensões interioranas, explicitando as preferências dos jovens das gerações atuais e constatando como são utilizados os diferentes espaços públicos na cidade.

#### **4. Juventudes como experiência que envolve sociabilidade e demanda espaço: identidades e estilos culturais juvenis.**

##### **4.1. Identidades culturais juvenis e as potencialidades do conceito de território para abordar as relações entre sociabilidade juvenil e espaço.**

É fundamental nos estudos sobre jovens articular as diferentes referências sobre o conceito de juventude. Dessa maneira, são examinadas nessa parte do texto, as conceitualizações sobre juventudes a partir de algumas referências bibliográficas, colocando-as frente as definições que são preponderantes no Estatuto da Criança e do Adolescente e outras definições jurídicas da República Federativa do Brasil.

A partir da conceitualização sobre juventudes, observamos questões relevantes em torno das identidades culturais, que são estudadas principalmente a partir de Dayrell (2003), Turra Neto (2008) e Pais (1996). É preciso também destacar a relação das identidades culturais com as microterritorialidades juvenis, para explicar como ocorrem as práticas juvenis em microescalas.

A juventude é uma condição social, não pode somente ser observada como uma etapa com um fim predeterminado e também não é somente um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta.

Assim, a adolescência não pode ser entendida como um tempo que termina, como a fase da crise ou de trânsito entre a infância e a vida adulta, entendida como a última meta da maturidade. Mas representa o momento do início da juventude, um momento cujo núcleo central é constituído de mudanças do corpo, dos afetos, das referências sociais e relacionais. Um momento no qual se vive de forma mais intensa um conjunto de transformações que vão estar presentes, de algum modo, ao longo da vida (DAYRELL, 2003; p.41).

Os jovens são sujeitos sociais, pois realizam protagonizam ações, agem sobre o mundo, e nessa ação produzem e, ao mesmo tempo, são produzidos no conjunto das relações sociais nas quais se inserem. Assim, neste estudo são evidenciadas as práticas dos(as) jovens sobre os espaços públicos nas cidades, buscando compreender a experiência juvenil e as microterritorialidades.

Para a ONU (Organização das Nações Unidas), os jovens concentram-se entre os 15 e os 29 anos. Segundo os dados do IBGE de 2015, existem no Brasil, cerca de 51,3 milhões de habitantes dentro desta faixa etária, que representa um quarto da população do país.

No Brasil existe um marco legal e regulatório dos direitos humanos de crianças e adolescentes, o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), que foi estabelecido pela Lei 8.069, no ano de 1990, a partir das diretrizes desenvolvidas pela Constituição Federal de 1988, internalizando uma série de normativas internacionais, ampliando a proteção aos menores de 18 anos, que são considerados inimputáveis pela própria Constituição Federal de 1988. No Brasil, também existe o Estatuto da Juventude, Lei nº 12.852, que considera como jovem as pessoas até 29 anos de idade. Para a prática de atos da vida civil, como a assinatura de contratos, são considerados capazes somente adolescentes emancipados. A emancipação é uma escritura pública feita em cartório, disponibilizada em situações de ocorrências jurídicas, que garante que o adolescente atingiu a capacidade civil antes de completar os 18 anos. De acordo com a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), no Brasil se considera de 15 a 17 anos, jovem-adolescente, de 18 a 24 anos, jovem-juvenil e de 24 a 29 anos, jovem adulto.

Por serem numerosos protagonistas, os jovens também são sujeitos sociais, alguns jovens criam permanências quanto à própria juventude, surgindo aspectos de juventude estendida, que é um processo de prolongamento da condição juvenil, possibilitando encontrarmos na sociedade, pessoas na condição juvenil, com mais de 30 anos de idade, o que indica que juventude não pode ser circunscrita a critérios etários rígidos, mas tem relação com uma experiência social.

De acordo com Turra Neto (2015), apesar de observarmos que os jovens em grande maioria, estão numa mesma fase de vida, pois possuem um corpo jovem e são assim reconhecidos nos seus contextos de sociabilidade, a forma como vivem cada sujeito diante de sua juventude varia enormemente. Destaca-se que nem todos os jovens vivem a sua juventude. Segundo Turra Neto (2015), à experiência juvenil está relacionada a sociabilidade em grupos juvenis, em tempos e espaços de sociabilidade, que estão muitas vezes distantes dos controles do mundo adulto. Dessa maneira, a juventude é vivida através de práticas que caracterizam as diversas culturas juvenis, que podem ser diferentes daquelas das gerações anteriores. É preciso evidenciar, que sem esta experiência, dificilmente os sujeitos jovens estariam vivenciando sua condição juvenil. De acordo com Turra Neto (2015), a juventude, é reconhecidamente uma ideia, baseada em uma experiência, que é contextualizada por diversas práticas. Assim, quando alguns sujeitos jovens não possuem em meio as suas experiências, momentos de interações em grupos e a sociabilidade exercida diante dos circuitos juvenis, que são

substituídos pelo tempo de trabalho ou de deveres constantes, acabam não vivenciando suas juventudes.

As delimitações diante dos processos de transição para a vida adulta estão mais imprecisas na atualidade. Mudanças no mundo do trabalho e ampliação do tempo de estudos com suporte familiar tem permitido a extensão da juventude para jovens de certos setores sociais.

Algumas dimensões marcavam o fim da juventude e a entrada dos jovens no mundo adulto: terminar os estudos, conseguir trabalho, sair da casa dos pais, constituir a própria moradia e família, casar e ter filhos. Estas são “estações” de uma trajetória juvenil idealizada que não pode mais servir para caracterizar definitivamente a “transição da juventude para a vida adulta” (CARRANO, 2011, p.10).

Dessa maneira, os jovens vivem experiências que se aproximam mais ou menos da “condição juvenil” representada como a ideal. Segundo Carrano (2011), nem todos os jovens vivem a sua juventude como uma situação de trânsito e preparação para as responsabilidades da vida adulta. De acordo com Carrano (2011), para diversos jovens das classes sociais populares as responsabilidades da “vida adulta”, especialmente a “pressão” para a entrada no mercado de trabalho, ou ainda a experiência da gravidez, que envolve a maternidade e a paternidade, chegam enquanto esses sujeitos geralmente estão experimentando um tipo determinado de vivência do tempo de juventude.

As juventudes são extremamente diversificadas, podendo existir pessoas de diversas idades na condição juvenil, as diversidades das juventudes vão desde as faixas de idade, até os gostos, identidades de gênero, estilos e hobbies.

As relações entre estilo de vida, hobbies, alimentação e identidade, são diferentes entre os distintos grupos de jovens, pois são relações sujeitas ao tempo geracional.

O conceito de geração assume uma particular importância para a compreensão do papel da juventude nas sociedades modernas. Geração é um conjunto de indivíduos nascidos no mesmo tempo e que detêm uma experiência comum. Estes indivíduos expressam, simultaneamente, uma determinada maneira de encarar a vida, assim como os seus problemas. Ora ser jovem, na sociedade contemporânea, não é apenas uma condição biológica, mas sim uma maneira prioritária de definição cultural. A juventude contemporânea deixou de ser uma condição biológica e tornou-se, portanto, numa definição simbólica (DOUTOR, 2016, p.162).

A condição juvenil nem sempre representa descontinuidades ou rupturas com as relações e práticas das gerações anteriores, também pode representar continuidades, que refletem sobre a construção de identidades.

Os jovens são protagonistas nas construções de grupos a partir dos diferentes estilos. As formas de socialização ocorrem a partir das normas e dos valores que possuem os diferentes jovens, que frequentam diferentes espaços, desde espaços privados, até mesmo praças, ruas, parques entre outros espaços públicos.

Os jovens que fazem da rua um lugar de encontro e sociabilidade expressam a possibilidade de recuperação do sentido público e educativo da rua, numa implícita condenação ao recolhimento à sociabilidade exclusiva dos espaços privados (CARRANO, 2001, p.11).

As ruas nas grandes metrópoles, nas cidades médias e pequenas são espaços por onde transitam os jovens, são utilizados pelos adolescentes como espaços de lazer, pontos de encontro e são espaços de convivência entre as juventudes diversas.

Para compreendermos as questões sociais que envolvem as juventudes nos tempos contemporâneos, necessitamos observar as diversidades existentes entre os diferentes jovens. Segundo Pais (2003, p.21), é necessário termos em consideração as três correntes de pensamento sobre juventude: a corrente geracional, a corrente classista e a corrente das culturas juvenis.

De acordo com Pais (2003, p.22), a corrente geracional sustenta o conceito de juventude como uma fase da vida e salienta a importância do aspecto unitário da juventude, a teoria das gerações procura explicar as crises geracionais enquanto descontinuidades intergeracionais. Segundo Pais (2003, p.23), a corrente classista, observa a reprodução social através das culturas de classe, assim as classes sociais são apenas classes lógicas, determinadas pela delimitação de um conjunto relativamente homogêneo de agentes que ocupam uma posição idêntica no espaço social. Esta corrente tende a ver as manifestações juvenis como ruptura e como campo de contestação à ordem hegemônica. De acordo com Pais (2003, p.24), a corrente das culturas juvenis leva em consideração a análise das práticas culturais e a observação dos territórios que têm sido concebidos como espaços lúdicos, que estão intimamente ligados ao modo de vida das juventudes. Olha para as culturas juvenis em busca do que elas apresentam de continuidade e de ruptura em relação às gerações anteriores em contextos específicos, sua abordagem considera o cotidiano e os cursos de vida de jovens concretos e o modo como realizam sua juventude, com os recursos que lhes são disponíveis.

Em nossos estudos explicitamos que para compreender as juventudes e a vida urbana, é necessário observar as práticas juvenis, nas dimensões culturais e sociais, que refletem em modificações espaciais, a partir das territorialidades dos grupos juvenis. Nesse sentido, nos aproximamos mais da corrente das culturas juvenis proposta por Pais (2003).

É preciso destacar, que a condição de juventude é uma construção da sociedade moderna.

A noção de juventude passou a ser percebida pelas civilizações ocidentais a partir do século XIX, e se disseminou no seguinte, mais precisamente por ocasião da Primeira Guerra Mundial, quando rapazes, ainda adolescentes, foram colocados na frente de batalha e, às velhas gerações, coube o lugar de retaguarda. Por muitos séculos, não se concebia uma fase intermediária entre a infância e a idade adulta. A adolescência, simplesmente, não existia, não havia uma fase de transição, mas, ao contrário, uma ruptura causada, primeiro, pela maturidade sexual, depois pela independência com relação à família, e, mais tarde, pelo casamento. Hoje, é o próprio caráter transitório da adolescência, com todas as suas transformações e passagens, que ergue as fronteiras que a separam da infância e da vida adulta (PEREIRA, 2009, p. 12).

De acordo com Giddens (2002), a juventude pode ser compreendida como um estilo de vida, a disseminação da globalização e a popularização da mídia eletrônica, colocam os sujeitos frente a frente com amplas possibilidades de “escolhas”. Entre as diversas escolhas, destaca-se a despótica escolha por um estilo de vida. Destaca-se que as escolhas são limitadas, nem todos os(as) jovens possuem o mesmo campo de possibilidades, pois nas sociedades modernas as questões sociais, étnicas ou religiosas, podem gerar impedimentos ou limitações.

Estilo de vida pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade. (GIDDENS, 2002; p.79)

Assim, a juventude entendida como um estilo de vida demonstra que qualquer pessoa pode possuir um estilo de vida “jovem”, independentemente da idade. Podemos encontrar na sociedade moderna, senhores de 40 e 50 anos que podem ter um estilo de vida jovem, é só consumirem produtos, marcas e realizarem certas práticas, que também passam pelo consumo (como circular de motos turbinadas, frequentar baladas onde o público alvo é predominantemente juvenil etc.). Através dos estilos que acessam, podem manter um estilo de vida jovem. De acordo com Giddens (2002), a juventude é observada como um estilo que pode ser consumido por qualquer pessoa. Inclusive alguns daqueles que são jovens de fato

(em relação a idade e ao corpo) e que querem consumir estes signos, como forma de expressar que estão vivendo sua juventude.

Ainda que a ideia de juventude enquanto um “estilo de vida”, que pode ser consumido e acessado por qualquer pessoa com suficiente poder de consumo, de fato exista e seja uma construção do mercado (o mercado, o cinema, a música que criam a juventude como uma referência positiva, uma fase que todos querem permanecer o maior tempo possível), isto não diz tudo sobre a juventude como uma experiência social. Pois, em diálogo tenso com esta ideia, há outras ideias em circulação, como de jovens que negam este consumismo e procuram criar estilos mais autênticos, como jovens religiosos, que foram observados durante os trabalhos de campo deste estudo, ocupando as praças centrais nas pequenas cidades analisadas, jovens vinculados a Igreja, cuja experiência desta fase de vida é orientada por outros valores, como jovens pobres, que nas grandes e pequenas cidades muitas vezes são considerados como “habitantes da periferia”, cujo poder de consumo limitado mostra-lhe que são ilusórias estas imagens que chegam pelo mercado e pelos meios de comunicação, e que realizam sua juventude com os recursos que lhe são disponíveis.

Para Bourdieu (1983), a separação entre velhos e jovens seria um modo de estabelecer uma determinada ordem que coloca cada um em seu devido lugar, a partir de limites sociais invisíveis. Os escritos de Bourdieu (1983) afirmam que a noção de juventude foi inventada pelos adultos para, sobre ela, exercer controle social. O autor, descreve que “um dos efeitos mais poderosos da situação de adolescente decorre desta espécie de existência separada que os coloca socialmente fora do jogo” (BOURDIEU, 1983, p.115).

Os critérios etários de separação, diferenciação, atribuição de poder são considerados como invenções sociais e assim recaem sobre os indivíduos concretos que estão nas determinadas idades e orientam suas vidas.

Efetivamente é uma característica da sociedade contemporânea a disseminação da ideologia condicionadora de separação entre adultos e juventudes, disseminada como controle social. Contudo, é preciso destacar que na sociedade atual a juventude não está fora do jogo. Antes de 1960, a juventude já era uma categoria social que coletivamente causava certo pânico moral, pelas revoluções comportamentais que imprimiam à sociedade. Contudo, desde a década de 1960, quando se desenvolveram em todo o mundo, processos de afirmação política, social e cultural, os jovens vêm construindo amplo protagonismo. A juventude tem aparecido como um sujeito político capaz de transformação social, quando alguns jovens questionam os valores sociais, pregam outro tipo de sociedade, enfrentam a política instituída e a polícia em amplos movimentos sociais, culturais, chocando com seu comportamento os valores

instituídos. Estes jovens que estão longe de ser a maioria do período, mas apareceram na cena pública como sendo “a juventude”, foram a referência para se elaborar uma ideia de que a juventude era necessariamente revolucionária.

A construção social de juventude, segundo Feixa (2006, p.17), envolve diversos fatores, a partir de um complexo de forças que inclui as experiências do processo de escolarização, as experiências de vivências em períodos diurnos e noturnos nas ruas, as experiências nos núcleos familiares, entre outras experiências vivenciadas pelos jovens.

A partir dos aspectos sociais existentes nas ações das juventudes, neste estudo abordamos a compreensão de juventude enquanto uma categoria social e histórica, de acordo com Dayrell (2003), as juventudes são formadas a partir das representações simbólicas construídas socialmente. Segundo Abramo (2008), a construção das juventudes também se relaciona com as formas como os sujeitos vivenciam os espaços, a condição juvenil parte das situações vivenciadas pelos sujeitos.

É preciso destacar o espaço duplamente como produtor e modelador da formação de distintas juventudes, pois no contexto das cidades as juventudes produzem espaços e também recebem influências dos espaços em que vivem. Nas praças, quando os jovens inserem uma rampa, por exemplo, para praticar manobras de skate, estão exercendo intervenções e gerando territorialidades, pois também modificam as posições dos bancos quando possível, inserindo as suas identidades culturais nos espaços públicos, modificando a forma e também o conteúdo, inserindo novos usos.

Essa produção se dá, no entanto, pela projeção concreta desses sujeitos no espaço urbano, por meio da materialização de suas práticas espaciais cotidianas – que são ações espaciais rotineiras próprias dos jovens, marcadas por representações, símbolos, interesses, relações sociais e culturais –, exercidas na cidade em que vivem (PAULA; PIRES, 2013, p. 89).

As juventudes modificam suas práticas a partir da dinâmica urbana que, por sua vez, também é modificada pelas práticas dos diferentes grupos de jovens. Segundo Turra Neto (2015), a sociabilidade entre os(as) jovens se desenvolve através da dimensão espacial, envolvendo os momentos de circulação pela cidade, em especial pelas áreas centrais e espaços públicos que são transformados em microterritórios, assim sem “espaço” não pode haver a experiência de juventude.

As mudanças nos espaços de lazer, nas praças, nas estruturas urbanas, nas disponibilidades de consumo, entre outros aspectos constituintes e

dinâmicos da vida na cidade implicam em efeitos na natureza das territorialidades e sociabilidade juvenil (RAMOS, 2015, p.137).

Na pequena cidade de Pompeia, por exemplo, os jovens adeptos do skate praticavam suas manobras durante o final dos anos 90 e início dos anos 2000, em meio as praças e ruas, adaptando mas também disputando estes espaços com formas de sociabilidade que tinham naquelas praças centrais também seus terminais de conexão. Já após o ano de 2007, ocorreram mudanças nos espaços de lazer da pequena cidade. Foram construídas novas estruturas de uma pista própria para a prática de skate, conseqüentemente gerando modificações nas territorialidades dos jovens que praticam o esporte. Ao mesmo tempo que a construção de uma pista de skate, realizada pelo poder público, estabelece formalmente um local específico para sua prática, não expulsa propriamente os jovens dos outros locais, onde antigamente praticavam. Muitos ainda praticam manobras nas praças e ruas, mas a maioria prefere a pista com estruturas próprias, pois facilita a prática do skate.

Nas práticas de sociabilidade juvenil nas cidades, jovens demonstram também a capacidade artística e a criatividade dos diferentes grupos. Estão intimamente relacionadas aos espaços em que se encontram e ao campo de possibilidades que as cidades oferecem para estes encontros, mesmo que sejam espaços em que precise haver intensa negociação com outros jovens e grupos da sociedade local.

Na pequena cidade de Oriente, os jovens se encontram nos bancos da praça matriz, para tocar violão e conversar. Essa é uma prática exercida durante os finais de semana e nos momentos de tempo livre. Outros grupos de jovens se encontram na praça central do bairro J.K em Pompeia, para ficar conversando e bebendo tereré, grupos de jovens também se encontram na pista de skate na cidade de Pompeia, para praticar manobras de skate, mas também para ouvir músicas de rap e reggae, conversar com amigos e descontrair nos momentos de tempo livre. Essas práticas espaciais juvenis revelam as diferentes identidades culturais que os grupos de jovens possuem e as diferentes preferências em espaços que frequentam.

Segundo Turra Neto (2008), os pontos de encontro, como praças, pontos de ônibus também podem ser efêmeros territórios temporários das culturas juvenis, e também são lugares pertinentes em meio as redes de sociabilidade dos jovens.

De acordo com Santos (2005), o espaço é um conjunto de ações indissociáveis, movimentado pelas emoções, sendo o espaço geográfico condicionado pelas transformações provocadas pela sociedade e um condicionador que gera reflexos sobre as ações humanas. Para Santos (2005), o espaço geográfico é estruturado por instâncias sociais envolvendo a

economia, a cultura, a política e as ideologias. Segundo Raffestin (1993) o espaço se transforma em território como consequência dos sujeitos que nele se projetam e desenvolvem suas práticas.

A apropriação dos espaços desempenhada por grupos juvenis é um processo carregado de simbolismos, implicando no valor de uso dos lugares, gerando o surgimento de territorialidades que se desenvolvem amplamente nos espaços públicos.

a territorialidade é o acontecer de todas as atividades cotidianas [...] resultado e determinante do processo de cada território, de cada lugar; é múltipla, e por isso, os territórios também o são, revelando a complexidade social, e ao mesmo tempo, as relações de domínio de indivíduos ou grupos sociais com uma parcela do espaço geográfico, outros indivíduos, objetos, relações (SAQUET, 2007, p. 129).

As formas de territorialidade possuem dimensões simbólicas e culturais, são desenvolvidas a partir dos processos relacionais que ocorrem nos lugares.

As territorialidades dos grupos de jovens possuem simbolicamente conotação política entorno dos aspectos de organização dos espaços pelas juventudes. Segundo Soja (1971, p. 19), a territorialidade pode ser observada como:

um fenômeno comportamental associado com a organização do espaço em esferas de influência dos territórios claramente demarcados, considerados distintos e exclusivos, ao menos parcialmente, por seus ocupantes, por grupos ou agentes que atuam na produção dos espaços urbanos.

As práticas espaciais possibilitam a construção e o desenvolvimento das diversas formas de territorialidade que resultam em processos vinculados a aspectos culturais e sociais. De acordo com Pires (2015, p.184), “as práticas espaciais são ações que se dão ao longo do tempo e de forma repetitiva, implicando em apropriações nos espaços”.

Nos espaços que os grupos juvenis constroem territorialidades, são deixadas marcas de comportamento desses jovens, por exemplo, na praça matriz da cidade de Oriente, verificamos a microterritorialidade dos jovens que realizam práticas espaciais envolvendo violão e músicas, notamos que esses jovens convivem com outros grupos de jovens, como os jovens do estilo *country*, que frequentam a praça para beber erva mate e ouvir música sertaneja em som automotivo. Dessa forma, marcam o espaço com o conteúdo do volume alto das músicas. Essas diferentes territorialidades nos espaços públicos revelam as multiterritorialidades existentes, que vão sendo construídas a partir das diversidades dos grupos juvenis que convergem para aquele mesmo equipamento urbano, a praça.

Nos espaços públicos podemos encontrar jovens do sertanejo universitário, do wheeling (esporte radical praticado com motocicleta e bicicleta), do funk, do reggae e do rap lado a lado. Estes espaços proporcionam amplos encontros na rua entre os jovens, revelando uma coexistência de territorialidades nem sempre harmônica. Segundo Ramos (2017), os praticantes do wheeling são adeptos de uma microcultura, que acontece através de redes de sociabilidade juvenis.

No que se refere à questão do lazer noturno nas praças centrais de Oriente e Pompeia, foi observado durante os trabalhos de campo, que grupos de jovens combinavam antecipadamente através do celular de se encontrarem na praça central, e por lá ficam conversando, aguardando até que outros cheguem, depois se direcionam pra algum bar ou para outro lugar, onde buscam divertimento. Assim, a área central dessas cidades é um dos locais do circuito dos jovens, destacando as praças.

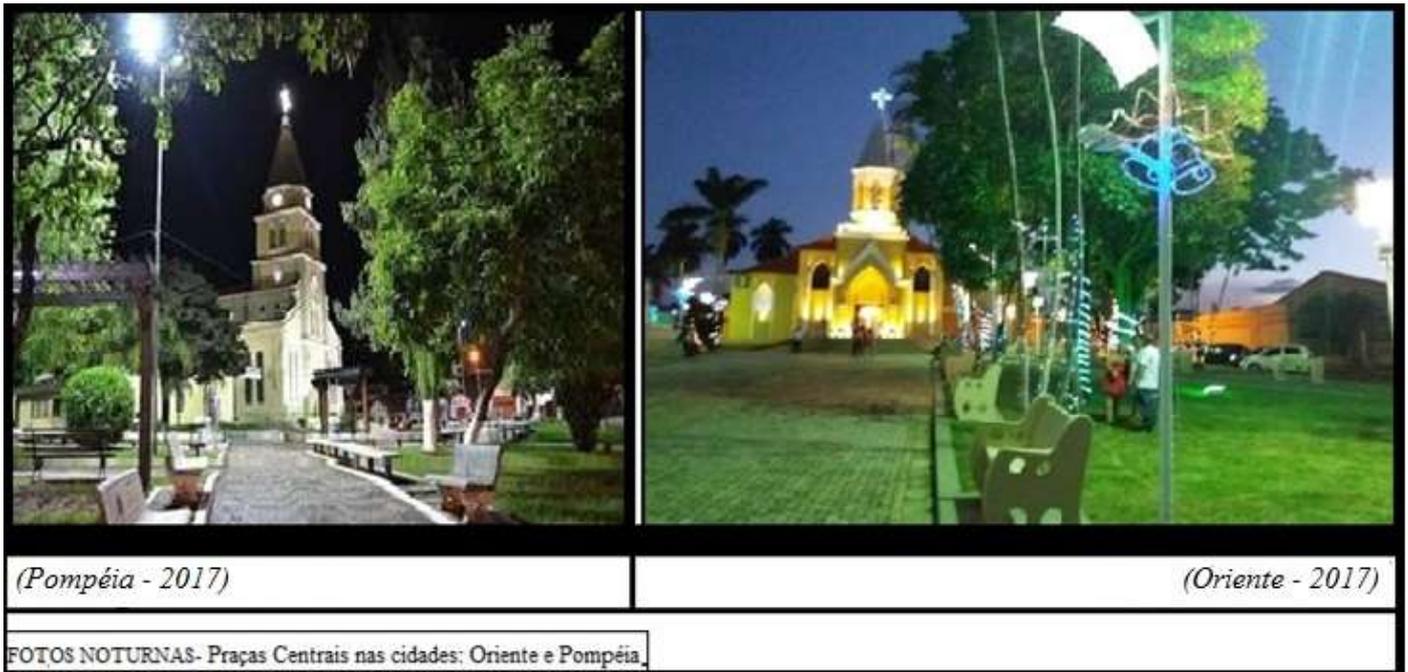
Segundo os estudos de Ortega Y Gasset (2002), a praça deve ser observada como um tradicional ponto focal da vida na cidade, com possibilidades de ser o espaço que demonstra as características do ritmo de vida na cidade.

É preciso destacar que as praças centrais nas pequenas cidades possuem dimensão lúdica, pois são praças com concentração de pessoas destinadas ao lazer, diversão, cultura. Para alguns sujeitos, a praça é meramente uma zona de passagem, sendo uma praça que existe apenas enquanto espaço público na malha urbana, onde não há permanência, já para outros sujeitos é observado como um espaço de grande permanência. A praça também é relevante por possuir proximidades com importantes prédios públicos, sendo um palco das exposições públicas de poder, como por exemplo Igreja, como um monumental símbolo do poder no centro geométrico da área urbana.

Durante os momentos de lazer noturno, aos finais de semana, durante o cotidiano banal, historicamente as praças centrais se tornam palco principal para os adolescentes (15.-17 anos), envolvendo a sociabilidade juvenil, sendo um ponto de encontro para os diferentes grupos de jovens.

É nas praças centrais (Figura 37), que as cidades pequenas do interior geralmente possuem maiores ações de sociabilidade entre os sujeitos, sendo ponto de encontro fundamental, justamente por estarem na parte central das cidades pequenas.

**Figura 37** –Praças Centrais no período noturno nas cidades analisadas:



(Fonte: Secom — Secretaria Especial de Comunicação Social - Acervo do Autor - FCT- UNESP, 2017).

Assim, demonstra-se a superposição de diversos microterrotitórios nas praças e nos diferentes espaços públicos, cada grupo pode ter experiências de multiterritorialidade, alguns grupos juvenis permanecem nas praças, outros apenas frequentam momentaneamente, pois podem fazer um “esquentar” na praça, depois ir pra Marília, depois parar num posto com loja de conveniência, mas em alguns momentos encontram-se na praça com outros grupos.

A existência do que é denominado como multiterritorialidade, pelo menos no sentido de experimentar vários territórios ao mesmo tempo e de, a partir daí, formular uma territorialização efetivamente múltipla, não é exatamente uma novidade. Pelo simples fato de que, se o processo de territorialização parte do nível individual ou de pequenos grupos, toda relação social implica uma interação territorial, um entrecruzamento de diferentes territórios. Em certo sentido, teríamos vivido sempre uma “multiterritorialidade”. (HAESBAERT, 2004, p.8)

A territorialidade nos casos que envolvem jovens, ocorre a partir do sentimento de identidade que os jovens desenvolvem com os grupos, que vão se construindo através de questões de afinidade e estilo. No caso dos espaços públicos, existem múltiplas formas de territorialização, permitindo a coexistência de diferentes grupos em um mesmo espaço público, como por exemplo, praças e parques.

Segundo Costa (2017), os jovens assumem formas de apresentação de diferentes estilos e desenvolvem nos espaços configurações de identidades, que refletem em territorialidades a partir das microescalas.

As microterritorializações são formas materiais da reunião de sujeitos e práticas, que refletem em condições de apropriação do espaço público. Dessa maneira, Costa (2017) explica que podem existir tensões, disputas e conflitos entre os grupos juvenis nos espaços públicos, a partir da sobreposição da territorialização, pois nos espaços públicos, os territórios juvenis também assumem sobreposições, quando encontram-se nos mesmos espaços, por exemplo, os grupos da cultura funk e também os grupos de jovens da cultura do rock, em determinadas circunstâncias disputam os espaços, e quando um grupo de jovens perde espaço para outro grupo de outro estilo, por motivos diversos, surgem tensões.

Segundo Costa (2017), as microterritorializações se constituem, neste caso, como uma ocupação de um “pedaço” de uma praça, de um posto de gasolina, de espaços de um determinado shopping center ou de uma feira livre, entre outros espaços.

Como estratégia de sistematização didática, empregamos os conceitos de “forma” e “conteúdo”. Estes conceitos serão entendidos aqui como princípios, que não se apresentam somente como uma estratégia didática, mas se realizam na compreensão de que as microterritorialidades e as microterritorializações referem-se à construção de uma ‘forma’ (COSTA, 2017, p.28).

A “forma” é o que se coloca aos olhos, ou a interação momentânea no espaço e no tempo presente, que nos coloca frente a um conjunto de situações diversas, excêntricas e inusitadas. Esse aspecto indica que os jovens com estilos demarcados carregam suas “marcas” nas imagens que portam consigo, na vestimenta, no comportamento, e com isto pela reunião no espaço público, fazem estas “marcas” visíveis e comunicam que aquele local é deles naquele momento. Destaca-se que nem todos os jovens portam estilos bem demarcados, mesmo assim se territorializam. De acordo com Pedroso (2007), a microterritorialização remete a construção de uma micropaisagem no espaço, que revela o encontro de um conjunto de sujeitos em um grupo ou agregado social.

Entendemos como “forma” a construção material das microterritorializações, o que evidencia a reunião de corpos e a partilha de elementos estéticos construídos individual e coletivamente (COSTA, 2017; p.28).

De acordo com Costa (2017, p.29), as identidades e subjetividades compartilhadas no espaço revelam o conteúdo, que é construído a partir das relações sociais e culturais que são desenvolvidas nos espaços interacionais. O conteúdo é composto por elementos simbólicos, socialmente construídos e configuram os espaços e as relações sociais, a partir das formas de apropriação que determinados grupos exercem sobre os espaços, estabelecendo a dimensão territorial a partir do conjunto de relações sociais que se desenvolvem no espaço.

Segundo Ramos (2017), a microterritorialidade não é uma ação que implica necessariamente em possevidade absoluta, baseada somente em um controle total e expansivo, mas sim define uma posição dentro de uma estrutura espacial. De acordo com Ramos (2017), é preciso destacar que grupos distintos podem estabelecer relações de microterritorialidade e podem também compartilhar os espaços instituídos, uma vez que buscam se apropriar de aparatos físicos dos próprios espaços, como por exemplo uma rede de wi-fi pública (internet-aberta), um trecho de uma rua ou mesmo uma praça.

Segundo Dayrell (2003, p.25), as juventudes experimentam a vivência de um mundo de contradições, regidas pelas relações sociais. Desse modo, Costa (2017, p.27) explica que existem relações sociais hegemônicas que disputam com formas de relações sociais subalternas. De acordo com Costa (2017, p.27), as relações sociais hegemônicas possuem preponderância e aceitação ampla em meio a sociedade, pois estão geralmente vinculadas as formas de consumo, já as relações sociais subalternas lutam por reconhecimento em meio as cidades, por isso muitos grupos estabelecem relações sociais secundárias, e deixam suas marcas em determinados espaços, seja através do grafite, da arte ou da frequência com que exercem práticas nos espaços.

Também é através da arte, do grafite, das influências musicais ou da frequência que exercem práticas nos espaços, que as identidades culturais juvenis são construídas, a partir do sentimento de identidade de um grupo, de uma cultura ou de um estilo, na medida em que os sujeitos são influenciados pela cultura do grupo a que pertençam.

Desse modo, não é possível afirmar que exista uma juventude única, já que os aspectos que geram influências sobre os jovens são diversos e as possibilidades de vivências são amplas nas sociedades globalizadas. A partir do princípio de heterogeneidade que existe entre as diversas juventudes, é possível notar questões relevantes sobre o conceito de identidade.

A dimensão cultural das diferentes identidades dos sujeitos é construída pelas influências externas vivenciadas pelos cidadãos em meio as cidades, influências culturais a partir das opções de vivência que são múltiplas.

As identidades culturais surgem como fenômenos que derivam do processo dialético entre um sujeito e o conjunto da sociedade, as diferentes relações entre os indivíduos e o mundo se articulam com conteúdos locais e também com conteúdos globais, gerando influências amplas na composição das identidades.

Também a identidade é influenciada a partir da história própria de vida dos sujeitos.

Na realidade, como cada um faz a partir de suas diversas vinculações sociais (de sexo, de idade, de classe social, de grupo cultural...), o indivíduo que faz parte de várias culturas fabrica sua própria identidade, fazendo uma síntese original a partir destes diferentes materiais. O resultado é, então, uma identidade sincrética e não dupla, se entendermos por isso uma adição de duas identidades para uma só pessoa (CUCHE 1999, p. 184).

A dinâmica das diversas influências sociais sobre a construção da identidade gera complexidade, mas também demonstra a flexibilidade da sustentação identitária, segundo Cuche (1999, p. 184), a identidade conhece possibilidades de variações, presta-se a diversas reformulações e até a aspectos de manipulações. As identidades não emergem se limitando a indivíduos particularmente, pois existem identidades com influências coletivas, que atingem grupos de acordo com suas respectivas representações sociais, a contextualização social dos cidadãos possibilita que existam diferentes alternativas de identidade, a partir de diversas caracterizações singulares relacionadas a expressões de simbolismos ou até mesmo ritos.

Os grupos juvenis, conhecidos também como tribos urbanas ou grupos de subculturas, são constituídos de sujeitos que possuem como objetivo principal estabelecer redes de colegas e amigos com base em interesses, gostos e preferências em comum.

Os laços de associação entre os humanos são incessantemente feitos e desfeitos, para que então sejam refeitos, constituindo uma fluidez e uma pulsação que atam os indivíduos mesmo quando não atingem a forma de verdadeiras organizações, nesses laços encontramos a reciprocidade entre os elementos que carregam consigo todo o rigor e a elasticidade, toda a variedade policromática e a unidade dessa vida social tão clara e tão misteriosa. (SIMMEL, 1983, p. 163)

Assim, podemos compreender as relações entre os sujeitos como ocorrências sociais, e observar a sociedade como reflexo dessas relações. Os grupos de jovens, reconhecidos através de identidades são constituídos a partir de agregações de jovens que têm como intuito compartilhar culturas, vivências e afinidades. Segundo Geertz (1978, p. 15), a cultura é o entrelaçamento de significados criados pelos próprios sujeitos, no qual eles mesmos se

encontram implicados, submersos, pois a cultura remete à realidade vivenciada cotidianamente.

Segundo Castells (1999), existem três principais formas que são reflexos das origens de construção das identidades, a) identidade legitimadora, b) identidade de resistência e c) identidade de projeto.

Identidade legitimadora, aquela introduzida pelas instituições da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais. Identidade de resistência é criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação. Identidade de projeto surge quando os atores, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade (CASTELLS, 1999, p.23).

Assim, as identidades também são formadas a partir do âmbito coletivo, pois comunidades de pessoas são construídas em torno de uma identidade de resistência ou de projeto. Segundo Castells (1999), compreende-se por identidade a fonte de significação e experiência de um sujeito ou de um grupo.

De acordo com Zacarés (1997), a identidade é estruturada ao longo da vida inteira de uma pessoa. Contudo, no período de adolescência ocorrem as transformações mais expressivas. Segundo Erikson (1972), fatores intrapessoais também geram influências na construção da identidade, já que são capacidades inatas dos sujeitos, bem como características adquiridas durante o desenvolvimento biológico do indivíduo.

Em nossos estudos, consideramos que a identidade juvenil não é algo determinado pela idade biológica. De acordo com Carrano (2001), as identidades são construídas através de processos contínuos, envolvendo a transformação individual e também as relações coletivas a partir da sociabilidade que possibilita experiências múltiplas.

Segundo Hall (2006), os sujeitos pós-modernos não possuem uma identidade fixa, assim a identidade é modificada diversas vezes no decorrer da vida. Dessa maneira, podemos compreender as identidades culturais entre os grupos juvenis como híbridas e movidas por mudanças, encontros e desencontros. Destaca-se que os jovens da atualidade estão sempre em mudanças e de tempos em tempos desenvolvem novas práticas de lazer e sociabilidade. Nesse sentido, é preferível falar de um processo ininterrupto de identificação, ao invés de identidades fixas e unitárias.

São diferentes aspectos que geram influências sobre a construção das identidades, desde aspectos culturais globais, até aspectos culturais locais, os fatos e acontecimentos

durante a construção da história de vida de cada sujeito geram influências sobre a formação da identidade.

É preciso destacar que os símbolos e mitos possuem influências sobre a identidade, tornando-se ao longo da vida dos sujeitos, receptores das projeções dos medos, interesses e aspirações, afeiçoando o comportamento, as condutas e as visões de mundo. Segundo Hall (2006, p.19), as identidades surgem, em parte, no imaginário (assim como simbólico), dessa maneira são construídas na fantasia ou na idealização.

Por fim, destacamos que a identidade dos grupos é composta pelas influências culturais, e formada através da sociabilidade, que de maneira interativa ocorre a partir da afinidade ou das ideologias compartilhadas, assim a identidade é produzida e gera orientações aos grupos, que são expostas nas práticas que ocorrem sobre os espaços.

Destaca-se, que através dessa pesquisa, preconizamos a hipótese de que nas cidades pequenas estudadas, as transformações no espaço urbano correm de maneira mais lenta, e acontecem em ritmos vagarosos. Paralelamente as práticas, os costumes, o estilo de consumo e as referências, das populações locais que remanescem sobre estes respectivos espaços urbanos, passam por transformações de modo mais rápido, pois as populações das cidades pequenas também estão conectadas às referências da globalização, através da internet, do consumo, dos meios de comunicação e das novas tecnologias. Evidenciamos, que as juventudes em cidades pequenas protagonizam práticas que surgem como reflexos das diversas influências que chegam através de referências globalizadas.

Dessa maneira, expomos que estão entrelaçados na dinâmica das cidades pequenas, os ritmos de evolução de uma sociedade globalizada com os ritmos de um espaço urbano que passa de modo desacelerado por mudanças e transformações ao longo do tempo. O espaço urbano que passa lentamente por transformações, também possui limitações, que condicionam e geram influências sobre as práticas dos sujeitos que vivem experiências sobre o urbano nessas cidades pequenas. Mas, também é preciso destacar que a sociedade e os diferentes grupos de sujeitos, atuam sobre o espaço urbano, e de maneira dialética exercem influência sobre o urbano.

Evidenciamos, que é justamente nesse processo dialético de relação entre a sociedade local e o espaço urbano, que é desenvolvida a produção do espaço urbano nas pequenas cidades. As práticas que ocorrem sobre o espaço urbano constituem-se como características do modo de viver da sociedade, que as criaram em diferentes épocas, explicitando as características culturais de diferentes tempos. As práticas dos sujeitos, exercem influências

sobre a produção do espaço urbano, e de modo dialético, as limitações e potencialidades do espaço urbano também geram influências sobre as práticas dos sujeitos.

A apropriação de um espaço por um grupo juvenil, ainda que de maneira temporária, possibilita relações de poder e dominação, pois o grupo exerce a posse efêmera sobre o espaço, acomodando intrínsecos valores sociais e culturais. Desse modo, compreendemos que as territorializações e apropriações dos espaços relacionadas à materialização de peculiaridades identitárias dos indivíduos, geram reflexos na formação dos diferentes grupos juvenis, influenciando as práticas espaciais, as formas de convivência, as perspectivas de lazer e a composição da sociabilidade.

#### **4.2. A vivência dos jovens em cidades pequenas, as formas de lazer noturno e as festas típicas.**

Neste capítulo são expostas informações a partir dos aspectos observados nos trabalhos de campo entorno das culturas juvenis locais e também são expostas questões relevantes através das referências bibliográficas, relatando como são suas práticas espaciais de encontro e diversão e a relevância das festas típicas para as juventudes em diferentes tempos nas cidades pequenas. As festas e datas comemorativas, nas cidades pequenas, representam momentos extraordinários no cotidiano dos jovens, pois movimentam a cidade. Fora destes poucos momentos, a vida volta ao normal e a rotina torna-se pacata.

No passado, a vivência na pequena cidade e a sociabilidade dos jovens nas praças e clubes ocorria a partir de uma perspectiva vigiada, sempre havia a presença de um adulto por perto, ou passando, ou mesmo quando exerciam a sociabilidade em meio a presença da família, os adultos sempre estavam de olho nos jovens, mesmo durante as festas, para observar se eles não iriam “aprontar”, consumir bebidas alcóolicas escondidos, ou fazer algo considerado “proibido”. Quando os jovens estavam nas festas nos clubes, sempre havia algum adulto que ficava observando-os e os jovens sabiam que aquele adulto poderia comunicar aos familiares deles, caso ocorresse alguma coisa fora do comum.

Assim, no passado, a liberdade dos jovens era muito mais vigiada que no presente. Já nos dias atuais, os jovens usufruem de maior liberdade, são menos vigiados quando comparamos a outros tempos. Contudo, ainda existem formas de sociabilidade que são

vigiadas pelos olhares adultos, que estão relacionadas a personalidade, que é uma característica própria dos pequenos núcleos urbanos. Dessa maneira, é preciso destacar que ainda existe a presença de controle social, através das normas subliminares, que estão sobrepostas às relações, especificamente a relação de que “todo mundo, conhece todo mundo”. Assim, até os dias atuais, as pessoas se preocupam constantemente com o que pensam os outros, pois aquilo que os jovens fazem ou deixam de fazer nas imagens que a sociedade local tem de suas próprias famílias, pode acabar sendo assunto nos diálogos entre vizinhos.

As festas típicas são momentos de lazer, onde os sujeitos desenvolvem a sociabilidade, que é baseada em grande parte na personalidade existente.

Os lazes são vividos pelos jovens como uma oportunidade de afrouxamento ou suspensão das tensões impostas pelos processos de regulação moral e da denominada educação civilizante. Nos momentos de lazer os jovens podem encontrar a oportunidade de concentração sobre si próprios e de interação não obrigatória com o grupo de amigos (SPOSITO, M. P; CARRANO, 2003, p. 14).

Segundo Lima (2018), os lazes se materializam também nos momentos de recrear-se. A busca pelo divertimento compõe os valores comumente mais associados ao lazer. Segundo a pesquisa “Políticas Setoriais das Juventudes – 2017”<sup>51</sup>, da Secretaria Geral da Presidência da República, as atividades de lazer e cultura mais populares entre os jovens brasileiros de 15 a 29 anos são as festas como momentos de descontração e diversão. Foram ouvidos no ano de 2017, o número de 1.100 jovens de todos os estratos sociais para a pesquisa.

A prática de sair para festas e aproveitar o tempo livre em momentos de descontração ocorre nas cidades pequenas em diferentes tempos, sendo realizada por diferentes gerações. Destaca-se que os conteúdos das festas e dos momentos de descontração mudaram, os estilos de músicas ou mesmo os estilos de vestimentas, os aspectos visuais e também as formas de sociabilidade são transformadas com o tempo.

No final da década de 90, ocorriam bailes na “Recrê” em Pompeia (Figura 38), que envolviam a participação de grupos de jovens de diferentes idades, atraindo jovens de cidades vizinhas, sendo momentos de descontração para os/as jovens e de contato com as diversidades.

---

<sup>51</sup> Pesquisa foi divulgada pelo Governo Federal em 2017, na página online: [www.brasil.gov.br](http://www.brasil.gov.br).

**Figura 38** – Imagem de Baile durante o final do século XX - Pompeia/SP:



(Fonte: Baile na Sociedade Recreativa de Pompeia durante o final do século XX - Acervo do Autor - FCT- UNESP, 2018).

Os bailes fazem parte do lazer noturno, que possibilita práticas que são muito associadas com as juventudes, sobretudo nas cidades do interior paulista, envolvendo os em momentos de divertimento.

Entre as festas típicas que ocorreram durante o final do século XX na cidade de Pompeia, destacam-se carnavais, rodeios e festas juninas, além de outras festas em datas comemorativas.

Como a cultura – compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída), no ‘tempo disponível’. É fundamental como traço definidor, o caráter ‘desinteressado’ dessa vivência. Não se busca, pelo menos basicamente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação (MARCELLINO, 2008, p. 12).

Segundo De Masi (2001), o lazer é uma atividade humana que também se vincula à construção de significados nos quais se baseia o sentido da existência dos sujeitos, sendo que as escolhas sobre o que fazer nos momentos de lazer estão sempre contornadas por fatores socioculturais ou econômicos.

Na cidade de Oriente (Figura 39), também ocorreram diferentes festas típicas no final do século XX, destacam-se festas juninas, festas de natal e festas de carnavais.

**Figura 39** – Imagem de Festa Típica durante o final do século XX - Oriente/SP:



(Fonte: Acervo de Fabiano Carvalho - FCT- UNESP, 2018).

As festas típicas destacam-se por serem momentos de manifestações culturais em espaços que vão tornando-se importantes para a memória da população local, a partir dos acontecimentos históricos. Assim, as práticas relacionadas as festas tradicionais compõem o cotidiano eventual, que são eventos que marcam o calendário festivo da cidade, que são momentos democráticos e com a participação de grande parte da sociedade local.

É preciso destacar que o lazer não se resume somente as festas típicas, o lazer não se resume à espetáculos e megaeventos, mas também no cotidiano, os jovens exercem práticas de lazer nos dias comuns em meio as cidades pequenas, ocupando algumas praças e espaços públicos.

Segundo Barral (2009, p. 29):

Cada sociedade e cada cultura oferece determinadas opções de lazer, de divertimento para sua população. E do mesmo modo que a prática do lazer afeta as juventudes, aventamos que estas desdobram os lazers.

De acordo com Margulis (1997), durante o período noturno, enquanto a maioria dos adultos estão descansando ou dormindo, repousando para posteriormente irem trabalhar no outro dia, grande parte das juventudes se apropriam dos espaços na cidade, ressignificando os espaços a partir das relações, construindo territorialidades e exercendo a sociabilidade.

Segundo Margulis (1997), a noite possui relevância para os momentos festivos, pois o período noturno, comumente, não é horário de funcionamento e de expediente para a diversas profissões. Embora a noite muita gente trabalhe, inclusive nos bares, restaurantes e baladas.

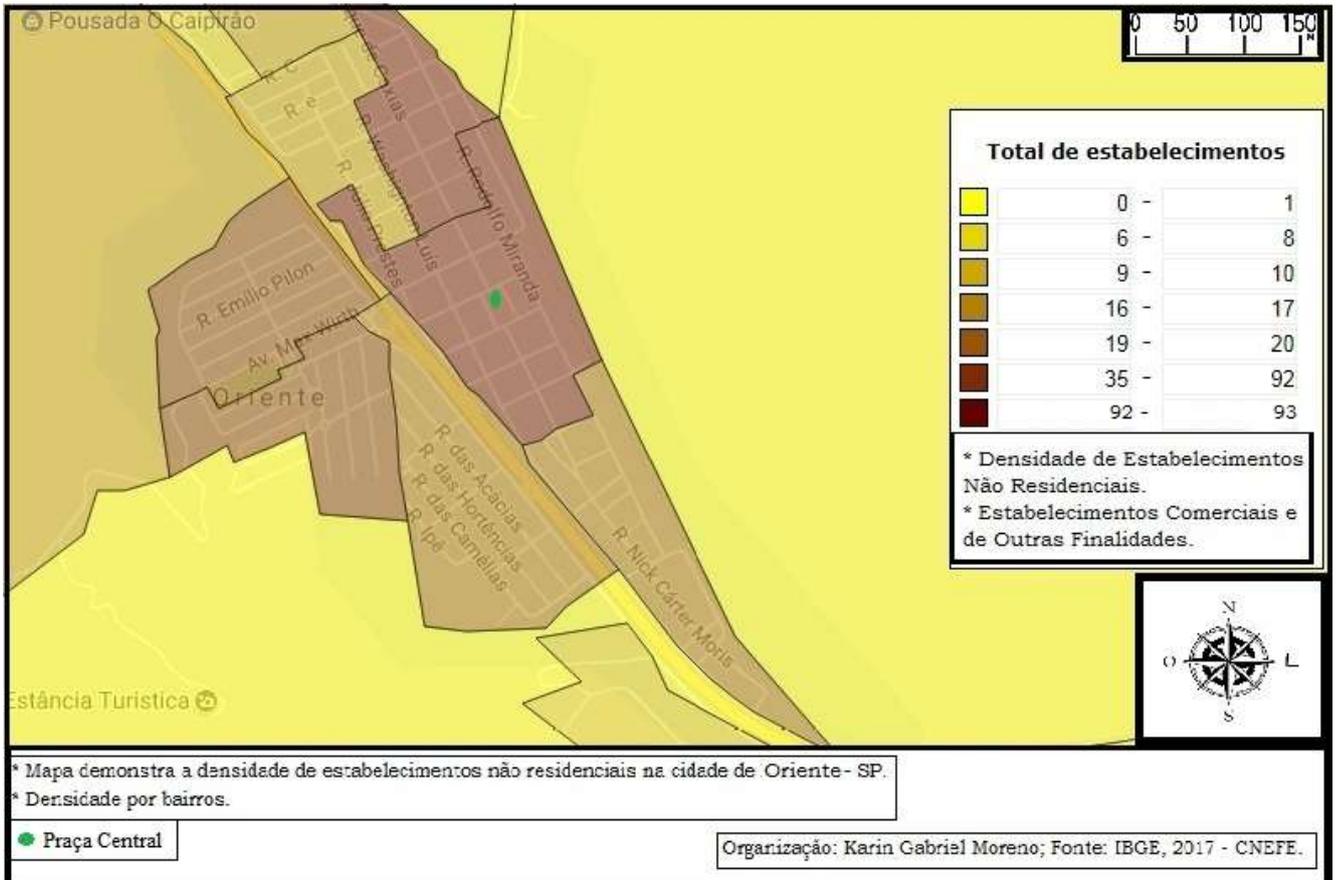
Os diversos percursos que são realizados pelos jovens se transformam em espaços intermediários onde se encontram os colegas, assim vão surgindo as territorializações dos grupos de jovens. Segundo Magnani (2005), os “chegados”, com maior afinidade diante da sociabilidade, se conectam e se tratam com prestígio tanto entre as relações de âmbito doméstico, como das relações presentes no âmbito público, em meio as possibilidades de relações coletivas.

Destaca-se que, durante algumas festas típicas, alguns grupos de jovens costumam se encontrar na praça central das cidades, antes de irem para as festas, principalmente nos períodos de rodeio, fazendo um “esquenta” antes da festa, onde ficam conversando e consumindo na maioria das vezes cervejas.

As práticas de lazer nos períodos noturnos, que correspondem ao horário em que a maioria dos jovens está no tempo livre, ainda que existam alguns que estejam em trabalhos ou faculdades, envolvidos com serviços ou estudos durante os períodos noturnos, evidenciamos que são momentos em que a maioria dos jovens estão desfrutando dos instantes de tempo livre.

A praça central matriz em Oriente- SP (Mapa 16), encontra-se localizada na rua Rua Thomaz Martins Parra, na área central da cidade, e possui presença juvenil nos finais de semana durante os períodos noturnos após as missas que ocorrem na Igreja.

**Mapa 16** – Localização da Praça Central Matriz - Oriente/SP:



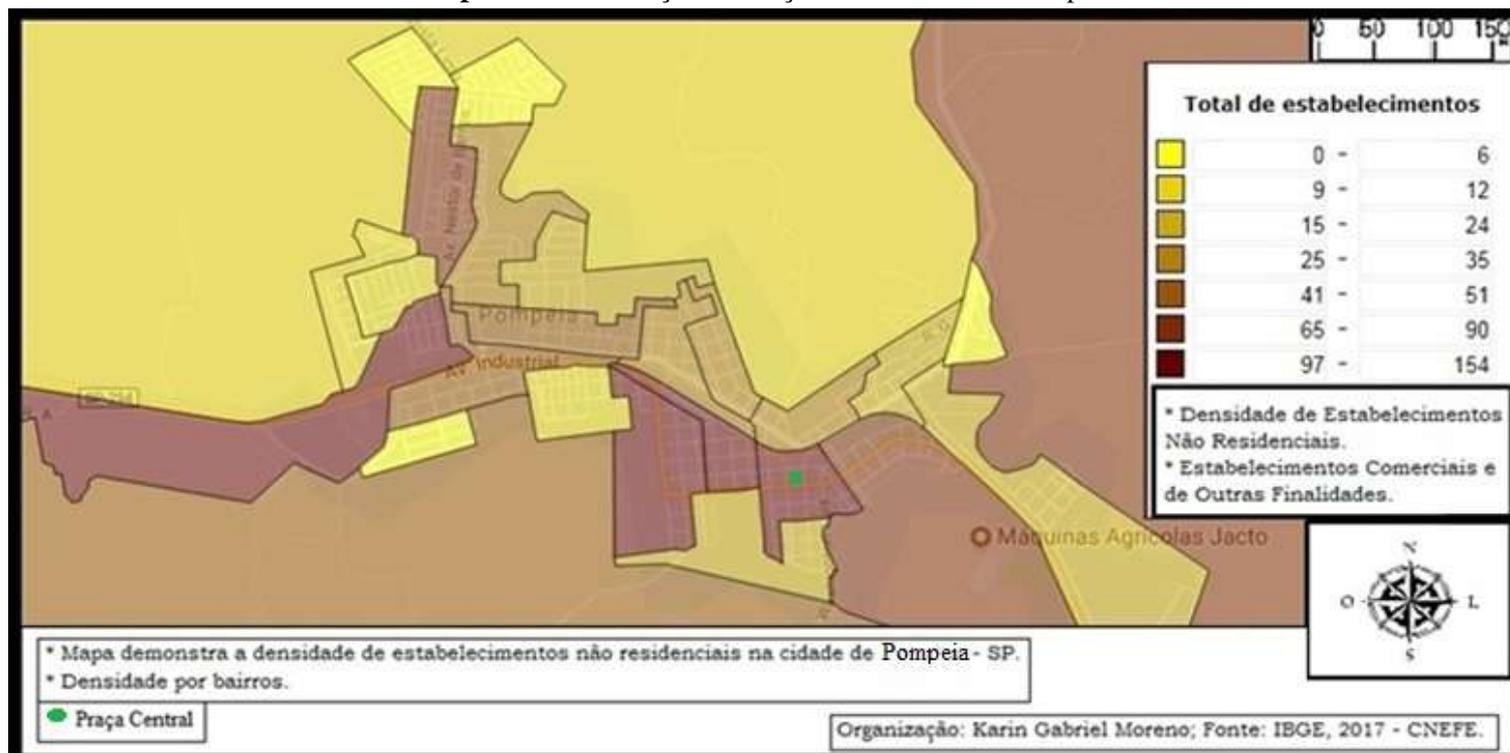
(Fonte: Mapa demonstra densidade de estabelecimentos comerciais por bairro - Acervo do Autor - FCT- UNESP, 2017).

É possível observar no mapa, que a Praça Central está localizada em um bairro que possui elevada quantidade de estabelecimentos comerciais e não residenciais, assim o circuito para alguns jovens de encontrar-se na praça nos finais de semana a noite, não está relacionado somente a praça, pois alguns grupos de jovens após a praça, vão para lanchonetes ou bares das proximidades.

Durante as pesquisas deste estudo, foi possível identificar que a Praça Central da Matriz na cidade de Oriente possui fundamental relevância histórica, por tratar-se de um espaço público que é frequentado pela população em diferentes graus, variando conforme a escala temporal e a partir das questões socioeconômicas.

Já a Praça Central da Matriz em Pompeia (Mapa 17), se localiza na rua Rua Dep. R. Pereira, na área central da cidade, em um bairro com elevada disponibilidade de comércio, com ampla relação de oferta em serviços, bens de consumo e variados tipos de produtos, e também conta com a presença de jovens nos finais de semana, especificamente após a missa que ocorre na Igreja Católica.

**Mapa 17 – Localização da Praça Central Matriz - Pompeia/SP:**



(Fonte: Mapa demonstra densidade de estabelecimentos comerciais por bairro - Acervo do Autor - FCT- UNESP, 2017).

A população das cidades pequenas usufrui de modo geral das infraestruturas públicas que são observadas em meio aos espaços urbanos, como as praças por exemplo, assim este aspecto impulsiona o bem-estar social e possibilita amplo convívio entre o urbano e os cidadãos, significando um aspecto positivo para a qualidade de vida. É preciso destacar que a praça central está localizada em um bairro que possui elevada quantidade de estabelecimentos comerciais e não residenciais, assim o circuito para alguns jovens se estende entre a praça, as lanchonetes existentes no bairro e à feira-livre que ocorre no bairro eventualmente.

Para complementar as análises deste capítulo, é preciso explicar a importância na atualidade das festas típicas tradicionais, com destaque para as Festas do Peão de Boiadeiro, que possui cunho sócio cultural e econômico, para as cidades pequenas.

As festas do peão de boiadeiro espalharam-se, principalmente na década de 1970, para outras cidades de médio ou grande porte do Estado de São Paulo, alastrando-se posteriormente para os estados de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, e a partir daí, para outros estados (MADEIRA FILHO, 2012, p .92).

As festas de rodeio são lembradas como datas comemorativas da vida cotidiana dos sujeitos nas pequenas cidades, pois são festas populares que se originaram para valorizar a

cultura e as tradições da população regional, incluindo amplamente as populações de origens rurais.

Nos últimos anos as festas de rodeio (Figura 40), nas cidades de Oriente e Pompeia se tornaram o principal atrativo em questão de festas populares, nas redondezas e até mesmo em ambas as cidades ocorrem periodicamente outras festas, como Festa do Amendoim, Festa do Chocolate, entre outras festas típicas. Contudo, as festas mais badaladas e de maior destaque são as Festas do Peão de Boiadeiro.

**Figura 40** – Festas de Rodeio nas cidades analisadas:



(Fonte: Acervo do Autor – Festas de Rodeio durante as primeiras décadas do século XXI - FCT- UNESP, 2017).

As festas típicas costumam gerar a inclusão social de diferentes classes sociais, quando possuem entrada gratuita, possibilitando momentos de lazer e diversão para sujeitos que são filhos das famílias de classe operária e que em muitas ocasiões não conseguem acessar determinados tipos de festas privadas, devido aos preços de bilheteria e também aos fatores socioeconômicos que contornam a situação.

Nas Festas do Peão de Boiadeiro, ocorrem shows que atraem milhares de pessoas, envolvendo as populações de outras cidades ao entorno. Segundo Madeira Filho (2012), as expressões de linguagem regional, a gastronomia, os modos das diversas etnias viverem e se relacionarem com o meio e com as outras culturas que deram origem à sociedade atual, são expostas nas festas, são consideradas festas democráticas.

Durante as Festas do Peão de Boiadeiro em Pompeia e também em Oriente, ocorrem momentos de louvor e aplausos às santas padroeiras das cidades. Segundo Ribeiro (1995), as

atividades religiosas regem o calendário da vida social em diversas cidades do interior paulista, comandando toda a interação entre os diversos estratos sociais.

Destaca-se que a permanência do espaço do rodeio em Pompeia tornou-se um elemento arquitetônico espacial fixo na cidade, com a presença de uma arena e um recinto construídos e projetados para sediar eventos, com prioridade para as festas de rodeio, constituindo-se um território do rodeio, sendo as festas uma forma de espaço a condicionar a reprodução do capital, pois as festas típicas geram impulsos econômicos, através do consumo e das atrações. Também é preciso evidenciar que a cidade de Pompeia possui diversos competidores que já foram campeões de rodeios, sendo esta uma cultura muito presente na sociedade local.

O espaço da festa consiste no momento da troca simbólica, entre as diferentes culturas, com visitantes de cidades distintas, possibilitando a sociabilidade e a comunicação entre os diferentes elementos culturais. De acordo com Ferreira (2003, p. 15), a festa também possui uma dimensão simbólica, através da qual são veiculados os valores e as crenças tradicionais da sociedade local.

Segundo Ferreira (2003) a festa possui papel político, através da expressão ideológica e cultural, destacando seu valor de troca socioeconômica e seu fundamental papel de regulação social e territorial.

As práticas juvenis nas festas típicas, como apostar nos jogos que ocorrem nas festas, como dançar e prestigiar os shows sertanejos, além da possibilidade de conhecer novas pessoas, possuem dimensão simbólica. E as práticas que ocorrem nas praças durante os momentos de lazer, também possuem dimensão simbólica. Segundo Lefebvre (2008), a prática espacial de uma sociedade produz o seu espaço, ela o põe e o supõe, numa interação dialética, ela produz lenta e seguramente, dominando-o e dele se apropriando. De acordo com Lefebvre (2008), a prática espacial associa estreitamente, no espaço percebido, a realidade cotidiana (o emprego do tempo) e a realidade urbana (os percursos e redes ligando os lugares do trabalho, da vida "privada", e dos lazeres).

Segundo Paula; Santos e Chaveiro (2016), as práticas espaciais cotidianas são entendidas como movimento de produção/apropriação/reprodução da cidade que ocorre mediante a materialização das relações sociais envoltas numa relação espaço-tempo, que permite identificar e conhecer os vários sujeitos que produzem a cidade e o espaço urbano.

As juventudes são observadas aqui como um dos produtores do espaço urbano, ao desenvolver suas práticas cotidianas, carregadas de símbolos, frustrações ou desejos, gerando ocupações momentâneas de espaços nos momentos de tempo livre, por meio de estratégias

territoriais distintas, permeadas de relações sociais, as quais representam interesses e apropriações diferenciadas em relação aos espaços.

É preciso evidenciar que as práticas espaciais dos jovens são diversificadas, variando a partir da questão geracional, possibilitando a existência de modificações nas práticas ao longo do tempo.

Com a evolução do processo de globalização, mesmo os jovens que vivem em espaços rurais ou em cidades pequenas, podem ter acesso a uma infinidade de objetos, como a internet por exemplo, assim podem vivenciar sensações e interações por meio das redes sociais e pela interação com os outros sujeitos, que se conectam, mesmo estando em outros lugares distantes.

Segundo Paula; Santos e Chaveiro (2016), a identidade, ou as identidades e papéis assumidos pelas juventudes na atualidade podem estar ligadas ao lugar de convivência dos jovens, pois são nesses lugares, objetivos/subjetivos, que se adquirem atributos culturais.

De acordo com Turra Neto (2015), observar as práticas espaciais dos cidadãos através da oferta de diversão noturna, remete-nos a considerar os sujeitos jovens, que são os principais consumidores dos diferentes tipos de serviços, que são oferecidos na vida noturna. Desse modo, devemos refletir sobre a condição de vida das juventudes e sobre as práticas peculiares, uma vez que as cidades são consumidas/experimentadas de modo diferente, conforme fatores que especificam os sujeitos, como gênero, idade, etnia, classe sociais, entre outros fatores.

Concluimos enfatizando que este capítulo contém um material que é extremamente útil para a compreensão de juventudes em pequenas cidades, e pode ser utilizado pelos gestores públicos, para contribuir como referência para o desenvolvimento de possíveis políticas públicas, pois contribui com dados e expõe informações importantes sobre os municípios analisados e sobre as juventudes.

### **4.3. A juventude rural e a convivência com o urbano.**

As pequenas cidades possuem relações campo – cidade extremamente conectadas, através das atividades socioeconômicas e políticas. Convivem nas áreas urbanas pessoas que são moradores de áreas rurais, bem como os habitantes das áreas urbanas também possuem fortes relações com o campo. É preciso evidenciar as juventudes rurais, que também possuem práticas espaciais na cidade. Através da convivência com o urbano, as diferentes gerações de jovens participam em diferentes tempos, do contexto da cidade. Para compartilhar da compreensão sobre as juventudes rurais na sociedade contemporânea, também são relatadas questões sobre as dinâmicas recentes das cidades de Oriente e Pompeia, são expostas

informações, imagens e entrevistas. Desse modo, são expostas as características específicas das juventudes rurais, no que tange à suas práticas na cidade.

No começo desta pesquisa, havia a expectativa de que iríamos presenciar grande participação das juventudes rurais nos movimentos de práticas de lazer nas pequenas cidades estudadas, pelo simples fato de serem pequenas cidades. Mas, logo após os primeiros meses de desenvolvimento dos estudos empíricos, ficou evidente que a participação dos jovens rurais é muito menor no presente, quando comparamos ao passado. Na atualidade, isso já não é mais uma realidade tão ampla como antes. As entrevistas revelam que, no passado, grande parte dos jovens que frequentavam a praça após a missa eram moradores de áreas rurais, também havia maior número de alunos de áreas rurais matriculados nas escolas públicas da cidade, de maneira geral, era maior o número de jovens rurais convivendo em meio as áreas urbanas.

A partir das modificações sociais, envolvendo o processo de êxodo rural durante o século XX e ao envelhecimento da população do campo, a presença de jovens rurais nas duas cidades foi deixando de ocorrer e vem desaparecendo no cotidiano juvenil. Buscaremos explicar os motivos que levaram à oclusão ou “sumiço” desses jovens rurais na cidade nos momentos de diversão e lazer.

Durante o século XX, a frequência dos jovens rurais na cidade era mais elevada pois a população rural também era maior, o processo de êxodo rural intensificado pela mecanização da agricultura impulsionou a migração de diversas famílias, que deixaram o campo e até mesmo mudaram de município. Destaca-se que este processo gerou maior número de migrações entre as famílias de camponeses e de trabalhadores rurais. As máquinas substituíram os trabalhadores, mas os proprietários ainda se mantinham no campo. Diversos trabalhadores deslocaram-se às cidades em busca de empregos nas fábricas, devido à expansão industrial que ocorreu com a ampliação do processo de urbanização. Segundo Endlich (2006, p.12), o processo de migração campo-cidade também impulsionou o aumento da urbanização, a partir do modo de produção capitalista.

O processo de ampliação das indústrias acompanhado do surgimento de novas empresas, impulsionou diversas transformações sociais nas pequenas cidades da região sudeste do Brasil, através da concentração de indústrias nas unidades de federação Rio de Janeiro e São Paulo, gerando migrações. A ampliação de indústrias resultou em novas conjunções entre o campo e a cidade.

Articulou a cidade e o campo num outro patamar deslocando a contradição cidade/campo vinda da história (do aprofundamento da divisão do trabalho,

do estabelecimento da diferenciação de classes e do poder de uma classe), para a contradição centro/periferia, estabelecendo uma nova hierarquia espacial entre espaços dominados e dominantes a partir da construção de novas centralidades (CARLOS, 2004, p. 8).

As características do espaço rural brasileiro passaram por profundas transformações históricas. Segundo Santos (1979), a cidade é caracterizada por ser centro político-administrativo. Na cidade encontram-se as legislações que são inseridas para estruturar o campo, assim, o campo depende da administração pública que se localiza na cidade. Dessa maneira, os territórios rurais são governados pelas cidades.

Para a população do campo, destacando a juventude rural, a pequena cidade é o único centro de serviços durante o cotidiano, com acesso mais próximo. Possibilita acessar serviços públicos, relacionados à infraestrutura básica, educação e saúde, e também serviços privados, como comércios, lojas diversas, agências bancárias e serviços de comunicação. Para os jovens habitantes de áreas rurais, a cidade é o ponto principal de referência, influenciando a construção da identidade local.

É preciso enfatizar também o processo de envelhecimento no campo, que vem ocorrendo desde o início da industrialização no sudeste do Brasil, mas foi se acentuando após a década de 1960, quando ocorreu a chamada “revolução verde”. Segundo Debert (1999), as pessoas estão envelhecendo no campo e migrando para as cidades, mas ainda guardam memórias singulares da vida, demarcada muitas vezes por acontecimentos de um passado articulado às relações de trabalho.

Os espaços rurais também são parte da vivência para as juventudes, porém nas últimas décadas tem aumentado a saída de jovens das áreas rurais. Mas, mantém-se, sobretudo, as relações de produção das unidades espaciais que possuem características distintas, mas que atuam em conjunto.

As relações de sujeitos das áreas rurais com a cidade, não implica no desaparecimento da cidade e do campo como unidades espaciais distintas, mas a constituição de áreas de transição e contato entre esses espaços que se caracterizam pelo compartilhamento, no mesmo território, ou em micro parcelas territoriais justapostas e sobrepostas, de usos do solo, de práticas sócio espaciais e de interesses políticos e econômicos associados ao mundo rural e ao urbano (SPOSITO, 2006, p.121).

Destaca-se que as relações campo – cidade são parte da história de surgimento das relações sociais nas pequenas cidades. As práticas espaciais dos sujeitos associam historicamente ambas unidades espaciais.

As juventudes rurais não estão isoladas do processo social e também do processo de socialização, que lhes impulsiona a construção de valores, gerando costumes com os quais aprenderão a conviver durante o cotidiano. É necessário destacar que jovens e adultos convivem em meio as relações sociais e estabelecem formas de sociabilidade, o “processo de socialização” é fundamental para a passagem dos sujeitos para a vida adulta. Segundo Pais (1993), este é um processo de “influências sociais, orientado para a integração dos jovens num dado sistema de relações e valores sociais”.

Destaca-se que as relações de lazer e sociabilidade na cidade são mais atrativas para os jovens, devido à maior oferta de consumo, bem como a maior contextualização de possibilidades de interagir com diferentes sujeitos.

A crescente saída de jovens das áreas rurais em pequenas cidades, levando os sujeitos à migrar para concentrações urbanas maiores, preocupa as famílias de pequenos agricultores.

Eu digo pra você, muitas famílias de proprietários rurais estão preocupadas com os jovens, as cidades têm os atrativos diferentes para jovens, as famílias começaram a se preocupar com quem vai cuidar das coisas no campo no futuro. Muitos jovens não querem mais ficar na área rural. Eu, por exemplo, moro no sítio, que fica localizado a 11 km de distância da área urbana do município, as vezes compensa ficar no campo mesmo, nem subo pra cidade muito, raramente vou em Marília em cinema e shopping raramente vou pra lá em Marília nos finais de semana, as vezes subo pra cidade pra ir nos barzinhos de Pompeia com meus amigos. Os adolescentes da minha vizinhança no sítio, ficam mais pra área rural mesmo, não têm acesso a transporte a todo momento pra irem pra cidade, vão só pra escola por lá e voltam, o lazer deles é mais no campo mesmo. Às vezes, eles vão de carona com algum colega pra dar umas voltas na cidade, às vezes vão pra Marília com o pai e a mãe juntos, enfim, a vida no campo é sossegada, tem alguns trabalhos pra fazer, mas são para a nossa própria convivência e pra produzir as coisas necessárias [Entrevista realizada em Novembro de 2018 – Amaral<sup>52</sup>, 25 anos – Morador da Zona Rural de Pompeia].

Para os jovens adolescentes rurais, a escola urbana talvez seja o momento mais expressivo de sociabilidade juvenil e exercício da juventude em grupo de pares. Para eles, talvez, os momentos festivos das grandes festas do calendário de cada cidade também sejam muito mais relevantes, pois são momentos em que podem estar na cidade e ver o movimento e se encontrar com amigos que fizeram na escola ou vizinhos. É diferente do cotidiano de

---

<sup>52</sup> Amaral: 25 anos, morador da Zona Rural no município de Pompeia. Possui Ensino Superior Completo; Estado Civil: Solteiro, possui renda familiar de três salários mínimos. Entrevista realizada na biblioteca pública da cidade de Pompeia.

jovens urbanos que, mesmo quando não há o que fazer, podem acessar a praça central, os bares e lanchonetes da cidade.

Destaca-se que as juventudes rurais ingressam nos trabalhos do campo, como parte do desenvolvimento laboral do cotidiano, sendo parte da produção familiar, e este processo gera influências sobre a construção da identidade dos sujeitos.

Os jovens buscam diversas alternativas sociais, econômicas e educativas, diferentes daquelas encontradas no meio rural, assim a migração de jovens saindo das áreas rurais, direcionando-se a residir nas cidades têm aumentado com o passar dos anos.

Os dados do IBGE constataam a diminuição do total de habitantes no meio rural em todo o Brasil, com taxa negativa de crescimento populacional detectada pelos últimos censos. No período de 1991 a 2000, a taxa foi negativa em 1,3% ao ano. Já no período 2000 a 2010 a taxa continuou negativa, mas com uma queda menor, de 0,65%<sup>53</sup>.

As juventudes rurais, na atualidade, comparecem com maior frequência nas áreas urbanas nos momentos de estudos, mediante a frequência nos espaços escolares ou nos momentos de trabalhos, muito pouco nos momentos de lazer. Entre os momentos que mais atraem, na atualidade, as juventudes rurais para a cidade estão as tradicionais cavalgadas, onde diversos jovens e também diversos adultos, comparecem com chapéu de couro, botas nos pés, cinto com fivela e chicote na mão. Essas cavalgadas marcam desfiles a cavalo, com comitivas reunidas, com cowboys de diversas áreas do município, geralmente ocorrem cavalgadas para celebrar em datas comemorativas ou festas típicas.

São tradicionais em pequenas cidades as cavalgadas e ocorrem geralmente nas festas para comemorar o dia da padroeira da cidade. No caso de Pompeia, a padroeira da cidade é “Nossa Senhora do Rosário”. Já no caso de Oriente, a padroeira da cidade é “Nossa Senhora Aparecida”.

A cidade de Pompeia, também chamada de “Cidade Coração”, é lugar onde ocorrem diversas solenidades realizadas pela paróquia da Igreja Católica das quais a população participa ativamente. As cavalgadas em Pompeia (Figura 41) também já ocorreram em outras datas comemorativas, como aniversário da cidade e na Festa do Peão de Boiadeiro.

Destacamos que as cavalgadas possuem participação de jovens, contudo, caracterizam-se como circuito para as sociabilidades heterônomas, onde se exercita a sociabilidade em espaço e tempos programados por adultos e com a presença de adultos.

---

<sup>53</sup>“Ver” : [Dados do IBGE - ww2.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/default\\_regioes\\_rurais.shtml](http://Dados do IBGE - ww2.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/default_regioes_rurais.shtml)

**Figura 41** – Cavalgadas na cidade de Pompeia/SP:



(Fonte: Imagens de Cavalgadas que ocorreram durante as duas primeiras décadas do século XXI - Acervo do Autor - FCT- UNESP, 2017).

Grande parte dos sujeitos nas pequenas cidades estão enraizados na cultura sertaneja, tanto que o costume de passear a cavalo passa de geração em geração nas famílias. Nos dias comuns e fins de semana, é possível perceber pessoas passeando a cavalo pela cidade, relevando as relações estreitas entre campo – cidade.

As tradicionais cavalgadas são observadas como momentos de divertimento para a população local, e possuem também relevância política e cultural, geralmente, participam das cavalgadas os vereadores e políticos locais. Nas cavalgadas, encontra-se grande diversidade de pessoas e também de animais que são utilizados, pois pessoas passam montadas em touros, cavalos e até mesmo em petiços. Também são expostas charretes de diferentes modelos pelos participantes, o público da cidade sempre prestigia o evento.

Destaca-se que as cavalgadas na cidade de Oriente (Figura 42), geralmente costumam ser momentos para rememorar a relevância histórica da Fazenda Paredão, sendo momento onde alguns participantes vestem camisetas com o nome da fazenda, que possui importância histórica para a população local.

Durante a cavalgada também participam grupos específicos pertencentes a diferentes comitativas que partem de fazendas, levando a mesma vestimenta, muitas vezes com algum slogan da comitativa na camisa.

**Figura 42** – Cavalgadas na cidade de Oriente/SP.



(Fonte: Imagens de Cavalgadas que ocorreram durante as duas primeiras décadas do século XXI - Acervo do Autor - FCT- UNESP, 2017).

Participam das cavalgas homens e mulheres de diferentes bairros, de áreas rurais e urbanas, também incluem pessoas de outras cidades da região, juntam-se à cavalgada prestigiando o momento de lazer e entretenimento, onde todos reunidos desenvolvem formas de sociabilidade coletiva e se identificam por partilharem da mesma prática e por compreenderem identidades semelhantes.

Existem diversidades entre as juventudes rurais nas pequenas cidades estudadas, alguns jovens preferem continuar residindo na área rural, outros preferem sair em busca de oportunidades e novas experiências em grandes cidades.

Eu não pretendo sair do município, e pretendo continuar morando no sítio com meus pais, eu gosto da vida tranquila que levo aqui, mas meus irmãos já se mudaram para a cidade grande faz tempo, esses vêm aqui apenas passear [Entrevista realizada em Novembro de 2018 – Fernanda<sup>54</sup>, 24 anos – Moradora da Zona Rural de Oriente].

São variados fatores que levam os jovens a permanecerem no campo, entre eles destaca-se a preocupação com o lar da família. Alguns jovens preocupam-se com o futuro

<sup>54</sup> Fernanda: 24 anos, moradora da Zona Rural de Oriente. Possui Ensino Médio Completo. Estado Civil: Solteira, possui renda familiar de dois salários mínimos. Entrevista realizada na biblioteca pública de Oriente.

daquilo que foi construído pelos pais. Outro fator seria o conforto que é proporcionado pela pessoalidade, onde a vizinhança se conhece, mantendo uma sensação de segurança.

Segundo Kuhn (2014), a saída dos/as jovens do campo traz consequências para a reprodução das unidades familiares de produção. Pesa sobre os projetos de futuro dos jovens rurais, os projetos da própria família, cuja questão da sucessão na propriedade deve ser colocada em pauta. De acordo com Castro (2005), a ação de “ficar” ou “sair” dos espaços rurais envolve múltiplas questões, assim a categoria jovem é construída e seus significados disputados.

Segundo Castro (2005), a “saída” dos jovens do meio rural possui motivações diferenciadas e varia de acordo com processos de socialização no meio rural no qual estão inseridos os jovens e envolve questões de afeto entre os mais diversos arranjos dos filhos com o lote rural, ou fazenda, e com a família, também envolvendo principalmente a questão a partir de gêneros. Assim, as meninas possuem papel de contribuir no lar e os meninos de contribuir na roça. Aos meninos, normalmente, se atribui o papel de sucessores e às meninas se vislumbra o casamento e o emprego urbano.

De acordo com Castro (2005), as juventudes rurais precisam de incentivos do poder público, contribuindo com as famílias, com propostas de políticas públicas que busquem resgatar os processos de socialização que geraram os “laços com a terra”.

Segundo Castro (2005), a imagem da construção de uma juventude desinteressada pelas vivências nos espaços rurais contribui para a invisibilidade da categoria como formadora de identidades sociais. É necessário ressaltar que a juventude rural deve ser observada a partir das características singulares, objetivando compreender as demandas sociais dos jovens no campo.

Segundo Brumer (2006), na contemporaneidade, a continuidade na reprodução das famílias rurais sobre a mesma propriedade tem diminuído, através da tendência migratória de jovens decepcionados com a atividade agrícola e que não querem repetir a trajetória de seus pais, destacando também os problemas da exclusão de parte dos filhos, no processo sucessório dos estabelecimentos agrícolas familiares. Também se destaca que no campo existe grande incertezas de rentabilidade, assim muitos jovens acabam buscando oportunidades de renda fora do meio rural.

Podemos destacar que a construção de identidades entre os jovens nos espaços rurais, está vinculada com a construção de “laços com a terra”, mesmo aqueles que saem das áreas rurais, migrando para as cidades, recordam-se com boas lembranças da calma e do labor do campo.

Pode-se concluir que observar as pequenas cidades necessariamente implica em examinar o entorno rural e as ruralidades existentes, pois os espaços rurais possuem importância histórica.

Evidenciamos que não há como observar as pequenas cidades sem nos referir as diversas influências que os espaços rurais exercem entorno da economia, da cultura, da política e em todo o contexto social local.

Devemos também relatar, que as conversas entre os vizinhos nas calçadas durante o cotidiano, o lazer e as brincadeiras das crianças que habitualmente ocorrem nas ruas, ou mesmo as relações das populações locais nessas pequenas cidades com as praças centrais e as festas tradicionais, denotam peculiaridades que são próprias das áreas rurais e se transmitem como traços específicos da cultura rural nos espaços urbanos.

Nessas pequenas cidades estudadas, é possível observar características propriamente urbanas, como veículos modernos, acesso aos aparelhos de telefonia móvel, acesso à internet, que possibilita a conexão global dos habitantes desses municípios com os conteúdos digitais, conforme já ressaltamos no decorrer deste estudo. Combinadas aos diversos traços específicos da cultura rural.

Dessa maneira, as cidades pequenas são caracterizadas através das interações entre urbano e rural, assim possuem suas dimensões lentamente modificadas, sendo metamorfoseadas, a partir das dinâmicas que interligam de maneira delongada e gradual o local com as influências regionais, nacionais e globais.

A cultura e as tradições rurais na cidade são presentes em diversos aspectos da vida cotidiana local, nas relações comunitárias, na religiosidade da população e nos costumes e valores dos habitantes. As manifestações das heranças da cultura rural, são observadas principalmente nos rodeios, nas cavalgadas, e nas diversas festas populares, que muitas vezes possuem relações com a cultura sertaneja.

Destaca-se, por fim, que os espaços rurais também são muito utilizados na atualidade como espaços para recreação, com o desenvolvimento da urbanização a população urbana busca cada vez mais, durante os feriados e finais de semana, os espaços rurais e a natureza para o descanso e lazer. Demonstrando assim, a relevância de observarmos as relações entre o urbano e o rural.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo sobre as práticas espaciais que produzem diferentes formas e conteúdos em cidades pequenas e que ocorrem pelas ações de juventudes de diferentes gerações, verificamos exposições sobre as informações particulares das cidades estudadas (Oriente e Pompeia), observando singularidades em espaços com relevância histórica, bem como identificamos as territorialidades juvenis nos espaços públicos dessas cidades.

Neste trabalho explicamos como os procedimentos de pesquisa podem colaborar no desenvolvimento das investigações, destacando a importância das entrevistas e da observação participante, bem como expomos a relevância da pesquisa documental. Neste estudo, também evidenciamos a conceitualização de cidades pequenas e expusemos questões relevantes sobre a sociabilidade em pequenas cidades, além de destacarmos as características da juventude rural, diante das relações campo-cidade nesse contexto.

No decorrer dos capítulos deste trabalho, foram expostas informações sobre teoria e metodologia, facilitando a compreensão e o entendimento sobre como foram desenvolvidos os procedimentos de pesquisa, além de expor o quadro teórico e conceitual. Explicamos também como ocorreram as etapas de pesquisa documental e também como foram fundamentais os trabalhos de campo, envolvendo o diário de campo, que contribuíram para o desenvolvimento dos procedimentos de entrevistas e análises de pesquisa.

No desenvolvimento deste trabalho também foi possível verificar lugares que fizeram e fazem parte do cotidiano banal dos(as) jovens de Pompeia e Oriente, em diferentes décadas, explicando as mudanças e as permanências ao longo do tempo, nas práticas e nos tempos da sociabilidade.

Também demonstramos os eventos que marcam atualmente o calendário festivo das cidades, destacamos os bailes que são tradicionais e aqueles eventos de maior amplitude, que possuem caráter democrático e contam com a participação de grande parte a sociedade local. Assim, destacamos também a relevância da Festa do Peão de Boiadeiro e das Festas Juninas.

Demonstramos que em Oriente, os espaços públicos principais estão nas proximidades da área central delimitada em produtos cartográficos neste trabalho. Destacamos também quais são os principais pontos de encontro das juventudes e quais práticas ocorrem sobre estes espaços, para os períodos históricos analisados.

Também destacamos a centralidade da Praça da Matriz na cidade de Pompeia, que conta com a participação de jovens de diferentes bairros, com grande relevância histórica e destacamos a praça do Bairro J.K, a quadra esportiva na Rua André Menini e a quadra do

Jardim Guimarães como espaços públicos que atraem jovens das proximidades e dos próprios bairros. Com isto, revelamos diferenciações entre espaços públicos centrais e espaços públicos próprios de bairros não centrais, demonstrando o quanto as praças de bairros e quadras esportivas são relevantes para os(as) jovens, destacando que existem diferentes práticas nos diferentes espaços.

Neste estudo são expostas questões importantes sobre a centralidade nas pequenas cidades, destacamos a relevância da Praça Matriz em Pompeia e Oriente, demonstrando também as dimensões da forma monocêntrica, sendo essa fundamental característica urbana em ambas as cidades.

Este estudo revelou a existência de segmentação da frequência de grupos juvenis em espaços públicos, a partir de questões de renda, faixa etária, horário e identidade. No decorrer do trabalho, foi demonstrado que, atualmente, alguns jovens que já estão na maioridade e possuem renda, passam a frequentar as noites de Marília aos finais de semana, com certa assiduidade. Enquanto, outros grupos de jovens que ainda são menores de idade, e que geralmente não possuem muita renda, permanecem na Praça Matriz nas pequenas cidades ou permanecem utilizando outros espaços públicos nas cidades pequenas como importantes pontos de encontro entre amigos.

Assim, neste estudo também é evidenciado o aumento do movimento pendular entre os jovens das pequenas cidades nas últimas décadas, as pessoas entrevistadas nessa pesquisa, citam constantemente o aumento da frequência à Marília, que no período histórico estudado viu ser reforçada sua posição de centralidade na rede urbana regional, pela chegada de novos empreendimentos comerciais, franquias e shopping centers, além de ter conhecido uma diversificação e sofisticação na oferta de vida noturna, como demonstrou o trabalho de Ramos (2017).

Também foi possível observar no decorrer do trabalho a exposição de análises demográficas sobre as cidades estudadas, demonstrando a evolução do contingente populacional em Pompeia, motivada pelo crescimento de indústrias locais e a decadência populacional em Oriente, pela ampliação do êxodo rural e da migração populacional para outros centros urbanos.

Evidenciamos as práticas de sociabilidade autônomas, quando os jovens exercitam culturas juvenis próprias, sem a presença ou controle de adultos, e também evidenciamos práticas de sociabilidade heterônomas, em momentos relatados onde os jovens exercitam a sociabilidade em espaços e tempos programados por adultos e/ou por estratégias comerciais.

O que trazemos aqui é uma discussão sobre as relações entre as práticas espaciais e as culturas juvenis que impulsionam influências sobre a produção do espaço urbano. Ao investigar as práticas dos jovens, foi possível contribuir para a compreensão sobre o contexto em que se desenvolvem as experiências juvenis nas pequenas cidades. Observando as diferentes juventudes também foi possível explicitar questões relevantes sobre as tensões entre as juventudes e as microterritorialidades.

As observações sobre as cidades pequenas e seus espaços públicos, levando em consideração as formas de sociabilidade juvenil ao longo do tempo nos possibilitaram desenvolver análises contextualizando a história das cidades de Oriente e Pompeia. Em seguida, realizamos um debate entorno do conceito de juventude, relacionando questões sobre identidades culturais e a territorialidade juvenil. Desse modo, passamos a contextualizar a história das cidades com as temporalidades de diferentes gerações, assim também apresentamos definições através de produtos cartográficos, sobre a centralidade das praças em cidades pequenas em diferentes tempos. Observando diferentes gerações conseguimos expor como ocorreram as mudanças e como ocorrem as permanências nas práticas dos jovens, analisando as práticas do passado e as transformações do presente. Expomos as diferenças entre as práticas espaciais dos jovens da atualidade, possibilitando comparações perante as juventudes do passado.

Destacamos que ocorreram mudanças entre as juventudes do passado e as juventudes da atualidade, a origem dos pais da família possui características diferentes, para as gerações do passado a origem da família era em grande parte rural, já para as juventudes do presente, a origem da família é em grande parte urbana. Esse aspecto é observado em Pompeia e também em Oriente. Outro aspecto de mudança que observamos, é o horário limite para voltar à residência, as juventudes do passado quando frequentavam festas, voltavam mais cedo para as suas casas, já as juventudes da atualidade, geralmente passam as madrugadas em festas e momentos de diversões, retornando para suas residências bem mais tarde. Essas mudanças de hábitos quanto aos horários para estar entre amigos realizando momentos de diversão, começaram a serem ressaltadas no fim dos anos 90, tornando-se mais frequentes após os anos 2000. Esse aspecto também é observado em Pompeia e em Oriente.

O nível de consumo das juventudes nessas pequenas cidades também foi modificado com o passar dos anos, as entrevistas revelam que o consumo juvenil da atualidade é diferente do passado, sendo mais intenso nos dias atuais. Outro aspecto que também mudou é o estilo das festas, que no passado, durante a década de 80, eram chamadas de “brincadeiras dançantes” e na atualidade são reconhecidas como baladas. As “brincadeiras” e as baladas são

completamente diferentes, sendo festas que possuem conteúdos e relações distintas, bem como foi demonstrado no decorrer deste estudo.

Um outro aspecto de mudança é o aumento do movimento pendular das juventudes de cidades pequenas em direção a cidade média mais próxima. Intensificou-se a frequência de jovens, sobretudo, que já são maiores de idade e possuem meios de transporte privados, na cidade de Marília, em busca de ampliar as possibilidades de consumo e de aumentar suas redes de sociabilidade nos momentos de tempo livre e diversão.

Os gostos musicais e os estilos também se modificaram com o passar dos anos, as referências de moda são diferentes quando comparamos as juventudes do passado, com as juventudes do presente.

Assim, destacamos que as sociedades em cidades pequenas passam por diversas mudanças. Contudo, o espaço urbano local sobre o qual essas sociedades vivenciam seus cotidianos, modifica-se lentamente com o decorrer das décadas. Desse modo, evidenciamos que muitos dos espaços públicos os quais são frequentados pelas diferentes juventudes, são os mesmos, e possuem as mesmas dimensões, possuindo a mesma estrutura em diferentes décadas, é preciso realçar que as mesmas formas urbanas presentes nos anos 80, ainda permanecem até os dias atuais nas cidades pequenas.

No caso de Pompeia, mudaram também alguns espaços de frequência das juventudes. No passado as juventudes frequentavam a Praça da Cerejeira por exemplo, e com o passar das décadas, essa prática foi deixando de ser uma prioridade entre os/as jovens. Surgiram também novos espaços, como a quadra esportiva no Jardim Guimarães, que se tornaram espaços amplamente frequentados pelas juventudes.

Contudo, existem também permanências entre alguns espaços de frequência das juventudes em diferentes tempos, como a praça central nas pequenas cidades por exemplo, diferentes gerações frequentaram e ainda frequentam até os dias atuais as praças centrais. As praças são espaços que permanecem nas práticas espaciais juvenis. Apesar das práticas, daquilo que se faz na praça, terem mudado com o passar dos anos. Na atualidade existe maior presença de carros com som automotivo no entorno das praças, também a constante presença de aparelhos celulares utilizados pelas juventudes nos momentos de lazer nas praças, no passado não haviam essas características nas práticas juvenis, as preferências das juventudes eram diferentes, como demonstramos no decorrer deste estudo. É preciso destacar que a presença dos(as) jovens nas praças centrais em pequenas cidades, era maior no passado, na atualidade ocorre a presença juvenil em menor proporção, decorrendo de maneira pontual ou

eventual, e condicionada à possíveis segmentações de frequência entre os diversos grupos juvenis.

Destaca-se que em Oriente, ainda permanece entre as juventudes a prática de sair para comer lanches aos finais de semana, após a missa na Igreja Matriz da cidade, sendo essa uma prática juvenil em diferentes tempos na história da cidade. Essa prática também é verificada entre as junventudes de Pompeia, contudo essa prática retém maior adesão na cidade de Oriente, de acordo com as possibilidades de lazer e diversão.

Em Oriente, evidenciamos o “Campo da Fazenda”, como um espaço que permanece desde o passado, até os dias atuais, como ponto de encontro para as juventudes da cidade, lugar é utilizado por jovens de diferentes idades em momentos de lazer.

Destaca-se que na cidade de Oriente, a praça central é pouco utilizada pelas juventudes nos dias atuais, quando comparamos ao passado, entretanto de maneira moderada ainda existe a presença de jovens na praça. No caso de Pompeia, também houve diminuição da presença juvenil sobre a praça central. Mas, ainda é possível verificar a presença de alguns grupos juvenis na praça central durante o cotidiano e nos fins de semana. Esse processo de esvaziamento está relacionado ao surgimento de segmentações da frequência juvenil sobre a praça central, como já destacamos no decorrer desse estudo.

É preciso destacar que os carnavais na cidade de Oriente eram observados como festas importantes pelas gerações do passado e movimentavam de maneira intensa o circuito juvenil local. Contudo, nos dias atuais não ocorrem mais festas de carnavais com grande relevância na cidade, como já destacamos no decorrer deste estudo, por diversos motivos que já foram apresentados. Grande parte das juventudes da atualidade passaram a frequentar festas de carnaval em outras cidades próximas.

Concluimos que foram expostas fundamentais considerações sobre as práticas espaciais e a sociabilidade juvenil no passado, observando questões geracionais e culturais, evidenciando as diferentes gerações de jovens e as formas de sociabilidade. Para tanto, desenvolvemos estudos entorno das práticas espaciais das gerações de jovens durante as décadas de 1980 e 1990, nas cidades de Pompeia e Oriente. Para ampliar a compreensão sobre o contexto local em ambas as cidades, passamos também a identificar as dimensões da polarização de Marília e a relevância da cidade média na região.

Explicamos questões relevantes sobre as práticas espaciais juvenis dos dias atuais nos espaços públicos, destacando a relevância dos espaços públicos em cidades pequenas no interior paulista, relacionando a juventude da atualidade e as mudanças nas práticas espaciais dos jovens durante o período de 2000 a 2020 em ambas as cidades estudadas.

Com as diferentes observações geracionais, foi possível verificar continuidades e descontinuidades, entre os diferentes grupos juvenis em diferentes décadas nas cidades pequenas (Oriente e Pompeia). Dessa maneira, podemos observar as mudanças entre as práticas juvenis nas pequenas cidades, observando da sociabilidade vigiada à sociabilidade digital. Assim, é possível analisar a sociabilidade vigiada por adultos, sendo construída também através das “marcas”, como alerta Caniello (2003), e a sociabilidade digital, sendo um dado da modernidade, como explica Bauman (2010).

É preciso destacar, que através dos conteúdos apresentados neste trabalho, aventamos a hipótese de que nas cidades pequenas estudadas, as transformações no espaço urbano são mais lentas. Enquanto nas sociedades locais, as transformações ocorrem de maneira mais rápida, pois as populações das pequenas cidades também estão conectadas às referências da globalização, através da internet, da arte, da música, da moda, do consumo, das novas tecnologias e dos meios de comunicação em geral. Por sua vez, as juventudes em pequenas cidades desenvolvem práticas que surgem como reflexos das influências de referências globalizadas. Assim, evidenciamos que se encaixam na dinâmica das cidades pequenas, a evolução de uma sociedade globalizada combinada com um espaço urbano que passa de maneira desacelerada por transformações ao longo dos anos. As limitações de um espaço urbano que passa lentamente por transformações, condicionam também os sujeitos que sobrevivem sobre o urbano nessas pequenas cidades. Contudo, destaca-se que os sujeitos e o conjunto da sociedade também atuam sobre o urbano e de maneira dialética também exercem influência sobre o espaço que está ali sendo cotidianamente produzido em sua materialidade e imaterialidade.

As cidades pequenas são constituídas através da ocorrência simultânea de aspectos avançados que chegam à população, relacionados ao acesso às referências culturais que são difundidas através da globalização e do consumo, concomitantemente com processos atrasados de transformações urbanas. Essa ocorrência simultânea é característica das cidades pequenas e possibilita a coexistência de uma sociedade de mudanças fugazes, com um espaço urbano pouco transformado ao longo das décadas. Os ritmos de transformações mais lentos do espaço urbano nas pequenas cidades, perduram de maneira circunjacente com os avanços das populações locais.

Destaca-se que neste estudo analisamos os espaços públicos, onde acontece o encontro das diferentes juventudes, sendo lugares que permitem a coletividade e as relações entre os diferentes sujeitos. Os espaços públicos também são utilizados pela população em geral nos momentos de lazer e tempo livre. O lazer é uma necessidade e também um direito, o lazer

ocorre preponderantemente entre os jovens no tempo que sobra do horário de trabalho, de estudo ou do cumprimento de obrigações. O lazer ocorre em momentos proveitosos para o exercício de atividades prazerosas. A Constituição Federal Brasileira de 1988, no Título II, Capítulo II, artigo 6º o estabelece como um direito social. Segundo Corneli (2013), dessa forma, é dever do poder público a criação e a manutenção de espaços, para que todas as camadas sociais, independente de renda, possam usufruir desse direito. De acordo com Corneli (2013), o lazer nos espaços públicos é fundamental para qualificar o bem-estar da população. Existe a necessidade constante nas cidades brasileiras, do poder público construir espaços mais propositivos e a necessidade de eles apresentarem atrativos e condições de uso adequadas aos interesses e expectativas da população.

No que tange a questão do lazer, o grau de acessibilidade dos espaços públicos exerce condição de influência perante a frequência dos indivíduos, quanto maior o grau de acessibilidade dos espaços públicos, maiores tendem a ser as frequências dos habitantes da cidade, destacando que naqueles espaços onde não existem amplas formas de acessibilidade, as frequências são muito menores. A capacidade de uso coletivo é característica *sine qua non*, perante a função dos espaços públicos, uma vez que a funcionalidade de atender as práticas e os usos coletivos compõe a própria natureza dos espaços públicos. Os espaços públicos devem ser construídos envolvendo a participação popular, buscando atender a demandas da população, visando gerar praças públicas destinadas a múltiplas funções, também vinculando as agendas de segurança e saúde pública ao cotidiano dos espaços públicos.

Por fim, destacamos também nesse estudo, as relações da juventude rural e a convivência com o urbano, explicando as dificuldades e a diminuição no acesso aos espaços públicos da cidade, por parte dos jovens do campo, devido a questões relacionadas às distâncias e às mudanças nas práticas, bem como através das modificações nas perspectivas juvenis perante a sociedade moderna. Assim, concluímos explicando fatores relevantes entorno da vivência dos jovens em cidades pequenas e evidenciando também as formas de lazer noturno, focalizando as práticas entorno das festas típicas, que são tradicionais em cidades pequenas.

Destaca-se que essa pesquisa pode contribuir oferecendo informações significativas para os gestores públicos locais dessas pequenas cidades, contribuindo como referência para a implementação de projetos e políticas públicas, através da formalização de parcerias entre as esferas de governo municipal, estadual e federal, com a participação da população, de jovens e de outros diversos grupos, como organizações não governamentais e as demais lideranças políticas locais ou regionais.

Este estudo também espera ter contribuído com a reconstrução de parte da memória e da história local de Oriente e Pompeia, pois apresenta diversas informações históricas das cidades estudadas, e revela fatos históricos das juventudes dos anos 80 e 90, também descreve as práticas das juventudes da atualidade (2000-2020), demonstrando as características urbanas e demográficas dessas cidades em diferentes tempos. Este estudo também buscou realizar a exposição de informações da memória local que é patrimônio da história das cidades pequenas analisadas, sendo um trabalho que demonstra diversas informações históricas, expõe informações inéditas sobre as juventudes nas primeiras décadas do século XXI e possibilita a todas as pessoas que realizarem a leitura, conhecer informações importantes sobre as cidades estudadas.

Evidenciamos que este estudo possui compromisso com a elaboração das formas de investigação e análises dos espaços públicos, gerando a possibilidade dos(as) leitores(as) conhecerem perspectivas de análise das praças e dos diferentes espaços urbanos das pequenas cidades estudadas. O conteúdo desta pesquisa pode oferecer aos gestores públicos, informações sobre os anseios da população jovem e, ao mesmo tempo, explicitar a necessidade do poder público investir na criação de espaços públicos propositivos. Ao analisarmos as informações levantadas pela pesquisa, podemos verificar a autenticidade e importância dos estudos sobre juventudes, com o propósito de colaborar na compreensão das formas de sociabilidade juvenil. Tendo em vista contribuir com a compreensão da dinâmica que ocorre nos espaços públicos dessas pequenas cidades e com possíveis formas de superação das problemáticas de alguns espaços públicos e das dificuldades das juventudes diagnosticadas em nossos estudos.

Todos estes elementos em conjunto colaboraram na elaboração da pesquisa, que identifica a juventude como categoria social, destacando que a juventude não pode ser definida a partir de contornos rígidos, visto que os jovens compõem um universo imensamente diversificado, com situações específicas, envolvendo expressões de territorialidades que estão articuladas à sociabilidade nos momentos de tempo livre e que estes universos de sociabilidade, mesmo nas cidades pequenas são imensamente variados e dinâmicos, de modo que se transformam com o tempo, ainda que as mudanças na cidade tenham sido menos intensas.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In H. W. Abramo & P. P. M. Branco (Orgs.), **Retratos da juventude brasileira** (pp. 37-72). São Paulo: Fundação Perseu Abramo; 2008.

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5 e 6, p. 25 – 36, mai/dez, 1997.

AMORIM FILHO, O. B.; RIGOTTI, J. I. R.; CAMPOS, J. Os níveis hierárquicos das cidades médias de Minas Gerais. **Revista Raega**, n.13, p. 7-18, 2007.

ANDRADE, Xavier. Homosocialidad, disciplina y venganza. En **Masculinidades en Ecuador**, Andrade X. y Herrera Gioconda, eds. Quito: Flacso-Unfpa. 2001. p. 115-138.

ARQUIVO DA CIDADE; **Documento Histórico**; Revista de Pompeia, 17.09.1958 – Edição do Jornal “A ÉPOCA”; 1958. Acesso em Dezembro de 2017.

ARQUIVO DA CIDADE; **Documento Histórico**; Edições do Jornal “A ÉPOCA”; Edições da década de 70, 80, 90 e dos anos 2000 à 2010. Acesso em Dezembro de 2017.

ARQUIVO DA CIDADE; **Documento Histórico**, Arquivos Históricos da Câmara Municipal de Pompeia; Volume II - Arquivos de Notícias Gerais; 2015. Acesso em Novembro de 2016.

ALVIM, Rosline; GOUVEIA, Patrícia. **Juventude anos 90**. RJ: Gestão Comunitária, 2000.

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de. O esporte como matriz da sociabilidade espontânea: um olhar pelo referencial habermasiano. **Revista da ALESDE**. Curitiba, v.1, n.1, p.100-110, 2011.

ALONSO, L. E. **La era del consumo**. Madrid: Siglo XXI, 2006.

BARCELLOS, Jorge Alberto Soares. Territórios do cotidiano: introdução a uma abordagem teórica contemporânea. In: MESQUITA, Zilá; BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Territórios do cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências**. Porto Alegre / Santa Cruz do Sul: Ed. UFRGS / Ed. UNISC, 1995. p. 40- 48.

BARRAL, G. L. L. Espaços de lazer e culturas jovens em Brasília: o caso dos bares. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v.12, n.4, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 92 p.

BAUMAN, Z. “**Between us, the generations**”, in J. Larrosa (ed), *On generations. On coexistence between generations, Europe*, Barcelona: Fundació Viure i Conviure, pp. 365-376, Spanish, 2007.

BACHELARD, Gaston. **A Dialética da Duração**. São Paulo: Ática, 1988.

BERNARDELLI, M. L. F. H. **Pequenas cidades na região de Catanduva – SP: papéis urbanos, reprodução social e produção de moradias.** 347f. Tese (Doutorado em Geografia) – FCT/ UNESP, Presidente Prudente. 2004.

BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais.** 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1994.

BONI, Valdete. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC.** Florianópolis, Vol. 2 nº 1 (3), janeiro, p. 68-80, 2005.

BORREGO, B.; MARIA, L.; MAIA, P. **Uma lacuna na história: movimentos de oposição ao regime militar nas cidades de Aparecida e Lorena.** 2. ed. Taubaté, SP: Papel Brasil, 2000.

BOURDIEU, Pierre. A “Juventude” é apenas uma palavra. In: **Questões de Sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRUMER, Anita. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: **VII CONGRESSO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGÍA RURAL;** Quito (Equador). Anales, 2006.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade.** Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra; 1999.

CASTRO, Elisa Guaraná de. **Entre Ficar e Sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural.** Tese de Doutorado em Antropologia Social, Rio de Janeiro: PPGAS/MN/UFRJ, 2005.

CALDEIRA, J. M. **A praça brasileira: trajetória de espaço urbano – origem e modernidade.** 2007. 434 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas,** Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2001. p. 10-50.

CARRANO, Paulo. Jovens, Escolas e Cidades: Desafios à autonomia e à convivência. UERJ; **Revista Teias,** v. 12 • n. 26 • 07-22 • set./dez; Rio de Janeiro, 2011.

CARNEIRO, Edison. **Festas tradicionais.** Rio de Janeiro, Conquista, 1974.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole: fragmentação da vida cotidiana.** São Paulo: Contexto, 2001.

CARLOS, A. F. A. A questão da cidade e do campo: teorias e política. **Mercator.** Fortaleza: UFC, 2004.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2001.

CANIELLO, Márcio. O Ethos Sanjoanense: tradição e mudança em uma cidade pequena. **Mana,** Rio de Janeiro, v. 9, nº 1, p. 31-56, 2003.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Jovens Escolares e a Cidade: concepções e práticas espaciais urbanas cotidianas. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n.35, Volume Especial, p. 74-86, 2013.

CHIANCA, Luciana de Oliveira. **Quando o campo está na cidade**: migração, identidade e festa. Sociedade e Cultura: Revista de Ciências Sociais. Goiânia, V.10, n.001, p.45-59, jan/jun, 2007.

CHIAVENATO, Júlio José. **O Golpe de 64 e a Ditadura Militar**. São Paulo: Editora Moderna, 2001.

CICOUREL, A.. Teoria e método em pesquisa de campo. In: GUIMARÃES, A. Z. (org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980. p. 87-121.

CAPEL, Horácio. Las pequeñas ciudades en la urbanización generalizada y ante la crisis global. Investigaciones Geográficas – **Boletín del Instituto de Geografía**, n.70, 2009, p.7-32.

CORNELI, Vanessa M. **A praça no contexto de pequenas cidades da microrregião de Campo Mourão-PR**. 2013. 309 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Programa de Pósgraduação em Geografia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013. Disponível em: <<http://sites.uem.br/pge/documentos-para-publicacao/teses/teses-2013-pdfs/VanessaMedeirosCorneli.pdf>>. Acesso em: 02 Dezembro. 2017.

CORRÊA, R. L. **A rede urbana**. São Paulo: Ática, 1994.

CORRÊA, R. L. As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural. **Geosp**. São Paulo, n. 30, p. 5-12, 2011.

CORRÊA, R.L. Diferenciação sócio-espacial, escala e práticas espaciais. **Cidades**, v. 4, n.6, p. 61-72, Ano Letivo, 2007.

CORRÊA, R. L. Rede urbana: reflexões, hipótese e questionamentos sobre um tema negligenciado. **Cidades**. Vol. 1, n. 1. Presidente Prudente: Grupo de Estudos Urbanos, 2004. p.65-78.

CORRÊA, Roberto L. Globalização e reestruturação da rede urbana: uma nota sobre pequenas cidades. **Território/Lajet**, Rio de Janeiro, n. 6, p. 43-53. jan./jun. 1999.

CORRÊA, R. L. Construindo o conceito de cidade média. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). **Cidades médias**: espaços de transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007. pp. 23-33.

COSTA, Benhur Pinós da. Microterritorialidades urbanas: análise das microapropriações espaciais de agregados sociais de indivíduos same sex oriented em Porto Alegre/RS. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da; PIRES, Cláudia Zeferino; UEDA, Vanda. (org.) **A emergência da multiterritorialidade. A ressignificação da relação do humano com o espaço**. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Canoas: Editora da ULBRA, 2008. p. 177-200.

COSTA, Benhur Pinós da. Microterritorializações e microterritorialidades urbanas. 10.5212; **TerraPlural**; v. 11, n. 1; Jun, 2017.

- CUCHE, D. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**; Belo Horizonte; UFMG, n. 24, Dezembro, 2003. P. 12-21.
- DADOS URBANOS; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Divisão Territorial do Brasil e Limites Territoriais**. São Paulo; SP; 2008. Consultado em 29 de Dezembro de 2017.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?**. Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: EDUSP, 1999.
- DE MASI, D. **A economia do ócio**. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.
- DOUTOR, Catarina. Um Olhar Sociológico Sobre os Conceitos de Juventude e de Práticas Culturais: Perspectivas e Reflexões. PP.159-174; **Última Década**. Nº45, 2016.
- D'INCAO, Maria Ângela. Modos de ser e de viver: a sociabilidade urbana. **Tempo Social - Revista de Sociologia**. São Paulo: USP, v. 4, nº 1, p. 95-109; SP, 1994.
- DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- ENDLICH, Ângela Maria. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades do Noroeste do Paraná**. UNESP; Presidente Prudente, 2006. 25-110p.
- ENDLICH, Â. **Perspectivas sobre o urbano e o rural**. In: SPOSITO, M.(Org.) 2006. Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo, Expressão Popular, 11-31, 2006.
- ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- FEIXA, Carles. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, vol. 25, no. 2, p. 185 – 2004, maio/agos. 2010.
- FEIXA, Carles. **De Jóvenes, bandas y tribus**. Antropología de la juventud. Barcelona, Ariel, 2006.
- FEIXA, C; LECCARDI, Carmen. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Rev. Sociedade e Estado**. Campus Universitário Darcy Ribeiro, DF; Maio, 2010.
- FERNANDES, Pedro Henrique Carnevalli. A vida social e a sociabilidade na pequena cidade de Novas Tebas (PR). V.11; N. 01; **Geografia em Questão**; 2178-0234; 2018.
- FERREIRA, E. **A segregação socioespacial no município de Paraguaçu Paulista – SP: da favela ao conjunto habitacional**. Monografia (Bacharelado em Geografia) – FCT/UNESP, Presidente Prudente. 2006.
- FERREIRA, Y. N.; PANTALEAO, S. C. Pequenas cidades paranaenses, transitoriedade e redefinições espaciais: 1940-2000. **Geoingá, Maringá**, v. 1, n. 1, p. 29-48, 2009.
- FERREIRA, L. F. O lugar festivo - A festa como essência espaço-temporal do lugar. In **Espaço e Cultura** - Nº 15 - RJ: UERJ; NEPEC, Junho, 2003.

- FERRARI, Celson. **Dicionário de urbanismo**. São Paulo: Disal, 2004.
- FRESCA, Tânia Maria. **A dinâmica funcional da rede urbana do Oeste Paulista**: estudo de casos, Osvaldo Cruz e Inúbia Paulista. 1990. 282 f. Dissertação (Mestrado), UFSC, Florianópolis, 1990.
- FIORI, José Luis. **O Brasil e seu “entorno estratégico” na primeira década do século XXI**. In: SADER, Emir. 10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil. São Paulo; Boitempo, 2013.
- FLEURY, P. F. **Ferrovias brasileiras – Dez anos de privatização**. Instituto de Logística e Supply Chain; ILOS; São Paulo, 2007.
- FOOTE-WHYTE, W. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, A. Z. (org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980. p. 77-86.
- FOUCAULT, Michel. **Des espaces autres - Hétérotopies**. Paris, França; (Texto disponível online); Gallimard, 1967.
- GAGLIARDI, Claudia. **Reminiscências**. Pompeia- SP; Ed. Cly-Impress; 1996.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GEERTZ, Clifford. (1978), "**Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura**". In A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Zahar, pp. 13-41.
- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo; UNESP, 1991.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2002.
- GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole**: o que a globalização está fazendo de nós. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- GOMES, Paulo. Espaços Públicos: um modo de ser do espaço, um modo de ser no espaço. In: CASTRO, I. E. de.; GOMES, P. C. da. C.; CÔRREA, R. L. (org.). **Olhares geográficos**: modos de ver e viver o espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 19-37.
- GOMES, M. T. S. Dinâmica econômica e cidades médias: uma análise sobre a cidade de Uberaba na região do Triângulo Mineiro. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v. 19, n. 3, p. 516-534, ISSN 2179-0892, Edição Online, 2016.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar - como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 1997.
- GÓES, Eda Maria. Cotidiano, consumo e vida urbana em cidades médias brasileiras. **Confins**, Outubro, 2016.
- GUATTARI, Félix. Espaço e poder: a criação de territórios na cidade. **Espaço & Debates**, São Paulo, ano V, n. 16, 1985.
- GUATTARI Félix; RONILK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 10ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre, Setembro de 2004. Disponível em <<http://w3.msh.univse2.fr/cdp/documents/CONFERENCE Rogério Haesbaert. pdf>>. Acesso em 22 de Dezembro de 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós – modernidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro; 11. In: **Edição Especial Cultural**. Ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HABERMAS, Jürgen. Direito e Democracia: entre a facticidade e validade. Rio de Janeiro: **Tempo Brasileiro**, v. II; 1997.

HOBSBAWM, Eric. **História Social do Jazz**. Ed Paz e Terra; São Paulo; Tradução: *Luís Fernando Veríssimo*; Edição 2º; 2011.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. Compartilhamento e microterritorialidades do espaço social metropolitano. **Cidades**, Presidente Prudente, v. 10, n. 17, pp. 76-106, 2013.

ÍNDICE Paulista de Responsabilidade Social (IPRS). **Região Administrativa de Marília**; 2006. Acessado nos dias 04-07-2016 e 10-03-2017.

ITO, Mizuko. **Mobile Phones, Japanese Youth, and the Re-Placement of Social Contact**. Artigo apresentado no Front Stage – Back Stage: Mobile Communication and the Renegotiation of the Public Sphere, Grimstad, Noruega, 2003. Disponível em: <[www.itofisher.com/mito/](http://www.itofisher.com/mito/)> Acesso em: 18 abr. 2007.

JURADO DA SILVA, SPOSITO, E. S. **Pequenas cidades da região de Presidente Prudente: produção do espaço e redefinições regionais**. Geografia em Atos, Presidente Prudente: Departamento de Geografia, v. 1, n. 7, p. 1-15, 2007. Disponível em: <<http://www4.fct.unesp.br/revistas/geografiaematos/n7v2.php>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

KARNAL, Leandro. **A escrita da Memória**. Editora Cultural Banco Santo; Campinas, SP; 2004.

KENDE, Pierre. **L'abondance est-elle possible? Essai sur les limites de l'économie**. Première édition; 1971.

KLIKSBERG, B. **Capital Social, Cultura e Desenvolvimento**. [S.l.]: Unesco, Cortez Editora, 2002.

KUHN, Claudete. **Juventude rural de Laranjeiras do Sul: espaços de lazer, sociabilidade e territorialização**. Dissertação (Mestrado em Geografia – Área de concentração: Dinâmica dos Espaços Rurais e Urbanos) – Programa de Pós Graduação em Geografia – UNICENTRO, Guarapuava, Paraná. 2014.

LARA, Paulo Corrêa de. **Marília, Sua Terra, Sua Gente**. Marília, São Paulo: Iguatemy de Comunicações Ltda., 1991. 254p.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. 1ª ed. São Paulo: Moraes, 1991. (p. 03-109).

LEITE, José Ferrari. **A Alta Sorocabana e o espaço polarizado de Presidente Prudente**. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente. São Paulo, 1972, pg. 119.

- LEITE, R. P. **Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea**. Programa Editorial Vinculado à Campinas/SP: UNICAMP; Aracajú, Brasil, 2004.
- LIMA, M. G. **Espaços de Lazer e Territórios juvenis em Três Lagoas - MS**. (Dissertação de Mestrado), Programa de Pós-graduação; Mestrado em Geografia/CPTL/UFMS; Três Lagoas, 2018.
- LOBATO, Antonio Monteiro. **A história de Oriente**. Oriente- SP; Ed. ArquivoMunicipal, 2004.
- LUGAN, Jean-Claude. **Sociabilité et intégration dans les petites Villes: hypothèses sur une evolutions**. In: Bourgs et petites villes. Jean-Paul Laborie et Jean Renard (org.). PressesUniversitairesduMirail, Toulouse, 1997. p. 399-406.
- MADEIRA FILHO, Magno de Lara. **A festa do Peão de Boiadeiro : espaço-mercadoria, indústria cultural e consumo**. Universidade Estadual Paulista/Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Rio Claro, 2012.
- MARCUS, George. Etnografía en/del sistema mundo. El surgimiento de la etnografía multilocal; **Alteridades** [en linea] 2001, 11 (julio-diciembre): [Fecha de consulta: 14 de marzo de 2017] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=74702209>>. P. 112 – 123.
- MARCUS, G. Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial. **Revista de Antropologia**, São Paulo, n. 34, p. 197-221, 1991.
- MARCELLINO, N. C. **Lazer e sociedade: múltiplas relações**. Campinas: Alínea, 2008.
- MARGULIS, M. **La cultura de la noche**. La cultura de la noche: la vida nocturna de los jóvenes en Buenos Aires. Buenos Aires: Biblios, 1997.
- MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política, livro primeiro. O Processo de Produção do Capital**. v. 2. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- MASSEY, Doreen. **Superando a visão romântica sobre o lugar**. Entrevista revista Unissinos. (2012). Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/515130-superando-avisao-romantica-sobre-o-lugar-entrevista-com-a-geografa-doreen-barbara-massey>. Acesso: em 12 de dezembro de 2017.
- MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. p. 312.
- MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, Antônio (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000. p. 176-185.
- MARICATO, E. **Habitação e cidade**. São Paulo: Atual, 1997.
- MAGNANI, J. G. C. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo Social** (Rev. de Sociologia da USP), São Paulo, v. 17, no. 2, p. 173 – 205, Novembro, 2005.
- MAGALHÃES, Rosa. **Fazendo carnaval**. The making of carnival. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

MIYAZAKI, Vitor. **Cidades médias e pequenas**: uma leitura geográfica. (Dissertação de Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Geografia Faculdade de Ciências e Tecnologia; UNESP; Presidente Prudente – SP, 2007. p. 12-82.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo; Ed. Loyola; 1996.

MELO, Nágela Aparecida de; SOARES, Beatriz Ribeiro. **Pequena cidade, um desafio metodológico**: os instrumentos e os recursos para a pesquisa em Geografia. In: Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis, 2009. p. 395-420.

MELAZZO, Everaldo Santos. Marília: Especialização industrial e diversificação do consumo. Trajetórias de uma cidade média. In: Maria Encarnação Beltrão Sposito; Denise Elias; Beatriz Ribeiro Soares. (Org.). **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Chillán e Marília**. São Paulo: Outras Expressões, 2012, v. , p. 161-280.

MOREIRA, Ruy. Campo e cidade no Brasil contemporâneo. **Conferência no simpósio interfaces das representações urbanas em tempos de globalização**. São Paulo, SESC/SP, 2005.

MORENO, Karin Gabriel; FROIS, Marcos Rodrigues. As formas e os usos dos espaços públicos em questão: análises sobre a qualidade de diferentes espaços. **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, v. 2, n. 3, p. 27-46; (enero-marzo), ISSN: 1988-7833; 24/02; Universidad de Málaga, 2018.

MONGIN, Olivier. **A condição urbana**: A cidade na era da globalização. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

NARCISO, Carla. **Espaços público**: acção política e práticas de apropriação. Lisboa, Portugal; 2009.

NASCIMENTO, Francisca Silva do. **Os Últimos Serão dos Primeiros**: uma análise sociológica do uso do telefone celular. 2004. 133f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

OLIVEIRA, Sidnei. **Geração Y**: era das conexões: tempo dos relacionamentos. Clube de Autores, São Paulo; 2009.

ORTIZ, Renato. **Cultura e mega-sociedade mundial**. Lua Nova. São Paulo, 28/29; 1993.

ORTEGA Y GASSET, José. **A rebelião das massas**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PAIS, José Machado. As correntes teóricas da sociologia da juventude. In: **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1996.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1993.

PAULA, F. M. A.; PIRES, L. M. Os jovens e a cidade: práticas espaciais, redes de sociabilidade e constituição de territorialidades. **Caderno Prudentino de Geografia**. Presidente Prudente, volume especial, n. 35, p. 87-106, 2013.

PAULA, Flávia Maria de Assis; SANTOS, Andrea Pereira dos; CHAVEIRO, Eguimar Felício. A constituição das identidades juvenis na metrópole contemporânea: a interface entre lugares e práticas socioespaciais. In: CAVALCANTI, Lana de Souza; PIRES, Lucineide Mendes (Organizadoras). **Os jovens e suas espacialidades**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2016.

PRADO, Gustavo dos Santos. A Juventude dos anos 80 em ação: Música, Rock e Crítica aos valores modernos. Brasil. **Revista Desenredos**, ano III - número 10 - (Piauí), PUC, 2011.

PREFEITURA MUNICIPAL DE POMPEIA. **Arquivo Histórico Municipal**; Pompeia - SP - Disponível online, no link: <http://www.pompeia.sp.gov.br> – Acesso em 22-02-2017.

PEREIRA, Cláudia. Tempos de juventude: ontem e hoje, as representações do jovem na publicidade e no cinema. PUC-Rio; **Revista ALCEU** - v. 10 - n.19 - p. 5 a 15 - jul./dez. 2009.

PEREIRA, Josete Mara Stahelin. **Os espaços dos jovens nos processos de transformação do meio rural: um estudo de caso no município de Camboriú**. Florianópolis, 2001. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

PEDROSO, Luciano F. **O espaço cotidiano dos agregados sociais da praça da alfândega em Porto AlegreRS**. (2007). Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, 2007.

PIRES, C. O. M. **Os jovens na/da cidade: da cultura geográfica ao direito à cidade**. In: CAVALCANTI, J. de S.; CHAVEIRO, E. F.; PIRES, L. M. A cidade e seus jovens. Goiânia: Ed. da PUC- GO; p. 159-184, Goiás, 2015.

RAMOS, Rodrigo. Sobre espaço público e heterotopia. **Geosul**, Florianópolis, v. 24, n. 48, p 7-26, jul./dez; 2009.

RAMOS, E. C. Madureira. As culturas juvenis a partir da perspectiva socioespacial e o caso dos "rolezinhos" nos shopping centers em duas cidades médias. **Ciência Geográfica** - Bauru - XIX - Vol. XIX - (1): Janeiro/Dezembro; 2015.

RAMOS, E. C. Madureira. **Tudo Junto e Misturado, rolês e fluxos dos jovens das periferias: capital espacial construído por redes juvenis no campo da diversão e geometrias de poder na cidade**. (Tese de Doutorado), FCT/UNESP, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho; Presidente Prudente/SP, 2017.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo, Cia das Letras, 1995.

ROCHA, Everardo; ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda.. (Org.). **Comunicação, Consumo e Espaço Urbano: novas sensibilidades nas culturas jovens**. Rio de Janeiro. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio; (Coleção cultura e consumo PUC rio), Mauad X, 2006.

RODRIGUES, Marly. **A Década de 1980, Brasil: quando a multidão voltou as praças**. São Paulo: Ática, 1994.

- RONCAYOLO, Marcel. Território. In: **Enciclopédia Einaldi** - região. Porto: Imprensa nacional- Casa da Moeda, v.8., 1986.
- RUA, João. Urbanidades e novas ruralidades no Estado do Rio de Janeiro: algumas considerações teóricas. In: MARAFON, Gláucio José; RIBEIRO, Marta Foeppe (org.). **Estudos de Geografia Fluminense**. Rio de Janeiro: Infobook, 2002.
- SPOSITO, M. E. B. A gestão do território e as diferentes escalas da centralidade urbana. **Território**. Rio de Janeiro: ano III, nº 4, jan. - jun. 1998. P. 27 -37.
- SPOSITO, Maria E. B. **As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos**. In: Urbanização e Cidades: perspectivas geográficas. São Paulo: Gasper/EDUSP, 2001. p. 609-643.
- SPOSITO, M. E. B. A questão cidade-campo: perspectivas a partir da cidade. In: SPOSITO, M. E. B. ; WHITACKHER, A. M. (Org.). **Cidade e campo**: relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão popular, 2006. P. 111-130.
- SPOSITO, Marília P.. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5(1-2): 161-178, 1993.
- SPOSITO, Marília P; CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Rev. Bras. Educ.** [online], n.24, p. 16-39, 2003.
- SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil, território e sociedade no início do século XXI**. RJ/São Paulo: Record, 2001, p. 180 - 278.
- SANTOS, Milton. **O espaço dividido. Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, (Coleção Ciências Sociais); 1979.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo. Razão e Emoção.1º Ed. São Paulo, Hucitec, 1996.
- SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.
- SANTOS, Milton. **Espaço e sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1993.
- SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. 7.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.
- SAQUET, Milton. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. **Fobópole**: o medo generalizado e a militarização da questão urbana. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2008. 288 p.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. Autogestão, 'Autoplanejamento', autonomia: atualidade e dificuldades das práticas espaciais libertárias dos movimentos urbanos. **Revista Cidades**. Volume 9, N. 15, 2012.

- SOARES, B. R.; MELO, N. A. de. **Cidades médias e pequenas: reflexões sobre os desafios no estudo dessas realidades socioespaciais.** In: LOPES, D. M. F.; HENRIQUE, W. (Org.). *Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso.* Salvador: SEI, 2010. p. 229-250.
- SOARES, B. R.; MELO, N. A. de. Revisando o tema da pequena cidade: uma busca de caminhos metodológicos. In: SILVA, A. B. da; GOMES, R. de C. da C.; SILVA, V. P. da. (Org.). **Pequenas Cidades:** uma abordagem geográfica. Natal: EDUFRN, 2009. p. 13-41.
- SOJA, E. W. **The political Organization of Space.** Washington, D.C: AAG Commission on College Geography. 1971.
- SOJA, Edward. **Geografias Pós-Modernas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- SILVA, Joseli Maria. Cultura e territorialidades urbanas. **Revista de História Regional.** Ponta Grossa, V. 5, n. 2, Inverno; 2000.
- SILVA, Anieres. **Pequenas Cidades:** uma abordagem geográfica. Natal: EDUFRN, 2009. p. 42-58.
- SIMMEL, G. Sociabilidade – um exemplo de Sociologia Pura ou Formal. In: **Sociologia** (org. MORAES FILHO). São Paulo: Ática, 1983. p. 165 – 181. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- SERPA, A. Espaço Público e acessibilidade: notas para uma abordagem geográfica. **Revista Revista Geosp;** São Paulo; 2004.
- TEDESCO, João Carlos. **Memória e Cultura: o coletivo, o individual, a oralidade e fragmentos de memórias de nonos.** Ed. Itália Nel. Porto Alegre; 2001.
- TEODOSIO, Taiana Santos Jung, SILVA, Rui Marcos Teodosio da. **A produção do espaço:** relação urbano/cidade e campo/rural: uma perspectiva conceitual e seu desdobramento no Brasil atualmente. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL – ANPUR, XI. **Anais....** Salvador, 2005.
- TEIXEIRA, M. C. **A praça nas morfologias urbanas brasileiras.** In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS - A Arquitetura na Cidade nas Américas: Diálogos Contemporâneos entre o Local e o Global, 52. 2006, Florianópolis. Anais; Florianópolis: UFSC, 2006 p. 1-17.
- TURKLE, Sherry. **Life on screen: identity in the age of the Internet.** New York; Touchstone Edition, 1995.
- TURRA NETO, N. Definir juventude como um ato político: na confluência entre orientações de tempo, idade e espaço. In: CAVALCANTE, L. de S.; CHAVEIRO, E. F.; PIRES, L. M.. (Org.). **A Cidade e seus Jovens.** 1ed.Goiânia: PUC/Goiás, 2015, v. 1, p. 119-136.
- TURRA NETO, N. A noção de Geração no estudo das transformações do espaço urbano. In: **Geografia Urbana: ciência e ação política.** Org: Floriano José Godinho de Oliveira. Ed. Consequência. Rio de Janeiro, 400p. Brasil; 2014.

\_\_\_\_\_. Metodologias de pesquisa para o estudo geográfico da sociabilidade juvenil. **RAEGA**, Curitiba, 23; p.340-375. 2011. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/raega/article/view/24843/16655>>. Acesso em Dezembro de 2017.

\_\_\_\_\_. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava**: territórios e redes de sociabilidade. 533fl. Doutorado (Programa de Pós Graduação em Geografia da FCT/UNESP). Presidente Prudente, 2008.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Urbanização e ruralidade**: relações entre a pequena cidade e o mundo rural: estudo preliminar sobre os pequenos municípios em Pernambuco. Recife, 2001.

WHITACKER, Arthur Magon. **Reestruturação urbana e centralidade em São Jose do Rio Preto - SP**. 2003. 237 f. (doutorado em geografia) Programa de PósGraduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2003.

ZACARÉS, J. J. El desarrollo de la identidad adolescente desde el paradigma de los status de identidad del ego: cuestiones críticas. Comunicação apresentada **no VI Congreso de la Infancia y de la Adolescencia**. Oviedo, Espanha; 1997.

## APÊNDICES:

### Apêndice I

TABELA - RELAÇÃO DE DADOS FUNDAMENTAIS DOS(AS) ENTREVISTADOS(AS).						
NOME	IDADE	CIDADE	BAIRRO	GRAU DE ESCOLARIDADE	ESTADO CIVIL	RENDA FAMILIAR
Felipe	26 anos	Oriente	Jd. Lucimar	Superior Incompleto	Solteiro	1 salário mínimo
Vitor	18 anos	Oriente	Jd. Vendramini	Ensino Médio Incompleto	Solteiro	2 salários mínimos
Luana	19 anos	Oriente	Jd. Dona Elvira	Ensino Médio Completo	Solteira	3 salários mínimos
Gustavo	18 anos	Oriente	Jd. Vendramini	Superior Incompleto	Solteiro	4 salários mínimos
Maria	20 anos	Oriente	Jd. Lucimar	Superior Completo	Solteira	1 salário mínimo
Lúcia	55 anos	Oriente	Centro	Ensino Médio Completo	Solteira	1 salário mínimo
Cristiane	32 anos	Oriente	Novo Oriente	Ensino Médio Completo	Casada	1 salário mínimo
José	35 anos	Oriente	Centro	Superior Completo	Casado	4 salários mínimos
Pedro	52 anos	Oriente	Jd. Lucimar	Ensino Médio Completo	Solteiro	1 salário mínimo
Fernanda	24 anos	Oriente	Zona Rural	Ensino Médio Completo	Solteira	2 salários mínimos
* Renda: Refere-se a renda familiar - (Mensal).				Organização: Karin Gabriel Moreno (2019)		
* Nomes Fictícios				FCT - UNESP		

### Apêndice II

TABELA - RELAÇÃO DE DADOS FUNDAMENTAIS DOS(AS) ENTREVISTADOS(AS).						
NOME	IDADE	CIDADE	BAIRRO	GRAU DE ESCOLARIDADE	ESTADO CIVIL	RENDA FAMILIAR
Rafaela	18 anos	Pompeia	Centro	Superior Incompleto	Solteira	4 salários mínimos
Pablo	23 anos	Pompeia	J.K	Ensino Médio Completo	Solteiro	3 salários mínimos
Éder	20 anos	Pompeia	Jd. Guimarães	Ensino Médio Completo	Solteiro	2 salários mínimos
Lucas	19 anos	Pompeia	Vila Paulina	Ensino Médio Completo	Solteiro	2 salários mínimos
Marcos	32 anos	Pompeia	Centro	Superior Completo	Solteiro	2 salários mínimos
Fabiana	34 anos	Pompeia	Centro	Superior Completo	Solteira	3 salários mínimos
Marcia	49 anos	Pompeia	Flandria	Superior Completo	Solteira	4 salários mínimos
Otávio	53 anos	Pompeia	Jd. São Luiz	Ensino Fundamental Completo	Solteiro	1 salário mínimo
Sandra	54 anos	Pompeia	Jd. Piraja	Superior Completo	Casada	3 salários mínimos
Amaral	25 anos	Pompeia	Zona Rural	Superior Completo	Solteiro	3 salários mínimos
* Renda: Refere-se a renda familiar - (Mensal).				Organização: Karin Gabriel Moreno (2019)		
* Nomes Fictícios				FCT - UNESP		

### Apêndice III

Você trabalha, como jovem aprendiz? _____
Recebe Mesada dos Pais? _____
(Caso o participante não possua mais de 18 anos de idade): Nome por extenso do responsável ou do pai: _____
Número do RG, do responsável: _____
Assinatura do responsável: _____
* Dados do(a) entrevistado(a).

### Apêndice IV

#### DADOS DO/A ENTREVISTADO/A

- 1) Nome Completo: \_\_\_\_\_
- 2) Local e data de nascimento: \_\_\_\_\_
- 3) Endereço atual: \_\_\_\_\_ no. \_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ Fone: \_\_\_\_\_  
e-mail: \_\_\_\_\_
- 4) Profissão Atual: \_\_\_\_\_  
Profissões Anteriores: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- 5) Escolaridade: \_\_\_\_\_
- 6) Renda: \_\_\_\_\_
- 7) Religião: \_\_\_\_\_
- 8) Estado Civil: \_\_\_\_\_
- 9) Mora com: ( ) filhos ( ) marido/esposa ( ) sozinho/a ( ) amigos/as  
( ) filhos + marido/esposa ( ) pais ( ) tios e/ou avós

## Apêndice V

### ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PESSOAS DAS GERAÇÕES QUE VIVÊNCIAM SUAS JUVENTUDES NOS ANOS DE 2000 até 2020 .

#### 1 – HISTÓRIA DA FAMÍLIA E DA INFÂNCIA

- a) Seus pais nasceram em Oriente, em Pompéia ou qual outra cidade? Na Região? No campo ou na cidade?
- b) Onde você nasceu? Onde passou sua infância?
- c) Para quem passou a infância na cidade: pedir uma descrição da cidade naquele período e das brincadeiras das crianças nos espaços públicos.

#### 2 – A JUVENTUDE.

- a) O que tem na cidade para fazer nos momentos de lazer e diversão? cinema, espaços de diversão e encontro, movimento de pessoas e carros... qual é o principal ponto de encontro da cidade?
- b) Onde você costuma ir? O que acontece por lá, que músicas tocam? O que as pessoas fazem lá? Quando comparece nas festas? Que tipos de festas você frequenta?  
  
-Como você vai a estes lugares: sozinho, em grupo de amigos (se encontram nas casas de uns ou de outros? E vão juntos?); de carro, a pé, moto?  
  
-Quando você sai de casa de final de semana a noite, costuma ficar todo o tempo num único lugar ou circula por vários lugares numa mesma noite? Quais são estes lugares?
- c) No seu grupo de amigos, quais são as músicas e os estilos preferidos? Algum filme que todo mundo assistiu e comentou – quais comentários?
- d) O seu grupo de amigos tem alguma diferença em relação a outros grupos de jovens da cidade? quais? Como são as relações com os demais grupos?
- e) Onde compra roupas? De onde vem as referências de moda? O que é considerado para você, "estar na moda" ?
- f) A vida social é feita, sobretudo, em que contexto: familiar, grupo de amigos, da escola, igreja? A vida social, esta em grande parte voltada a relações via redes de internet?

Atualmente, você frequenta a vida noturna em Marília:

- a) Como é ser jovens nesta cidade?
- b) Como você avalia as opções "do que fazer e onde ir", nesta cidade? O que gostaria que tivesse que ainda não tem (o que falta)?
- c) Quais seus projetos de futuro (estudos, trabalho, família)?
- d) O que faz para conseguir dinheiro? (trabalha; mesada)
- e) Com o que mais gasta seu dinheiro?

#### 3 – O LAZER NOTURNO E A VIDA SOCIAL NOS DIAS ATUAIS.

- a) Você costuma freqüentar "a noite" da cidade onde mora? Onde vai? Fazer o que? Com quem?
- b) Costuma freqüentar algum grupo de amigos, associação, reuniões partidárias... enfim, como é sua vida pública?
- c) Ouve música? Vê televisão? Vai ao cinema? Quais músicas, e/ou programas de TV e/ou filmes?

#### 4 – A CIDADE

Descreva a cidade no seu período de infância, evidenciando o que mudou até o seu momento de juventude? Infra-estrutura, comércio, dimensão... que mudanças vc percebe na cidade desde sua infância até hoje?

Mostrar dados e mapas que evidenciam o crescimento da cidade e perguntar se a pessoa percebeu estas mudanças e como as interpretou, como se relacionou com elas e no que elas afetaram sua vida e sua forma de se relacionar com a cidade.

## Apêndice VI

### ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PESSOAS DAS GERAÇÕES QUE VIVÊNCIARAM SUAS JUVENTUDES NOS ANOS DE 1980 e 1990.

#### 1 – HISTÓRIA DA FAMÍLIA E DA INFÂNCIA

- a) Seus pais nasceram em Oriente, em Pompéia ou qual outra cidade? Na Região? No campo ou na cidade?
- b) Onde você nasceu? Onde passou sua infância?
- c) Para quem passou a infância na cidade: pedir uma descrição da cidade naquele período e das brincadeiras das crianças nos espaços públicos.

#### 2 – A JUVENTUDE.

- a) O que tinha na cidade para fazer nos momentos de lazer e diversão? cinema, espaços de diversão e encontro, movimento de pessoas e carros... qual era o principal ponto de encontro da cidade?
- b) Onde você costumava ir? O que acontecia por lá, que músicas tocavam? O que as pessoas faziam lá? Quando comparecia nas festas? Que tipos de festas eram?
- c) No seu grupo de amigos, quais eram as músicas e os filmes predominantes?
- d) O seu grupo de amigos tinha alguma diferença em relação a outros grupos de jovens da cidade? quais? Como era a relação com os demais grupos?
- e) Onde comprava roupas? De onde vinham as referências de moda? O que era “estar na moda” no período?
- f) A vida social era feita, sobretudo, em que contexto: familiar, grupo de amigos, da escola, igreja?

#### 3 – OS DIAS ATUAIS.

- a) Hoje você costuma freqüentar “a noite” da cidade onde mora? Onde vai? Fazer o que? Com quem?
- b) Costuma freqüentar algum grupo de amigos, associação, reuniões partidárias... enfim, como é sua vida pública atualmente? |
- c) Ouve música? Vê televisão? Vai ao cinema? Aluga filmes para ver em casa? Quais músicas, e/ou programas de TV e/ou filmes embalam hoje os seus finais de semana?

#### 4 – A CIDADE

- a) Descreva a cidade no seu período de juventude? Infra-estrutura, comércio, dimensão...
- b) Quais as áreas da cidade eram preferidas para encontro da juventude?
- c) Mostrar dados e mapas que evidenciam o crescimento da cidade e perguntar se a pessoa percebeu estas mudanças e como as interpretou, como se relacionou com elas e no que elas afetaram sua vida e sua forma de se relacionar com a cidade.

## Apêndice VII

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) participante:

Sou estudante de pós-graduação. Estou realizando uma pesquisa sob supervisão do professor Nécio Turra Neto, cujo objetivo é analisar as práticas juvenis, observando as modificações no espaço e no tempo, analisando questões sociais e a dinâmica da cidade.

Sua participação envolve uma entrevista, envolvendo diferentes perguntas, que será gravada se assim você permitir.

A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a).

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelo pesquisador ou pela entidade responsável.

Atenciosamente

\_\_\_\_\_  
Assinatura do estudante

\_\_\_\_\_  
Local e data

\_\_\_\_\_  
Assinatura do professor orientador.

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

\_\_\_\_\_  
Nome e assinatura do participante

## **Apêndice VIII - Detalhamento da Observação Participante:**

Nessa parte do estudo, destacamos os detalhes de como ocorreu a observação participante durante o desenvolvimento da pesquisa, como foram ocorrendo os procedimentos e de como ocorreu os diferentes contatos com os grupos estudados.

Após a definição do tema, juntamente com a delimitação do objeto de estudo e com a construção da perspectiva multi-situada (Marcus, 2001), durante o ano de 2016, passamos a frequentar as cidades estudadas, observando o cotidiano e a presença juvenil. Assim, através das observações primárias foi possível observar geograficamente as dinâmicas nessas pequenas cidades, possibilitando a construção de um projeto de pesquisa e em seguida a aprovação da pesquisa no curso de Mestrado Acadêmico.

Já durante o primeiro semestre do ano de 2017, após a aprovação da pesquisa no curso de Mestrado Acadêmico e da conquista do apoio do CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, iniciamos o acompanhamento do cotidiano das cidades, durante diferentes dias da semana e durante diferentes períodos. Nesse momento, aproximamo-nos dos espaços públicos que possuíam a presença de jovens no cotidiano, como as praças, as quadras esportivas ou academias ao ar livre, espaços onde encontravam-se os jovens em geral.

Assim, estabelecemos também contato com os grupos juvenis presentes nesses locais, apresentando a pesquisa e solicitando o consentimento para acompanhar esses grupos juvenis. Foram diversos grupos contactados, como grupos de skatistas, encontrados na pista de skate em Pompeia, grupos de jovens religiosos, encontrados na praça central em ambas as cidades, grupos de jovens do estilo country, grupos de jovens esportistas e até mesmo grupos de jovens do rock.

Cada grupo possui um estilo diferente, através das variações de estilo, gostos e faixa etária, são construídas limitações ou potencialidades no contato entre pesquisador e grupos estudados. Assim, tivemos envolvimento em maior grau com alguns grupos e com outros em menor grau. Durante a observação participante, foram acompanhados em ambas as cidades grupos de skatistas, grupos de esportistas, grupos de jovens religiosos, grupos de garotos e garotas que frequentam os bailes noturnos, além de outros grupos juvenis que foram acessados com menor frequência, como por exemplo os grupos de jovens rurais.

A partir do contato ocorrido no primeiro semestre de 2017 com os grupos juvenis nos espaços públicos e nos espaços da vida pública dessas cidades pequenas, foi também construído o contato online/digital entre o pesquisador e os jovens locais, a partir do qual pudemos interagir com os jovens através das redes sociais, possibilitando acompanhar eventos e combinações para encontros entre os jovens.

Destaca-se que durante esse período solicitamos aos jovens que indicassem pessoas diversas, parentes ou conhecidos que foram jovens em décadas passadas, para a realização de entrevistas para desenvolvimento da pesquisa, uma vez que a pesquisa também estuda as juventudes de gerações do passado. Assim, também o passamos a construir contato com moradores de diferentes idades nessas

idades pequenas e que residem em diferentes bairros, possibilitando entrevista-los com o objetivo de esclarecer os questionamentos da pesquisa.

Durante o segundo semestre do ano de 2017, foram acompanhados durante o cotidiano os jovens skatistas, durante a prática do street e também na pista de skate de Pompeia em diferentes momentos de lazer, também foram acompanhados jovens esportistas, já no caso de Oriente foram acompanhados durante o cotidiano os jovens adeptos do estilo country e grupos de jovens esportistas.

Acompanhar esses grupos não significa acompanhar somente os sujeitos que estão sempre entre eles, que vão a praça, que se encontram em suas casas como amigos e que vão em festas juntos ou que praticam esportes juntos, mas também significa envolver-se com os jovens que não estão sempre próximos do grupo em geral, mas que em alguns momentos aparecem, assim passamos a nos conectar com diferentes sujeitos em relações múltiplas.

Já durante o primeiro semestre do ano de 2018, passamos a nos envolver com maior diversidade de grupos, não mantendo um aprofundamento cotidiano e específico como anteriormente, mas realizando abordagens mais gerais. Nesse semestre, frequentamos as festas típicas e participamos dos movimentos pendulares dos jovens, que frequentam a cidade média próxima, verificando a prática do “escape”, verificando também o conteúdo daquilo que os(as) jovens de pequenas cidades buscam nas cidades médias.

Nas festas típicas buscamos observar a diversidade, acompanhar aquilo que ocorria na dinâmica dos grupos juvenis, mas com a perspectiva de compreender o panorama geral das festas, como os eventos festivos, rodeios e períodos de carnaval.

Destaca-se que durante o segundo semestre de 2018, acompanhamos também as festas de final de ano, além de aprofundar as observações sobre as festas típicas, com destaque nas participações em festas de Peão de Boiadeiro, típicas e tradicionais em ambas as cidades estudadas, contando com a realização do acompanhamento sobre a participação juvenil.

No primeiro semestre de 2019, foram contactadas pessoas para a realização de entrevistas que ocorreram no primeiro e no segundo semestre do mesmo ano. Essas entrevistas foram fundamentais para confirmar o que as outras entrevistas anteriores já vinham revelando, possibilitando assim a verificação de informações.

É possível concluir que a soma desses procedimentos metodológicos, possibilitou construir o desenvolvimento da pesquisa, e organizar as etapas metodológicas com base em cronogramas de pesquisa elaborados em conjunto com o orientador, como parte dos procedimentos de estruturação da pesquisa.